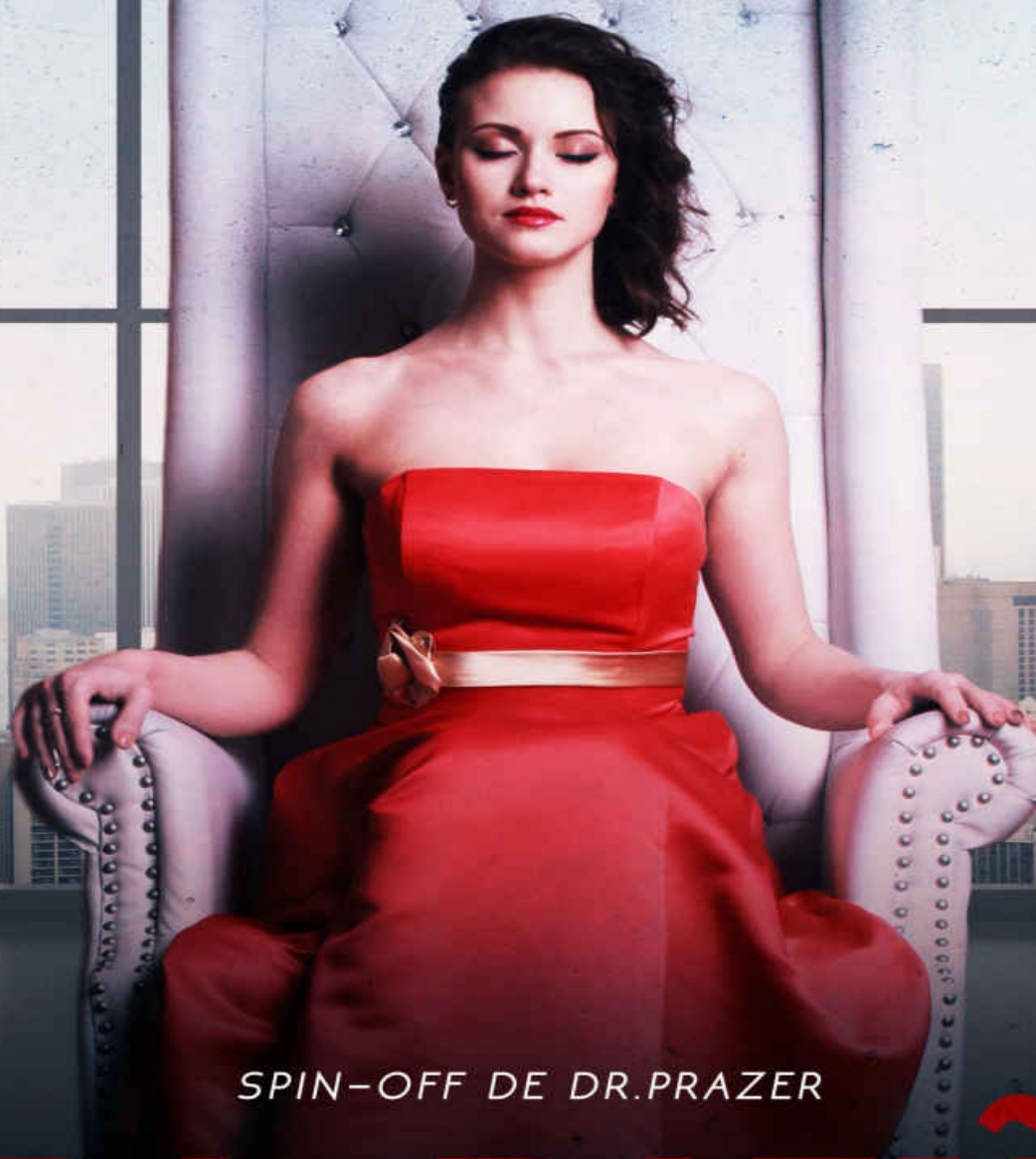


Do mesmo autor de *Lúcifer*, a história nunca contada



SPIN-OFF DE DR. PRAZER

DRA. PAIXÃO

TOM ADAMZ



PERIGOSAS NACIONAIS

DRA. PAIXÃO

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 por Tom Adamz
Todos os direitos reservados

— É PROIBIDA A REPRODUÇÃO —

Publicação: Amazon/Kindle.

Revisão: Angélica Podda.

Imagem: Fotosearch.

Versão: E-book

1ª Edição/2018

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

INTERLÚDIO UM

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

INTERLÚDIO DOIS

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

INTERLÚDIO TRÊS

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

INTERLÚDIO QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

INTERLÚDIO CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO QUARENTA

CAPÍTULO QUARENTA E UM

INTERLÚDIO SEIS

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

EPÍLOGO

DR. PRAZER

SOBRE O AUTOR

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO



Com o sucesso da rede de franquias da *Clínica do Prazer*, hoje contamos com nove unidades, sendo a sede em Goiânia e as outras oito espalhadas pelo Brasil. Cada um dos *doutores do prazer* foi treinado pelo próprio Miguel, que se mantém como atual CEO da empresa.

— As finanças deste mês superaram as minhas expectativas. — Miguel entrou na sala todo sorridente, com os relatórios em mãos. — Meus parabéns.

— Obrigada. — prontamente me levantei, unindo as mãos, sem tirar os olhos dele. — Agradeço a oportunidade que me deu. Eu nunca imaginaria que teria um crescimento tão grande nesta empresa.

— Na verdade, nem eu. — ele disse com bom humor. — De secretária para diretora-geral. Contudo... — ergueu um indicador, adotando uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expressão séria, costumeiramente exibida quando falávamos de negócios arriscados. — Eu tive uma ideia pertinente e, inclusive, conversei com Liandra a respeito...

— Se conversei com Liandra foi para pedir autorização, e se isso aconteceu, não é boa coisa. — cruzei os braços, fazendo cara de poucos amigos.

— Ouça minha proposta.

— Prossiga.

Foi assim que tudo começou.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO UM

POR JANAÍNA



O anúncio de que a maior rede de consultas amorosas do país teria uma mulher à frente de uma das suas unidades, me fez receber uma chuva de assédio por parte da mídia. Da noite para o dia me vi fora dos bastidores para ser o novo rosto da empresa, sucedendo o aclamado e nunca esquecido Miguel, o primeiro Doutor Prazer.

Entrevistas, programas de televisão e revistas me ligavam dia e noite, querendo saber tudo sobre mim. Confesso que estava sendo um pouco assustador...

Respirei fundo e encarei o teto, focando em esquecer tudo e relaxar um pouco. O meu celular tocou e, rapidamente, estiquei a mão para atendê-lo.

— Mãe? — coloquei a chamada no viva voz.

PERIGOSAS ACHERON

— Ocupada?

— Entediada em um quarto de hotel. —
soltei um suspiro profundo. — É muita coisa nova.

— Também é sua chance de brilhar e se
tornar bem-sucedida como você sempre
ambicionou. — senti meu coração bater mais forte.

Dona Maria estava certa. Eu sempre quis
ser uma mulher poderosa e independente, contudo,
tornar-me a Doutora Paixão elevava todas as
minhas expectativas comuns, deixando-me
amedrontada.

— Jana?

— Estou ouvindo, mamãe.

— Vai dar tudo certo.

— É aconchegante saber que conto com seu
apoio, mesmo essa não sendo uma exposição,
hum... Não sei que palavra usar, mas... E quanto a

papai? — ergui as sobrancelhas, como se visse o senhor Honório na minha frente, disparando todo seu conservadorismo.

— Bom, a respeito deste assunto, ele ainda está em silêncio, mas não tira os olhos da TV, principalmente quando falam de você. — rimos e ela prosseguiu. — Ele é antiquado, mas te ama e você sabe disso. E por te amar, receia que você seja vendida na TV como uma garota de programa. — senti minhas bochechas corarem.

— A senhora explicou que eu só irei atender mulheres? — lembrei-a.

— Sim. Também comentei que os funcionários da sua unidade, por inovação e exclusividade à proposta da empresa, serão todos do sexo masculino.

— Ah, Deus! — rosnei. — Não quero nem imaginar a cara que ele fez.

— Por Deus, isso sim! — ela riu, me arrancando um sorriso idiota. — Queria eu

trabalhar em uma empresa onde todos os funcionários são homens que me cobiçam...

— Mamãe, não vai ser assim...

— Quem disse que não? — contrapôs em tom de indignação. — Acabei de ver em um canal que você foi considerada uma das mulheres mais bonitas do Brasil.

— Que exagero! — revirei os olhos.

— Com o tempo vai aprender a se enxergar melhor. Você nunca foi muito vaidosa... — mamãe respirou fundo e mudou bruscamente de assunto, como se sentisse que estava falando demais. Ela sempre fazia isso. — Vou te deixar descansar e torço para que a estreia seja um sucesso.

— Obrigada, mamãe. — desliguei o telefone e o joguei de lado na cama, sem conseguir desfazer aquele sorriso bobo.

Uma das mulheres mais bonitas do Brasil?! Sem dúvida é um exagero, mas que acaricia o ego,

acaricia.

• • •

A porta do meu quarto foi arrombada às sete horas da manhã pela minha secretária, Estela. Entreabri os olhos e a vi atravessando o quarto e, de repente, um clarão quase me cegou, obrigando-me a cobrir o rosto com uma das mãos.

Estela tem vinte e cinco anos e é minha secretária desde que assumi o cargo de diretora-geral. Ela tem um rosto oval, olhos negros e cabelos lisos. O nosso corpo tem praticamente as mesmas medidas e curvas, já que, volta e meia, emprestamos vestidos uma à outra.

— O senhor Miguel já chegou na unidade de São Paulo para finalizar os preparativos da inauguração. — subitamente sentei-me na cama.

— Repita.

— Qual parte? — ela me encarou sem entender.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo.

— O senhor Miguel já chegou na unidade de São Paulo...

— Não acredito! — murmurei.

— No quê, senhorita Janaína? — Estela ergueu as sobrancelhas, ainda confusa.

— Ele vai mostrar o rosto? — pisquei algumas vezes.

— Segundo o próprio, é necessário para a transição de nomes da empresa dar certo, ele se torne a lenda e você assuma o trono. — arqueei uma das sobrancelhas e ela revirou os olhos, rindo. — Palavras dele.

— Egocêntrico como de costume... — sacudi a cabeça. — Bom, vamos lá. — Levantei-me da cama ainda de camisola e me espreguicei. — Qual o cronograma?

PERIGOSAS ACHERON

Estela afastou a prancheta colada ao busto, respondendo:

— Cabeleireira, maquiadora e, por fim, vamos passar na *Gucci* para pegar o seu vestido, que... — ergueu a caneta. — Foi escolhido a dedo pelo próprio Miguel. São três sugestões, mas, caso não goste de nenhum deles, a senhorita deve se vestir como se sentir confortável. — engoli em seco.

Para ela me dizer que eu devo me vestir de modo que seja confortável, os vestidos, no mínimo, são bem chamativos.

— E depois?

— Seguiremos para a unidade *premium* de São Paulo, para a inauguração, onde faremos uma coletiva de imprensa. O seu almoço está agendado aqui no restaurante do hotel, para o meio-dia, com o senhor Miguel e a senhora Liandra.

— Algo mais? — segui para o banheiro, dando-lhe uma última olhada rápida.

— Por hora é apenas isso. — ela respondeu e eu imediatamente coloquei a cabeça para fora do banheiro, ainda escovando os dentes e a mirei, afinando os olhos.

Depois que me arrumei, começamos a cumprir o cronograma daquele dia, que prometia ser bem agitado. Na ordem, primeiro fomos à cabeleireira, depois à maquiadora e, por fim, paramos na loja de vestidos, de onde eu não tinha previsão para sair.

— Posso saber a razão de não ter gostado de nenhum dos vestidos escolhidos por Miguel? — Estela permaneceu de braços cruzados e testa enrugada.

— Mostram demais e os meus pais provavelmente vão ver essas fotos em algum lugar...

— Você é o novo rosto da Clínica do Prazer. — Estela se aproximou, parou atrás de mim e segurou minha cabeça, fixando meu olhar no

espelho. — Liberte a mulher poderosa que há dentro de você e o mundo estará aos seus pés.

— Isso não tem nada a ver com poder...

— Claro que não! Tem a ver com os seus pais. — ela me interrompeu novamente, soltando um longo suspiro. — É hora de parar de pensar em como as pessoas vão te julgar. Apenas se liberte! — sua voz soou mais aguda. Não era um pedido, era quase uma ordem, o que me fez arquear uma das sobrancelhas. — Se você quiser, é claro... — Estela sorriu sem graça.

Devo concordar com Estela. Há verdade em suas palavras. Não é que eu seja insegura, eu apenas não quero afundar o barco da minha relação familiar com o meu pai, outra vez, por conta das minhas escolhas.

— E então? — Estela se aproximou, exibindo os vestidos escolhidos por Miguel. — Vai usar qual?

Revirei os olhos e balancei a cabeça

algumas vezes.

— O preto.

— Isso!

Um vestido longo preto que realçava o corpo e, que também, tinha um grande decote e as costas abertas, combinando com sapatos de salto alto e uma bolsa de mão.

Com tudo finalizado, fomos para a Clínica do Prazer. O motorista fez o melhor que pôde, e ainda assim chegamos atrasadas. Estela desceu do carro e, quando coloquei os pés para fora, fui cercada por uma equipe de segurança disposta a defender-me daquela multidão de jornalistas.

“Doutora Paixão?”.

“Doutora Paixão?”.

Ouvi isso tantas vezes que cheguei a ficar zozza, mas acabei sendo salva pelo gongo.

— Ainda não é o momento, pessoal. —

disse Estela, me puxando pelo pulso, obrigando-me a andar em passos rápidos em cima dos saltos. — Depressa ou seremos engolidas pela imprensa.

Finalmente entramos no prédio. Eram cinco andares de Clínica do Prazer e nada mais. O edifício completamente espelhado era majestoso, mas nada comparado ao seu interior, inteiramente futurista.

Os funcionários nos aguardavam em suas posições e, entre eles, não havia uma única mulher. Girei a cabeça para a direita e deparei-me com um gigantesco salão; ao girá-la para a esquerda, uma enorme sala de descanso que contava, inclusive, com um quiosque de lanches.

— Bem-vinda, Doutora Paixão. — o coro masculino me fez arrepiar, arrancando-me um sorriso de canto.

— Obrigada a todos. — respondi, dando uma rápida olhada naqueles rapazes, sem parar o trajeto até o elevador. Eram todos homens muito belos, e pareciam até terem sido escolhidos a dedo.

— Miguel está nos aguardando no último andar, juntamente de Liandra. — assenti com a cabeça. Estela seguiu me explicando. — O segundo andar é inteiramente de lojas: roupas, joias e sapatos. No terceiro temos manicure, pedicure e depilação. O quarto é a ala dos massagistas e o quinto e último andar é onde fica o seu consultório.

— O que há além do consultório? — arqueei uma das sobrancelhas.

— A sua sala, a minha sala, — senti satisfação na voz dela ao dizer “minha”. — o consultório para receber as clientes e, à parte, temos o local onde a equipe da administração irá trabalhar para manter tudo isso funcionando sem que você necessite deixar seu trono.

— Ótimo. — mal fechei a boca e a porta do elevador abriu.

Demos de cara com Miguel. Ele estava usando um terno azul-marinho, combinando-o com sapatos pretos. A fisionomia, como de costume,

esbanjava sensualidade e poder.

— Jana. — ele sorriu e abraçou-me. Rapidamente se afastou, voltando a Estela. — Você está atrasada. Saiba que Janaína nunca me deixou perder um único horário. — usou um tom sério que logo se desfez.

— Desculpe, senhor.

— Sem problemas, afinal, hoje é o grande dia e eles não sairão daqui por nada. Exceto se o Brasil entrar em guerra.

— O Brasil só entra em guerra quando é final de copa do mundo e o adversário é a Argentina. — Liandra surgiu no corredor, vindo em nossa direção. — Janaína, eu estou muito feliz por você. — disse, abraçando-me em seguida e, ao me segurar pelos ombros, admirou meu vestido. — Eu disse que ela ficaria com o preto, não disse? — encarou Miguel e riu.

Liandra estava radiante, vestida dignamente para o posto de primeira-dama. O vestido

PERIGOSAS NACIONAIS

vermelho-sangue decotado no busto e nas costas realçava seu corpo. A maquiagem leve, os brincos de argolas e os saltos altos, tudo parecia ficar perfeito nela.

— Sim, esposa, você acertou.

Esse é o casal mais perfeito que eu já conheci em toda a vida e confesso: ainda é uma surpresa tremenda acreditar que Miguel se casou. Quero dizer, logo Miguel? Eu passei anos trabalhando com ele e essa ideia sempre foi descartada, pois só queria curtir a vida, sem mencionar que tinha, e ainda tem, um exército de mulheres aos seus pés. Analisando bem, ele parece mais bonito que antes.

Sobre esses dois, só consigo pensar em uma frase:

“Quando o amor bate em um coração, é colisão certa... O acidente da paixão é a magia do amor”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DOIS

POR JANAÍNA



Quando a coletiva de imprensa começou e Miguel se revelou como o primeiro Doutor Prazer, a princípio até os jornalistas presentes pareceram surpresos. E, diante do seu discurso convicto, vi os olhos deles se abrihantarem com suas palavras.

— ...E é por essa razão que resolvi me revelar. Há momentos na história de uma empresa que ocorre uma troca de poder e este momento é a estreia da Doutora Paixão. — apontou uma das mãos em minha direção e, sem hesitar, cortou a enxurrada de questões que surgiram sobre sua revelação. — Obrigado. — finalizou sorridente, jogando-me uma piscadela.

— Obrigada, Doutor Prazer. — coloquei-me de pé e enchi o peito. — É com muito *prazer*, — esbocei um rápido sorriso de canto —, que assumo esta unidade. E quero lembrar as nossas clientes que esta é completamente diferente das PERIGOSAS ACHERON

outras, por isso, não tardem em me visitar.

“Doutora Paixão?”.

“Doutora Paixão?”.

“Doutora Paixão?”.

Eu ainda precisava me acostumar em ter meu nome chamado simultâneas vezes. Ao fim da coletiva, Miguel havia desaparecido e eu segui para o carro, acompanhada por Estela e uma equipe de segurança que cautelosamente nos escoltava, tentando conter o assédio da mídia.

— Qual é a nossa próxima parada? — finalmente consegui respirar quando entrei no veículo.

— Agora estamos indo almoçar, onde nos encontraremos novamente com o senhor Miguel. — arqueei uma das sobrancelhas, sem entender a razão de eles não terem nos esperado. Estela pareceu ler meus pensamentos. — Ele preferiu sair um pouco antes para não roubar o brilho da sua estreia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entendo... — mordisquei os lábios.

— Preocupada com algo? — Estela encarou-me cheia de curiosidade.

— Ansiosa com o início dos trabalhos amanhã. Apesar de ter feito o curso com os outros doutores e de acompanhá-los atendendo algumas clientes, estou incerta de como será minha abordagem. — engoli em seco.

— Com o tempo descobrirá. — Estela assentiu com a cabeça. — Afinal, cada um deles atua de um modo, certo?

— Certo. — forcei um sorriso.

De fato, cada um deles atua de forma singular, mas, ainda assim, em comum, a maioria deles oferece sexo como escape. Uma opção que não está entre os meus serviços.

Certo, não vamos pensar nisso. Quando chegar a hora você saberá lidar com a situação, ou assim espero...

PERIGOSAS ACHERON

Chegamos ao restaurante.

A mesa estava reservada e conforme nos aproximávamos, pude ver Liandra, Miguel e Maic. Os meus olhos quase saltaram. Passaram-se apenas três anos e ele está enorme!

— Boa tarde. — cumprimentei-os e mirei o pequeno. — Como você cresceu, rapazinho. Andou tomando fermento? — ele riu, negando com a cabeça.

— Você está diferente, tia Janaína. — Maic comentou, tombando a cabeça para o lado.

— E isso é bom ou ruim?

— Acho que é bom. — deu de ombros, voltando a beber o suco de laranja com o canudinho.

— A estreia foi espetacular. — Miguel levantou-se e puxou uma cadeira para que eu sentasse, em seguida, fez o mesmo com Estela. —

Estou muito empolgado.

— Não fossem pelas estrelinhas nos seus olhos nem notaríamos, meu amor. — Liandra disparou em tom de brincadeira, nos levando aos risos.

O almoço seguiu em meio ao papo descontraído que já tinha fugido ao assunto do trabalho. Depois da entrada, fomos servidos com o prato principal e, em seguida, a sobremesa.

— Estou com sono, mamãe. — Maic piscou algumas vezes, antes de bocejar.

— Vou subir para o quarto e descansar um pouco antes de pegarmos o voo. Fiquem à vontade. — Liandra selou os lábios de Miguel e pegou Maic pela mão, seguindo rumo ao elevador.

Acompanhamo-los com os olhos, até que a conversa retornou à mesa.

— Comentou com Jana sobre sua promoção? — Miguel encarou Estela, que negou

com a cabeça.

— Promoção? — arqueei uma das sobancelhas, fazendo a mais óbvia dedução: — Isso quer dizer que você está roubando a minha secretária? — rosnei, afinando os olhos.

— Uma das razões pelas quais coloquei Estela para trabalhar com você foi para aprender mais, assim eu teria uma secretária à altura, afinal, de agora em diante você vai estar bem ocupada. — ele riu e assentiu com a cabeça. — Contudo, também treinei um rapaz nesses últimos meses.

— Rapaz?

— A *chefona* me proibiu de ter secretárias, por isso tive que contratar um rapaz. — Miguel se explicou, unindo os lábios. — Contudo, como Estela é da família...

— Família? — não escondi meu espanto.

— Sim, ela é prima de Liandra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entendo... — murmurei e subitamente voltei-me a Estela. — Não me disse nada sobre isso, mocinha.

— Eu quis que você visse meu lado profissional.

— Quanto a isso, tenho que confessar, Miguel, — sacudi a cabeça e respirei fundo —, ela vai pegar muito no seu pé, bem mais do que eu, se quer saber.

Gargalhamos.

— Nego essa acusação. — Estela protestou e nós a encaramos. — Gente, desse jeito vou me sentir uma megera!

— Bom, como mencionei... — Miguel retomou a conversa. — O secretário. Marquei um jantar para vocês dois aqui mesmo, às vinte e uma horas. Assim vocês podem se conhecer, conversar um pouco e começar o entrosamento que os seguirá de agora em diante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um jantar? — torci a boca e arqueei uma sobrancelha. — Ainda está tentado me casar com alguém? — afinei os olhos.

Miguel só me diz isso nos últimos anos. “Você anda muito focada no trabalho. Saia e foda-se”, no sentido literal da palavra.

— Não! — ele riu e eu segui séria. — Eu não me atreveria. Apesar de que ele é um partidão. Eu diria que tão bonito quanto eu... — assentiu com a cabeça.

— Don é um ótimo rapaz e é muito respeitoso. Fique despreocupada. — Estela tocou meu ombro, exibindo um largo sorriso.

— Don? Quem diabos tem um nome desses?!

— Donovan Davies. Os pais são ingleses, mas ele nasceu no Brasil. — explicou.

— Ah, agora entendi. “Don” é o apelido...

PERIGOSAS ACHERON

— Don e Jana... — Miguel estendeu as mãos no ar, fez um coração e respirou fundo. Fulminei-o com o olhar e ele gargalhou. — Estou brincando. Bom... — levantou-se, ajeitou a gravata e pousou os olhos em mim. — É sua hora de brilhar, então me faça um favor? Deixe o sol com inveja! — piscou para mim e enfiou ambas as mãos nos bolsos, retirando-se em seguida.

— Antes que eu me vá, saiba que Don é muito competente, ok? Ele irá suprir todas as suas necessidades, não se preocupe. — Estela sorriu e vi seus olhos lacrimejarem. — Foi um imenso prazer passar esse tempo com você, Janaína.

— Digo o mesmo. — funguei, sentindo meus olhos arderem. — Não suma, minha querida amiga.

— Você tem meu número. Qualquer coisa é só me chamar, ok? — assenti com a cabeça.

Depois que me despedi de todos eles, segui para o quarto. Agora, sem minha fiel escudeira, eu teria que treinar um novo soldado aos meus

serviços. E que isso dê certo!

• • •

Dada a hora do primeiro encontro com o meu novo assistente, desci para o restaurante, que ficava no térreo do hotel. Sentei-me na mesa reservada e aguardei.

— Geralmente, são as mulheres que se atrasam. — resmunguei, mirando meu relógio de pulso, sem deixar de notar o olhar de um homem muito belo que estava sentado em uma mesa próxima a minha.

Cabelos lisos jogados para trás e completamente raspados dos lados. A barba cerrada contornava o rosto por inteiro e os olhos cor de mel chamavam a atenção, como grandes amêndoas ao toque da luz do salão. Seus lábios eram carnudos e avermelhados. Ele se vestia como um executivo. Provavelmente fosse um.

Por mais que eu tentasse me desviar dos seus olhos, ele continuava fixo em mim, como se

estivesse me saboreando lentamente, deixando-me um pouco desconfortável.

O tempo parecia andar a passos lentos, mas, na verdade, eu estava aguardando-o a quase quarenta minutos. O garçom se aproximou com o menu, acenou com a cabeça e sorriu:

— Deseja fazer seu pedido?

— Ainda não. O meu acompanhante não chegou. — o garçom assentiu e se retirou.

Abri a bolsa para pegar o celular e quando ergui o rosto, aquele homem da mesa ao lado estava de pé em minha frente, mirando-me com atenção.

— Posso ajudá-lo?

— Sim, senhorita. Prazer, eu sou Donovan Davies. — esticou uma das mãos para me cumprimentar.

— Está atrasado. — disparei em tom

irritadiço e virei o rosto para o lado, ignorando seu cumprimento.

— Na verdade, não. — ele puxou a cadeira e se sentou. — Estou aqui desde às oito e meia.

— E não se aproximou quando cheguei. — emendei, voltando-me a ele.

— Perdoe-me por isso. Garanto que não se repetirá, pois o teste da paciência é feito uma única vez...

— Teste da paciência? — arqueei ambas as sobancelhas.

— Sim. Estou aqui para cuidar de você e suprir todas as suas necessidades... — senti um arrepio subir por minha espinha. — Sejam elas físicas ou psicológicas.

— Miguel contratou um assistente ou uma babá?

— Depende de como você deseja que seja

nossa relação. Posso te oferecer uma mamadeira quando sentir fome.

— Ora, seu... — rosnei, contendo-me e ele apenas riu.

— Que mente maliciosa. Foi pura figura de linguagem. Acalme-se diante do seu humilde serviçal, ou devo me ajoelhar aqui mesmo para massagear seus pés?

— Não se atreva!

— No quarto? — Don ergueu as sobrancelhas, trazendo consigo um ar de inocência.

— Não! — gritei baixinho. — O que aquele imbecil pensa que está fazendo me mandando um cara feito você como assistente? — resmunguei.

— Acho que ele está pensando no seu bem.

— Tenho minhas dúvidas.

O garçom retornou e fizemos nossos
PERIGOSAS ACHERON

pedidos. Enquanto aguardávamos, puxei assunto:

— Fale-me um pouco sobre você.

— Tenho vinte e nove anos, sou formado em Psicologia, solteiro e apesar de ter pais estrangeiros, nasci no Brasil. Adoro animais e também gosto bastante de atuar na minha área profissional.

— Interessante.

— Qual parte? — ele arqueou uma das sobrancelhas, completamente sério. Ao notar que fiquei desconcertada, ele riu. — Brincadeira. E você? — aquela pergunta me surpreendeu, mas ele não deixou passar em branco. — Eu gostaria de ouvir você mesma falando, apesar de já saber tudo.

Sacudi a cabeça, contendo um sorriso.

— Tenho vinte e sete anos, sou formada em Psicologia, como você. Também sou uma mulher estritamente dedicada ao trabalho, solteira e que pensa no futuro.

— Como você vê seu futuro?

— Ainda não consigo imaginar. — sorri de canto.

— Na verdade, acho que não quer me contar.

— Também. — ele riu.

O jantar chegou e o assunto cessou. Contudo, reparei que ele não fazia questão de esconder o quanto me olhava. Don parecia estar me analisando por inteira, como se quisesse ler a minha mente.

Ao fim da noite, ele me acompanhou até o meu quarto.

— Está entregue e segura. — disse, parado de pé na porta, com ambas as mãos na cintura.

— E você?

— Ah, estou no quarto que era da Estela.

Então... boa noite, Doutora Paixão. — estendeu a mão e dessa vez eu o cumprimentei. Sem hesitar, Don inclinou-se e a beijou. — Qualquer coisa, não tema em me chamar.

— Sim. — acenei com a cabeça.

Fechei a porta e sentei-me na cama. Os meus pensamentos vagueavam no primeiro dia de trabalho e, também, no meu novo secretário. Um psicólogo como assistente? Ri, balançando a cabeça.

Miguel deve achar que sou uma bomba-relógio que está prestes a explodir. Bom, de todo modo, não posso negar que “Don” é um homem muito atraente...

CAPÍTULO TRÊS

POR JANAÍNA



Acordei em um lugar estranho. Era um quarto escuro e vazio, exceto por uma luminária que estava sobre minha cabeça. Quando me dei conta de que meus pulsos estavam amarrados à cadeira na qual eu estava sentada, tomei um susto.

— Onde estou? O que está acontecendo?

O meu peito se apertava em angústia. Lembro-me bem de ter ido dormir na cama do hotel e agora eu estou nesse lugar...

— Acalme-se. — arregalei os olhos quando ouvi uma voz masculina. Tentei me soltar daquelas amarras em vão, pois a cada movimento elas se apertavam mais. — Estou aqui para sanar suas necessidades, lembra?

— Don? — apesar do tom de voz estar mais suave, eu tinha certeza que era ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus passos ecoavam pelo quarto e não demorou para que ele se colocasse em minha frente. Ofeguei quando o vi seminu, usando uma cueca boxer preta, uma máscara que cobria apenas os olhos e braceletes do mesmo tom, com detalhes prateados, segurando um pequeno chicote.

— Você precisa disso... — ele sorriu, avançando sobre mim lentamente. — E depois que terminarmos, vai implorar por mais.

— Don? — senti minha voz tremular.

— Don de Dono. Don de Dominador. Don de Donovan Davies. — sussurrou, segurando meu queixo com força, lambendo meu rosto em seguida.

— Doutora Paixão? Doutora Paixão?

Entreabri os olhos, deparando-me com Donovan de pé e com os braços cruzados ao lado da minha cama. Saltei para trás, cobrindo-me com os lençóis.

PERIGOSAS ACHERON

— Está tudo bem? — ele franziu a testa.

Respirei fundo e endireitei-me na cama.

— Eu só tive um sonho estranho... — sacudi a cabeça.

— Entendo. A senhorita tem trinta minutos para se arrumar. Estarei aguardando do lado de fora.

— Certo.

Ele se retirou e eu o acompanhei com os olhos. Aquele terno azul-claro caiu muito bem nele. Devo concordar que Donovan tem um excelente gosto para vestuário.

— Enfim... — respirei fundo e sentei-me na beirada da cama. — Eis o primeiro dia. — espreguicei-me e segui para o banheiro.

Para o meu primeiro dia, optei por um terninho — um colete e uma calça preta, com uma camisa branca por baixo e saltos baixos,

finalizando com um lenço branco e fino enrolado ao pescoço.

— Doutora Paixão? Estamos atrasados. — ouvi Don do outro lado da porta.

— Um minuto. — cobri meus lábios com o batom mais vermelho que tinha, além de fazer uma rápida maquiagem básica e, por fim, preendi os cabelos em um rabo de cavalo. — Estou saindo. — apressei os passos e peguei a bolsa em cima da cama.

Quando abri a porta, Don se virou e ergueu as sobrancelhas. Levando uma das mãos ao queixo, passou os olhos por mim sem descrição alguma.

— Belíssima.

— Isso são modos de olhar sua chefe? — cruzei os braços, desaprovando sua atitude.

— Avaliar o seu vestuário também é meu trabalho. — ele sorriu, pegou em minha mão e me fez girar. — Está perfeita. Eu não esperava menos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— colocou-se ao meu lado e esticou o braço. —
Vamos?

— Vamos. — passei em sua frente e ignorei
sua cortesia.

— Estou logo atrás da senhorita. — parei
subitamente e respirei fundo, incomodada com o
tom de voz que ele usou.

— Vá na frente. — apontei com uma das
mãos e quando o mirei, não pude deixar de notar o
brilho em seus olhos.

— Como quiser. — sorriu de canto e
assentiu com a cabeça, tomando a dianteira.

Depois de um longo e demorado trajeto até
a clínica, chegamos. O trânsito de São Paulo é
caótico. Descemos e o motorista seguiu para o
estacionamento.

— A agenda de hoje começa com um *tour*
por todos os serviços da unidade. Depois
seguiremos para o escritório, assim você ficará

PERIGOSAS ACHERON

mais familiarizada com o ambiente. — assenti com a cabeça, sem cessar o passo. — Almoçaremos aqui por perto, mas ainda não escolhi o local.

— E as consultas? — atravessei a porta de vidro que se abriu automaticamente quando nos aproximamos.

— Começam às treze horas.

— Certo... — travei quando me deparei com os funcionários de prontidão no *hall*. Passei os olhos de um lado a outro. — Que espécie de uniforme é esse? — cochichei para Don.

Eu estava falando de homens com coleira no pescoço, bermudas de látex preta e peitorais à mostra. Pisquei algumas vezes, ainda paralisada com aquela situação.

— Esta é a unidade *premium* e este é apenas um dos seus diferenciais. — Don sorriu e bateu palmas. — Ótimo pessoal, voltem ao trabalho.

— Você também dá ordens? — afinei os

olhos.

— Sendo seu subordinado, estou abaixo apenas da senhorita e, conseqüentemente, todos eles de mim. Contudo, não se esqueça, você é uma mulher reinando sobre todos esses homens, inclusive, sobre mim. — aquelas últimas palavras soaram sensuais, fazendo-me engolir em seco e ignorá-las.

Uma mulher reinando sobre homens? Aquilo me soou tão real e motivador, que cheguei a esboçar um pequeno sorriso.

— Não tente acariciar meu ego. — dei de ombros.

— O sorriso no seu rosto diz que funcionou. — ele franziu os lábios e diante da minha repreensão com o olhar, tossiu, estendendo uma das mãos. — Vamos começar pelos salões de beleza.

Os salões eram de última geração e, apesar dos uniformes, Don me informou que os funcionários foram criteriosamente selecionados.

Tratava-se de um trabalho de altíssima qualidade.

— As diárias não são as mesmas das outras unidades, não é? — passei os olhos pela imensidão daquela sala retangular, com espelhos e equipamentos de ambos os lados. Em um dia cheio atenderíamos, por vez, cerca de quarenta mulheres.

— Definitivamente não. Esta unidade foi feita com o objetivo de atender pessoas de alto poder aquisitivo. Um pacote completo do salão pode chegar a dez mil reais. A loja de vestidos não tem nenhum item inferior a quinze mil reais. Temos sapatos que chegam a cinquenta mil reais e suas consultas são vinte mil a hora.

Arregalei os olhos espantada.

— Miguel não poupou esforços em transformar esta unidade no novo *point* da *High Society Paulista*.

— Nota-se que não. — engoli em seco.

— Inclusive, a senhorita tem tudo ao seu

PERIGOSAS NACIONAIS

dispor. Seja sapatos, roupas, salão. Não há qualquer limitação à Doutora Paixão nesta unidade. — senti meu engo inflar outra vez.

— Eu já sabia disso. — menti, dando de ombros.

— Imagino que sim. — Don arqueou a sobancelha.

— Lojas de roupas? — sugeri nossa próxima parada.

Pouco a pouco fui entendendo o que Miguel quis dizer com um “novo rosto” na empresa. Esta unidade era realmente espetacular. Contudo, devo fazer um pequeno adendo: “Sempre evitar a ala dos massagistas, pois eles trabalham nus”.

— Seu rosto ainda está corado. — Don disse em tom sério, a ponto de eu conseguir ver seu maxilar se contrair. — Perdoe-me por isso. Ordenarei que sempre estejam vestidos em sua presença.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar de estar irritada com a situação, sinto sinceridade em suas palavras. Não que eu não tivesse gostado de ver um mar de rolas, de todas as cores e tamanhos, mas é completamente desconfortável quando o seu assistente bonitão está ao lado, mirando-a com atenção, como se quisesse apreciar sua reação.

— Obrigada, mas não será necessário. Aquele é um andar que pretendo evitar. Se encarregue dele pessoalmente, por favor.

— Como quiser. — assentiu com a cabeça.

Seguimos para a minha sala, que era antecedida pela de Donovan. Ele parou, enfiou as mãos nos bolsos e eu o encarei sem entender.

— Foi-me imposta uma restrição pelo senhor Miguel. Não me foi autorizado entrar na sua sala sem um convite. — arqueei uma das sobancelhas.

— Ele deve ter algum motivo em especial para isso. — afinei os olhos, encarando Don

fixamente. — De todo modo, caso precise, eu lhe chamo.

— Como quiser, senhorita.

Entrei na sala e me maravilhei com seu interior. Paredes decoradas com rosas negras e uma linda visão do lado de fora, através das paredes de vidro. Ao centro do cômodo, havia um...

— Trono de couro bege? — estranhei e me aproximei. — Definitivamente é um trono. — balancei a cabeça, esboçando um sorriso bobo. — Aquele Miguel não tem jeito quando se trata de suas manias de grandeza.

Girei o corpo e reparei que em uma das paredes havia os mais diversos tipos de brinquedos sexuais. Não sei bem o que meu chefe tinha em mente com aquilo...

Atrás de mim, na outra parede, um grande guarda-roupa, idêntico àqueles dos cenários de filmes da realeza. Assim que toquei na porta, ela se encolheu até o fim, exibindo centenas de cabides e

neles, incontáveis lingerie.

— Ainda não entendi qual é a ideia... — murmurei.

O telefone vermelho que estava em cima de uma mesa de centro, entre um sofá de canto e outro que ficava de frente a ele, tocou. Lancei-me até lá em passos lentos e o atendi.

— Doutora Paixão.

— Adorei a firmeza na voz. — Miguel gargalhou. — Apreciou sua sala?

— Ainda estou tentando entender algumas coisas. Você fez muito suspense e não me deixou a par de nada a respeito dessa sala.

— Ah, sobre isso... Pensei que faria uma boa surpresa.

— E fez, mas sabe que não vou usar nenhum desses brinquedos nas clientes, não é? — ele gargalhou tanto que fiquei muda. — Qual é a

graça?! — rosnei.

— Nada. — ele respirou fundo e tossiu, limpando a garganta. — Você é a Doutora Paixão, então pense em algo a respeito disso. No mais, eu só liguei para te desejar um excelente dia.

— Assim espero...

— Ah, antes que eu me esqueça. Donovan está se comportando?

— Sim, ele é um bom funcionário. Apesar de eu sentir falta da Estela. — fui sincera.

— Logo vocês se entendem. Até mais, Jana. — desligou.

— Que tom sugestivo foi esse, seu idiota? — berrei, como se ele ainda pudesse me ouvir.

Coloquei o telefone no gancho e respirei fundo, passando os olhos por todos os lados. Então, quer dizer que eu mesma terei de bolar um meio de “usar” esses brinquedos? Levei ambas as mãos até

a cintura e estufei o peito.

Segui até a porta e deparei-me com Donovan sentado, parecendo analisar alguns papéis sobre sua mesa.

— Pode vir aqui?

— Sim, senhorita.

Assim que ele parou na porta, arqueou uma das sobancelhas. Olhou com atenção minha sala por inteira e voltou-se a mim, sem esboçar qualquer reação.

— Estou analisando como usar isso. — indiquei com a cabeça para a parede de brinquedos eróticos.

— Que eu saiba só há um modo de usar. — ele assentiu com a cabeça, me fazendo avermelhar.

— Não é isso, seu idiota! — ralhei, fechando os punhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que não. — Don riu e sacudiu a cabeça. Eu estava a ponto de explodir quando ouvi sua ideia. — Sugiro que os use como presentes. Após a consulta, deixe que as clientes escolham algo para levar.

— Excelente...

— Ainda estou intrigado. — Don levou uma das mãos ao queixo, mirando a parede de pênis de borracha. — Por que diabos há uma rola daquele tamanho? — apontou com o dedo, me fazendo revirar os olhos. — Quer dizer, é irreal. Não acha? — voltou-se a mim.

— Poupe-me desse tipo de pergunta. — revirei os olhos.

— Então devo entender que a senhorita nunca viu uma rola? — senti meu rosto arder como se pegasse fogo.

— Quanto atrevimento. — ralhei, apontando a mão em direção à porta. — Fora!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como seu assistente... — Don se aproximou, deixando nossos rostos próximos. — É meu dever suprir todas as suas necessidades físicas e psicológicas. — ele sorriu e se afastou.

— F-O-R-A!

— Sim, senhorita. — assentiu com a cabeça e deixou a sala, fechando a porta.

O meu coração palpitava sem parar e eu me via puxando fôlego. Eu estava desconcertada com o rumo que aquela conversa tomou e mais ainda com aquela aproximação súbita. Naquele instante, ele parecia irresistível, mas aquele maldito sorriso convencido me deixava PUTA!

— Ele é um completo idiota. — murmurei.

A última coisa que eu precisava nesse momento era me sentir atraída por um homem, ainda mais sendo um que vai passar o dia inteiro comigo. Pior que isso, que dorme no quarto ao lado do meu!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

NEM TENTE, DON! NÃO MESMO!

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUATRO

POR JANAÍNA



Deixamos a clínica por volta do meio-dia e fomos para o restaurante. Pedimos duas saladas com frango desfiado, acompanhadas por um suco de abacaxi com hortelã para mim e outro de maracujá para ele.

— Não imaginei que a senhorita fosse *fitness*. — comentou, sem tirar os olhos do menu.

— Digo o mesmo. — retruquei no mesmo tom de deboche.

— Ah, eu malho assiduamente há alguns anos. — espiou-me por cima do menu e centrou seus olhos nos meus. — Apesar de a senhorita não ter tal costume, é evidente que herdou uma boa genética.

— Talvez fosse bom ter tempo para isso... — respirei fundo. — Você, melhor do que PERIGOSAS ACHERON

ninguém, sabe o quanto a minha vida é corrida.

— Nós fazemos o nosso próprio tempo, senhorita. — disse, finalmente colocando o menu sobre a mesa para fixar-se inteiramente a mim. — Se não usufruímos de algo é por falta de interesse.

— Então você também gosta de filosofar? — cruzei as pernas e os braços, inclinando o corpo para trás.

— Costumeiramente não.

O assunto encerrou quando o garçom trouxe os pratos. Após a refeição, retornamos para a clínica. Para aquele dia eu tinha sete clientes me aguardando, o que dizia que o meu expediente encerraria após as dezenove horas.

— A primeira cliente se chama Alexia Massafera e esta é a sua ficha. — Don entregou-me os papéis que traziam informações precisas a respeito da mulher e do seu caso em particular.

— Mande-a entrar em cinco minutos.

— Como quiser, Doutora Paixão. — ele assentiu com a cabeça e retirou-se da minha sala.

Sei que Miguel colocou a regra de ele entrar apenas com a minha permissão, mas a removi. Seria cansativo ter que ficar autorizando e desautorizando sua entrada na minha sala a todo momento, afinal, a função dele é me ajudar ou não?

Aproveitei aqueles cinco minutos para estudar a ficha de Alexia. Ela é uma empresária bem-sucedida, tem quarenta e dois anos e o seu problema é...

— Interessante. — arqueei uma das sobancelhas.

Assim que ouvi o toque na porta, endireitei-me naquele majestoso trono bege, cruzei as pernas e pousei as mãos unidas em cima do colo.

— Entre.

Alexia atravessou a porta e, assim que me

PERIGOSAS ACHERON

viu, abriu um pequeno sorriso. Cabelos longos e loiros, corpo de modelo e uma aparência bem jovem para quem tinha a idade mencionada na ficha.

— Estou impressionada. — levantei-me e dei alguns passos em sua direção. Toquei seus ombros com ambas as mãos e dei-lhe três beijinhos no rosto. — Se eu tivesse a sua aparência e alguém dissesse que tenho quarenta e dois anos, ficaria furiosa.

— Isso é um segredo de beleza. — ela retrucou com bom humor.

— Qualquer dia desses me conte. — estendi uma das mãos para o divã, que ficava próximo ao trono. — Vamos começar, Alexia?

— Vamos. — ela respirou fundo e, quando seguia para o divã, parou. Quando acompanhei seus olhos, notei que ela olhava a parede dos consolos. — Quanta rola.

Arqueei uma das sobrancelhas. Sou a única

que chama de pênis?

— Eles fazem parte dos presentes.

— Presentes? — ela me encarou surpresa.

— Deixemos isso para o fim da consulta. —
acertei a ordem das coisas e sentei-me no trono. —
Sinta-se à vontade para se abrir comigo. Pelo que li
em sua ficha, o seu problema é...

— Na verdade. — ela me interrompeu,
olhou-me rapidamente e virou o rosto para o lado.
— Eu menti a respeito disso. — ergui as
sobrancelhas.

— Tudo bem. — tentei soar o mais
compreensível naquele momento. Ela deveria ter
suas razões e a minha intenção era descobrir quais
eram.

— Realmente não sei como começar. É tão
embaraçoso que sinto vergonha de mim mesma. —
sua voz soava baixinha, quase como sussurros.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não está diante de uma juíza, Alexia. Ao seu lado está a sua consultora do prazer. — levantei-me e peguei sua mão. — As paredes não têm ouvidos e eu não irei condenar nenhuma de suas atitudes. O meu trabalho é te aconselhar.

Alexia respirou fundo e uniu as mãos, dedilhando os dedos de forma nervosa. Quando ela girou a cabeça em minha direção, notei que seus olhos estavam marejados.

— Estou traindo a minha própria irmã com o meu cunhado. — ela disparou aflita. Aquilo me pegou de supetão e eu não consegui esconder a minha surpresa.

— Essa é uma situação delicada. — engoli em seco. *Com a qual eu nunca lidei.*

Levei uma das mãos ao queixo e comecei a andar em círculos, analisando um pouco como iniciar aquele tema. Girei o corpo e voltei-me a ela, que havia se sentado no divã, ansiando por ouvir alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

— Como aconteceu?

— Antes de eles se casarem. Na verdade, ele saía com nós duas e eu não sabia. — começou a explicar e, ao fim da frase, estava soluçando. — Por ser a minha irmã mais nova, abdiquei dos meus sentimentos e tentei esquecê-lo, mas depois do casamento ele voltou a me cercar com investidas e tudo que estava adormecido aqui... — levou ambas as mãos ao peito. — Veio à tona.

— Então o seu cunhado e amante seduziu vocês duas? — assenti com a cabeça, tornando a andar em círculos. — Ele também diz que ama ambas?

— S-Sim. E diz que não consegue escolher apenas uma, por isso vivemos assim. — ofegou entre as palavras, deixando seu rosto se molhar em lágrimas.

— Como o Doutor Prazer disse uma vez, os homens pensam com as duas cabeças. A de cima não funciona muito bem e quando a de baixo age, assume o controle. — aproximei-me dela e ergui

PERIGOSAS NACIONAIS

seu rosto com a ponta dos dedos, deixando nossos olhos alinhados. — Por isso, não derrame lágrimas por causa de um homem que não te ama.

Os olhos dela se arregalaram subitamente e, em seguida, ela abaixou a cabeça, ficando em completo silêncio. E eu prossegui:

— Amor não causa divisões e não é feito às escondidas. O amor é um sentimento que é exibido e mostrado com alegria para todos aqueles a sua volta. Se não for assim, não é amor. — pontuei, cruzando os braços.

— Lorraine, a minha melhor amiga, que também está a par da situação, diz que ele é um interesseiro, mas... — Alexia sacudiu a cabeça. — Não acredito nisso.

— Por que não?

— Mesmo sendo de origem humilde, ele sempre foi um homem honesto. — uma luz acendeu em minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que ele faz atualmente?

— Gerencia nossas partes na empresa que herdamos dos nossos pais.

— Qual é o cargo dele na empresa?

— Atualmente ele é o CEO da GEM — Global Engenharia Massafera. Como minha irmã e eu detemos a maior parte das ações, o nomeamos em comum acordo. — afinei os olhos.

Fiquei em absoluto silêncio. Para mim, aquilo apontava em uma única direção e estava bem longe de ser amor da parte dele por qualquer uma das duas.

— Doutora Paixão? — esbocei um sorriso e encarei Alexia. — Eu sou uma mulher terrível, não sou?

— Não, não é. — aproximei-me dela e peguei suas mãos. — Iremos solucionar essa questão. Apenas confie em mim, certo? — Alexia assentiu com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero ser a escolhida dele quando o momento chegar. Sei que minha irmã sofrerá muito, mas eu também já sofri. — ela murmurou, e ouvir aquilo me fez sentir uma imensidão de ódio tomar meu peito.

Eu não conhecia aquele homem, mas se o visse, gostaria de socar sua cara!

— Por hoje vamos finalizar com uma questão: como esse homem se chama?

— Victório Carlos Casímiro. — prontamente ela respondeu. — O que pretende fazer, Doutora Paixão?

— Descobrir a real intenção dele. Se importa se eu usar todos os métodos a minha disposição? — encarei-a fixamente.

— N-Não.

— Excelente! Agora... — abri um largo sorriso. — Escolha qualquer presente. — estendi os

braços, mostrando-lhe as opções.

Alexia sorriu e se levantou, otimista. Confesso que me apiei dela. Homens são cruéis quando querem ser e esse Victório é, sem dúvida, um daqueles interesseiros que não hesitam em agarrar a primeira oportunidade de subir na vida em cima de mulheres poderosas e não muito seguras de si.

Eu irei desmascará-lo, cretino!

• • •

Quando o expediente chegou ao fim, eu estava exausta. A maioria das clientes da Clínica do Prazer tinham o mesmo perfil: estavam insatisfeitas com seus cônjuges e reclamavam do desempenho sexual dos parceiros. Contudo, aquela exceção, Alexia, não saía um segundo da minha cabeça.

— Senhorita? — Don entrou na sala, assentiu com a cabeça e analisou-me. — Parece intrigada com algo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sim, eu estava. O caso daquela senhora requer medidas excepcionais. Alguns diriam que estou sendo precipitada, mas estou apenas fazendo o meu trabalho. Se buscam por ajuda, querem uma solução e a minha função é analisar todos os fatos, de ambas as partes, assim podendo apresentar algo concreto.

— De fato, estou. — respondi, dando fim à taça de vinho que estava em minhas mãos. — Don, acione o nosso investigador e descubra tudo sobre um homem chamado Victório Carlos Casímiro. — encarei-o fixamente. — Quero saber onde nasceu, quem são seus familiares, suas ex-namoradas. Entendeu?

— Providenciarei. — assentiu novamente e quando se preparava para retirar, hesitou. — Podemos passar em um restaurante e jantar antes de voltar para o hotel?

— Estou exausta, mas vá você. — deitei a cabeça no sofá e mirei o teto.

PERIGOSAS ACHERON

Então isso é ser a Doutora Paixão...

— Fica para outro dia. Vou colocar o motorista de prontidão. — disse em um tom amargurado, retirando-se em seguida.

Acompanhei-o com os olhos.

E quanto a você, Don? Um homem tão competente e educado, certamente seria uma opção irrecusável como um Doutor Prazer. Por que Miguel te colocou aqui ao invés de deixá-lo à frente de uma das clínicas? Afinei os olhos.

O que você espera trabalhando comigo, senhor Davies?

CAPÍTULO CINCO

POR DONOVAN DAVIES



Parece ter sido ontem...

— Você é o finalista, Donovan Davies. — Miguel aproximou-se de mim lentamente e analisou-me por inteiro. — É bonitão, mas não tanto quanto eu. — rimos. — Formado em Psicologia e se saiu muito bem com as clientes.

— Elas pensaram que era você. — minimizei o elogio.

— Exatamente. — ele assentiu com a cabeça. — E, na verdade estavam certas, pois o Doutor Prazer é um personagem criado para satisfazê-las. E nenhum dos candidatos se mostrou tão apto a assumir minha posição...

— Esse não é o meu interesse. — o interrompi, fazendo-o arregalar os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então me diga o que é.

— Janaína. — seu rosto tomou uma seriedade intensa e ele respirou fundo. — Estou encantado por aquela mulher, Miguel.

— Na sua profissão surgirão mulheres mais bonitas. — ele retrucou com calma e seguiu até sua mesa, servindo dois copos de uísque. Ao voltar-se a mim, ofereceu um deles e prontamente o peguei. — Janaína é uma grande amiga, filha única e seus pais moram no interior. Por isso, quando ela veio trabalhar comigo, comprometi-me com eles que a manteria longe de problemas e desilusões amorosas. — ele deu um gole na bebida, mirando-me com atenção.

— A minha intenção não é brincar com os sentimentos dela...

— Em breve, Janaína vai mudar toda essa empresa e surgirão homens mais bonitos e mais ricos que nós dois juntos, de todos os lugares, apenas para cortejá-la.

PERIGOSAS ACHERON

Engoli em seco.

— Sente algo por ela? — ele prosseguiu.

— Sinto como se a conhecesse há muito tempo. O meu coração assemelha-se a um vulcão adormecido que ao ser agitado, entra em erupção. É assim que me sinto quando a vejo. — dei outro gole no uísque e respirei fundo.

[...]

Enquanto eu seguia até o motorista, aquelas recordações haviam invadido a minha mente, lembrando-me a razão de eu estar ali.

— Deixe o carro preparado. — ordenei, retornando para dentro do prédio.

Por instantes parei, passando meus olhos pelo *hall*. Eu poderia estar conduzindo uma dessas unidades, mas rendi-me à atração avassaladora que ela causa em mim.

Da minha parte estava tudo pronto,
PERIGOSAS ACHERON

inclusive eu já tinha as informações que me foram solicitadas pela Doutora Paixão a respeito do tal Victório. No caminho para o hotel, ela parecia um pouco aérea.

— Está tudo bem?

— Sim. — ela encarou-me rapidamente e tornou a mirar para fora da janela.

— Sendo assim, iremos jantar juntos. — ela se virou, preparando-se para contestar. — Assim conversamos um pouco sobre o que descobri a respeito do homem que me pediu para investigar. — e, por fim, assentiu com a cabeça.

Como de costume, acompanhei-a até seu quarto e segui para o meu. Despi-me completamente e abri a minha pasta, começando a separar os documentos de forma organizada.

— Ainda preciso me arrumar. — saltei da cama e corri para o banheiro.

Ao parar em frente ao espelho, peguei o

PERIGOSAS NACIONAIS

barbeador elétrico e dei uma rápida retocada na barba. Sem demora, segui para o chuveiro e tomei um bom banho. Eu estava terminando de me enxugar quando a campainha soou.

— Don?

— Pode entrar. — segui até o espelho do guarda-roupa, começando a pentear o meu cabelo.

Quando ouvi a porta se abrir, girei o corpo em sua direção. Nossos olhos se encontraram, mas os dela seguiram descendo por meu corpo, completamente arregalados.

— Meu Deus!

— O quê? — levei ambas as mãos à cintura.

— Você está pelado! — deu-me as costas, furiosa. — Qual o seu problema?!

— Nenhum. — dei de ombros, pegando uma cueca na gaveta. — Já pode se virar.

PERIGOSAS ACHERON

Ela se virou e parou os olhos novamente em meu volume, corando mais que antes.

— Isso não é normal. — sacudiu a cabeça e seguiu em passos apressados para fora do quarto. — Vou te esperar no restaurante. — sua voz findou ao mesmo tempo em que a porta do quarto bateu.

— É um pouco grosso, mas não tem nada de anormal. — retruquei em voz alta e, por fim, soltei uma gargalhada.

Você será minha, Doutora Paixão...

Para aquela noite pensei em algo mais convidativo. Optei por uma camisa social azul-marinho-royal, um blazer marrom, combinando com a calça e sapatos da mesma cor do blazer. E, claro, um pequeno lenço à mostra no bolso do blazer do mesmo tom da camisa. Encarei-me no espelho e passei uma das mãos pelo rosto.

— Apenas duas borrifadas. — murmurei, passando aquele perfume de aroma suave e amadeirado.

Apressei-me e desci o elevador. Depois daquele embaraço no quarto, decidi mudar os planos aquela noite. Assim que surgi no salão do restaurante, avistei Janaína e quando ela me viu, desviou o rosto do meu, arrancando-me um sorriso de canto.

— Boa noite. — puxei uma cadeira e me sentei.

— Boa noite. — Janaína respondeu sem me encarar. — Vamos aos negócios. — endireitou-se na cadeira, respirou fundo e fixou os olhos em mim. — E então?

— Não falaremos sobre negócios hoje. — uni as mãos em cima da mesa. — Vamos apenas curtir a noite.

— Ora, como se eu tivesse tempo para isso... — ralhou, levantando-se.

— Se não sentar, vou abraçar-me às suas pernas. — ergui uma das sobrancelhas.

— Você não se atreveria... — fulminou-me com os olhos.

— Desafie-me e descobrirá.

Ela torceu a boca e sentou-se, revirando os olhos e cruzando os braços.

— Sabe como estamos cheios de trabalho e que a pressão de toda a empresa está em cima de mim. Se você não me ajudar, terei de...

— Sim, eu sei. — interrompi sua frustração. — Sei que está cansada, repleta de coisas para fazer, mas, também sei que não tirou nem um descanso ou momento para relaxar. Então, como seu assistente, deixe-me providenciar isso. — outro suspiro longo seguido de um sacolejo de cabeça. — Por favor. — insisti.

— Ainda preciso saber o que descobriu sobre aquele homem.

— Amanhã darei todos os detalhes e se

PERIGOSAS NACIONAIS

quiser, mando prendê-lo ou darem um sumiço. — ela me encarou assustada e eu logo me corrigi. — É uma brincadeira, mas, não quer dizer que eu não o faça se me pedir...

— Quem é você de verdade? — afinou os olhos, tombando um pouco a cabeça para o lado, antes de cruzar as pernas.

— Você vai ter que descobrir, senhorita. — pisquei para ela.

Com um aceno, chamei o garçom.

— Uma garrafa de *Château Latour*, por favor. — ele assentiu e se retirou. Mirei-a nos olhos, notando que sua curiosidade ficava cada vez mais evidente. — Concederei o desejo de uma única pergunta sobre mim, então a faça com sabedoria.

— Por qual razão eu iria querer saber algo sobre você? — deu de ombros. — Um funcionário que chantageia sua chefe. — sacudiu a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um serviçal que preza pelo bem-estar da sua chefe e sabe freá-la em meio a tanta tensão. — corrigi-a, arrancando-lhe um sorriso sarcástico.

— Agora você sabe o que é bom para mim?

— Leio as pessoas com facilidade. Confesso que você me deu um pouco de trabalho, sabe? — cruzei as pernas e mordi os lábios. — Você tem duas personalidades fortes lutando pelo domínio. Uma é indecisa e frágil, a outra é extremamente decidida e imprevisível.

— Você é louco. — disparou, começando a dedilhar a mesa, impaciente.

— Janaína e Doutora Paixão estão disputando, pois uma não quer deixar que a outra exista, mas no fim, só haverá uma vencedora. — estalei a língua.

— Certo... — Janaína abaixou a cabeça e mirou-me. — Na sua opinião, quem irá vencer?

— As duas. — ela franziu a testa e eu me

PERIGOSAS ACHERON

propus a explicar minha opinião.

— Ambas são fortes à sua maneira, por isso, elas devem corrigir as falhas uma da outra, tornando-se uma só. — assenti com a cabeça.

— Você disse instantes atrás que só restaria uma.

— E repeti isso agora. — ergui as sobrancelhas, como se fosse óbvio.

— Já te disseram que você é muito chato?

— Geralmente, as mulheres bonitas costumam me fazer outros tipos de elogios.

— Não espere algo desse tipo da minha pessoa. — resmungou, pegando a bolsa para procurar algo.

— Ah, não. De você espero muito mais. — sussurrei e ela paralisou, erguendo um pouco a cabeça, parecendo querer mirar meu rosto, mas recuou, tornando a mexer na bolsa.

O garçom retornou com o vinho, servindo duas taças. Ele deixou a garrafa em cima da mesa e se afastou, deixando-nos a sós.

— Diga-me, por que receia ter homens por perto? — dei um gole na bebida, sem tirar os olhos dela.

— O que está acontecendo com você? — usou um tom irritadiço, mirando-me com olhos faiscantes. — Você me diz que o jantar é sobre negócios, mas fez dele um encontro...

— Seja sincera, um homem como eu não te agrada? — foi o prazo de terminar a pergunta para que seu rosto corasse por completo.

— Não. — virou o rosto para outra direção.

Quanto mais ela resistia, mais eu a queria. Naquela altura, há tanto tempo sem beber, eu já tinha tomado três, talvez quatro taças da bebida.

Mordi os lábios de excitação. Ela estava

mentindo e nós dois sabíamos disso. Suas reações diante das minhas investidas demonstram receio, mas seus olhos mostram um desejo, que, talvez, nem mesmo ela tenha se dado conta ainda.

— Por favor, beba do vinho. Essa garrafa custa uma fortuna. — ergui a taça, dando outro gole.

— Gastou todo seu salário com essa bebida? — Janaína arqueou a sobrancelha e eu permaneci calado. — Foi um desperdício, saiba disso.

— Só será se não provar.

— Olha, me desculpe, mas tudo isso está sendo ridículo. — ela se levantou e hesitou. — Sinceramente, não me importo se você gosta de ficar andando de quatro para se agarrar em pernas. — apressou-se em direção ao elevador.

Prontamente coloquei-me de pé e avisei ao garçom que acertaria quando descesse. Precipitei-me ao elevador e o parei antes que subisse. Assim

que entrei, ela me deu as costas e as portas fecharam.

— Qual o problema em se aproximar de mim?

— Irei ligar para Miguel e pedir que me arrume uma assistente. — resmungou, pegando o celular na bolsa.

— Não vai, não. — tomei o celular da sua mão.

— Devolva!

— É só pegar. — enfiei-o dentro do bolso da calça e esbocei um sorriso. — Contudo, devo dizer que este bolso está furado. — arqueei uma das sobrancelhas. — Cuidado para não achar algo mais.

— Você é um pervertido, é um... — suas palavras travaram quando me coloquei diante dela, cada vez mais próximo, a ponto de sentir meu peitoral tocar seu busto. — Você é um... é um... —

PERIGOSAS NACIONAIS

eu conseguia sentir sua respiração acelerada.

— Um? — apoiei ambas as mãos na parede de metal, garantindo que ela ficasse parada.

— Psicopata!

— Um psicopata que te deixa toda arrepiada? — rocei a barba rala em seu pescoço, notando que ela seguia cada vez mais ouriçada. — Que te faz ofegar enquanto respira? — rocei a língua por meus lábios, vendo-a engolir em seco.

— Eu sabia que era uma má ideia. — ela soltou uma risada frustrada. — Achei que aqueles olhos predatórios fossem apenas impressão, mas...

— O que há de mal em te desejar? — parei com o rosto próximo ao dela, deixando nossos lábios a um triz de se tocarem.

— Não faça isso. — ela sussurrou, revezando o olhar entre meus olhos e meus lábios.

— Por quê? — respondi no mesmo tom.

PERIGOSAS ACHERON

O elevador abriu.

— Solte-me. — seus olhos sequer piscavam. — Por favor.

— Estou aqui para sanar todas as suas necessidades. Entende o que isso quer dizer? — mirei-a no fundo dos olhos, antes de afastar-me e deixá-la sair.

Janaína seguiu em passos lentos até seu quarto e quando preparou-se para entrar, eu a alcancei.

— Não há ninguém mais apto que eu para estar ao seu lado. — coloquei o celular nas mãos nela, que virou-se em minha direção. — Só eu posso dar o que você precisa. — respirei fundo e peguei sua mão, beijando-a. — Boa noite, senhorita.

Ela seguiu inerte a mim, apenas me observando. Respirei fundo e retornei para o meu quarto. Provavelmente, eu receberia uma ligação de

Miguel em breve. E explicar toda essa situação não seria nada fácil.

Eu não deveria ter bebido. Esse meu problema com álcool continua sendo um pedregulho na minha vida!

[...]

— Você entende que se ela me pedir outro assistente terei de acatar? — Miguel encarou-me sério.

— Sim, eu entendo.

— Tente não fazer nenhuma besteira. — esbocei um sorriso de lado.

— Desde quando homens não fazem besteira?

— Apenas tente. — ele franziu a testa.

— Caso isso aconteça? — respirei fundo, encarando-o.

— Torçamos para que não.

[...]

Encarei o teto do quarto, vestindo unicamente uma cueca boxer. Mordi meus próprios lábios: *E agora, o que você vai fazer, Doutora Paixão? Demitir-me ou fingir que nada aconteceu? A sua resposta vale o xeque-mate da partida ou a continuação do jogo posto no tabuleiro.*

CAPÍTULO SEIS

POR JANAÍNA



Ainda ofegante, eu sentia como se o meu coração fosse sair do meu peito para dançar “ragatanga” no tapete do quarto. Um misto de receio e excitação fluíam por todo o meu corpo.

O que aconteceu?

O meu corpo inteiro tremia. Aquela foi a primeira vez que um homem avançou sobre mim daquele jeito. Eu pensei que a qualquer momento Don fosse...

— Certo, acalme-se. — respirei fundo e peguei o celular, pronta para trovejar na orelha de Miguel.

“Só eu posso dar o que você precisa”.
Hesitei quando a voz dele ecoou em minha mente.

— Quem você pensa que é? Dar-me o quê?

— franzi a testa, jogando o celular em cima da cama.

Os meus olhos estavam perdidos, mirando os móveis do quarto, em meio a pensamentos tão embolados quanto um rolo de linha.

— Por que estou hesitando em demiti-lo?
— rosnei para mim mesma. — É só ligar e Miguel mandará outro assistente...

Outra vez, Don veio à minha mente. Seu sorriso e suas brincadeiras nada delicadas, que agora soavam engraçadas. Contudo, no restaurante, a cada gole de vinho e meias palavras, seus olhos ficavam mais escuros...

Donovan Davies. Ele é um bom funcionário, extremamente prestativo, pontual e competente, mas... Não, não vou pensar nisso hoje. Amanhã tomarei uma decisão. Está resolvido!

Depois de tomar uma boa ducha, joguei-me na cama e entreguei-me ao sono, onde eu não teria que lidar com a pressão de levar o nome

DOUTORA PAIXÃO e muito menos lidar com as investidas de Don.

[...]

— Gosta quando beijo seus pés? — a voz masculina fez-me arrepiar por inteira. E, conforme seus lábios subiam aos beijos por minhas pernas, eu me sentia cada vez mais excitada. — E quando te mordo? — sorriu, mordiscando minha coxa direita, depois a esquerda.

Os bicos dos meus seios estavam ouriçados e o meu centro feminino pulsava de excitação. Suavemente senti seus dedos desatarem os laços da minha calcinha. Primeiro de um lado, depois do outro.

— O quanto gosta da minha boca? — ofeguei, arrancando-lhe outro sorriso.

Com as mãos amarradas para trás, eu não conseguia contê-lo e, ainda que pudesse, não o faria. O toque da sua barba rala esfregando-se em minha pele me deixava completamente mole.

Seu rosto desaparecia aos poucos da minha visão, conforme ele avançava entre minhas pernas. Contive um gemido quando o senti morder minha boceta, antes de surgir novamente em minha frente, com a calcinha na boca. Então, Don sentou-se no chão, ergueu um pouco a máscara que cobria seus olhos e pegou a calcinha com uma das mãos, cheirando-a.

— O seu aroma me enlouquece!

[...]

Saltei da cama, com o coração palpitando sem parar. Olhei rapidamente para os lados, procurando aquele maldito, mas logo dei-me conta de que ele não havia cometido o ato absurdo de invadir meu quarto. Ele fez pior que isso: invadiu meus sonhos.

— Maldito seja, Donovan Davies!

Joguei o lençol para o lado e apressei-me para o banheiro. O meu corpo estava ardendo de

tão quente e a minha calcinha encharcada.

— Não me tomarás como cativa. — soquei a parede do banheiro, soltando um gemido de dor. — Estou começando a te detestar. — resmunguei sozinha.

Depois de me enxugar e vestir uma roupa, aprontei-me para o trabalho. Precipitei-me em direção à porta, mas parei ao notar uma carta debaixo dela. Abaixei-me e a peguei, abrindo-a:

— *Estou indo mais cedo para a clínica. O motorista estará te aguardando na entrada do hotel. E, sobre ontem, por favor, aceite minhas sinceras desculpas. Don, seu eterno serviçal.* — esbocei um pequeno sorriso, mas acabei me enfurecendo com as notas finais: — *P.S.: Isso não muda o fato de que sou o único que pode dar o que você precisa.*

— Ele é um completo idiota! — amassei a papel e joguei no chão, deixando o quarto. — Toda essa pompa de “eu sou o cara”. É uma réplica do Miguel, mas agora os papéis estão invertidos: eu

sou a chefe e ele o funcionário.

O trânsito estava mais calmo essa manhã e eu acabei chegando adiantada na clínica. Atravessei o *hall* rapidamente e peguei o elevador. Assim que cheguei à porta do escritório, parei e respirei fundo.

Ele está do outro lado da porta. Contenha-se e não o soque, ok?

Quando entrei, paralisei por completo. Lá estava ele, semiajoelhado no chão, segurando uma rosa vermelha, com os olhos mirando-me fixamente.

— Bom dia, senhorita.

— Bom dia. — fui seca e passei por ele.

— Janaína? — parei com a mão na maçaneta, sem olhar para trás. — Eu gostaria de explicar-me sobre ontem. — abri a boca para negar seu pedido, mas ele não me deu tempo. — Por favor. — aquilo soou fofo, confesso.

— Explique.

— Primeiro a rosa. — ele sorriu, estendendo-a e eu a peguei, levando uma das mãos à cintura, batendo o pé direito incansavelmente. — Eu tenho problemas com bebidas. — arregalei os olhos. — Achei que estava curado para comemorar o sucesso dos primeiros dias aqui, mas, na verdade, dei-me conta de que ainda sou refém do álcool, por isso... — abaixou a cabeça. — Não me prive de continuar ao seu lado.

Fiquei sem palavras. O que dizer?

— Sei que pareço patético agora, mas...

— Não diga isso... — usei um tom ameno e ele sorriu, fazendo-me erguer o tom de voz: — E se levante desse chão agora. Se alguém chegar aqui, vai pensar o quê?! — sacudi a cabeça e entrei para minha sala.

Colei as costas na porta e cruzei os braços.
Se pensa que será fácil continuar trabalhando comigo, está enganado!

As questões sobre ele continuavam surgindo em minha mente e só uma pessoa sanaria as minhas dúvidas. Sentei-me no sofá e peguei o telefone, ligando para Miguel.

— Bom dia, Doutora Paixão. — ele disse empolgado.

— Bom dia. — resmunguei.

— Que tom é esse? Não me diga que vem me dar notícias ruins? Ainda são oito e pouco da manhã!

— Quem é esse homem que trabalha como meu assistente? — o ouvi suspirar do outro lado da linha.

— Don fez algo errado? — pensei em dizer sobre o hotel, mas não. — Jana?

— Apenas quero saber quem é ele.

— Eu já disse...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Disse pouco. Quero saber mais. — interrompi-o.

— É um psicólogo muito competente, que seria bem mais que isso, não fossem suas escolhas. — arqueei uma das sobrancelhas.

— Como assim?

— Lembra quando eu disse que o meu primeiro sucessor recusou o cargo?

— Sim, lembro... — arregalei os olhos, descrente com aquilo. — Não me diga que é ele? — abri a boca, fechando-a rapidamente.

— O próprio.

— Qual foi a justificativa?

— Você. — senti um frio súbito na barriga, que espalhou-se por todo meu corpo. — Ele recusou a vaga, alegando que gostaria de trabalhar com você.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê? — soltei uma risada sem graça.

— Não é óbvio? — engoli em seco. — De todo modo, imaginei que você estava me ligando para fazer reclamações do comportamento dele. Os homens são um pouco...

— Não termine a frase. Obrigada. — respirei fundo. — Há algo mais que queira me dizer sobre ele?

— Acho que os dois combinam perfeitamente. — Miguel gargalhou. — Tchau.

— Filho da mãe!

Eu sabia que aquela ideia de tentar arrumar um par para mim não havia sumido. Soquei o sofá, colocando o telefone no gancho.

Levei ambas as mãos à cabeça, massageando minhas têmporas. Foco, Janaína! Mantenha-se imersa no trabalho e nenhuma dessas bobagens irá te tirar da direção que você escolheu

PERIGOSAS NACIONAIS

seguir. E, mesmo que eu vasculhe a minha mente incansáveis vezes, não me lembro de ter visto Don antes. Será que sou tão aérea assim?

Passado aquele choque de informações, chamei Don até a minha sala para saber o que ele descobriu a respeito de Victório Carlos Casímiro.

— Victório passou por outros dois relacionamentos antes de se casar com Aline Massafera. Ele também possui histórico de violência doméstica, psicológica e já respondeu processo por estelionato. — Don colocou a primeira folha em cima da mesa. — Ele se formou em Direito, mas não obteve êxito na profissão.

— Prossiga.

— Ele vem de uma família que já teve muita influência da política, mas que veio à falência depois de inúmeros escândalos. — respirou fundo, analisando outra folha. — Por fim, visita regularmente uma casa de shows, onde sempre a deixa com uma garota de programa diferente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como imaginei... — afinei os olhos. — Providencie provas de tudo, certo? — estendi a mão para pegar seu relatório.

— Já foi providenciado. O investigador ficou de me entregar ainda hoje. — ergui as sobancelhas, surpresa com sua agilidade.

— Algo mais, senhorita Paixão? — entregou-me os papéis e levou ambas as mãos para trás, mirando-me atentamente.

— Confirme a próxima consulta de Alexia. — ele assentiu com a cabeça.

— Com sua licença.

Até tentei seguir indiferente a ele, mas não consegui. Só me dei conta de que estava mordiscando a bunda da caneta, quando ele fechou a porta e eu a procurei para assinar alguns documentos.

— Foco! — disse a mim mesma, ainda mantendo aquele mesmo sorriso bobo.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar dos últimos acontecimentos, ele era realmente profissional e competente — no que se refere ao exercício da função —, o que, de certo modo, conquistava minha admiração.

CAPÍTULO SETE

POR JANAÍNA



Os dias seguintes foram normais. Don seguiu com suas insinuações, agora um pouco mais discreto. E o divã da Clínica do Prazer permanecia sempre ocupado, o que era ótimo. Contudo, o retorno da senhora Alexia estava me deixando à flor da pele.

— Está tudo aqui? — pousei a mão sobre a pasta, sem tirar os olhos de Don.

— Sim, senhorita. — Don ergueu as sobrancelhas e permaneceu de pé, com as mãos dentro dos bolsos e aquele olhar de quem queria opinar.

— Quer dizer algo?

— O amor cega as pessoas. — assenti com a cabeça. — Como a senhorita me explicou o caso, ela trai a própria irmã e isso me faz acreditar que,
PERIGOSAS ACHERON

mesmo com todas as provas, *você* cairá em descrédito.

— Creio que entendi seu ponto de vista. Obrigada, mas ainda assim devo tentar. — Don assentiu e pediu licença, retirando-se.

O amor cega as pessoas... Não tenho dúvida disso, mas é meu trabalho orientar as minhas clientes, afinal, sou ou não sou a Doutora Paixão?

Passei boa parte da manhã estruturando mentalmente como começaria os tópicos daquele assunto. De todas as mulheres que vieram até mim, nenhum caso se assemelhou àquele. Até haviam alguns diferentes, mas nada tão singular.

— A senhora Alexia está aguardando. — Don anunciou, parado na porta da minha sala. — Cinco minutos?

— Mande-a entrar. — ele exibiu um sorriso de satisfação e assentiu com a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei-me da minha mesa e segui para o trono bege, onde me sentei, deixando a pasta em cima do meu colo. Alexia entrou toda sorridente, causando-me um leve estranhamento.

— Doutora Paixão! — respirou fundo e veio até mim. Assim que me coloquei em pé, ela me abraçou, esbanjando felicidade.

— Posso saber a que se deve esse sorriso?

— As coisas mudaram. Eu preciso te contar tudo. — sacudiu as mãos e rapidamente sentou-se no divã.

— Conte-me, então. — engoli em seco, segurando o envelope em minhas mãos com mais firmeza.

— Quando deixei seu consultório dias atrás, senti uma série de enjoos e fui ao médico. Depois de fazer uma sequência de exames, descobri que estou grávida! — Alexia quase gritou ao fazer aquele anúncio.

PERIGOSAS ACHERON

— S-Sério? — pisquei algumas vezes e ao notar que seus olhos pareciam me julgar, forcei meu melhor sorriso. — Meus parabéns. Eu fico imensamente feliz por isso.

Dei alguns passos para trás e coloquei o envelope em cima do trono e, unindo as mãos na frente do corpo, fiz-lhe uma pergunta cuja resposta eu já sabia, mas precisava confirmar.

— E quem é o pai?

— Victório. — respondeu com um largo sorriso. Por fim, deu um suspiro apaixonado, daqueles que se pudéssemos ver o que se passava em sua mente, certamente exibiria um coração em cima da sua cabeça.

— As coisas se complicaram desde a sua primeira consulta. — comecei a rodeá-la no divã, sempre mirando seu rosto.

— Na verdade, não.

— Não? — cessei os passos e ergui as

sobancelhas. — Como não?

— Conteí a ele sobre a gravidez e você não tem ideia do que aconteceu. — *de fato não tenho*. — Victório disse que vai se separar da minha irmã e casar comigo!

Senti um nó se formar em minha garganta.

— Isso é...

— Ótimo. — ela emendou, sentando-se no divã. — Sinceramente, não sei como te agradecer por ter me ouvido em meus momentos de aflição. — encarou-me nos olhos, segurando minhas mãos. — Obrigada. Muito obrigada.

Senti meu coração doer por aquela mulher e o problema no qual ela se encontrava. Mais ainda por ser a portadora da mensagem que a destruiria.

Diante do meu silêncio, seu sorriso logo se desfez.

— Tem algo errado? Fique feliz por mim...

PERIGOSAS NACIONAIS

— pediu entre sussurros.

— Estou feliz. — tentei sorrir, mas não consegui. — É que...

— A minha irmã nunca daria um filho a ele, já que retirou o útero por conta de um pequeno tumor. Não que as mulheres da nossa família sejam inférteis, mas isso foi por conta do uso contínuo de anticoncepcionais.

— Sem dúvida esse é um problema sério e que afeta muitas mulheres. As reações são diversas e em muitos casos podem até causar um AVC. — fugi um pouco ao assunto para tomar fôlego e, principalmente, coragem para contar a ela tudo que havia descoberto.

— Não é fácil ser mulher. — Alexia riu.

— Realmente, não é. — abaixei a cabeça e parei ao lado do trono bege, pegando o envelope. Enchi o peito de ar e mirei-a com atenção. — Você sabe o que é isso?

PERIGOSAS ACHERON

— Não faço ideia.

— É o relatório que encomendei a respeito do Victório. — os olhos dela quase saltaram. — E aqui tem muitas coisas que você não vai gostar de ouvir ou ver.

Alexia abaixou a cabeça e toda a sua alegria desapareceu. Quando seu rosto se encontrou novamente com o meu, notei que suas pupilas estavam molhadas e o rosto começava a corar.

— Sinceramente, não sei por onde começar.
— respirei fundo e sentei-me no trono.

— Antes de começar... — sua voz tremulou.
— Diga-me com sinceridade: isso vai me destruir, não vai, Doutora Paixão? — as lágrimas começavam a descer, molhando sua pele.

— Por um breve momento, mas você irá se reerguer. — ofeguei entre as palavras, compadecendo-me ainda mais daquela mulher. Todavia, eu sabia que era necessário contar-lhe tudo.

O silêncio tomou a sala por alguns segundos, tão longos que pareciam horas.

— Sei que sou uma mulher horrível. Tudo que fiz e tenho feito para estar com esse homem, mas... — Alexia passou ambas as mãos pelo rosto, enxugando as lágrimas. — Agora tenho esse neném dentro de mim e eu só quero uma chance de tentar... — sussurrou, quase em súplica.

— Você não é uma mulher horrível. Na verdade, é apenas mais uma vítima. — respondi no mesmo tom. — Entretanto, eu preciso saber qual é a sua decisão. — mirei-a atentamente. — Como sabe, fizemos um contrato de sigilo e esse contrato tem cláusulas diversas, onde comprometo-me a guardar segredo sobre tudo que ouço ou descubro sobre os cônjuges das minhas clientes.

Obviamente, tal contrato protegia tanto a mim quanto as minhas clientes. Se, porventura, chegássemos ao ponto de um desses casos tornar-se um risco a minha vida, independente do desenrolar, o sigilo do contrato seria quebrado

automaticamente.

— Não quero ouvir. — gemeu baixinho, desviando os olhos rapidamente dos meus.

Respirei fundo e assenti com a cabeça.

— Sua decisão será respeitada, mas saiba que quando quiser a verdade, ela estará ao seu alcance.

— Obrigada. — Alexia se levantou, parecendo apressada para sair dali, forçou um sorriso e me olhou no fundo dos meus olhos. — Tenho certeza que não virei atrás desse envelope. — pegou a bolsa e despediu-se: — Obrigada, Doutora Paixão.

Alexia foi embora sem saber a verdade, pois escolheu assim. No fundo, talvez ela tenha conhecimento da maior parte das coisas contidas nesse envelope.

Não a culpo. Por mais poderosa que seja uma mulher, quando um homem invade seu

coração, tornando-a cativa das suas mentiras, ele consegue manipulá-la de todas as maneiras.

Os homens são cruéis quando querem ser, mas a vingança de uma mulher é implacável e que eles rezem para não a experimentar.

• • •

— Você estava certo. — murmurei, mirando as pessoas na rua enquanto o carro seguia para o hotel. — Ela é refém dele e não se deu conta disso. — encarei Don.

— A maioria dos homens não sabe como amar uma mulher. E se não há amor, eles oferecem ilusões, prendendo-as com amarras mentais. — Don sacudiu a cabeça e respirou fundo. — Porém, aqueles que sabem amar, na maioria das vezes são rejeitados, pois as mulheres preferem ser maltratadas e viver de ilusões do que de amor.

Aquilo soou tão pessoal que não consegui distinguir sobre quem ele falava. Parecendo notar meu desconforto, Don puxou assunto.

— Independente disso, a senhorita fez um trabalho excepcional e isso merece uma comemoração. — disse Don todo empolgado. — Que tal sairmos para dançar?

— Não estou bem para isso. — neguei com a cabeça. — Sinto que falhei como profissional.

— Como profissional você oferece ajuda, mas cabe a quem a busca aceitar. — disse, pousando sua mão sobre a minha, fazendo-me corar. Encaramo-nos rapidamente e logo puxei a minha mão. — Você tentou.

— Não foi o suficiente.

E foi com esse pensamento que me joguei na cama do quarto. O que mais eu poderia ter feito por aquela mulher? Insistido mais? Contado, mesmo diante da sua negativa?

Não importa. A chance passou e agora resta torcer para que as coisas acabem da melhor maneira possível, se é que podemos aplicar isso

PERIGOSAS NACIONAIS

nesse caso.

PERIGOSAS ACHERON

INTERLÚDIO UM

POR VICTÓRIO



Permaneci atento a cada uma das palavras de Alexia. Em meio ao choro sentido, ela contava detalhe por detalhe do que aconteceu nas duas consultas que teve com a Doutora Paixão.

— Por fim, eu disse que não precisava saber de nada... — Alexia sorriu, ainda chorosa. — A única verdade que importa para mim é que eu te amo e que teremos o nosso bebê em breve. — abraçou-me com força.

— É isso mesmo. — afaguei seus cabelos, deitando seu rosto em meu ombro e afinei os olhos.

Então você mandou me investigar, Doutora Paixão?

Confesso que ainda estou surpreso com a atitude tomada por Alexia, mas um pouco aliviado em saber como tudo aconteceu, assim poderei agir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem erros.

— Tome um banho. Você está cansada e temos que cuidar muito bem do fruto do nosso amor. — sussurrei em sua orelha. Ela sorriu, selou meus lábios e levantou-se.

— Eu te amo, Victório. — Alexia sorriu, apressando-se para a suíte.

— Eu também te amo, meu amor.

As mulheres, em grande maioria, são extremamente burras quando se apaixonam. Contudo, nesse meio, as exceções são extremamente perigosas para homens como eu e essas precisam ser silenciadas. Não que eu seja um homem desse tipo, ainda mais quando se trata de uma mulher tão bela, mas...

“Doutora Paixão salva o casamento de famosos”.

“Doutora Paixão é chamada de *Rainha dos Conselhos* pela *socialite* Avena Cross”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Infelizmente você é uma mulher extremamente perigosa. Disse a mim mesmo, lembrando-me das poucas vezes que parei em frente à TV e deparei-me com notícias sobre ela.

Precipitei-me em direção ao escritório e, quando entrei, tranquei a porta. Retirei o celular do bolso e disquei.

— O que é dessa vez?

— Preciso que envie uma mensagem para uma determinada pessoa. — esbocei um sorriso de canto. — E garanta que não fiquem dúvidas. Entendeu?

— Sim, senhor.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO OITO

POR DONOVAN DAVIES



Como animá-la?

Terminei de tomar a ducha enquanto dava alguns passos bobos de dança, ao som do *player* do banheiro. Em seguida, fui vestir uma roupa. São tantas opções para alegrá-la nessa noite, o problema será convencê-la a me acompanhar depois daquela situação no elevador.

Vesti um jeans-escuro colado e o combinei com uma camisa social branca. Eu estava terminando de calçar os sapatos quando ouvi o som de algo quebrando no quarto dela. Por instantes, parei e o silêncio seguiu.

— Não deve ser nada... — voltei-me aos sapatos e ouvi um som brusco, fazendo-me parar outra vez.

Não há histórico de crises de raiva no perfil
PERIGOSAS ACHERON

dela. Apressei-me e deixei o quarto, parando na porta dela. Dei três leves toques.

— Senhorita, está tudo bem? — nenhum ruído em resposta. — Eu sei que você deve estar chateada e... — as palavras travaram em minha garganta quando ouvi um grito abafado.

Sem sequer pensar, meti o pé na porta para abrir caminho. Quando entrei no quarto e meus olhos miraram a cama, senti todo meu corpo tremer.

— Mexa um músculo e eu a mato. — disse o cara encapuzado, que a mantinha sob a mira de uma pistola.

— Acalme-se. — disse mais para mim do que para ele. — Vamos resolver isso. O que quer?

Não pude deixar de notar que havia uma toalha molhada em cima da cama. Aquilo certamente respondia as marcas no corpo de Janaína, que estava apenas de calcinha, amarrada com as mãos para trás na cadeira.

PERIGOSAS NACIONAIS

O meu coração batia cada vez mais forte, movido por puro ódio. Eu iria matá-lo duas vezes para garantir que fosse direto para o inferno. E depois de morto, fatiaria cada pedaço da sua maldita existência.

— Quem é você? Ah, deve ser o “Don” por quem ela estava chamando.

Aquilo despertou meu ódio a tal ponto que eu estava prestes a cometer a loucura de avançar nele, mesmo desarmado.

— Deixe-a ir e eu prometo não te matar hoje. — ofeguei entre as palavras, cerrando os punhos.

Eu estava lutando contra mim mesmo. A minha vontade era de saltar em cima dele e socar sua cara até amassar seu crânio.

— A situação não está boa para ela, nem para você. Se meu dedo escorregar. — ele riu, deixando-me ainda mais enfurecido.

PERIGOSAS ACHERON

— O que quer, *caralho*?! — rugi, começando a sentir minha respiração ofegar.

— Eu já consegui o que quero. — agarrou-a pelo cabelo e deu um puxão para trás, fazendo-a gemer. — Tenho certeza que a Doutora Paixão recebeu o recado. Agora vá para o canto do quarto.

Lentamente fui para o canto. Infelizmente, não havia outra opção a não ser negociar com aquele filho da puta.

— Agora se ajoelhe de frente à parede, com as mãos na cabeça. — por instantes hesitei, mas quando a mirei novamente e vi seu rosto, simplesmente me rendi.

Ouvi passos rápidos deixarem o quarto e prontamente coloquei-me de pé. Pensei muitas vezes em ir atrás dele, mas eu não podia deixá-la. Rapidamente tirei a mordaca da boca de Janaína, que se rendeu ao choro. Não demorei mais que alguns segundos para a desamarrar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai ficar tudo bem, ok? — tomei-a nos braços, deitando seu rosto em meu ombro, enquanto ouvia aquele choro que fazia meu coração se despedaçar. — Eu estou aqui agora. — caminhei até a porta, fechando-a.

Essa maldita porta ficou aberta desde que entrei e não passou uma única viva alma nesse corredor. O maldito fugiu. Quando Janaína se acalmou, coloquei-a sentada na cama, mas a única coisa que ela fazia era segurar-me pelo pescoço com força e chorar.

— Preciso ligar para a polícia e ir na recepção do hotel. — expliquei, tentando me soltar dos seus braços sem sucesso.

— Não, não, não. — disse unindo as palavras. — Não me deixe sozinha, por favor. — eu conseguia ouvir o palpitar acelerado do seu coração.

— Tudo bem. — sussurrei, afagando seus cabelos. — Eu não vou sair do seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como eu não ouvi o que estava acontecendo aqui? Por que eu não vim antes, quando tudo começou?

— Se eu tivesse chegado a tempo, ele não teria triscado um dedo em você. — ofeguei em meio ao ódio de cada palavra. — Perdão! — senti meus olhos arderem.

A culpa era toda minha....

Depois de um tempo, ela se acalmou e me pediu ajuda para ir até o banheiro e, mesmo mal parando em pé, acompanhei-a, dei-lhe um banho e a vesti.

— Obrigada. — fungou, encolhida na cama.

Só um louco que perdeu a vontade de viver ousaria tocar na minha futura esposa. Esse cara está morto e não sabe.

Liguei para a segurança do hotel e deixei dois homens na porta do quarto de Janaína, tentando convencê-la a me deixar tomar as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

providências cabíveis, mas foi em vão. Seja lá quem fosse, havia conseguido o que queria.

— Vou buscar alguma coisa para você comer. — rocei o polegar em seu rosto ainda marcado pelas mãos sujas daquele porco. — Não vou demorar. — ela assentiu com a cabeça.

Assim que coloquei os pés fora do quarto, saquei o celular do bolso e liguei para Maurício, o meu homem de confiança.

— Boa noite, senhor Donovan.

— Traga uma equipe de investigação para o hotel Kazzan. — respirei fundo e expliquei a situação, advertindo-o ao fim: — Vocês têm vinte e quatro horas ou estão todos demitidos. — desliguei o telefone.

Seja lá quem for você que fez essa grande merda, eu vou te achar. Se esconda, fuja o quanto quiser, mas eu vou te achar. E quando isso acontecer, nem Deus irá te salvar de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Também informei o hotel sobre o acontecido e o gerente disse que estava à disposição para colaborar, cedendo as gravações das câmeras de todo o prédio, registros de entrada e saída e outros pormenores que nos ajudariam a identificar o agressor.

• • •

Levei-a ao hospital para receber os primeiros socorros e fazer uma bateria de exames. Graças a Deus ela estava “bem”. Era quase nove horas da noite quando ela se sentou na beirada da cama e ficou encarando o nada, nitidamente imersa em pensamentos.

— Ele disse que especulei demais. — endireitei-me na poltrona que estava ao lado da cama. — E falou que esse era o castigo por interferir nos planos de pessoas poderosas. — sua voz falhou.

Especulou demais? Homens poderosos?
Afinei os olhos, deixando uma pequena fagulha de possibilidades surgir em minha mente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem sabe do que aconteceu? — ela respirou fundo e colocou a mão na cabeça, franzindo os olhos. Provavelmente estava sentindo dor.

— Poucas pessoas.

— Miguel? — encarou-me.

— Ainda não liguei para ele.

— Não ligue.

— Mas...

— Por favor. Ele iria me afastar das minhas funções e não é isso que quero no momento. — ela respirou fundo e esfregou o rosto. — Eu só preciso descansar.

Sem dúvida, é uma mulher muito forte, mas as coisas não vão ficar assim, minha doce Janaína. Eu garanto que não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De agora em diante você só vai andar escoltada, aonde quer que for. Estamos nos mudando para uma residência em um condomínio fechado, onde teremos uma guarda particular vinte e quatro horas.

— Quem decidiu isso? — piscou algumas vezes, mirando-me.

— Eu. — levantei-me, enfiando as mãos nos bolsos. — Estou aqui para suprir suas necessidades, sejam quais forem. — ela preparou-se para questionar, mas a impedi. — Isso está fora de discussão, senhorita Janaína. Caso não concorde, contarei a Miguel o que aconteceu. — suspirei e aproximei-me dela, ajoelhando-me em sua frente e, segurando suas mãos, sorri quando mirei seus olhos. — Entenda, o meu trabalho é cuidar de você. Eu falhei hoje, mas... isso NUNCA mais irá se repetir. Eu garanto.

O meu peito apertava-se diante daquela confissão. Eu odiava falhar com as pessoas que amo, pois a falha, muitas vezes, é fatal.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de uma longa discussão, entramos em acordo e ela seguiu o cronograma. Deixamos o hospital por volta das vinte e três horas em direção a uma das residências da minha família, em um luxuoso condomínio fechado.

— De quem é esta casa? — perguntou, mirando o lugar pela janela do carro.

— É uma das residências de Miguel. — menti.

Os funcionários já haviam sido avisados sobre a nossa chegada. Rapidamente as malas foram levadas para dentro e nos instalamos. Permaneci no quarto até que ela adormeceu, então desci para falar com Maurício, que havia me mandado uma mensagem de texto, afirmando estar me aguardando na sala principal.

— E então?

— O agressor fugiu pela saída de emergência. Não conseguimos identificá-lo pelas câmeras e, também, há um alto número de

PERIGOSAS NACIONAIS

funcionários que entram e saem pelo mesmo lugar.

— Ele deve estar vestido como um funcionário. Só isso explicaria como entrou despercebido. — senti um gosto amargo na boca e encarei Maurício nos olhos. — Descubra quem é.

— E quando o identificarmos?

— Capturem-no e me avisem imediatamente. — afinei os olhos.

— Não informaremos a polícia? — Maurício pareceu entender onde eu queria chegar, ainda assim, de forma sutil, tentou mostrar-me outro caminho.

— Sim, informaremos... — esbocei um pequeno sorriso, fazendo uma pausa. — A localização do corpo. — Maurício mirou-me sem dizer nada e assentiu com a cabeça. — Agora vá e resolva isso.

— Sim, senhor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Segui até a adega que ficava embaixo das escadas, deparando-me com uma imensidão de garrafas de vinho e peguei uma das que me deixavam bêbado mais rápido.

— Que as minhas suspeitas estejam erradas sobre quem é o autor desse recado, mas se não estiverem... — deixei a adega com a garrafa na mão.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO NOVE

POR JANAÍNA



Passei a noite em claro. Eu ainda estava me questionando a respeito do que havia acontecido e, pior ainda, aquela ameaça continuava ecoando na minha mente.

“Se alguém tomar conhecimento disso ou de quem somos, seus pais morrem”.

Não escolhi ser a Doutora Paixão, fui escolhida. E, em momento algum eu pensei que essa profissão fosse me fazer trilhar caminhos tão sombrios e perigosos.

Sentei-me na beirada da cama e peguei o celular, ligando para os meus pais. Depois de tocar algumas vezes, minha mãe atendeu, fazendo-me respirar aliviada.

— Quem é viva sempre aparece. — disse mamãe cheia de empolgação. — Eu estava

PERIGOSAS ACHERON

desenformando um bolo que fiz a pouco. Como você está meu, amor?

— Estou bem, mamãe. — não estava, mas logo ficaria. — E o papai?

— Deu uma saída, mas logo deve chegar.

— Mamãe... — engoli em seco, pensando em como propor aquilo. — Sei que o interior é um ótimo lugar, mas a senhora e o papai deveriam cogitar a possibilidade de se mudarem para a cidade grande, assim não ficaríamos tão longe.

— Quando sentir saudade basta vir passar um fim de semana conosco! Sabe que seu pai odiaria essa ideia e eu também acho a cidade grande muito violenta. O interior é tranquilo...

— É, isso é verdade, mamãe. Só que aqui, comigo, vocês teriam toda a segurança necessária. — insisti.

— Sim, eu sei. Agora me inteire das novidades do seu trabalho. — ela desconversou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pais nasceram e criaram-se naquele pequeno interior. Seus amigos e os poucos parentes vivos ainda estavam ali, e seria injusto com eles pedir para abdicarem a isso...

— Bom, o trabalho segue em ritmo intenso e Estela foi promovida. Um substituto assumiu o cargo dela...

— Substituto? — ela fez questão de entoar o “to” com mais força.

— É apenas um funcionário. — sacudi a cabeça, em meio a um sorriso.

— Como ele é? — perguntou usando aquele tom de “agora vai rolar”.

— Mamãe!

— Ora, só me diga como ele é. Não posso saber? Estou velha, não morta.

Só a minha mãe mesmo para me fazer rir

PERIGOSAS ACHERON

sentindo tantas dores pelo corpo. Sacudi a cabeça e mirei a janela do quarto. *Como ele é?*

— Ele é alto, tem cabelos lisos em cima e raspados dos lados, sua barba é cerrada e os olhos são cor de mel.

— Parece ser atraente.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não.

— Como esse rapaz se chama?

— Donovan Davies.

— Que nome chique, parece até nome de famoso. — mamãe debulhou-se em risos.

— É estrangeiro. Os pais dele são imigrantes.

— Ele é competente?

— Nas suas obrigações, sim. Como profissional, Don é extremamente dedicado e

habilidoso.

— Don? — ouvi suas risadinhas abafadas.

— Sinceramente, mamãe...

— Eu não disse nada. — defendeu-se, mas não perdeu a oportunidade de dar uma cutucada. — Espero que vocês se entendam mais que bem.

— Entendemo-nos o suficiente para que o trabalho flua. — respirei fundo. — Bom, como está tudo bem, vou organizar algumas coisas aqui. Qualquer imprevisto, me liguem, ok?

— Tudo bem, filhinha.

— Eu amo vocês.

— Também te amamos.

Desliguei o telefone, colocando-o de lado. Quando ouvi um pigarreio, dei um pulinho na cama, voltando meus olhos à porta. Don estava escorado no batente, com os braços cruzados.

— Perdão.

— Está tudo bem...

— Mesmo? — ele precipitou-se em minha direção e parou em minha frente. Primeiro segurou meu queixo, olhando meu rosto. — Ainda está vermelho, mas mal dá para notar.

— Não tive coragem de me olhar no espelho ainda. — dei de ombros.

— Iria se surpreender em como está linda hoje. — senti meu rosto arder. — Dormiu bem? — afastou-se, colocando ambas as mãos nos bolsos.

— Não consegui.

— Podemos conversar sobre o ocorrido. — Don apressou-se até a mesa do computador e pegou a cadeira, colocando-a em frente a cama. Cruzou as pernas e encarou-me.

— Não!

— Por que não?

— Isso não funciona com pessoas próximas.
— revirei os olhos.

— É bom saber que a distância entre nós
está diminuindo. — disse entre um sorriso de canto.

— Não foi isso que eu quis dizer! — ralhei,
socando a cama.

— Bom, muito bom. Então... — tombou a
cabeça para o lado. — Se bem ouvi, não pode negar
que sou atraente? — Don arqueou uma
sobrancelha.

— É muito feio espionar as pessoas.

— Eu não estava espionando. Vim te
chamar para tomar café. — defendeu-se e respirou
fundo. — E acabei ouvindo coisas muito
interessantes.

Como ele conseguia me irritar em tão

poucos segundos?

— Por favor, explique-me a parte do que “Nas suas obrigações, sim. Como profissional, Don é extremamente dedicado e habilidoso”. E fora dele, eu sou o quê?

— Extremamente intrometido, arrogante...
— aproximei o rosto em sua direção e ele fez o mesmo, deixando nossas bocas próximas. — e... também é...

— Incrivelmente belo. — sorriu, me fazendo sentir uma explosão de fúria despertar dentro de mim. Eu devia...

— Sabe o que eu queria fazer agora? — encarei-o nos olhos e ele mordeu os lábios.

— Não diga, faça.

— Tem certeza? — ergui as sobrancelhas.

— Absoluta. — ele assentiu com a cabeça, revezando o olhar entre meus olhos e minha boca.

— Don. — chamei-o em tom baixinho. — Você merece... — fechei o punho e, quando me preparei para dar-lhe um soco no rosto, ele agarrou meu pulso, fazendo-me arregalar os olhos.

— Cada soco vale um beijo. E se ficar me devendo, terei de roubá-los. — ele piscou para mim, soltou meu pulso e se levantou. — Aguardo-a lá embaixo.

Tomamos o café da manhã e Don levou-me em um *tour* por aquela mansão: sete quartos, três salas, nove banheiros, duas áreas de lazer, sala de jogos e, ao fundo da propriedade, uma enorme piscina.

— Por que você sempre está séria? — Don colocou-se ao meu lado. — Eu adoraria te ver sorrir de vez em quando, mas como é mais fácil te ouvir me xingar... — dei-lhe uma cotovelada. — Au!

— Não sei. Eu sou assim.

— Amargurada? — encarei-o e ele ergueu

PERIGOSAS NACIONAIS

as mãos como se estivesse se rendendo. — Você é uma mulher tão bonita, mas vive em prol do trabalho.

— Essa é a minha sina. Homens são perda de tempo. — deu de ombros e mirei aquela gigantesca piscina convidativa.

— Todos os homens?

— Não conheço todos os homens da Terra, mas os que conheci só buscavam sexo. — respirei fundo e mirei-o. — E você é um deles. — Don piscou algumas vezes.

Dei-lhe as costas e quando me preparei para adentrar a mansão, o senti pegar em meu pulso.

— Você está enganada. Não quero transar com você. Eu quero fazer amor! — senti um arrepio intenso cruzar todo meu corpo.

— Ficou louco? — girei em sua direção, dando de cara com ele. — Isso é jeito de falar com a sua chefe... — sua boca silenciou a minha e, por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns segundos, deixei-me levar, até que me soltei dele.

— Sempre fui louco. Desde que te vi sou louco por você. — estapeei seu rosto e ele sorriu.

— O beijo foi pago.

— Você está demitido! — ralhei, sentindo meu corpo todo esquentar do nada.

— Entenda, Janaína... — ele se aproximou novamente, me fazendo dar passos lentos para trás. — Só eu posso sanar todas as suas necessidades. Então, demita-me quantas vezes quiser, eu vou estar sempre ao seu lado.

Don tombou a cabeça para o lado, sorriu e seguiu para dentro.

— Entre, o sol está ficando alto e você não passou bronzeador. — ele simplesmente ignorou o que eu havia dito. Encarei-o completamente descrente e ele parou na porta, estendendo-me uma das mãos. — Preciso buscá-la, senhorita?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se atreva! — rosnei e precipitei-me para dentro, pisando duro.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZ

POR DONOVAN DAVIES



Era impossível não rir com a reação dela diante das minhas investidas. Aquele jeito furioso em contrapor-se a mim deixava-me ainda mais louco para tê-la.

— Posso saber aonde a senhorita está indo?
— sentei-me no sofá e cruzei as pernas.

Janaína arqueou a sobrancelha esquerda e forçou um sorriso.

— Eu havia me esquecido que tenho uma babá.

— Que maldade se esquecer de mim... —
joguei-lhe uma piscadela.

— Maldade é ter de tolerar você o tempo todo. O dia está tedioso e eu estou extremamente cansada. — ela respirou fundo. — Não vou me
PERIGOSAS ACHERON

estressar com suas brincadeiras.

— Isso é uma rendição total? — tombei a cabeça para o lado, mordendo os lábios.

— Morro como uma heroína, mas não vivo como uma covarde. — deu-me as costas, adiantando-se nos degraus da escada.

— Nas minhas mãos a única opção de morte é por prazer. — aumentei o tom de voz para garantir que ela ouvisse e ouviu, mostrando-me o dedo do meio sem ao menos olhar para trás.

Permaneci no sofá, pensando nas possibilidades daquela noite. Tirá-la de casa seria um enorme desafio, tendo em vista que ela sabe exatamente quais são as minhas intenções.

— Senhor Donovan? — Amélia, a governanta da mansão e minha ex-babá aproximou-se. — O senhor Maurício está na sala de visitas e aguarda a sua presença. — o meu sorriso desfez-se.

— Obrigado, minha querida. — ela assentiu

com a cabeça e se retirou.

Precipitei-me pelos cômodos e quando entrei na sala de visitas, fechei a porta. Assim que me viu, Maurício colocou-se de pé.

— Boas notícias, espero.

— Identificamos o agressor através de câmeras de segurança na rua do hotel. O flagramos entrando em um veículo. — mordi os lábios de excitação. — O nome dele é Ramón Montenegro e ele faz parte da equipe de segurança de Victório Carlos Casímiro, o CEO da GEM – Global Engenharia Massafera.

Então as minhas suspeitas estavam corretas.

— Descobriram sua localização? — comecei a andar em círculo, mantendo uma das mãos no queixo, analisando como iniciar os meus planos.

— Temos todos os dados dele e dos

familiares. — parei subitamente e respirei fundo.

— Quero apenas os dele. Primeiro vamos acertar o peão e depois eu irei me entender com Victório. — assenti com a cabeça.

— Devo preparar uma operação?

— Ainda tem dúvida? — arqueei uma sobancelha, mirando-o nos olhos.

— Segundo nossos homens, ele chega em casa por volta das vinte e três horas. Contudo, há um pequeno problema.

— Qual seria?

— A esposa e os filhos também estarão lá.

— Providencie para que ele não chegue em casa. A família dele não pode ser culpada por seus atos criminosos, não os envolva.

— Como quiser, senhor. Assim que o alvo for capturado, darei-lhe um retorno.

— Ótimo. — assenti com a cabeça, seguindo em direção à porta.

— Antes que eu me esqueça... — parei com a mão na maçaneta. — O seu pai nos ligou fazendo muitas perguntas. Essa pequena movimentação na empresa atraiu sua atenção.

— Entendo.

— Devo providenciar alterações na operação ou não há necessidade?

— Deixe como está. Com meu pai eu me entendo. — Maurício assentiu com a cabeça. — Quantos seguranças temos aqui?

— Oito seguranças. E como foi pedido, o efetivo da Clínica do Prazer aumentou de vinte para cinquenta homens preparados para lidar com qualquer eventualidade.

— Perfeito. Continue conforme o planejado e qualquer novidade, avise-me. — ordenei,

deixando a sala.

A empresa da minha família é uma sólida referência quando se trata de segurança empresarial e patrimonial. Prestamos serviços para a primeira clínica de Miguel, e tornamo-nos bons amigos. De lá para cá, tornou-se uma incrível parceria

Lembro-me da sua reação quando o informei que participaria da seletiva para ser o primeiro sucessor do Doutor Prazer.

“O que um bilionário como você quer atuando nesse ramo? Você já tem tudo que precisa para ter qualquer mulher”.

Prontamente o respondi:

“Não quero qualquer mulher. Quero aquela que desperte em mim o que não senti com nenhuma outra”.

E no meio daquela conversa, Janaína passou por nós e eu descobri que ela era aquela mulher. Foi preciso vê-la uma única vez para saber que a

razão do meu coração ter batido mais forte que nunca era ela. Apesar de ela parecer tão focada no trabalho que sequer me notou.

Foi a primeira vez que senti algo assim por uma mulher e, confesso, era estranho. Afinal, naquela altura, Janaína era uma completa desconhecida. Depois daquele dia, passei a observá-la de perto, anotando mentalmente tudo que Miguel dizia-me a seu respeito. E cá estou eu, atrás de uma mulher desafiadora e que já deixou claro que não cairá facilmente em meus encantos.

Não poderia ser melhor!

• • •

Por volta das vinte horas, bati na porta do quarto de Janaína e como não obtive resposta, entrei. Paralisei por completo ao vê-la de calcinha e sutiã, enquanto ela estava com a boca entreaberta e os olhos afinados. *Juro que ouvi o som do chocalho de uma cascavel.*

— Ocupada?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não está vendo?! — ralhou completamente corada e puxou a toalha que estava em cima da cadeira para enrolar o corpo.

— Ótimo, assim posso ajudá-la. — fechei a porta e segui em sua direção; seus olhos se arregalaram ela sutilmente pegou uma escova de cabelo, deixando a mensagem de *pronta para se defender*.

— Vai escovar os meus cabelos? — sacudi a cabeça, passando por ela e, quando parei de frente ao guarda-roupa, o abri. — Vejamos...

— O que está fazendo?!

— Procurando um vestido. Na verdade, o seu melhor vestido. — espiei-a por cima dos ombros.

— Para quê?

— Ora, para sairmos.

PERIGOSAS ACHERON

— Quê?

— Vamos sair. Você anda muito rabugenta e precisa dar um tempo em tudo.

— Mas eu não quero ir. — acertou a escova na penteadeira. Simplesmente a ignorei, continuando a minha procura.

— Esse... — sussurrei, retirando um vestido longo e vermelho do cabide. Era repleto de escamas brilhosas, não muito decotado na frente e com as costas abertas.

— Isso não é meu! — Janaína cruzou os braços.

— Qual é o seu tamanho? — encarei-a.

— Quarenta e dois. — disse, erguendo os ombros.

— Então é seu mesmo.

— Ah, eu tinha me esquecido. Engordei um

pouco e agora uso quarenta e quatro. — ela forçou um sorriso.

— Dois números a mais ou a menos não tem diferença. Que tal experimentar? — arqueei uma das sobrancelhas.

— Eu já disse que não vou sair hoje!

— Se não formos a essa boate hoje, vou acompanhá-la de joelhos até a clínica.

— Não vou.

— E farei isso com uma coleira no pescoço.

— Não vou e não vou!

— Completamente nu. E mandarei chamar todos os repórteres disponíveis, assim seus pais e todo o país poderão acompanhar seu trabalho de perto.

— Não... — ela entreabriu a boca, semicerrando os olhos. — Eu já disse que estou

começando a te odiar?

— Dizem que quando o sentimento é muito intenso, pode-se tornar ódio e amor ao mesmo tempo.

— Isso é chantagem. — Janaína rosnou, sacudindo a cabeça.

— É para o seu bem. Se você continuar nesse ritmo, vai se tornar uma solteirona malcomida que usa consolo todos os dias da vida. — levei ambas as mãos à cintura e ela gargalhou. — O que foi?

— Ao menos o consolo não decepçiona. — Janaína disparou e prosseguiu: — Isso não é da minha conta, mas... Prestando um pouco de atenção em você, responda-me uma coisa? — adotou uma expressão sacana.

— Sim, qualquer coisa.

— Você sempre anda rebolando e eu nunca tinha reparado nos seus gestos, mas te vendo

colocar as mãos na cintura agora...

— Ora, sem chance. — adiantei-me.

— Você é gay? — ela prosseguiu. — Seja sincero. Talvez essa fixação comigo seja apenas uma ilusão em se tornar um homem hétero ou coisa parecida.

Ela estava tentando me provocar, mas não conseguiria nada com isso. Não que eu tenha problemas com esse tipo de coisa. Vejo prazer como prazer e, se por acaso acontecesse uma suruba, comeria todo mundo.

— De fato ando rebolando, mas você deve ter notado que sou grande em todos os sentidos. — mordi os lábios fazendo-a corar, lembrando-a do dia em que ela invadiu meu quarto e me viu nu. — Ouvi dizer que as mulheres adoram homens com bunda. — joguei-lhe uma piscadela e precipitei-me em direção à porta, mas acabei parando ao ver uma muda de roupas no chão. Abaixei-me e peguei sua calcinha, voltando-me a ela. — Posso ficar com essa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é realmente inacreditável. — bateu as mãos na coxa e as subiu para a cintura. — Que porra quer com as minhas calcinhas? — arqueei uma das sobrancelhas, contendo um sorriso. — Não, não responda. — ela levou a cabeça para trás, torcendo a boca.

— Vou tomar uma ducha e estarei te aguardando no *hall*. — assenti com a cabeça e me retirei.

Apressei-me pelo corredor para tomar meu banho, sem deixar de cheirar sua calcinha a cada cinco segundos. Se ela soubesse como me deixa louco, certamente já teria fugido da minha presença...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO ONZE

POR JANAÍNA



— Ele acha que vai mandar em mim agora?
— esganei o sabonete, cerrando os dentes em fúria.
— *Só eu posso sanar suas necessidades.* — o
imitei entre uma careta e outra.

Saí do banho e segui diretamente para o guarda-roupa. Respirei fundo e comecei a pensar em uma solução cabível para aquela situação. Então você quer brincar, Donovan? *Vou entrar no seu jogo, mas saiba que é para dar xeque-mate!*

Deixei o vestido de lado e optei por uma saia xadrez que batia nas coxas, salto agulha vermelho e uma camisa de manga longa branca. De frente ao espelho não pude deixar de notar que as marcas no rosto estavam quase imperceptíveis, nada que uma maquiagem leve não cobrisse. Passei um batom bem chamativo, depois penteei os cabelos e os sequei com o secador, deixando-os soltos. Por fim, peguei uma bolsa branca de mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai se arrepender de tentar jogar comigo, Donovan Davies. — ergui o queixo e precipitei-me ao seu encontro.

Quando surgiu no topo da escada, ele prontamente levantou-se do sofá, boquiaberto. Esbocei um sorriso discreto e descí de forma elegante, parando em sua frente.

— O que foi?

— Quer me enfeitiçar? Se esse for seu plano, conseguiu.

Don usava uma calça jeans azul-marinho e uma camisa branca, combinando com um blazer e sapatos marrons, sem mencionar que ele parecia ter retocado os cabelos. Não posso negar, ele estava muito bonito.

— Pensei já ter feito isso. — engoli em seco e joguei-lhe uma piscadela. Era tudo parte do plano e eu não devia me esquecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É verdade, eu era o feitiço. — brincou, estendendo-me um dos braços. — Vamos, Doutora Paixão? — arqueei uma sobrancelha e sacudi a cabeça.

— Sem gracinhas ou vou lhe golpear onde mais dói. — avisei com antecedência, enquanto caminhávamos até a garagem. — E saiba que só estou indo por ter sido chantageada.

— Foi pelo seu bem.

— Tenho até medo de imaginar o que você pensa em fazer pelo “meu bem”. — balancei a cabeça.

— Eu mataria por você. — disse sério e quando o encarei, ele logo manteve a mesma expressão. — Faria sem pensar duas vezes. — emendou, me fazendo estremecer.

— Não gosto dessas brincadeiras. — torci a boca e ele sorriu. — Idiota.

— Sinto que fico assim na sua presença.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Discordo. Você é um idiota em tempo integral. — soltei-me dele, que abriu a porta para eu entrar no carro. — Obrigada. Cadê o motorista? — aconcheguei-me no banco do passageiro.

— Eu sou o motorista.

— Se você dirigir tão bem quanto faz cantadas, temo não chegar ao nosso destino.

— As minhas cantadas são ruins? — ele ergueu as sobrancelhas, encarando-me com incredulidade.

— Aonde vamos? — ignorei sua pergunta, fazendo outra.

— Surpresa.

— Odeio surpresas. — contrapus-me de imediato.

— Que mulher não gosta de surpresas? — Don me encarou espantado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez eu não seja mulher. Vai saber, não é mesmo?

— O cheiro da sua calcinha não mente. — gargalhou, me fazendo socá-lo no braço.

— Seu pervertido maldito! — rugi, agora ciente do que ele queria com minhas calcinhas.

— Tento não ser, mas você me provoca. — deu de ombros, acelerando o carro.

Após um breve silêncio, Don ligou o som e a música que tocava não poderia ser mais irritante.

Can you blow my whistle baby, whistle baby
Let me know
Girl I'm gonna show you how to do it
And we start real slow
You just put your lips together
And you come real close
Can you blow my whistle baby, whistle baby
Here we go
Wistle – Flo Rida.

PERIGOSAS ACHERON

— Pare.

— O carro?

— De cantar. Você é péssimo nisso. —
revirei os olhos.

— Não curtiu a música? — revezou os
olhos entre mim e o volante.

— Deveria? Que tipo de cara pede para ela
soprar seu apito? — respirei fundo.

— O tipo que sabe que ela está a fim, mas
não quer se render a ele. — mordeu os lábios, me
deixando ainda mais irritada.

— “A fim” abre várias possibilidades e
matar seria uma delas.

— Que fetiche diferente esse seu. — rimos.

— Você é muito descarado. — passei a
língua pelos dentes, sacudindo a cabeça. — Acho

PERIGOSAS NACIONAIS

que é o homem mais descarado em todo o mundo.

— Gostei do elogio.

— Eu sei que sim.

Don desacelerou quando chegamos em uma rua muito movimentada, com carros parados de ambos os lados e foi quando dei-me conta de que estávamos na porta da *Riviera Dance*, uma das boates mais badaladas de São Paulo.

— Chegamos. — apontou o carro no estacionamento privado da boate.

— Conhece o dono? — mirei-o rapidamente, voltando os olhos à fila gigantesca que havia na porta.

— É um velho amigo meu.

Assim que Don estacionou o carro e descemos, ele guardou os óculos escuros e estendeu-me uma das mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Antes. — ergui o indicador. — Só tenho uma condição.

— Diga.

— Sem bebida, ok? — encarei-o nos olhos, inteiramente decidida quanto aquele pedido.

— Entendido, Doutora Paixão. — Don assentiu com a cabeça e eu finalmente peguei em sua mão, deixando-o me conduzir.

Pegamos o elevador e subimos para a área *vip*. Assim que nos sentamos, um homem tão bonito quanto ele surgiu na porta.

— Quanto tempo, Donovan! — disse todo empolgado, abrindo os braços e Don não hesitou, levantou-se e o abraçou.

— Realmente, faz um bom tempo.

— Quem é essa linda donzela que está com você? — o amigo dele pousou os olhos em mim. — Por favor, nos apresente.

PERIGOSAS ACHERON

— Janaína, minha futura esposa. — apontou para mim e depois para o homem. — Elson, um velho amigo.

Por instantes, perdi a fala com o "futura esposa". *Qual é o seu problema?!*

— Prazer. — Elson estendeu a mão e eu o cumprimentei. — Coloque juízo na cabeça desse rapaz. — forcei um sorriso. — Bom, agora tenho que ir. Como notaram, a casa está lotada.

Assim que Elson se retirou, voltei-me a Don com cara de poucos amigos.

— Está me olhando do mesmo modo que uma leoa mira uma gazela antes de abatê-la.

— Qualquer dia eu ainda faço isso, Don. Qualquer dia... — sacudi a cabeça, respirando fundo.

Confesso que o ambiente era aconchegante e a música era boa. Nos serviram petiscos e sucos.

Don não pareceu se importar com a bebida, mas ele estava inquieto.

— O que foi?

— Quero dançar.

— Então vá.

— Com você. — sorriu e me encarou com os olhos mais pidões que eu já havia visto. — Por favor. Viemos nos divertir, não foi?

— Não, eu fui obrigada a vir.

— Isso não é verdade. Você tinha opções.

— Eu não chamaria aquilo de opções.

— Janaína, por um segundo, pelo amor de Deus, pare de ser rabugenta e curta a vida. Em um piscar de olhos você terá quarenta anos e o que terá feito?

— Serei uma mulher de sucesso e... —

PERIGOSAS NACIONAIS

emudeci quando ele se levantou e parou na minha frente.

— Vai andando ou terei de levá-la no colo?
— ameaçou entre risos.

— Não se atreva!

— Por favor. — estendeu-me a mão outra vez. — Só uma música e voltamos. Prometo que te deixo em paz o resto da noite.

— Promessa é dívida. — respirei fundo, colocando-me de pé e passei as mãos pela saia. — Uma música apenas.

Descemos para a pista de dança. Confesso que tinha muito tempo que eu não dançava e era um pouco estranho estar fazendo isso agora. Comecei sem jeito, mas logo consegui me adequar ao ritmo.

— Não imaginei que dançasse tão bem. — comentou Don ao me rodear.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou sem prática.

— O seu sorriso é algo raro de se ver e por isso é tão lindo. — Don sussurrou em minha orelha e pousou ambas as mãos em minha cintura, fazendo-me tirá-las imediatamente.

— Um segundo. — disse, sumindo no meio da multidão.

Aproveitei o momento para ir até o *barman* para pedir um copo de suco de abacaxi com hortelã e limão. Eu estava tão elétrica que tomei a bebida aos goles e voltei para a pista de dança.

— Só mais uma? — Don voltou, parando em minha frente, com ambas as mãos no bolso.

— Você disse isso quatro músicas atrás.

— Prometo que essa é a última.

— A última?

— A última. — ele sorriu.

Começou a tocar *A Thousand Years de Christina Perri* e, pouco a pouco, os casais foram se formando na pista de dança. Senti meu coração se acelerar e abaixei a cabeça.

— Acho melhor irmos... — perdi a fala quando ele ergueu meu queixo, encarando-me diretamente nos olhos. Sem dizer nada, o senti passar meus braços pelo seu pescoço, pousando, outra vez, as mãos em minha cintura.

— Prometemos que seria a última.

— É... — respondi sem jeito.

Em silêncio, rendi-me à melodia da música e dançamos com os corpos quase colados, em meio a passos lentos.

— Consigo ouvir seus batimentos. — Don sussurrou em minha orelha. — Sinto sua respiração tão ofegante quanto nunca.

— É que essa letra mexe comigo. — menti,

PERIGOSAS NACIONAIS

respondendo baixinho.

— Então essa será a nossa música. — Don levou a mão a minha nuca e suavemente, fez-me deitar o rosto em seu ombro.

— Quem decidiu isso?

— O momento. — sussurrou outra vez, fazendo-me arrepiar.

Por que o meu coração está batendo mais forte? Eu não posso me relacionar com você de modo algum, Don. Os homens só servem para iludir as mulheres...

A música parou, interrompendo meus pensamentos. Afastei-me dele rapidamente, que tombou a cabeça para o lado e disparou:

— “Eu tenho morrido todos os dias esperando por você”. — repetiu um dos trechos daquela canção. — E este é o momento em que eu te beijo? — arqueou as sobrancelhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Este é o momento em que... — fui silenciada quando seus lábios tocaram os meus. Afastei-me dele rapidamente, encarando-o desconcertada.

Deixei-o na pista de dança e saí apressada. Eu conseguia ouvir seus passos atrás de mim. Os meus olhos ardiam, mas eu não queria que ele visse.

— Está tudo bem? — perguntou enquanto voltamos para casa.

— Sim, por que não estaria?

— Quando entrei no carro e mirei seus olhos, pensei ter visto lágrimas.

— Pensou errado! — ralhei, virando o rosto na direção oposta a ele.

Ao chegarmos em casa, subi para o quarto e sentei-me na cama, sentindo um aperto no coração. Uma angústia sem razão havia se apossado de mim. Era como se meus sentimentos estivessem lutando

PERIGOSAS ACHERON

entre si.

— Janaína? — Don bateu na porta, mas não o atendi. — Se eu fiz algo na boate que te magoou, por favor, me diga e eu irei embora para sempre.

Respirei fundo e recompus-me antes de respondê-lo.

— Iria embora mesmo?

— Eu não suportaria a ideia de ter feito a mulher que amo chorar. — pisquei os olhos algumas vezes.

Eu estava pronta para convidá-lo a ir embora, para sempre, mas aquilo me deixou completamente muda. Foi quando me lembrei da conversa que tive com Miguel.

“Ele rejeitou ser meu primeiro substituto apenas para estar ao seu lado”.

— Boa noite, Janaína.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa noite, Don. — respondi baixinho, aninhando-me na cama, como uma criança faz ao buscar o colo da mãe.

As coisas não aconteceram como eu queria, contudo veio o xeque-mate. Era só ter respondido *sim* a sua pergunta e ele iria sumir da minha vida, mas...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DOZE

POR JANAÍNA



Os primeiros raios de sol atravessavam a janela e eu seguia encarando o teto, pensando sobre tudo e, ao mesmo tempo, sobre nada. Como cheguei a esse ponto? Rabugenta, amarga e sem nenhuma ambição a não ser o trabalho?

Do outro lado da porta deste quarto há um *homão da porra* disposto a tudo para ter-me e eu simplesmente me recuso a ele. O que aconteceu para esfriar meu coração ao ponto de deixá-lo quase congelado?

“Amanhã é o seu casamento com Esdras Sampaio”, a voz de mamãe repentinamente ecoou em minha cabeça.

Quando dei por mim, estava chorando sem parar. É verdade, eu nunca superei o que aconteceu comigo no interior. As pessoas me olhavam e eu sentia como se quisessem gritar: *lá vem a noiva*

PERIGOSAS ACHERON

abandonada no altar.

[...]

Eu havia acabado de completar vinte anos e estava noiva há três. No interior é bem comum as moças se casarem cedo.

Esdras era o homem dos sonhos. Trabalhador, atencioso, romântico e muito bonito. Os cabelos lisos batiam na nuca, os olhos negros e o rosto fino, quase de um modelo. Ele chamava a atenção por onde passava; apesar disso, Esdras não era nenhum exemplo *fitness*, pelo contrário, tinha um corpo normal.

— O seu pai acabou de chegar da loja de vestidos e gastou uma fortuna. — disse mamãe toda empolgada.

— Não precisava, mamãe. — abracei-a, pousando uma das mãos em seus cabelos, afagando-os. Quando afastei-me, abri um largo sorriso, mirando-a nos olhos. — O importante é que vou me casar com o homem que amo.

— Ele é um bom rapaz.

— Claro que é. Se não fosse, nunca teria permitido o namoro com a minha princesa. — disse papai entrando na sala. — E ouvi a parte do vestido. Sabe há quantos anos venho guardando essas economias? — arqueou uma sobrancelha e puxou-me para um abraço. — Te amo tanto minha filha, que juro por Deus que se ele não te fizer feliz, eu o castro.

Gargalhamos.

Como ele não poderia me fazer feliz se nós nos amávamos?

— Acompanhei seu pai até a loja. — Bárbara surgiu do nada. — O vestido é realmente lindo. — disse, aproximando-se e segurando minhas mãos. — Vai ser a noiva mais bonita que já houve nessa cidade.

— Ela ajudou a escolher. — papai emendou.

— Obrigada, Bá. — abracei-a com força, em seguida segurei-a pelos ombros. — Não sei como agradecer por todo seu apoio. E, mais uma vez, obrigada por aceitar ser uma das minhas madrinhas.

— Por nada.

Bárbara foi a primeira a chegar. Já fazia três meses que estava conosco ajudando a cuidar de tudo, nos mínimos detalhes. Crescemos juntas, mas por conta de uma proposta de trabalho, seu pai mudou-se com a família para uma fazenda, onde atuaria como gerente.

Ela era uma mulher linda. Cabelos longos e ruivos, olhos verdes, quadril largo, cintura fina e busto grande. Em termos de beleza, Bárbara realmente foi abençoada.

— Você é uma mulher muito sortuda. — Bá comentou, esticada na cama.

— Eu sei. Ele é maravilhoso. — respondi,

dando um longo suspiro enquanto admirava as estrelas através da janela. — Sempre sonhei em encontrar o meu príncipe encantado, mas não imaginei que aconteceria tão depressa.

— É tão bom que parece ser mentira. — usou um tom estranho.

— Ora, o que quer dizer com isso? — franzi a testa, voltando-me a ela.

— Quero dizer que... Ele é um em um bilhão. — explicou-se rapidamente, tirando qualquer sugestão boba da minha mente.

— Está completamente certa. — assenti com a cabeça.

No interior temos essa coisa de tradição e nos dias que antecedem o casamento, o noivo é proibido de ver a noiva. E naquela época, em se tratando de uma pequena cidade, telefone era coisa de rico, o que não era o nosso caso.

— Estou louca para vê-lo. — foi a primeira

coisa que comentei ao sentar-me na mesa do café.

— Daqui algumas horas o verá. — mamãe parou ao meu lado, beijou minha testa e seguiu para a pia.

— Onde estão papai e Bárbara?

— Ah, eles foram para a igreja terminar de organizar as últimas coisas.

— Estou ansiosa. — confessei, esfregando os dedos uns nos outros.

— Desse jeito vai ganhar cinco quilos antes de subir ao altar. — mamãe pegou a tigela com vários pedaços de bolo a minha frente. Olhei-a sem entender. — Você comeu seis pedaços!

— Comi? — ergui as sobrancelhas.

— Comería todos os outros sem notar. — revirou os olhos. — Acalme-se, minha filha.

— Não consigo. Eu não o vejo há dias... —

PERIGOSAS NACIONAIS

sacudi a cabeça. — Preciso vê-lo, mamãe. —
coloquei-me de pé.

— Só mais algumas horas. — mamãe
insistiu.

E assim, obriguei-me a esperar. Papai
voltou para casa sozinho e minhas tias e mamãe
ajudaram-me a colocar o vestido. Era um longo
vestido branco de seda e babados, que tinha uma
enorme cauda e uma tiara com véu.

Chegou a hora.

A cada segundo que eu seguia de pé no
altar, segurando o buquê de flores, o meu estômago
se revirava ainda mais. Eu conseguia ver as pessoas
cochichando, esbanjando comentários maldosos e
piadinhas. Os meus olhos lacrimejavam sem parar,
mas meu pai permaneceu ao meu lado o tempo
todo.

— O que aconteceu? — perguntei baixinho
com voz de choro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Provavelmente o carro quebrou, mas ele virá.

Passou-se uma hora e nada de Esdras aparecer. Duas horas... Os convidados começaram a ir embora e eu seguia de pé na igreja. O meu pai cuspia fogo pelas ventas, andando de um lado a outro com um facão na mão, aos berros: “vou matá-lo quando o ver”.

E mamãe tentava me tirar do altar, mas eu insistia em ficar ali, pois Esdras me disse muitas vezes que eu era a mulher da sua vida e que me amava. Então, algo sério havia acontecido para ele não ter aparecido.

— Minha filha, temos que ir...

— Esdras está chegando, mamãe. Eu sei que está... — encarei-a, enquanto as lágrimas desciam por meu rosto.

— Filhinha... — ela suspirou, fungando. — Ele não virá mais...

PERIGOSAS ACHERON

A família do noivo e a minha eram as únicas que permaneciam no local e nenhum deles sabia dar uma explicação. Havia uma perplexidade mútua com sua ausência.

Por dias chorei e por meses guardei aquela dor no meu coração. Esdras simplesmente havia sumido e eu sequer fazia ideia do que acontecera com ele. Contudo, em uma manhã, ouvi meus pais conversarem.

— O maldito está na capital com Bárbara, sua sobrinha. — disse furioso, em tom acusatório.

— Quem imaginava que ela fosse fazer isso com a nossa Janaína? Elas se tratavam como irmãs...

— Mas fez! — papai rugiu, levantando-se da mesa, antes de sair de casa para esfriar a cabeça.

O meu coração partiu-se como cristal. Então foi isso que aconteceu, ele me trocou por outra? E logo a mulher que permaneceu ao meu lado no casamento fracassado e que me abraçou quando

íamos embora, após a certeza de que o noivo não viria.

Fui traída duas vezes. Pelo homem que eu amava e que jurou me amar e por aquela que considerei como uma irmã.

O amor transformou-se em ódio e a cada nova notícia eu os detestava ainda mais. Seis meses depois se casaram e anunciaram a chegada do primeiro filho. Senti-me no fundo do poço e esse foi o motivo real pelo qual deixei o interior e fui buscar uma vida nova na cidade grande.

E, talvez, seja esse o motivo do meu coração ter endurecido dessa forma, mas... Preciso superar para poder seguir em frente.

[...]

— Aquela Janaína morreu. — passei as mãos pelo rosto, enxugando minhas lágrimas. Respirei fundo e coloquei-me de pé, cerrando os punhos. — E deu lugar a outra Janaína, também conhecida como Doutora Paixão!

Passou da hora de mudar e *foda-se* o que as pessoas vão dizer. Eu simplesmente me cansei de tentar agradar os outros. Agora vou viver a vida como se não houvesse amanhã.

CAPÍTULO TREZE

POR DONOVAN DAVIES



Dei um tempo, pois muitas vezes só ele pode colocar as coisas no lugar. Apesar de que...

— Quase meio-dia e ela ainda não desceu.
— murmurei, mirando o grande relógio que ficava em cima da porta principal.

— Senhor Donovan. — girei a cabeça para o lado, mirando Amélia, minha governanta. — O almoço está pronto.

— Estou indo chamar a senhorita Janaína. Pode preparar a mesa. — Amélia assentiu.

Levantei-me e marchei em direção ao quarto dela. Ao parar na porta, respirei fundo e dei dois toques de leve.

— Senhorita?

— A porta está aberta. — ela gritou.

Assim que abri a porta, deparei-me com Janaína apenas de calcinha e sutiã, separando todas as roupas; algumas na cama e outras no chão. Ao virar-se para mim, dei-lhe as costas.

— Perdão, eu não sabia que você estava apenas de...

— Don, essas que estão no chão você vai doar. — começou, me fazendo arquear uma sobancelha. — Essas que estão na cama, por gentileza, peça para uma das moças colocarem novamente no guarda-roupa.

Eu não estava entendendo nada. *E a bronca? E os olhos felinos e punhos cerrados?*

— Don! — chamou-me em tom de repreensão e quando espiei-a por cima do ombro, ela sacudiu a cabeça. — Olhe para mim quando eu estiver falando.

— Sim, senhorita. — girei o corpo em sua

direção e foi inevitável; meus olhos subiram por seu corpo. E se ela notou, ignorou.

— Não se esqueça: — Janaína começou a enumerar com os dedos. — Amanhã cedo iremos comprar roupas novas. Depois quero passar no salão para mudar o meu corte de cabelo e, talvez, experimentar a massagem que a clínica oferece.

— Tudo anotado. — contive um sorriso de canto, já tendo em mente quem seria o homem a tocar seu corpo.

— O que você queria mesmo? — passou por mim e separou uma saia e uma blusa na cama, colocando ambas as mãos na cintura.

— O que eu queria? — murmurei, perdido em tantas ideias. Assim que ela encarou-me, sorri. — Ah, sim! O almoço está pronto.

Os meus olhos e a minha mente perdiam-se no corpo dela. O meu pau pulsava sem parar dentro da calça e uma simples olhada denunciaria minhas intenções, mas, em momento algum ela o fez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Janaína estava diferente e eu não sabia dizer se isso era bom ou ruim, muito menos o que a havia motivado.

— Excelente escolha. — aponte para as peças que ela separou e joguei-lhe uma piscadela, seguindo para a porta. — Estou esperando-a.

— Não demoro.

Fechei a porta atrás de mim e respirei fundo. Apertei meu pau levemente na tentativa de acalmá-lo e segui para a mesa do almoço, onde a aguardei.

Fizemos a refeição em silêncio. Eu estava mais concentrado nela do que na comida, ao ponto de conseguir espetar a boca, fazendo-a sangrar.

— Don? — ergui as sobrancelhas e ela sorriu. — Você está aéreo hoje. Aconteceu alguma coisa?

Isso é sério?

PERIGOSAS ACHERON

— Na verdade... — primeiro limpei a boca, depois apoiei ambas as mãos na mesa. — não, mas espero muitas novidades.

— Faço das suas palavras as minhas.

Após o almoço, Janaína subiu para o quarto, pois queria descansar. Permaneci na sala, ainda intrigado. Como não ficaria?

O celular tocou. *Maurício*.

— Boas notícias, espero.

— Ele está conosco. — senti meu sangue ferver.

— Mande-me a localização. Estou indo imediatamente. — levantei-me do sofá. — Não toquem nele, isso é trabalho meu.

— Sim, senhor.

Desliguei o telefone e segui para a garagem. Entrei no carro e dirigi-me para um dos terrenos da

empresa da minha família — Security Company Davies —, onde futuramente comportariam novas instalações. Ao estacionar o veículo, peguei a garrafa de vinho e instantaneamente, as palavras dela ecoaram na minha cabeça.

“Só tenho uma condição. Sem bebida”.

Desci do carro com a garrafa na mão. Maurício aguardava-me na entrada. O local era completamente murado e tinha um enorme barracão em seu centro.

— É uma festinha? — ele disse em tom de deboche.

— Para você. — entreguei-lhe a garrafa e apressei-me para entrar, antes que me arrependesse e a tomasse de volta.

O barracão tinha uma sala, cozinha, dois quartos e um banheiro. Ao entrar, deparei-me com cinco homens que desconhecia.

— Eles estão fazendo um bico na empresa

hoje. — disse Maurício.

— Ele falou algo?

— Ainda não.

— E onde está? — Maurício apontou para o quarto dos fundos.

— Espero não ser incomodado. — afinei os olhos, mirando-o fixamente.

— Não será, senhor.

— Tranque a porta e só abra quando eu ordenar. — determinei parado em frente à porta. Maurício assentiu com a cabeça.

Entrei no quarto e o vi amordaçado, com os pés e mãos amarrados a uma cadeira. Assim que ouvi a chave da porta girar, esbocei um pequeno sorriso. Segundo meus informantes, ele tinha trinta e nove anos. O porte físico era normal, os olhos eram castanho-claros e os cabelos curtos.

— Sabe quem eu sou, Ramón? — mirei-o rapidamente, antes de tirar o celular do bolso, juntamente com a carteira, e colocando-os na mesa, o único móvel daquele cômodo pouco iluminado, além da cadeira.

Ele permaneceu em silêncio. Aproximei-me, dobrando as mangas da camisa e esbocei um pequeno sorriso.

— Sabe por que está aqui? — lentamente retirei sua mordaca. — Ora, que indelicadeza a minha esperar uma resposta sem tirar isso. — ergui seu queixo e mirei-o diretamente nos olhos. — Você ainda tem língua, não tem? Responda!

— Você não sabe com quem está mexendo... — sua voz embargou quando o segurei pela garganta, apertando-a com força.

— Não ouvi direito. — esbocei um sorriso de canto e recomecei. — Que tipo de homem tortura uma mulher amarrada?

— O mesmo tipo que faz isso com qualquer

outra pessoa. Qual a diferença? — encarou-me de forma petulante.

— Você não é uma pessoa e chamá-lo de animal é uma ofensa a qualquer bicho da Terra. — enfiei ambas as mãos no bolso, tentando me conter e quebrar sua cara naquele instante. — Todavia, eu sou um homem justo, Ramón.

Ele arregalou os olhos.

— Ramón, cão de guarda de Victório Carlos Casímiro. É, eu sei tudo sobre você, sobre os planos do seu patrão iludindo aquelas duas pobres mulheres e imagino que tenha muito mais, se eu quiser procurar.

— Justo? Solte-me e teremos uma briga justa. — cerrou os dentes, sacudindo-se na cadeira.

— Tem certeza? Se o fizer, não irei me conter.

— Absoluta! — chegou a cuspir quando me respondeu, exibindo olhos que cintilavam de raiva.

Ao mesmo tempo, uma animação sombria brotava dentro de mim.

— Assim seja. — primeiro retirei as amarras das mãos e afastei-me, deixando-o desatar a corda que prendia seus pés. — Vai me fazer esperar?

Rámon colocou-se de pé e exibiu um sorriso de canto, abaixando a cabeça lentamente. Ele tomou a frente e tentou acertar-me um chute no estômago, mas segurei seu pé, empurrando-o para trás. Ao avançar sobre ele, o soquei várias e várias vezes no rosto e, apesar de ele revidar, eu não sentia nada.

Só senti dor quando afastei-me e percebi que ele havia acertado um soco em cheio no meu rosto. Insistindo, Rámon avançou outra vez e eu o segurei por um braço, passando-o por meu ombro e ao puxá-lo para baixo, joguei-o no chão.

— Eu esperava que fosse me surpreender. Você não é valente com as mulheres? — assim que me ouviu, ele apoiou ambas as mãos no chão para

PERIGOSAS NACIONAIS

se levantar, mas pisei na sua cabeça, fazendo-o beijar o solo. — Ora, ora, perdeu algo aí embaixo? Se quiser, posso ajudar a encontrar. — mordi os lábios de excitação.

— Seu maldito! — berrou e saltou, jogando o corpo contra o meu.

Quando me dei conta, ele estava em cima de mim. Ramón tentou me socar, mas segurei seus punhos e ao unir os pés, acertei-o no peito, jogando-o para longe de mim. O maldito agora arrastava-se pelo chão, com a respiração ofegante, buscando por ar.

— Vim com a intenção de te matar, mas — confessei, andando ao redor dele em passos lentos. — o que ela pensaria de mim? Mesmo tratando-se de um lixo desprezível como você, sujar minhas mãos de sangue seria imperdoável para alguém como ela.

— Sou um homem de sorte então, senhor benevolente. — gargalhou em tom de deboche, fazendo-me acertar um chute em suas costelas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vou te matar, hoje, por isso, ouça bem: — ajoelhei-me no chão e o segurei pelos cabelos. — Aproxime-se outra vez da minha mulher e eu darei um novo significado à palavra tortura. E não pense que acabou, pois mesmo depois de morto, mandarei te cortarem em pedaços e jogar em um rio qualquer para virar comida de peixe. — ralhei, afundando sua cabeça no chão.

Coloquei-me de pé, ajeitei a camisa e peguei o celular e a carteira.

— Diga ao seu chefe que Donovan Davies mandou-lhe um recado: em breve teremos uma conversa. — falei em bom som para que não houvessem dúvidas e, por fim, bati na porta do quarto.

Maurício não demorou a abrir a porta e, quando me viu, arregalou os olhos. Foi o prazo de ver o sangue em minha roupa para sacar a arma e apontá-la na direção de Ramón.

— Acalme-se. — toquei em sua mão,

PERIGOSAS NACIONAIS

abaixando. — Garanta que o nosso convidado chegue são e salvo em casa. — voltei-me a Rámon que seguia estrebuchado no chão, encarando-me com os dentes cerrados e olhos malignos. — Hoje em dia qualquer um pode ser espancado sem razão por um grupo de bandidos. — esbocei um sorriso de canto.

— Mudou de ideia a respeito de que fim dar a ele?

— Não vale a pena sujar minhas mãos com um parasita desses. — *además, o que Janáina pensaria de mim se sonhasse com algo desse tipo?*

Puxei a porta, fechando-a.

— E quanto à prisão? — Maurício sussurrou.

— Só depois que ele der meu recado ao seu chefe.

— E como vamos saber?

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho certeza de que vou saber. —
toquei em seu ombro e segui para a sala.

Os demais homens de prontidão ali encaravam-me assustados, mas não disseram uma única palavra. Ao notar a garrafa de vinho sobre a mesa, apontei para ela.

— Bebam. Isso é uma comemoração! — e com um aceno de mão, despedi-me deles.

Consegui entrar em casa sorrateiramente e tomei uma boa ducha. Para evitar perguntas, coloquei minha roupa para lavar e segui para a cozinha, apenas de samba-canção.

— O que é isso em seu rosto? — mirei Janaína e segui tomando meu suco. Quando terminei, coloquei o copo na pia. — Envolvi-me em uma briga com a porta.

— Você bebeu? — ela franziu a testa.

— Não, mas devo confessar: foi prazeroso!
— gargalhei. — Antes tivesse bebido para justificar

PERIGOSAS NACIONAIS

tamanha atrocidade nessa perfeição. — aponte para o rosto, fazendo-a revirar os olhos. — Ademais, sua condição para sair comigo seria que eu não bebesse.

— Fico feliz em ver que está controlando seu vício.

— Tenho uma boa motivação. — apoiei ambas as mãos na pia, fitando-a com atenção. Ela sorriu e simplesmente deu-me as costas.

Sem moderação alguma, acompanhei seu rebolado de longe, até que a vi sumir nas escadas.
Janaina, você é minha salvação ou minha perdição?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUATORZE

POR JANAÍNA



Havia um misto de espanto e excitação — o que não era anormal — nos olhos de Don. Sem dúvida, ele notou a minha mudança repentina, mas mal sabe quantas vezes gritei por dentro ao ousar daquele modo.

Faltava-me prática. Nada que não seria resolvido com o passar dos dias, afinal, essa era a minha decisão final.

Pela manhã, aprontei-me e seguimos o cronograma que eu havia feito. Passamos em uma loja de roupas, onde rendi-me a saias, blusinhas e alguns vestidos decotados.

— O que acha deste? — mostrei a ele um vestido sem alça, vermelho e com uma fita dourada na cintura que se prendia com um laço.

— É bonito, mas ainda prefiro os outros.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os decotados? — ergui as sobrancelhas e ele sorriu. — Estou começando a tomar apreço por eles, mas na rotina de trabalho, creio que esse seja o ideal.

— Vai usá-lo todos os dias? Tipo um uniforme?

— Sim. Algum problema?

— Nenhum. Eu até diria que é uma ideia muito boa.

— Eu sei. — mordi os lábios e apressei-me até uma das vendedoras. — Quantos desse mesmo modelo, cor e tamanho vocês tem aqui?

— Vou verificar, senhorita.

— Obrigada.

Espiei-o por cima dos ombros, procurando-o para me acompanhar até o provador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Temos uma boa remessa desse vestido, senhorita. — a vendedora voltou.

— Vou experimentar.

— O provador fica naquela direção. — apontou com a mão e quando voltei-me a Don, o vi analisando algumas peças ao lado dos expositores de calcinhas. O meu rosto corou imediatamente.

— Obrigada.

Marchei em sua direção e parei ao lado de Don; ele mirou-me rapidamente, pegou um conjunto de peças íntimas, analisou-o cuidadosamente e disparou:

— Estou escolhendo qual vou te dar.

— Não lembro de ter pedido. — rosnei, entrando no provador.

— Maldito do homem que só dá algo a uma mulher quando ela pede!

PERIGOSAS ACHERON

Senti um arrepio percorrer meu corpo ao ouvi-lo responder de forma sensual. Entrei no provador, retirei minhas roupas e experimentei o vestido, que tinha um zíper nas costas.

— Don. — chamei-o. Em questão de segundos, ele enfiou a cara dentro do provador. — Ajeite o zíper, por favor.

Quando suas mãos grandes tocaram minhas costas, meu corpo se aqueceu inteiro. Permaneci em silêncio, segurei meus cabelos e coloquei-os de lado no pescoço. O único ruído que se ouvia, além das nossas respirações, era o do zíper subindo.

— Mudei de opinião.

— Sobre? — girei o corpo, parando com o rosto quase colado ao dele.

— O vestido.

— Por quê?

— O trabalho adicional de subi-lo todos os

PERIGOSAS NACIONAIS

dias será feito com o maior prazer. — sussurrou, mordendo os lábios.

— Os outros também tem zíper. — respondi, tentando controlar a minha respiração.

— Sou apegado a momentos e como esse foi o primeiro vestido... — Don passou a língua pelos lábios e deu dois passos à frente, me fazendo recuar.

— As vendedoras vão pensar que estamos fazendo alguma coisa e...

— E? — ergueu as sobrancelhas, trazendo seu rosto mais para frente, ao ponto de fazer nossos lábios roçarem.

— Senhorita?

— Viu só! — soquei-o no peito e ele gargalhou.

Rapidamente saímos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fizemos nada demais aí dentro. Notou que foi rápido, não é? — Don piscou para ela e saiu caminhando pelos corredores de roupas, enquanto a vendedora o desejava com os olhos, despertando-me certa irritação.

— Onde estávamos?

— Ah, sim. — ela encarou-me desconcertada. — O vestido está perfeito.

— Vou levar cinco.

— É o seu namorado? — mirou Donovan, voltando-se rapidamente a mim.

— Não, ele é o meu assistente.

— Com todo respeito, senhorita, mas se eu tivesse um assistente desses... — sacudiu a cabeça, contendo um sorriso. — Posso fechar o pedido ou tem algo mais que queira?

Quero te agredir! Nem eu mesma sabia a razão daquele sentimento.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode fechar!

Continuamos o trajeto até o salão, onde deixei o corte a critério da cabeleireira, apenas pedindo algo sensual, e o resultado me deixou satisfeita. As pontas foram aparadas e o cabelo ficou ondulado, jogado para o lado esquerdo. Depois de uma breve explicação de como mantê-lo, seguimos para o trabalho. Cogitei usar o salão da clínica, mas eu havia ganhado uma cortesia em um dos mais famosos salões de São Paulo.

Don não tirava os olhos de mim e eu fingia que não notava seus olhos predadores. Quando chegamos, subi direto para a minha sala.

O caso de destaque do dia era o de Elsa, uma mulher de quarenta e quatro anos. Ela pegou o marido na cama com outra e, mesmo destruída por dentro, segue com ele, pois o ama.

— Doutora Paixão, dê-me uma luz! — girou a cabeça em minha direção, ainda deitada no divã.

— Ele alegou que você anda desleixada desde o segundo filho e que as coisas na cama não vão bem. — repeti o que ela havia me contado. — Todavia, isso não justifica uma traição. Sendo franca, nada justifica.

— Falta amor?

— Não necessariamente. Sexo por sexo é feito sem amor. — expus minha analogia e mergulhei nos detalhes. — Quando você os viu, o que fez?

— Parti para cima dela furiosa e a tirei de casa pelos cabelos. — senti certo prazer em seu tom de voz.

— Por quê? — ergui as sobrancelhas.

— Ela estava na cama com o meu marido! — sentou-se no divã, retrucando aquilo um tanto irritada, pois era óbvio para ela.

— Quem tem um compromisso firmado

PERIGOSAS NACIONAIS

com a senhora?

— O meu marido.

— Quem te jurou fidelidade na alegria e na tristeza? — Elsa abaixou a cabeça.

— Ela sabia que ele era casado...

— O pau dele não tem pernas para sair andando e fodendo qualquer boceta que vê na rua. Tem? — ela encarou-me rapidamente, com os olhos arregalados. — Ela estava errada, mas não restam dúvidas de que tudo aconteceu por vontade do seu marido.

Elsa respirou fundo e apoiou ambas as mãos na beirada do divã.

— Acho que a solução é o divórcio. — ela disse, antes de começar a debulhar-se em lágrimas.

— Você me disse que o ama. Então, antes de propor o divórcio, descubra se ele te ama.

PERIGOSAS ACHERON

— Como?

— Sugiro que dê um tempo na relação. —
cruzei as pernas e apoiei um dos cotovelos no braço
do meu trono e pousei meu queixo sobre a mão. —
Os seus filhos não são pequenos e sabem se cuidar.
Então diga que vai viajar e tire uma semana para
você. Se ele for atrás, encare-o nos olhos e saberá o
que ele quer de verdade.

Por instantes, ela pareceu aérea quanto as
minhas palavras. Não demorou para que se
levantasse e respirasse fundo.

— Pensarei sobre tudo isso.

— E se cuide mais. Ser mãe e trabalhar em
casa não faz de você uma empregada. Até mesmo
em casa devemos nos produzir, não para agradar os
homens, mas para nos sentirmos ainda mais
mulher. — Elsa sorriu e assentiu com a cabeça.

Depois de um exaustivo e intenso dia de
trabalho, descansei no sofá do escritório. Don
entrou, trazendo o *cappuccino* que eu havia pedido

PERIGOSAS NACIONAIS

e mirou-me.

— Posso organizar as coisas para irmos embora?

— Esqueceu da minha massagem? — ele negou com a cabeça. — Peça para que um dos rapazes fique. — sentei no sofá e peguei a bebida, dando um pequeno gole. — Caso queira, pode ir sem mim.

— Providenciarei a massagem. — usou um tom sacana, que me fez franzir a testa.

Dez minutos depois, o prazo de eu tomar meu *cappuccino*, Don voltou, anunciando que o massagista estava me aguardando. Seguimos para o quarto andar e ao entrar na sala, deparei-me com um homem forte e moreno, de corpo exuberante, mas que...

— Mande-o vestir um *short*. — disse Don ao notar meus olhos curiosos por conta da pequena mudança.

PERIGOSAS ACHERON

— Cuidadoso como sempre. — contive uma gargalhada e dei de ombros.

— Vou aguardar aqui fora.

— Vai demorar. — joguei-lhe uma piscadela.

Retirei o vestido e fiquei apenas de calcinha e sutiã, um pouco envergonhada, pois aquele homem me era um completo estranho, mas eu sabia que, acima de tudo, seria profissional. Rapidamente deitei-me na cama de massagem, de bruços.

— Doutora Paixão. — o rapaz chamou-me. Assim que o mirei, ele sorriu de forma encantadora. — Quer que eu siga o procedimento normal ou apenas uma massagem?

Que diabos era o procedimento normal?
Permaneci alguns segundos pensando naquilo.

— Apenas uma massagem.

— Como quiser, Doutora Paixão. Feche os

olhos e relaxe, vou apenas pegar os óleos. — instruiu-me e assim o fiz. Os seus passos distanciavam-se cada vez mais.

Provavelmente peguei no sono e acordei com mãos fortes e quentes massageando as minhas costas. Ele subia até os ombros, apertando-os gentilmente e descia me causando uma sensação relaxante.

De repente, seus dedos pararam no meu sutiã e quando ouvi o “click”, girei a cabeça para trás, para dizer que aquilo não era necessário. Fui tomada pela surpresa de sua presença.

— Don?!

— Confie em mim, será melhor. — mordeu os lábios.

Quando passei meus olhos por ele, o vi usando um roupão branco e senti meu coração disparar. Rapidamente sentei-me na cama de massagem e ele aproximou-se, segurando meu queixo enquanto roçava o polegar em meus lábios.

Sem tirar os olhos dos meus, Don sorriu.

— Permita-me continuar de forma mais intensa. — aproximou-se mais de mim, desatando o roupão.

— Eu acho melhor aprontarmo-nos para ir embora e...

Fui silenciada quando sua boca tomou a minha e, mesmo sabendo que não deveria, rendi-me ao momento, acompanhando sua língua. O meu sutiã caiu assim que passei as mãos por seu pescoço, colando meus seios ao seu peitoral.

Os nossos corpos estavam quentes como brasa e quanto mais eu sentia o sabor da sua boca mais o queria dentro de mim. Senti uma de suas mãos subirem por minha nuca, segurando meus cabelos de forma gentil, obrigando-me a tombar a cabeça para trás.

A sua boca acertou meu pescoço em cheio, mordiscando-o com força, na medida certa para me encher de tesão. Lentamente seus lábios desceram

entre meus seios, que ele fazia questão de unir com as mãos. Soltei um gemido baixo quando o senti provocar-me com a língua, roçando no bico do seio esquerdo, quando não dava mordidinhas suaves, puxando-os com os lábios contra si.

Com uma das mãos ocupada, Don usou a mão livre para massagear minha boceta sobre a calcinha. Ele sequer olhava para baixo, mas sabia exatamente onde estimular, ao ponto do meu clitóris clamar por seus dedos.

— Estou apenas começando, senhorita Paixão. — disse ao soltar meus seios e parar a boca próxima a minha orelha.

Gemi mais alto quando sua mão entrou em minha calcinha. Ele queria me torturar, fazendo seus dedos entrarem e saírem da minha boceta. Mordi os lábios, com meu corpo tremulando de excitação.

Don parou subitamente, afastando-se. Assim que pousei meus olhos nele, o vi lambendo os dedos e, ao esboçar um sorriso de canto, ele

desatou o nó do roupão, exibindo-se completamente nu. Os pelos do seu corpo eram bem aparados e seu pau tinha algumas veias saltadas. Apesar de que suas bolas fartas eram inteiramente lisas.

— É isso que te ofereço todos os dias. — ele disse em tom sensual, avançando sobre mim novamente e roubando-me um beijo de tirar o fôlego. Ajoelhou-se no chão, enfiando o rosto em minhas pernas, com ambas as mãos segurando minhas coxas. — Você é minha. — murmurou.

— Eu não tenho... — *dono*. Minha voz travou e ofeguei quando seus dentes mordiscaram minha boceta gentilmente.

Não demorou para que Don tirasse a minha calcinha e me atacasse com força total. Segurei com força na cama, tombando a cabeça para trás, conforme seus lábios beijavam minha boceta, chupando-os com intensidade e gula.

— *Oh!* — gemi, pousando uma das mãos sobre sua cabeça, afundando seu rosto ainda mais

entre minhas pernas.

Usando a ponta da língua, Don estimulou meu clitóris ao ponto de quase me fazer ter um orgasmo, mas quando eu estava quase lá, o maldito parou e colocou-se de pé, lançando-me um sorriso sacana.

— Que menina má. — afinou os olhos e segurando sua rola com uma das mãos, esfregou-a em minha boceta, sem penetrar. — Quer gozar sem mim? — estalou a língua, mordendo os lábios. — Nem pensar!

— Seu... Seu... — ofeguei, procurando palavras para ofendê-lo.

— Todo seu. — Don aproximou o rosto do meu, chupando meus lábios. — Inteiramente seu. — sorriu e pousou uma das mãos em minha cintura, enquanto ele segurava seu pau com a outra, encaixando-a em meu centro feminino. — Desculpe. — ele pediu.

Quando me preparei para perguntar pelo

PERIGOSAS ACHERON

quê, fui surpreendida por sua investida que me fez lacrimejar de prazer. Era uma dor gostosa. Os nossos gemidos ecoavam em coro, como uma única melodia de prazer em meio a movimentos lentos que se intensificavam aos poucos, antes de voltar outra vez ao ritmo inicial.

De repente, o senti puxar-me pela cintura, pegando-me no colo. Segurei-o com minhas pernas, passando a mão por seu pescoço, com ele escorando-se na cama de massagem, antes de começar a me impulsar pela cintura para cima e para baixo em cima da sua rola, que pulsava mais que antes.

Ambos estávamos ofegantes e suados. A sala parecia um forno de tão quente, mas o ritmo tornou a aumentar mais uma vez, ao ponto de nós dois gemermos juntos, em meio a uma troca de sorrisos cúmplices.

Estava chegando, para nós dois. Subitamente cravei as unhas em suas costas, fazendo-o cerrar os dentes, enquanto o som das suas bolas chocando-se em meu corpo ecoava pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto.

Em uníssonos, gememos mais alto que antes, gozando ao mesmo tempo. Contudo, ele não parou, mexendo-se dentro de mim com mais lentidão, enquanto eu permanecia agarrada a ele, completamente exausta.

— Podemos fazer isso a noite inteira. — Don sugeriu usando um tom *sexy* que me arrepiava.

Afastei-me um pouco dele, que finalmente parou, aparentemente tão cansado quanto eu. Esbocei um pequeno sorriso e segurei seu rosto, chupando os seus lábios.

— Por hoje é só. — mordisquei seus lábios e os puxei contra os meus, levantando-me do seu colo, sentindo seu líquido quente escorrer por minhas pernas.

Don prontamente levantou-se e puxou-me pela cintura, fixando seus olhos aos meus, beijando-me uma última vez.

PERIGOSAS ACHERON

— Inteiramente seu, não se esqueça. — ele sussurrou baixinho, antes de se afastar.

INTERLÚDIO DOIS

POR VICTÓRIO



Mantive os cotovelos apoiados na minha mesa e as mãos unidas, enquanto Ramón contava-me cada um dos detalhes da situação em que se meteu. Pior que isso era saber que o serviço não tinha sido bem feito, ao ponto de chegarem até mim.

— Sabe como o prezo, não sabe? — levantei-me, mantendo as mãos apoiadas na mesa. Ramón apenas assentiu. — Contudo, você cometeu uma falha miserável e agora sabem que o mandante sou eu.

— Vou corrigir isso, Sr. Victório. — disse apressadamente.

— Falhas só atraem mais falhas e aqui não temos lugar para isso. — estiquei uma das mãos e puxei a gaveta. De dentro dela retirei uma pistola com silenciador, apontando-a para a cabeça de

PERIGOSAS ACHERON

Rámon. — Foi um prazer tê-lo como aliado, mas se você viver, acabará se tornando uma pedra no meu sapato.

— Senhor... — a voz embargou quando acertei um tiro em sua cabeça.

Sentei-me na minha poltrona e ajeitei meu blazer, em seguida, apertei o botão embaixo da minha mesa. Não demorou para que “Matraca” surgisse no meu escritório. A primeira coisa que seus olhos viram foi Rámon e, ignorando-o completamente, encarou-me.

— Chamou?

— Limpe essa bagunça. — ele assentiu com a cabeça. — Também tenho um trabalho para você. — respirei fundo, cruzando as pernas.

— Sou todo ouvidos.

— Providencie uma investigação detalhada a respeito da mulher conhecida como Doutora Paixão e do seu capacho, Donovan Davies. Quero

saber tudo sobre eles. Qualquer coisa que eu possa ter que usar num futuro não tão distante...

— Será feito. — meneou a cabeça e voltou-se ao corpo, puxando-o pelos braços para fora do meu escritório.

Quer mesmo arrumar problema comigo, Donovan Davies? Que erro fatal você cometeu!

CAPÍTULO QUINZE

POR JANAÍNA



Dentre as roupas que comprei, separei meia dúzia de camisolas de seda e, aquela noite, vesti-me com uma dourada e rendada no decote. Permaneci deitada encarando o teto. A minha mente estava tão longe que se eu fechasse os olhos, conseguiria ver meus temores ganharem vida.

“Quem é Don? Acha que ele irá te salvar de mim? Garanto que você nunca mais irá se meter em assuntos que não são da sua conta”.

Venho tentando não pensar nisso, mas, às vezes, as lembranças daquele dia terrível atormentam-me. Contudo, em meio ao medo há esperança.

Vê-lo entrar naquele quarto e negociar por mim me tirou das profundezas do medo e a única coisa que eu queria era abraçá-lo para nunca mais soltar.

— Donovan Davies, o meu salvador. — murmurei, esboçando um sorriso de canto que logo se desfez. — Não sei se sou capaz de corresponder aos seus sentimentos.

E realmente não sabia. O amor me soava tão distante e utópico que aprendi a ver os homens como objetos que dão prazer. A questão é que, de algum modo, você me balança. Quando olho outros homens, sinto tesão, mas quando olho você, há outro sentimento que se sobrepõe a isso.

Essa noite ultrapassamos todas as barreiras que criei para evitar que isso acontecesse. Quebrei minhas próprias regras e mergulhei na tentação, mas como resistir a um homem tão sedutor e instigante?

O jeito como ele me tocava, beijava meu corpo e me chupava... Don é irresistível no sexo e *santa maria*, como fode bem!

Rolei na cama, deitando-me de lado e pisquei algumas vezes, dando um longo suspiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não irei perder o controle, afinal, sou ou não sou a Doutora Paixão? Se há alguém que impõe controle, essa sou eu!

Pela manhã, tomamos café juntos na mesa dos fundos, que ficava próxima à piscina. Não dissemos nada um ao outro além de “bom dia”.

— Pensei em sairmos mais tarde. — Don mirou-me rapidamente e voltou ao seu café.

Ele usava apenas uma bermuda fina, visivelmente sem cueca, pois o volume marcava o tecido. Não que eu andasse reparando nisso, mas quando ele surgiu em minha direção convidando-me para o café da manhã, foi impossível não notar.

— Talvez. — mesmo sem olhar para mim, pude ver o sorriso de canto em seu rosto. — Don...

— Sim? — ele endireitou-se na cadeira.

— Sobre aquele homem do hotel... — encarei a ondulação das águas na piscina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já resolvi esse assunto. — arregalei os olhos com sua resposta.

— Resolveu como? — franzi a testa, querendo entender o significado de “resolver” naquela situação.

Don respirou fundo e levantou-se, enfiando as mãos nos bolsos da bermuda.

— Fui informado ontem, pouco depois que chegamos em casa, de que ele foi encontrado morto. — arregalei os olhos, mirando-o. — Não tenho nada a ver com isso.

Engoli em seco e respirei fundo, mais aliviada.

— Imagina quem seja o mandante? — Don prosseguiu.

— Acredito que sim. Ele foi bem objetivo quando me deu o *recado*. — senti um gosto amargo na boca e esfreguei os braços com as mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Também vou encontrá-lo. — o tom de voz mudou e ele deu alguns passos, parando em minha frente com os olhos faiscando e o rosto ainda marcado. — Ninguém toca na minha futura esposa e sai ileso. — por fim, sorriu e levou ambas as mãos à cintura, como se nada tivesse acontecido. — Se não andarmos logo, vamos nos atrasar.

Na maior parte do tempo você é um completo cavalheiro, com todas as qualidades que se deve ter, mas, nesse instante, confesso que tive medo de olhar seus olhos. É como se houvesse algo sombrio dentro de você, lutando para sair.

• • •

Quando entrei na minha sala, tive uma grata surpresa.

— Estela! — gritei seu nome e saltei em cima dela, abraçando-a.

— Acalme-se. Desse jeito nós duas vamos nos estrebuchar no chão. — respondeu aos risos. — Eu estava morrendo de saudade.

— Eu também.

Assim que Estela levou uma das mãos ao queixo e passou os olhos por mim, logo entendi. Dei uma giradinha e fiz um cumprimento com a mão.

— Estou perplexa! — abriu a boca, fechando-a rapidamente, para abrir de novo e gargalhar. — O que aconteceu?

— Bom...

— Na, na, ni, na, não. — puxou-me pela mão, conduzindo-me até o sofá. — Sei que tem uma longa história aí e quero ouvi-la inteira. — revirei os olhos.

— Sendo sincera, — sentei-me de lado no sofá e ela fez o mesmo. — reavaliei algumas coisas e acredito que é o melhor.

— Diga para mim que isso não tem nada a ver com o bonitão da sala ao lado. — mordeu os

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios.

— Fale baixo que ele tem excelentes ouvidos! — rosnei. — E não, não tem.

— Certeza? — ergueu as sobrancelhas, toda sorridente.

— Sim!

— E como anda a relação de vocês?

— Está dando certo. No começo tivemos algumas desavenças, e ainda temos, mas está funcionando. — Estela cruzou os braços, fazendo um beicinho.

— Não imaginei que seria trocada com tanta facilidade.

— Dramática. — rimos.

— Então, diga-me ao que devo sua visita aqui. Com certeza não veio apenas fofocar comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como sabe, agora sou a diretora-geral da rede. — balançou os ombros. — E a pedido do Miguel vim ver como estão as coisas.

— Ele ainda está em polvorosa, não é?

— Os olhos do chefão estão centrados aqui. Acabaram-se os dias de glória dos queridos que usam o nome de Doutor Prazer. Miguel agora só quer saber da Doutora Paixão e seu sucesso. — ouvir aquilo fez meu ego inflar.

— Acho que estamos indo muito bem.

— Tiveram algum problema?

— Não... — engoli em seco.

Eu pretendia comentar com Miguel a respeito do caso Alexia mais para frente. Por enquanto, não.

— Isso é bom, mas não tenha dúvida de que os problemas virão. — sorri quando ela disse isso, fazendo-a revirar os olhos. — Eu sei que você já

PERIGOSAS ACHERON

sabe disso, afinal, esse cargo era seu, mas estou tentando ser séria.

— Notei. — gargalhamos.

Estela e eu sempre tivemos uma boa relação. Somos muito amigas e éramos extremamente profissionais quando trabalhávamos juntas, mas, fora do trabalho, duas molecas.

— Então, seguindo o roteiro, hoje você vai me acompanhar nas consultas?

— Exatamente.

— E depois?

— Não sei. Estava pensando em ir naquele barzinho que sempre íamos. O que acha? — arqueou a sobrancelha esquerda.

— Eu vou adorar. Agora até senti falta dos petiscos de lá.

— É realmente muito bom, mas... —

mordeu os lábios. — Posso convidar o Don?

— Pode, sem problemas.

— Vai que ele desistiu da poderosa Doutora Paixão e resolveu olhar para essa plebeia, não é? — Estela mordeu os lábios, com pura expectativa nos olhos.

Senti algo no peito ao ouvir aquilo e disse a mim mesma várias vezes: *ele é solteiro e faz o que quer...*

— No seu lugar, eu faria o mesmo. — pisquei para Estela.

O dia voou e quando nos demos conta, já estávamos no fim do expediente.

— Como esperado da minha mestra, você deu um toque único ao seu modelo de atendimento. — Estela comentou pegando a bolsa de mão.

— Doutora Paixão. — Don entrou na minha sala com uma pequena mala, colocando-a ao lado

da porta. — Senhorita Estela. — ele assentiu com a cabeça mirando-a rapidamente, antes de voltar-se a mim. — O motorista chegou com as peças de roupa. — apontou para a mala. — Vou me trocar e as aguardo na entrada do prédio.

— Obrigada, Don.

Assim que ele se retirou, Estela mirou-me com a expressão mais safada que tinha e abanou-se com a bolsa. Não consegui me conter e gargalhei, levando-a aos risos também.

Subitamente, ela pareceu ter notado algo e não hesitou em perguntar:

— O que é aquilo no rosto dele? — mal fechou a boca para afinar os olhos, lançando-me o peso da acusação. — Você...

— Claro que não! — franzi a testa, revirando os olhos. — Ele surgiu com isso e quando o questionei a respeito, a resposta foi que teve uma briga com a porta.

Gargalhamos. Apesar do riso, fiquei um pouco sem graça, lembrando-me que até dias atrás também tinha marcas, que talvez ainda fossem perceptíveis não fosse a maquiagem, a melhor invenção que já existiu.

— Como você não dá bola para um homem desses? — resmungou enquanto começava a se trocar. — Ele é tão... — mordeu os lábios, freando os lábios.

Já dei muito mais que bola...

— A minha missão é deixar os homens aos meus pés. — lancei-lhe um sorriso e ela retribuiu.

CAPÍTULO DEZESSEIS

POR DONOVAN DAVIES



Não imaginei que fôssemos ter companhia essa noite, mas isso não atrapalha em nada. Vou preparado para atacar na primeira brecha que tiver.

Depois do banho, aprontei-me: vesti uma camisa social branca e uma calça jeans preta, daquelas bem justas, combinando-os com um sapato da mesma cor da calça.

Dei uma retocada no cabelo, passei um perfume e segui para o salão principal, aguardando-as. Demorou um pouco, afinal, estamos falando de mulheres e quando elas finalmente desceram, não poupei elogios.

— Duas beldades. — levantei-me do sofá da recepção.

— Obrigada. — responderam em coro.

Estela era uma mulher linda. Ela havia combinado uma saia com uma blusinha e saltos. Confesso que acabei não reparando muito nela, pois a minha atenção pertencia àquela mulher que usava um vestido curto de cor branca, com uma fita na cintura. O decote era pequeno e a peça realçava seu corpo, sem mencionar os saltos altos que a deixavam quase da minha altura.

— Você está maravilhosamente belo, Don.
— Estela parou em minha frente ao fazer tal elogio.

— Devo concordar com Estela. Apesar de ser incomum te ver usando um *modelito* desses, caiu muito bem. — Janaína esboçou um sorriso tímido.

— Eu sei. — respondi cheio de mim, fazendo-a revirar os olhos. Estela por sua vez, apenas riu baixinho. — Vamos, senhoritas. — aponteí a saída com uma das mãos.

O ambiente era bem confortável, além de climatizado. Confesso que ainda não conhecia o local. Sentamo-nos em uma mesa ao canto e um

PERIGOSAS NACIONAIS

dos garçons aproximou-se.

— O que vão querer?

— Três caipirinhas. — Estela prontamente respondeu.

— Duas caipirinhas e um creme de cupuaçu. — mirei Janaína, que esboçou um sorriso tímido.

— Ah, e não esqueça a porção de fritas com queijo e bacon. — Estela emendou.

— Algo mais?

— Por enquanto só isso. — Janaína finalizou e o garçom seguiu, esgueirando-se pelas mesas, até o balcão. Apesar de ainda estarmos no meio da semana, o local estava lotado.

— Achei que bebesse, Don. — Estela apoiou ambos os cotovelos na mesa, mirando-me fixamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Parei de beber faz um tempo. Digamos que Donovan Davies e bebida são uma combinação perigosa.

— Os perigosos são os melhores. — Estela bateu o ombro no de Janaína. — Não concorda?

— Depende do nível do perigo. — Janaína retrucou em tom de brincadeira, levando-nos aos risos.

— Como já sei tudo sobre a minha mestra, Doutora Paixão, hoje quero descobrir um pouco mais sobre você, Donovan. — estalou a língua ao falar meu nome.

— Pode perguntar.

— A pergunta mais óbvia e que ainda me intriga é: qual a razão de você estar solteiro?

— Como o nome diz, solteiro é apenas um *status*. O meu coração neste momento já é ocupado por uma dama. — Janaína espiou por cima do ombro, como se procurasse alguém, mas eu sabia

PERIGOSAS ACHERON

que ela estava apenas fingindo não me ouvir.

— E eu posso saber quem é a sortuda?

— Por enquanto não.

— Ainda digo que é uma sortuda. — Estela bateu o martelo outra vez.

— Se ela me der um pé na bunda, você é a primeira da minha lista. — joguei-lhe uma piscadela e não deixei de notar Janaína torcendo a boca.

— Sei. Sua lista deve ser bem grande.

— Com certeza é. — Janaína até tentou disfarçar, mas para mim foi o suficiente. Ela não gostou.

O garçom colocou as bebidas na mesa, juntamente com os petiscos.

— Combina comigo, grande em todos os sentidos. — esbocei um sorriso sacana, provocando

Janaína; em seguida, peguei a taça de creme.

— Notou? — Janaína voltou-se à Estela, que a encarou sem entender. — Uma cópia fiel do Miguel.

— Em beleza e ego. — Estela emendou e elas riram.

— Tomarei isso como um elogio. — ergui minha taça de creme e assim que segurei no canudinho e o chupei, notei que ambas me encaravam atenciosamente. — O que foi? — coloquei a taça em cima da mesa, pegando algumas batatas fritas.

— Quanta delicadeza ao pegar no canudo.
— Janaína me provocou.

— E a maestria ao chupar.

— Eu tenho muitas habilidades, mas confesso a vocês duas, senhoritas, a minha boca é excepcional. — joguei-lhes outra piscadela.

Estela rendia-se aos suspiros, enquanto Janaína continuava me fazendo caretas, menosprezando cada uma das minhas cantadas. Elas já haviam tomado cerca de dez caipirinhas cada uma; Janaína seguia sóbria, mas Estela já dava sinais de cansaço.

Interrompendo nossa brincadeira, surgiu um homem bem vestido e até simpático. Ele usava um terno de grife, provavelmente um jovem executivo. O rapaz parou ao lado de Janaína e inclinou-se:

— Você é a famosa Doutora Paixão, não é?
— perguntou entre sussurros. Por estar quase ao lado dela, ouvi e ergui as orelhas.

— Fale-me um pouco sobre seus antigos relacionamentos... — Estela os ignorou.

— Sim, sou eu. — Janaína respondeu discretamente.

— O meu último relacionamento não foi muito bem... — eu emudeci quando o ouvi fazer

aquela pergunta.

— Eu gostaria de passar uma noite com a senhorita. Estou disposto a pagar qualquer valor, o que me diz?

— Don? — Estela chamou-me e eu ignorei-a. Fervilhando de ódio dos pés à cabeça, atentei-me àquele assunto de forma descarada.

— Sinto muito, mas o meu trabalho não abrange tais serviços. Boa noite. — Janaína acenou com uma das mãos para ele e voltou-se a nós, completamente sem graça.

— Qualquer valor, minha querida. Será apenas uma noite de sexo. Eu insisto, aceite a minha oferta...

Pisquei os olhos e quando me dei conta do que havia feito, já tinha uma multidão ao nosso redor e aquele babaca estava estirado no chão.

— Calma. — Janaína apoiou ambas as mãos no meu peito, empurrando-me para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Don? Por que você o socou? — Estela perguntou sem entender. Também, naquela altura do campeonato, ela já deveria ter tomado todas e mais umas.

— Eu vou arrebentar esse safado. — ralhei, tentando ir na direção do vagabundo, que já estava de pé, chamando-me para a briga. — Vou te ensinar a respeitar uma mulher, seu imbecil. — cuspi, apontando o indicador em sua direção.

— Vocês estão sendo convidados a se retirar. — aparentemente, aquele homem de camisa social branca era o proprietário do local. — O senhor está bastante alterado. — disse, desviando a atenção de Janaína e Estela para mirar em mim.

— Estamos indo. — disse Janaína.

Aquela foi a primeira vez que a Senhorita Paixão me conduziu pela mão. Deveria ser ao contrário, mas aquela sensação acalmou-me um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

Já em casa, Estela ficou perplexa em não ter notado o que aquele babaca propôs a Janaína e prontamente colocou-se ao meu lado.

— Don deveria ter dado mais uns sopapos nele. Que ordinário! — ralhou.

— A violência não resolve nada. — Janaína suspirou.

— E essa marca no seu rosto? — Estela mirou-me com atenção. — Ele te acertou, Don? — ambas me encararam.

— Ah, isso foi a porta.

— Eu havia me esquecido que perguntei à Janaína sobre essa marca mais cedo. — sacudiu a cabeça, rindo de si mesma, por fim, soltando aquele comentário: — Deve ter sido uma baita pancada.

— Realmente, deve ter sido na maior porta desta casa. — Janaína olhou-me desconfiada.

— Bom... — Estela colocou-se de pé e

ergueu os ombros. — Foi ótimo passar um dia com vocês, mas preciso ir para o hotel. Amanhã cedo sigo para a unidade de Salvador.

— Volte mais vezes, amiga. — Janaína acompanhou-a, dando-lhe um abraço.

— O prazer foi nosso. — assenti com a cabeça.

O motorista aguardava Estela na frente da mansão. Ela não tinha a mínima condição de dirigir.

Assim que a nossa convidada foi embora, subi as escadas, ouvindo o ecoar de saltos apressados atrás de mim. Parei com a mão na maçaneta ao ouvir sua voz.

— Essa marca no rosto foi mesmo uma porta? — Janaína lançou-me um olhar ainda mais desconfiado que o primeiro na sala.

— Anda preocupada comigo? Que gracinha. — mordi os lábios, encarando-a. Janaína

PERIGOSAS NACIONAIS

prontamente cruzou os braços.

— Sobre o cara no bar... Obrigada, de novo.
— gemeu baixinho.

— Quer mesmo me agradecer? —
precipitei-me em sua direção e a vi engolir em
seco.

Dei alguns passos lentos, até parar em sua
frente e, tomando-a pela cintura, aproximei nossos
rostos, tocando meus lábios nos seus para roubar
um singelo beijo.

— Diga-me o que quer e eu te darei, pois
estou aqui para sanar todas as suas necessidades. —
sussurrei em sua orelha e deslizei a ponta do nariz
em seu pescoço, apenas para sentir seu cheiro,
antes de afastar-me.

Primeiro ela sorriu, depois deu-me um tapa
no rosto, seguindo em marcha para o seu quarto.

— Isso não te dá o direito de beijar-me
quando bem entender. — berrou.

PERIGOSAS ACHERON

— O beijo foi pago. — ergui o tom de voz
em meio a um sorriso, lembrando-a do tapa.

CAPÍTULO DEZESSETE

POR JANAÍNA



Don não muda mesmo. Sacudi a cabeça e esbocei um pequeno sorriso. Confesso que quando aquele cara apareceu interessado em comprar uma noite comigo, primeiro senti-me desejada, mas diante de tamanha insistência, uma sensação ruim tomou-me. Eu não sou uma profissional do sexo, então, por qual razão ele estava me tratando como uma?

E foi quando ele notou a conversa e, completamente furioso, partiu para cima do sujeito. É estranho você detestar alguém de cara e aos poucos essa pessoa conseguir conquistar você. Se eu disser que não sinto nada por Don, minto. A questão é: o que eu sinto por ele? Tesão? Claro. No entanto, não se resume a isso, há algo mais, algo que receio descobrir.

• • •

“Os dias seguiram completamente normais. Eu não diria o mesmo no consultório, pois alguns casos das clientes eram bem singulares, e descobrir esse mundo feminino cujo lado nunca vi, era interessantíssimo.

Recentemente uma cliente contou-me que ela e o marido gostavam de inversão — o ato da mulher penetrar o homem com uma cinta peniana — e, apesar de aquilo nunca a ter incomodado, agora que ele propôs sexo a três com outro homem, sua confiança no esposo balançou.

Sexo é fetiche, descoberta e curiosidade. Se é apenas sexo, não há com o que se preocupar. Faça com ele, mate sua curiosidade e depois me diga o que achou.

Dois dias depois ela retornou ao consultório radiante, dizendo que aquela havia sido uma experiência única e que o seu companheiro, apesar de ter gostado, não queria repetir. Agora, Rael e Mônica pretendem repetir o ato com uma mulher e ela já me adiantou que quer experimentar algumas

coisas”.

— Janaína? — pausei a escrita para mirar Don, vestido com uma calça moletom e uma camiseta fina que mostrava os braços torneados. — Não vai correr hoje?

Este é o terceiro dia do nosso exercício matinal. Don acabou me convencendo de que iniciar o dia exercitando-se seria uma boa ideia para relaxar.

— É claro que vamos. — fechei o diário e levantei-me.

Optei por uma calça *legging* e uma camiseta regata. Como a área de caminhada era enorme, eu não conseguia dar mais que duas voltas, mas Don tinha um excelente condicionamento físico e, como de costume...

— Vou ter de te carregar no colo? — passou correndo ao meu lado, parou e voltou, rodeando-me. — Se conseguir me acompanhar hoje em uma terceira volta, faço o que você quiser. —

PERIGOSAS NACIONAIS

piscou para mim.

— Quer me desmotivar? — arqueei uma sobrancelha, ofegando entre as palavras.

— Pensei em esconder-me debaixo da sua mesa e...

— Calado! — retruquei, fazendo-o rir.

— Seria delicioso. — rodeou-me outra vez e parou atrás de mim, pousando as mãos em minha cintura, empurrando-me para frente. — Vamos, vou te ajudar a vencer essa aposta.

— Estou exausta, Don. — murmurei ofegante.

— Falta motivação? — ele mordiscou meu pescoço, fazendo-me apressar os passos.

— Não! — rosnei.

— Sabia que em Amsterdã as pessoas costumam fazer sexo em parques como este? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apressou o passo e alcançou-me.

— Não estamos em Amsterdã e eu não quero...

— Cuidado com as palavras. —
subitamente pegou-me no colo e começou a correr.
— Vamos, tartaruginha.

— Coloque-me no chão! — rui, mas
acabei aos risos quando ele me fez cócegas na
barriga.

— Não coloco, não. E pare de se mexer ou
vamos acabar caindo. — disse completamente
ofegante, enquanto mexia minhas pernas, tentando
desvencilhar-me dele.

— Quem é que está cansado agora? —
provoquei-o, finalmente ficando quieta.

— Eu não. — ele riu.

Respirei fundo e passei os braços pelo seu
pescoço, enquanto Don seguiu pelo percurso. As

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas que também corriam, encaravam-nos com curiosidade. Ao fim da pista, ele me colocou no chão e se jogou na grama, completamente exausto.

— Então o homem de ferro enferrujou?

— É apenas uma pausa. — sorriu, mordendo os lábios.

— Do jeito que está estirado nessa grama, eu diria que você não conseguiria pensar em uma única boa cantada. — parei em sua frente, com as mãos na cintura, provocando-o.

— Ah, não? — ergueu a cabeça e arqueou a sobrancelha. — O que acha disso, então...

Don ergueu o corpo puxando-me para cima dele. Seu corpo amorteceu minha queda e por instantes, quis xingá-lo até cansar, mas quando ouvi aquela risada gostosa que o fazia lacrimejar, rendi-me aos risos.

— Seu idiota! — soquei-o no ombro.

PERIGOSAS ACHERON

Antes de seguirmos para casa, paramos em um quiosque e compramos um suco *detox* de abacaxi, limão, couve e hortelã. A primeira vez que vi aquela água esverdeada, confesso que não quis, mas depois...

— Adoro essa maravilha. — comentei, enquanto caminhávamos rumo à mansão.

— Eu tenho bom gosto. — Don esbarrou o ombro no meu, voltando a beber seu suco.

— Ao menos para suco, tem sim.

— Para roupas, sapatos e, principalmente, mulheres. — mordeu os lábios, lançando-me um olhar predatório.

— Seria uma pena se uma delas não caísse na sua lábia.

— É verdade, eu era a lábia. — rimos.

O dia começou bem descontraído e, devo concordar, foi uma ótima ideia começarmos a

PERIGOSAS ACHERON

correr pela manhã, antes do horário de trabalho.

• • •

Quase seis horas da tarde; eu havia acabado de atender mais uma cliente, quando Don entrou na sala com uma expressão sombria no rosto.

— Aconteceu algo? — encarei-o fixamente.

— Há um homem que está na porta desde a hora do almoço tentando falar com você. Pensei que ele fosse embora, mas, pela segunda vez fui obrigado a descer e discutir com ele.

— Que homem?

— Um imbecil chamado Esdras Sampaio...
— senti meu coração parar por alguns segundos, ficando um pouco tonta. Depois daquele nome, eu só conseguia ver Don mexer a boca, mas não ouvia suas palavras.

— Janaína? Janaína?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi? — respondi com a voz falha e Don franziu a testa, analisando-me. — Eu só fiquei distraída com algumas coisas.

— Conhece esse homem?

— Infelizmente sim, mas não quero recebê-lo. Livre-se dele. — engoli em seco.

— Seus olhos estão marejados. O que esse desgraçado te fez? — Don cerrou os punhos e veio até mim, ajoelhou-se em minha frente e segurou meu rosto com ambas as mãos. — Conte-me e eu vou arreventá-lo.

Sorri frustrada e sacudi a cabeça.

— Violência é a última opção, Don. E esse homem é apenas um fantasma que me assombrou por muito tempo...

— Ele te machucou? Forçou você a algo?
— os olhos de Don estavam flamejando.

— Apenas mande-o embora e sem brigas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— respirei fundo e passei as mãos nos olhos, contendo aquelas lágrimas que ameaçavam despencar a qualquer momento.

Don colocou-se de pé, respirou fundo e seguiu em direção à porta, acabando por parar no meio do caminho, em completo silêncio.

— Don?

— Se eu sonhar que ele te fez algum mal, não respondo por mim. — disse, antes de deixar a sala.

Por que ele veio atrás de mim? O que quer comigo? Depois de tantos anos... Esdras nunca se explicou sobre o motivo de ter me deixado plantada no altar da igreja, esperando-o. Não que precisasse, pois, as notícias foram chegando aos poucos, mas... Qual a razão de ressurgir na minha vida agora?

Eu não queria pensar naquilo, nem nele. Esdras destruiu-me ao ponto de me deixar desacreditada do amor e agora, sem mais nem menos, quer conversar?

PERIGOSAS ACHERON

— Ele foi embora. — Don entrou na sala, acompanhando-me andar em círculos.

— Ótimo.

— Não quer mesmo contar-me quem é ele?
— encarei-o. — Aquele homem não vai desistir fácil e eu preciso saber o que se passa entre vocês, caso aconteça algo.

Respirei fundo e dei as costas para Don.

— Outra hora. No momento não quero falar disso.

— Ele falava como um homem apaixonado.
— gelei por completo quando ouvi Don dizer aquilo. — Agora pergunto-me, que homem apaixonado faz a mulher que ama reagir assim?

— Don. — chamei-o baixinho. — Pode organizar as coisas para irmos embora?

— Ainda temos uma cliente...

— Remarque, por favor.

— Como quiser, Doutora Paixão.

Quando ouvi a porta fechar, respirei fundo e segui para a minha mesa, onde sentei-me, remoendo cada uma daquelas perguntas que não paravam de surgir na minha cabeça.

CAPÍTULO DEZOITO

POR DONOVAN DAVIES



Quando chegamos em casa, Janaína subiu em silêncio para seu quarto. Acompanhei-a com os olhos, sem deixar de notar sua tristeza. Algo atormentava o seu coração e, como seu protetor, é minha tarefa livrá-la desse mal chamado Esdras.

Se ele acha que pode ser um concorrente de Donovan Davies, está redondamente enganado!

Mergulhei novamente na piscina e quando saí do outro lado, sentei-me em sua borda. Esfreguei o rosto e apoiei-me com ambas as mãos para trás.

Esdras, quem é você e o que quer com a minha futura esposa? Afinei os olhos.

Levantei-me e peguei a toalha para me secar. Devido à hora, os funcionários já tinham ido embora, exceto Amélia, que morava na mansão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Despi-me ali mesmo e enrolei-me na toalha, seguindo para a sala principal.

Quando coloquei um dos pés na escada, o celular tocou. Eu o havia deixado em cima da mesinha de centro. Rapidamente o apanhei para atender a ligação. *Miguel*.

— Boa noite.

— Boa noite, Miguel.

— Como estão as coisas?

— Estão caminhando perfeitamente bem.
— sentei-me no sofá, afundando-me nele.

— Estela disse que vocês deixaram o hotel.

— Ah, sobre isso, achei que fosse melhor.
— era uma das razões, mas não toda verdade. —
Então... — olhei rapidamente para o topo da escada, conferindo se não havia ninguém. —
Viemos para uma das casas dos meus pais, mas, para todos os efeitos, essa casa é sua.

PERIGOSAS ACHERON

— Disse a ela que essa casa é minha?! — usou um tom de desaprovação e surpresa.

— Foi a única forma que achei de convencê-la a deixar o hotel. — expliquei-me, acrescentando: — O hotel era muito bom, mas convenhamos que, a cada dia que passa, a Doutora Paixão se torna mais conhecida.

— Realmente. Contudo, você poderia ter dito a verdade. — engoli em seco.

— Não é que eu esteja mentindo. Só estou omitindo algumas coisas.

— Entendo. — ele respirou fundo. — Bom, liguei apenas para saber como andam as coisas. Qualquer problema que não puder resolver, ligue-me.

— Sendo assim, sabe que não receberá nenhum telefonema meu. — rimos.

— Você sendo você, Don.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O próprio.

— Bom, tenho que desligar, vou jogar videogame com o meu filho e a senhora minha esposa.

— Até mais, Miguel.

— Até.

Desliguei o telefone e o deixei em cima do sofá, mirando o quadro repleto de rabiscos e sem forma na parede.

Se há alguém que pode descobrir quem é esse homem chamado Esdras, é Maurício. Estiquei o braço para pegar o telefone, mas parei quando ouvi nosso diálogo de mais cedo ecoar em minha cabeça.

“Não quer mesmo contar-me quem é ele?”.

“Outra hora. No momento não quero falar disso”.

PERIGOSAS ACHERON

Cerrei os punhos, sacudindo a cabeça. É preciso deixar que as coisas aconteçam no seu devido tempo e se ela não me disse ainda, tenho certeza que logo dirá.

Subi para vestir uma samba-canção e, em seguida, bati na porta do quarto de Janaína. Três toques leves e ela não atendeu. Mesmo sabendo que só Amélia estava na mansão, espiei para ambos os lados antes de colar a orelha na porta. Era possível ouvir um choro baixinho e sentido.

— Sei que está acordada.

— Eu estava quase dormindo! — retrucou irritada.

— Está aberta?

Ouvi passos apressados aproximando-se da porta, logo depois o som da tranca fechando-se.

— Agora não está mais.

— O que aflige o seu coração, senhorita? —

apoiei ambos os braços na porta e a cabeça sobre eles, mirando o chão.

— Acho que você não deveria se importar com isso... — fungou. — Que diferença faria você saber?

— Talvez não faça diferença alguma, mas quero que saiba que não fui orientado a cuidar de você, eu escolhi. — esbocei um sorriso e respirei fundo.

Quando girei o corpo e dei o primeiro passo para retornar ao meu quarto, ouvi Janaína destrancar a porta. Virei-me lentamente, mirando seu rosto molhado e um pouco avermelhado.

— Deixe-me cuidar de você nesta noite?

Ela espantou-se com meu pedido e seus olhos cederam às lágrimas, que pareciam estar acumulando-se há tempos.

— Primeiro vamos tirar esse vestido. — balancei a cabeça e fechei a porta ao entrar.

Ao parar atrás dela, desci o zíper e o vestido caiu automaticamente, deixando-a apenas de calcinha e sutiã. Então, tomei-a nos braços e deitei seu rosto em meu ombro, enquanto afagava seus cabelos.

— Don... — era uma advertência.

— Eu disse que cuidaria de você, não que a foderia. Pode ir se acalmando. — por instantes, vi um sorriso em seu rosto. — Sei que adoraria, mas... Quando você estiver melhor, faremos até você cansar. — mordi os lábios quando ela me socou no peito.

— Você é o homem mais idiota do mundo inteiro. — Janaína desviou o rosto do meu, enquanto eu a colocava gentilmente na cama.

— Isso te agrada? — deitei-me ao seu lado e a puxei para cima de mim, deixando seu rosto sobre meu peitoral.

— Um pouco. — respondeu, erguendo o

rosto em direção ao meu.

Beijei sua testa e levei uma das mãos por debaixo dos seus cabelos, afagando-os levemente. Lentamente a senti abraçar-me pela cintura e, quando pensei em fazer alguma brincadeira, notei que Janaína havia adormecido.

— Por mais que resista a mim ou expulse-me incontáveis vezes, jamais vou desistir de fazer de você minha esposa. — sussurrei baixinho, fechando os olhos para unir-me a ela no mundo dos sonhos.

Quem sabe nossos caminhos se cruzassem por ali?

CAPÍTULO DEZENOVE

POR JANAÍNA



Despertei com a respiração pesada de Don e não pude deixar de admirá-lo adormecido. Desci os olhos pelo seu corpo, passando pelo abdômen repleto de gomos, até que me deparei com uma das minhas mãos sobre seu volume.

— Como você foi parar aí? — sussurrei, subindo-a para o seu peitoral, onde aninhei-me, mirando as paredes do quarto.

Lágrimas são sinais de força, pois somente aquele que chora pode se levantar e encarar a batalha. Por isso, o retorno de Esdras nesse momento da minha vida não irá me abalar. Afinal, sou ou não sou a Doutora Paixão?

Espreguicei-me e lentamente ergui o corpo, sentando na cama. Eu precisava de uma boa ducha e, depois, vestir o *uniforme* da corrida matinal.

PERIGOSAS NACIONAIS

A água estava quente. Eu já estava enxaguando-me quando vi uma silhueta parada na porta, através do box. Assim que o abri, deparei-me com Don.

— Como dizia a minha vó, você está andando igual a um gato. Sem emitir ruídos.

— O fator surpresa é sempre bom. — ele sorriu, espreguiçando-se. — Posso acompanhá-la no banho?

— Já estou saindo.

Don mordeu os lábios e aproximou-se lentamente, parando em minha frente. Sem pressa, desceu a samba-canção, ficando completamente nu e roçou o polegar no meu rosto.

— Posso te dar outro banho depois que conversarmos.

— Conversar? — arqueei uma das sobancelhas.

PERIGOSAS ACHERON

— É... — assentiu com a cabeça, puxando-me pela cintura, fazendo nossos corpos se chocarem. — Uma longa e deliciosa conversa.

Havia uma luta interna sendo travada dentro de mim. Eu sabia que não deveria, mas meu corpo inteiro clamava por ele. Em um súbito momento de loucura, respondi:

— Acho que um segundo banho não seria nada mau. — ao aproximar meus lábios dos seus, mordisquei-os e os puxei em minha direção.

Quando suas mãos pousaram gentilmente em minha nuca, deixei a toalha cair, enquanto caminhávamos para dentro do box. Ao passar os braços pelo seu pescoço, o senti me pegar no colo e automaticamente o envolvi com as minhas pernas.

— Eu adoro fazer isso com você. — ele disse, mordiscando meus lábios e puxando-os contra os seus.

Era delicioso sentir sua barba cerrada tocar a minha pele em meio aos beijos. O meu corpo

PERIGOSAS NACIONAIS

ardia em chamas e Don era como o combustível que me deixava ainda mais acesa.

Ao soltar-me, ajoelhou-se entre minhas pernas, abocanhando minha boceta sem pressa. Mordi os lábios, colando as costas na parede, segurando seus cabelos com uma das mãos.

Quando Don disse que era excepcional com a boca, não estava brincando...

Lentamente, o senti erguer uma de minhas pernas, sem parar de mordiscar e beijar a minha boceta, que ficava ainda mais úmida com sua saliva, misturando-se ao meu líquido.

Quando Don finalmente se levantou, fui pega no colo novamente, com ele pressionando minhas costas contra a parede, enquanto segurava minhas mãos para cima, esboçando um sorriso malicioso.

Soltei um gemido alto quando o senti entrar em mim. Era grosso, quente, pulsante e acima de tudo, delicioso ao ponto de me deixar insaciável.

PERIGOSAS ACHERON

Os seus movimentos eram lentos e carinhosos, como se ele estivesse tomando todo o cuidado para não me machucar, mas eu queria mais que isso...

— Afaste-se. — ordenei e ele o fez, sem entender.

Assim que pus meus pés no chão, puxei-o pela mão e o conduzi para fora do banheiro, empurrando-o na cama, fazendo-o cair deitado. Estávamos completamente molhados, mas quem se importava?

Subi em cima dele, na altura do abdômen e encaixei seu pau em minha boceta, para depois segurar suas mãos em um único ponto, como ele havia feito comigo.

— É minha vez de brincar. — sussurrei e ele mordeu os lábios.

Contive um gemido de prazer quando sentei, deixando-o outra vez dentro de mim.

Comecei a rebolar em cima do seu pau, forçando o meu quadril para cima e para baixo sem pressa alguma.

Os seus gemidos me ouriçavam, o seu pau dentro de mim me deixava trêmula de prazer.

Dessa vez, chegamos ao ápice mais rápido e assim que senti que ele iria gozar, pois seu pau pulsava de forma constante, sentei até o talo e apertei-o com minha boceta — colocando em prática o que havia aprendido com o *pompoarismo*. Os jatos quentes vieram, ardendo de forma deliciosa dentro de mim, me fazendo retomar os movimentos, que fui diminuindo gradualmente, até sentar, outra vez, tentando conter os gemidos do meu orgasmo.

Descansamos alguns minutos e seguimos para o banho. Obviamente, se dependesse dele, teríamos outro *round*.

— Achei que fossemos correr hoje... — Don comentou e, depois de subir o zíper do meu vestido, beijou meu ombro, seguindo rumo à porta

enrolado em uma toalha.

— Já nos exercitamos demais. — lancei-lhe um sorriso rápido e desviei nossos rostos.

• • •

Don continuava repassando a minha agenda, enfatizando um evento apenas para mulheres, ao qual eu deveria comparecer para uma palestra. Assim que descemos do carro, ele parou com os olhos fixos em um ponto. Quando o acompanhei, senti meu coração disparar.

Incrível como Esdras não mudara nada... O mesmo corpo, rosto fino e olhos negros. Exceto os cabelos, que agora estavam mais curtos e não batiam mais na nuca.

— Fique aqui, eu resolvo isso. — rosnou e quando preparou-se para avançar na direção de Esdras, segurei em seu braço e ele voltou seus olhos a mim.

— Não é você quem tem de resolver isso,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sou eu. — determinei. Don respirou fundo, ajeitou a gravata e depois de balançar a cabeça algumas vezes, assentiu.

— Passou da hora de terminar uma conversa que começou há anos. — estufei o peito e arrebitei o nariz.

Com um movimento de cabeça, Don ordenou para que os seguranças nos escoltassem até a entrada. Ao aproximarmo-nos, Esdras veio em minha direção, acabando por ser barrado.

— Preciso falar com você, Janaína. — disse, quase em desespero. — Por favor, me ouça.

— Adoro quando usam “por favor”. — esbocei um sorriso e acenei para que os seguranças permitissem sua passagem. — Aguarde no salão de entrada, assim que eu organizar alguns papéis, mandarei chamá-lo.

— Você está mais linda do que me lembro. — ainda demonstrando nervosismo, estendeu-me uma das mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Guarde seus elogios para a sua esposa.
— passei por ele, ignorando o gesto.

Quando entramos no elevador, Don fixou os olhos em mim de forma curiosa.

— O que foi, Senhor Donovan Davies?

— Nada. Eu apenas gosto quando você liberta esse seu outro lado de mulher poderosa, dona de si e foda-se o resto do mundo. — o meu ego foi ao céu e voltou.

— Acostume-se, pois esse lado veio para ficar.

— Mas ainda luta com seu antigo eu.

— Que está quase derrotado. — emendei, jogando-lhe uma piscadela.

O elevador abriu e segui rumo a minha sala. Ao espiar por cima dos ombros, não deixei de notar que seus olhos miravam minha bunda.

PERIGOSAS ACHERON

— Pare de encarar meu traseiro dessa forma. — rosnei, quase que em sussurros.

— Sabe que não resisto. — revirei os olhos.

Homens e seus instintos primitivos...

— Seja mais discreto. A última coisa que quero são fofquinhas circulando pela empresa com nossos nomes.

— Sim, Doutora Paixão.

Ao entrar na sala, fechei a porta e a travei ao colar minhas costas na madeira maciça, respirando fundo. *Hoje o dia será muito longo, muito mesmo.*

Passei parte da manhã estudando o perfil das clientes e seus problemas e depois de confirmar a presença em alguns eventos, dei o período por encerrado.

— Don?

PERIGOSAS NACIONAIS

Em poucos segundos ele surgiu na minha sala.

— Não fosse meu apreço em ouvi-la dizer meu nome, eu diria que o telefone funciona perfeitamente.

— Quer ser desautorizado a entrar nesta sala?

— Está brava comigo ou com o Esdras lá embaixo? — cruzou os braços. — Se atendê-lo com esse temperamento, ele tomará a conclusão de que te atingiu.

— Chame-o. — engoli em seco, concordando mentalmente com sua avaliação.

— Estarei na minha sala, caso precise de algo.

— Não. Você vai buscar um *cappuccino* com chocolate.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Recuso-me a deixá-la sozinha com aquele homem. — bateu o pé.

— Vai ser assim? — levantei-me e em meio a passos lentos, parei em sua frente, segurando a gola da sua camisa. — Então vamos brincar de jogo da obediência.

— Isso não é um jogo...

— Sempre que desobedecer a uma das minhas ordens, vai ficar sem o que quer, mas... — entreabri a boca, quase tocando seus lábios e, segurando suas mãos, pousei-as em minha cintura. — Se for um bom menino, irei recompensá-lo.

— Está tentando me fazer mudar de ideia?
— Don mirou-me com desconfiança.

— Estou te dando opções de entender como as coisas vão funcionar. — subi as mãos até sua gravata, ajeitando-a. — Então, como será?

— Com uma condição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso pensar a respeito.

— Deixarei dois seguranças na porta. — Don respirou fundo e ergueu ambas as sobrancelhas, virando o rosto para o lado. — Que ele se comporte ou... — ele conteve as palavras, fazendo meu coração acelerar com seu nítido instinto protetor.

— Certo. Agora faça o que mandei e não se esqueça do meu *cappuccino*. — afastei-me dele, levando ambas as mãos para trás.

— Sim, Doutora Paixão.

Depois de alguns minutos, Esdras foi anunciado por um dos seguranças e entrou na minha sala. Permaneci imponente, sentada em meu trono, com as pernas cruzadas e as mãos sobre o colo.

— Não sabe como estou feliz por ver você. — sorriu, aproximando-se e quando se aproximou demais, ergui uma das mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tão perto. — ele engoliu em seco.

— Temos muito que conversar.

— Eu não diria que é muito, mas há alguns pontos que realmente preciso entender. — respirei fundo, descruzei as pernas e as cruzei novamente, para o outro lado. — Pode começar.

— Bom... Não há justificativa para o que eu fiz. — Esdras abaixou a cabeça. — É imperdoável abandonar uma mulher no altar.

— Concordo. — o meu coração palpitava acelerado.

— Conheci sua prima e encantei-me por ela. Quis dizer a você desde o início, mas quando nos demos conta, havíamos nos envolvido demais... — Esdras ergueu o rosto, mirando-me. — No fim, a única opção foi fugir.

— Sem dar-me uma única satisfação. — os meus olhos arderam. — Eu fiquei horas esperando você, vendo cada um dos convidados ir embora,

ainda esperançosa da sua chegada e, mesmo ouvindo burburinhos de “abandonada no altar”, naquele dia eu acreditei que você viria ao meu encontro.

— Perdão. — ajoelhou-se em minha frente, com os olhos fixos em mim.

— Ainda que eu diga que te perdoei, há uma magoa imensurável em meu coração. — a primeira lágrima escorreu por meu rosto. — Só não entendo a razão de ter vindo atrás de mim depois de tantos anos.

— Depois de alguns meses com Bárbara, dei-me conta de que tinha sido apenas uma paixão passageira e que eu havia jogado fora a grande chance de ser feliz. — disse, sacudindo a cabeça. — Quando tentei dar um fim, antes que pudesse chamá-la para conversar, descobri que ela estava grávida.

— E isso te prendeu ao casamento? — passei ambas as mãos no rosto, secando minhas lágrimas, proibindo-as de caírem outra vez. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Incrível. Que mulher não iria querer um homem *diferentão* desses? Afinal, é incomum um filho segurar homem nos dias atuais.

— Ainda assim eu te amava, ainda amo. —
confessou entre sussurros.

— Hoje eu me amo. Não vou mentir dizendo que o odeio, mas amor? Não, não sinto mais isso por você. — assenti com a cabeça. — Ainda há um sentimento, talvez, pelos longos anos de amizade.

— Fico feliz que não me odeie.

— Não fique. — respirei fundo e endireitei-me no meu trono. — Eu só queria entender a razão de você ter vindo aqui, mas já sei... Você imaginou que depois de largar a minha prima, viria para mim e eu o receberia de braços abertos.

Esdras sacudiu a cabeça, abaixando-a outra vez.

— Eu só quero reparar os meus erros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa explicação foi o suficiente.

— Arrumei um trabalho na capital e queria retomar nossos laços de amizade, como nos velhos tempos. — bufei ironicamente e ele prosseguiu: — Um erro não apaga todos nossos momentos felizes, apaga?

Um erro? Você destruiu-me ao ponto de eu não conseguir manter um único relacionamento nos últimos anos! A insegurança e o medo de ser abandonada outra vez ainda me assombram...

— Agora que se explicou, já pode ir. — levantei-me e segui até Esdras, parando em sua frente. — O fato de eu não te odiar não quer dizer que seremos amigos novamente. Estou seguindo com a minha vida, por isso, faça o mesmo.

— Entendo você perfeitamente. — Esdras colocou-se de pé, enfiou ambas as mãos nos bolsos e abaixou a cabeça, esboçando um sorriso atado a uma expressão triste. — Mesmo assim não vou desistir de retomar nossa amizade.

PERIGOSAS ACHERON

— Adeus. — aponteí a porta com uma das mãos.

Esdras assentiu com a cabeça e seguiu até a porta. Assim que ele a abriu, disparou:

— Você é diferente da mulher que conheci.

— É verdade. Agora sou uma mulher que você desconhece completamente. — ergui o queixo, vendo-o sumir quando um dos seguranças fechou a porta da minha sala.

Joguei-me no sofá e respirei fundo. Os meus olhos ainda ardiam, mas eu não iria derramar uma única lágrima por alguém que me fez sofrer tanto. Onde estaria o meu amor próprio? Confesso que não fui completamente verdadeira, nem com ele, nem comigo mesma.

Vê-lo outra vez mexeu comigo... Como não mexeria? Foram tantos anos juntos, desde o namoro, noivado, até o tão sonhado casamento, que não se concretizou.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE

POR DONOVAN DAVIES



Aos poucos ela está aprendendo. Ainda que nasçamos com determinada aptidão, apenas a prática nos fará chegar ao ponto de perfeição. Sinto-me honrado em presenciar a transformação de uma mulher insegura para uma poderosa, destinada a governar aqueles que estão ao seu redor.

A cafeteria não ficava longe, mas acabei enrolando devido à enorme fila que havia se formado. Pedi dois *cappuccinos* com chocolate. Segui tomando minha bebida e quando me aproximei da entrada da empresa, deparei-me com aquele homem chamado Esdras.

Tentei me conter, mas era tarde demais.

— Espero que tenha resolvido seus assuntos com Janaína e não volte mais. — encarei-o nos olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tais assuntos não são da sua conta. — exibiu um sorriso sarcástico. — Você deve ser mais um dos funcionários perdidamente apaixonados por ela.

Mordi os lábios e respirei fundo.

— Antes eu fosse mais um. Sou bem mais que isso para ela. — joguei-lhe uma piscadela e quando preparei-me para entrar, ouvi seus relinchos.

— É o que veremos.

Subitamente parei e preparei-me para respondê-lo, mas ao girar a cabeça para o lado, o professor de “como ser um babaca em um ato”, seguia às pressas pela calçada.

Você não vale o meu tempo.

— Eis o seu café. — anunciei ao entrar na sala da Doutora Paixão e entreguei-lhe a bebida quente.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada.

Assenti com a cabeça e dei-lhe as costas, preparando-me para voltar ao meu escritório, quando a ouvi me chamar:

— Don?

— Sim? — girei o corpo em sua direção, encarando-a nos olhos.

— Feche a porta e sente-se.

— Oh?! — abri a boca em formato de “O” e fechei a porta, mordendo os lábios.

— Não é nada do que está pensando. — torceu a boca.

— Ah, sim. Perdoe meus hormônios juvenis. — fiz um beicinho, arrancando-lhe um sorriso.

Janaína levantou-se e eu a acompanhei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentamo-nos no sofá, um de frente para o outro.

— Infelizmente, necessito compartilhar esse acontecimento com você.

— Infelizmente?

— Sim. Não é um assunto que eu goste de sair anunciando por aí.

Assenti com a cabeça, começando a ligar os pontos. Só podia ter a ver com ele.

— Sobre aquele homem que saiu daqui... — *Eu sabia!* — Ele foi uma pessoa muito importante na minha vida e por uma sequência de acontecimentos, afastamo-nos.

— Estou ouvindo.

Janaína bebericou o *cappuccino* mais uma vez, mirou a parede e, por instantes, pareceu longe.

— Esdras é meu ex-noivo. — senti meu coração gelar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, depois daquele primeiro tiro, senti-me um soldado que não portava uma mísera arma em um campo de guerra. Então, ele é a razão de ela ter esse medo de embarcar em um relacionamento!

Permaneci calado por alguns segundos, analisando a história que me contou e o reencontro dos dois.

— Não vai dizer nada?

— Vou.

— Então diga de uma vez. — respondeu ansiosa.

— O mesmo homem que te abandonou no altar, dizendo que o que sentia por você era amor, agora voltou com o rabo entre as pernas alegando ter se deixado levar por uma paixão. — balancei a cabeça. — E você acreditou nele?

— Não, mas isso não muda o que vivemos juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também não muda a dor que ele te fez sentir. — cruzei as pernas e abaixei a cabeça. — Sempre me perguntei a razão de você ser tão fechada e acabei de descobrir. O seu coração foi ferido, mas ainda não cicatrizou.

Janaína encarou-me rapidamente, desviando nossos rostos.

— Nunca se esqueça, Janaína, amor é medido com ações, não com palavras bonitas.

Depois de um breve silêncio, ela sorriu e colocou-se de pé, passando ambas as mãos pelo vestido.

— Agora você já sabe quem é aquele homem.

— E mais que nunca o mantereí longe de você, pois se ele partir seu coração outra vez, quebro a cabeça dele. — levantei, colocando ambas as mãos nos bolsos e Janaína sorriu, balançando a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Já falamos sobre soluções violentas...

— Vou tentar não esquecer.

Deixei a sala com aquilo na cabeça. Por que agora, depois de tantos anos, esse cara voltou atrás dela? Será a fama? Dinheiro? *Status*?

“Amor” eu tenho absoluta certeza que não é. Que homem abandona sua amada no altar e volta implorando por perdão? Para cultivar uma “amizade” em nome dos velhos e bons tempos? Conta outra!

Quase no fim do expediente, o meu telefone tocou. *Maurício*. Deixei minha sala e segui para o corredor, naquele horário boa parte dos funcionários já haviam sido dispensados.

— Novidades?

— Eu não ligaria por outro motivo, senhor.
— mordi os lábios de excitação. — É sobre Victório Carlos Casímiro. Pode falar agora?

— Prossiga.

— A segurança pesada que o acompanha tem atrapalhado nossos planos. Estamos tendo certa dificuldade em marcar um encontro surpresa, mas acabou surgindo uma oportunidade.

— Que seria?

— A empresa que faz a atual segurança da Global Engenharia Massafera, está com o contrato vencendo, sendo assim, pensamos em fazer uma oferta irrecusável. Isso nos daria total acesso ao alvo.

— Faça.

— Como quiser, senhor.

— Algo mais?

— Segundo nossos técnicos, um IP não identificado fez uma vasta pesquisa sobre sua vida e não sabemos ao certo o que esse alguém

PERIGOSAS NACIONAIS

descobriu, apesar de ter um palpite a mando de quem está agindo.

— Vamos seguir sem especulações. Descubra de quem é esse IP e me dê um nome certo.

— Algo mais? — imediatamente pensei em Esdras, mas ainda não era o momento.

— Por enquanto não.

— Ligo novamente quando resolver esses assuntos.

— Estarei aguardando. — desliguei o telefone, guardando-o no bolso.

Permaneci parado, pensando cuidadosamente sobre tudo. Todavia, o que mais incomodava-me naquele momento era Esdras. Ainda que eu o odiasse por ter feito Janaína sofrer, devo assumir que ele poderia vir a se tornar um concorrente de peso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Don? — girei o corpo para trás, mirando-a.

— Só vim atender uma ligação. — sorri e lancei-me em sua direção. — A última cliente já foi?

— Sim.

— Então podemos ir?

— Só vou pegar a minha bolsa. — apressou-se para dentro e espiou por cima do ombro. — Pare de me olhar assim!

— Estou tentando ser discreto. — mordi os lábios.

— Por que você ainda segue ao meu lado?
— Janaína voltou com a bolsa e parou em minha frente, tombando a cabeça para o lado.

— Para você saber que eu sou o único que pode suprir todas as suas necessidades, sejam quais forem. — ela revirou os olhos. — E dito isto... —

PERIGOSAS ACHERON

mirei o relógio do corredor. — Vamos nos atrasar para o evento beneficente.

— Ah, meu Deus! — apressou-se em direção ao elevador e eu a acompanhei.

Sinto-me tão bem ao seu lado, mulher. Se você soubesse que é meu remédio, não me deixaria sozinho por um único instante e eu faria o mesmo se me permitisse...

CAPÍTULO VINTE E UM

POR JANAÍNA



Encarei-me no espelho, apreciando minha escolha. O vestido preto cobria os ombros e tinha uma abertura na frente, entre os seios, que se findava um palmo acima do umbigo. Não era longo, nem curto, mas na altura das coxas. Combinei-o com uma gargantilha dourada, que lembrava uma coleira e deixei os cabelos soltos, ao invés de jogá-los, como de costume, para um único lado.

Dirigi-me até a penteadeira e contornei meus lábios com um batom vermelho, antes de dar os últimos retoques na maquiagem daquela noite. Por fim, vesti a meia-calça de renda preta e calcei saltos agulha da mesma cor.

— Só está faltando... — girei o corpo e peguei a bolsa de mão, apressando-me até o quarto de Don e bati na porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entre. — ele respondeu. Assim que a abri, deparei-me com ele nu, de costas para mim, parecendo procurar cuecas na gaveta do guarda-roupa.

Prestando mais atenção agora, Don realmente tem um bundão...

— Ainda estou me vestindo e... — emudeceu quando viu-me. — Uau!

Esbocei um sorriso de canto, tentando não olhar seu membro, que mesmo mole era avantajado. Ignorando-o, girei-o o corpo de braços esticados, até que parei em sua frente, outra vez.

— O que achou?

— Uau, de novo. — sorriu e veio em minha direção, passando os olhos em mim de cima a baixo.

— Seja gentil e suba meu zíper. — dei-lhe as costas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu preferia fazer outra coisa. — sussurrou em minha orelha, fazendo-me arrepiar, em seguida, fechou meu vestido.

— Como vestir roupas? — espiei-o por cima dos ombros.

— Prefiro tirar as suas. — piscou para mim, voltando ao guarda-roupa, onde pegou uma cueca e vestiu.

Mordi os lábios e sacudi a cabeça.

— Dessa vez, quem estará lá embaixo te esperando serei eu. Por isso, não se atrase, *senhorita*. — provoqueei-o.

Don arqueou uma sobrancelha e eu simplesmente dei-lhe as costas, contendo uma imensa vontade de rir.

Depois de exatos cinco minutos, ele surgiu no topo da escada e assim que me viu, estendeu os braços, descendo as escadas às pressas.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou à altura de acompanhá-la, *Poderosa* Doutora Paixão? — parou em minha frente, quase colando seu corpo ao meu.

Don usava um terno preto, com uma camisa branca por baixo do blazer; a gravata borboleta, da mesma cor do terno e sapatos, dando um toque sensual. É incrível como qualquer coisa que ele vista o deixa tão apresentável.

— Estamos atrasados. — toquei seu queixo com a ponta dos dedos, encarando-o nos olhos. — E, sim, meu assistente, você está quase no mesmo nível. — joguei-lhe uma piscadela.

— Quando admiro sua beleza, confesso que perco a noção do tempo. — respondi ao seu sorriso com outro.

Don parou ao meu lado, esticou um dos braços e eu o segurei. Dali partimos para o evento.

• • •

Confesso que odiava discursos, mas
PERIGOSAS ACHERON

tratando-se de um evento para crianças carentes, eu havia me enchido de motivação. Havia muitas pessoas de alto poder aquisitivo ali presente, e isso ajudaria bastante a associação *Anjos Sem Asas*.

Também havia um pequeno detalhe: seria feito o leilão de um jantar comigo aquela noite. Assim, quem desse o maior lance, teria o direito de acompanhar-me no jantar em sua mesa.

Respirei fundo, ergui o microfone até a altura dos meus lábios e comecei:

“É um prazer estar com todos vocês esta noite. Nós, da rede de *Clínicas do Prazer*, dedicamos dez por cento do nosso faturamento mensal a instituições filantrópicas e, este ano, adotamos os Anjos Sem Asas como nossos parceiros. É muito importante investir na educação de crianças carentes, sem lares, e em projetos sociais que as ajudem a se tornarem cidadãos de bem...”.

Quase dez minutos de discurso e ao fim, fui aclamada por uma salva de palmas. Para finalizar,

prossegui:

“E em comemoração ao evento, a rede de Clínicas do Prazer está abrindo as doações de hoje com o valor de cem mil reais. Torço de coração para que alcancemos o objetivo e que a construção dos dois novos lares dos *Anjos Sem Asas* saia do papel. Boa noite”.

A anfitriã do evento, Iolanda, subiu ao palco, abraçou-me e agradeceu. Segui para o meu lugar à mesa, onde Don esperava por mim.

— Você foi ótima.

— Obrigada.

— Vão começar o sorteio do jantar. — Don murmurou, endireitando-se na cadeira.

— Sim.

Enquanto o painel digital que ficava acima do palco, à vista de todos os convidados, não parava de contabilizar as doações, a anfitriã

prosseguiu.

— Obrigada, Doutora Paixão. — ela disse segurando o microfone e, começando a circular pelo palco, começou. — É hora do leilão. Quem será o felizardo ou felizarda a jantar com a mulher mais cobiçada do país segundo nossos jornais?

A plateia gargalhou e um homem estendeu a mão.

— Cinquenta mil. — girei a cabeça para o lado, tentando descobrir quem era, mas não obtive sucesso. O local estava bem cheio.

— Temos cinquenta mil. Quem dá mais?

Senti meu coração acelerar. Era a primeira vez que eu participava de algo assim.

— Setenta mil. — um homem já de cabelos brancos e bem vestido que estava na mesa à minha frente, ergueu a mão, em seguida virou-se para trás, erguendo a taça de vinho. Apenas assenti com a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que vou entrar na brincadeira. — disse Don, fazendo-me encará-lo sem entender. — Cem mil reais. — ele ergueu a mão, fazendo meu coração disparar e meu corpo inteiro gelar.

— É, meus caros amigos, pelo visto, o acompanhante da senhorita Paixão não quer cedê-la essa noite. — Iolanda disse em tom brincalhão, arrancando mais risos da plateia.

— Ficou louco? — rosnei discretamente.

— Sempre fui. — ele piscou para mim.

— Cento e vinte mil. — um homem se levantou segurando uma rosa vermelha, e, ao mirar-me, inclinou a cabeça. Se bem me lembro, aquele é o filho de um dos donos da principal rede de televisão do país.

— Duzentos mil reais. — Don colocou-se de pé e disparou em seguida: — Já aviso que será uma briga feia... — deu de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O acompanhante da senhorita Paixão segue implacável. Alguém cobre o valor? — Iolanda insistiu.

O meu estômago estava se revirando com tantos nós. Como ele iria pagar aquilo?

— Duzentos e cinquenta mil. — o mesmo homem de antes, o herdeiro da TV, colocou-se de pé outra vez.

— Trezentos mil reais. — Don cruzou as pernas e jogou-me uma piscadela.

— Pare com isso agora! — repreendi-o.

— Acha que não posso pagar? — ele ergueu as sobrancelhas, usando um tom desafiador.

— Sim, eu acho e...

— Alguma vez eu te disse que era pobre? — ele interrompeu-me, fazendo-me abrir e fechar a boca. — Deixe-me brincar um pouco. — pousou uma das mãos sobre a minha, acariciando-a.

PERIGOSAS ACHERON

Realmente, ele nunca me contou nada a respeito da sua condição financeira e eu também nunca tive esse tipo de curiosidade. Por que teria? Ganho muito bem, mas pagar esse valor em um jantar, quando ele janta comigo todas as noites é... LOUCURA!

— Alguém dá um lance maior? — Iolanda passou os olhos pela multidão e, após um breve tempo, apontou para Don. — O acompanhante da senhorita Paixão leva o jantar. É isso que eu chamo de homem determinado.

Don encarou-me, mordeu os lábios e colocou-se de pé. Depois de ajeitar o blazer, levou o punho fechado para a frente dos lábios e tossiu.

— É sempre um prazer seguir ao lado da minha donzela. — voltou-se a mim com aquele olhar sabichão e sentou-se.

Àquela altura eu já havia perdido o fôlego. Eu realmente não conseguia acreditar que ele iria pagar aquele valor apenas por um jantar comigo.

Coisa que já fazia todos os dias...

— Por que fez isso? — encarei-o, completamente séria.

— Partiria meu coração vê-la desconfortável em outra mesa com alguns desses babacas. Eu conheço a Janaína, que também é a Doutora Paixão. Eles? Só ouviram falar da Doutora Paixão e esperam conseguir algo mais com esse jantar. — Don respirou fundo e sorriu. — Ademais, seria deselegante deixar a mulher que amo jantar com outro, quando eu sou seu acompanhante.

Pisquei algumas vezes e sacudi a cabeça, contendo um sorriso bobo.

— Você é um idiota.

— Sempre quando estou ao seu lado. — Don esboçou um sorriso de canto.

Às vezes, eu o detestava, mas, nesse momento, eu sentia como se seu corpo se abraçasse ao meu, dizendo que eu pertencia a ele.

— Seu grande imbecil. — respondi aos risos.

Depois do jantar, cumprimentamos cada um dos convidados. Por fim, seguimos até Iolanda para nos despedirmos.

— Não sei como agradecer, minha querida. — ela disse, segurando minhas mãos. — É a primeira vez que temos um evento desse porte e com tantos contribuintes. Eu ainda estou em choque, pois superamos em quase o triplo o valor da meta.

— Fico feliz por isso. — disse, de todo o coração.

— Você é a chave do sucesso, Doutora Paixão. — assentiu com a cabeça.

— Assim eu fico sem jeito... — ela subitamente abraçou-me, emocionada.

— Obrigada por auxiliar nossas crianças e

que Deus lhes pague por toda a ajuda que vocês nos têm dado.

— Eu quem agradeço por ter sido convidada.

Don permaneceu de pé ao meu lado, às vezes, sorrindo para Iolanda, outra hora, fechando a cara para o herdeiro da TV que nos observava de longe.

— Senhor Davies. — uma das assistentes aproximou-se. — Eis o seu recibo e o nosso singelo presente para os doadores. — disse, entregando a ele uma cesta repleta de chocolates e alguns vinhos.

— Obrigado. — Don agradeceu. — O cheque pode ser descontado a qualquer momento. Amanhã cedo ligarei para o meu gerente autorizando a transação, por isso, recomendo que o façam após o horário do almoço.

— Sim, senhor Davies.

Confesso ainda estar intrigada com aquilo.

Tudo bem que ele sempre usou roupas de marca e acessórios caros, mas...

— Don... — mirei-o enquanto ele dirigia.
— De onde você tirou tanto dinheiro?

— A vida me contemplou com pais generosos.

Ergui as sobrancelhas e assenti com a cabeça, dando o assunto por encerrado.

Ao chegarmos em casa, subimos. Depois de tirar os saltos e a meia-calça, chamei-o até o meu quarto, para que ele descesse o zíper do meu vestido.

— Você é tão linda. — Don sussurrou, ao despir-me daquela peça e, deslizando suas mãos pelo meu corpo, pousou-as em minha cintura, roçando a barba rala em meu pescoço. — Confesso que pensei em te atacar várias vezes durante o jantar. — rimos.

— Não seja atrevido na presença da sua

chefe.

— Acho que ela está começando a gostar. — manteve o tom baixo, mordiscando meu pescoço de forma tão gostosa, que soltei um gemidinho baixo. — Que tal fazermos algo?

— Não, nós vamos dormir. Amanhã cedo vamos nos exercitar.

— É disso que estou falando. — Don girou-me, colocando-me de frente para ele. — Adiantar os exercícios de amanhã... — roçou os lábios nos meus. — E os de depois de amanhã... — roçou novamente. — E depois do depois...

Rimos outra vez.

— Acho que... — subitamente, vi o rosto de Esdras em Don e afastei-me, caindo de bunda na cama.

Ao notar meu espanto, Don não escondeu o estranhamento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi?

— Nada. — sacudi a cabeça.

— Pareceu assustada com algo... — aproximou-se e tinha razão em suas palavras, mas não era com ele e sim com o rosto que vi no lugar do seu.

— Eu só estou um pouco cansada. Vá dormir que eu farei o mesmo. — apressei-me em me deitar na cama de costas para ele, puxando a coberta para cobrir-me até a cintura. — Feche a porta ao sair, por favor.

Depois de alguns segundos, ouvi seus passos distanciarem-se.

— Boa noite, Janaína. — por fim, Don fechou a porta.

Ergui-me na cama, apoiando as mãos no colchão e pisquei algumas vezes, perguntando-me o que havia sido aquilo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não, não. De jeito nenhum vou permitir que você entre na minha vida novamente, Esdras. Se restou algum sentimento por você dentro de mim, irei expurgá-lo!

E com aquilo em mente, deitei-me de novo. Amanhã seria um novo dia e qualquer bobagem a respeito disso teria se dissipado.

PERIGOSAS ACHERON

INTERLÚDIO TRÊS

POR VICTÓRIO



— Esperei por notícias suas ontem.

— Depois que deixei a clínica, instalei-me em um hotel. Como você comentou inicialmente, eles possuem bons investigadores, por isso, evitei uma conversa pelo telefone. — sorri com tamanha perspicácia.

— E então?

— Ela mudou bastante desde que a vi pela última vez. É outra mulher, mas acho que consegui acertar algo lá dentro. — ele exibiu aquele típico sorriso canalha e uniu os lábios.

— Basta completar a tarefa que lhe dei e você será um homem milionário, Esdras. — respirei fundo e cruzei as pernas, dando outro gole na minha bebida.

Uma pena que os mortos não usam dinheiro...

— Farei exatamente como você me instruiu e não pretendo demorar nisso. Quero terminar esse assunto o mais rápido possível e voltar para a minha esposa e filha.

— Gosto dessa sua motivação. — levantei-me e peguei a garrafa de bebida, servindo-lhe mais.

Esdras sorriu, ergueu sua taça e bradou:

— À destruição da Doutora Paixão e do seu capacho, Donovan Davies.

— A destruição dos dois. — ergui minha taça, brindando com ele.

Foi um excelente negócio procurar o ex-noivo da Senhorita Paixão. Quem diria que ele era um homem tão interesseiro? Isso veio a calhar.

Devo confessar que não gosto de matar, mas ao longo desses quarenta anos, aprendi que, às

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes, é necessário silenciar quem pode te prejudicar.

Dito isto, pelas minhas contas, serão três coelhos com uma cajadada só. E sem essa sombra assolando meus negócios, seguirei com o meu objetivo final: assumir o total controle da empresa da minha esposa e da minha cunhada e amante.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E DOIS

POR JANAÍNA



Aprontei-me para a corrida matinal. Don estava com a pilha toda na cozinha — até um avental estava usando. Ele preparou o nosso café da manhã: ovos mexidos com salsicha, bacon e queijo. E claro, o consistente creme de açaí.

— Parece bom. — murmurei ao sentar-me na cadeira.

— Só vai saber se provar. — disse, servindo uma porção para mim em um prato e, em seguida, encheu meu copo com o creme.

Primeiro provei os ovos e depois o creme. Don mantinha-se atento a minha avaliação. Em meio a alguns “hum” enquanto eu sacudia a cabeça.

— Comível. — ele arqueou a sobrancelha e eu ri.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ficou tão ruim assim?

— Não. Só faltou sal nos ovos e açúcar no creme. — assenti com a cabeça.

— Então está perfeito. — retirou o avental e sentou-se à mesa comigo. — É um café da manhã *fitness*.

Depois da primeira refeição, partimos para o Parque do Ibirapuera. Eu já conseguia dar quatro voltas completas sem desmaiar.

— Está melhorando. — Don passou ao meu lado, ofegante. — Ainda assim, segue na retaguarda, tartaruguinha. — jogou-me uma piscadela.

— É claro. — ofeguei, parando subitamente com as mãos apoiadas no joelho, mirando o chão. — Olha o tamanho desses seus pezões de coelho.

— Os meus pés são normais. — ergui o rosto, deparando-me com ele em minha frente, com as mãos na cintura. — Suba nas minhas costas. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

virou-se para mim.

— Vou completar essa quinta volta!

— Caso desmaie, farei respiração boca a boca. — espiou por cima dos ombros. — Ande logo, suba. — insistiu.

— A corrida ainda está valendo. — ergui o corpo, cruzando os braços.

Don sacudiu a cabeça em meio a risos.

— Sim, continua valendo.

Pulei em suas costas e passei os braços pelo seu pescoço. Don segurou-me pelas pernas e começou a correr feito um cavalo assustado.

— Devagar! — soquei seu ombro. — Vamos cair desse jeito.

— Não vamos, não. — gargalhou.

Era incrível a resistência física dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos passando à beira de um dos lagos, quando ouvi um choro de criança. De início, não estranhei, pois havia uma mãe vindo com um carrinho, mas quando pousei os olhos nele, a criança estava dormindo.

Rapidamente pulei das costas de Don e afiei minhas orelhas, passando os olhos por todos os lugares.

— O que foi? — ele encarou-me sem entender.

— Xiu!

Dei mais alguns passos à frente, em direção ao lago, onde haviam árvores em sua beirada, cujas galhas tocavam a água.

— O que foi?

— Você não está ouvindo?!

— Ouvindo o quê?

PERIGOSAS ACHERON

Ignorei-o e parei na beirada do lago, passando os olhos em todas as direções, até que vi uma espécie de cesta boiando bem no meio. Não pensei duas vezes e pulei. A beirada era rasa, mas conforme eu me aproximava da cesta, ia ficando fundo, ao ponto de não conseguir tocar os pés em nada sólido.

— Ficou louca, mulher? — ouvi Don gritar atrás de mim. — Vamos ser presos!

Talvez eu tivesse ficado louca e aquele choro infantil fosse apenas minha imaginação, mas... Quanto mais perto eu ficava do som da criança, mais alto o choro soava na minha cabeça. Quando finalmente aproximei-me da cesta e olhei dentro, senti meu coração disparar.

— Don! — voltei-me a ele. — Venha me ajudar. — ele permaneceu parado, sem ter a mínima noção da situação. — Venha logo, seu idiota!

— Eu já disse que vamos ser presos? — sacudiu a cabeça, hesitando por alguns instantes,

PERIGOSAS NACIONAIS

até que tirou a camisa e pulou no lago.

Em meio a braçadas, não demorou para me alcançar e fez uma careta quando ouviu o choro, mas nada se comparava ao espanto em seu rosto ao olhar dentro da cesta.

— Meu Deus...

— Rápido, vamos tirá-la daqui. — apressei-o.

Don levou a cesta e eu o acompanhei. Quando chegamos à margem, pude ver com mais atenção os grandes olhinhos castanho-claros marejados. Tirei a criança da cesta e afrouxei os panos que a envolviam.

— Graças a Deus, não há sinais de machucados. — respirei aliviada.

Don permaneceu ao meu lado em silêncio, ainda estático com aquilo, mas sua inércia não durou muito.

PERIGOSAS ACHERON

— O que faremos com essa criança?

— Que coisinha mais linda. — ignorei Don, tentando acalmar o bebê. — Agora você está em segurança. Eu vou cuidar de você, anjinho.

— Vai ficar com ele? — Don arregalou os olhos.

— Não é ele, é ela. — apontei para a fitinha rosa no pulso da criança. — E não é assim que as coisas funcionam. Achar uma criança não a torna sua, mas... Por hora, sim, vou ficar com ela.

As pessoas seguiam passando por nós, indiferentes. Algumas até paravam, mas não se aproximavam. Só quando chegamos em casa que descobri não ser uma raridade esse tipo de acontecimento naquele parque — a maioria dos relatos mencionavam crianças jogadas no lixo, ainda com o cordão umbilical ou em sacolas.

— Temos que acionar a Polícia Militar e depois ir ao Juizado da Infância e Juventude. — disse Don espiando-me dar mamadeira para aquela

mocinha.

— Acho que ela tem dois meses, talvez três.
— comentei, esboçando um sorriso enquanto suas mãozinhas se mexiam.

— Janaína, está me ouvindo?

Eu estava ouvindo, mas não queria falar sobre aquilo naquele momento. Sabe, quando eu estava preparando-me para o casamento, eu sonhava que o meu primeiro filho... Seria uma menina e a chamaria de Valentina, em homenagem a minha avó paterna que sempre foi um verdadeiro anjo comigo.

— O que acha de Valentina, Don? — mirei-o com um sorriso bobo, voltando-me à pequena.

Don soltou um longo suspiro e sentou-se ao meu lado. Em seguida, pousou uma das mãos no meu pescoço e puxou-me, beijando meu rosto.

— Não quero que se machuque... — senti uma fígada no peito e engoli em seco. — As

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas têm que ser feitas do jeito certo. Você mesma disse isso quando a encontramos...

— Está bem... — respondi baixinho, sentindo meus olhos arderem.

— Valentina é um nome lindo. — ele sussurrou em minha orelha.

— Seu idiota. — mirei-o, fungando baixinho, enquanto Don roçava os polegares no meu rosto, limpando as lágrimas que desciam.

Enquanto Don foi comprar as coisas que pedi, permaneci mirando aquele pequeno anjo, que estava adormecido depois de mamar. Amélia ofereceu ajuda, mas acabei dispensando. Eu mesma queria cuidar daquele anjinho.

Como alguém pode abandonar uma coisinha linda dessas? Não estou julgando. É claro que se uma mãe chegou a tal ponto, provavelmente estava passando por grandes dificuldades. E se ela colocou em uma cesta, tinha a esperança de que alguém encontrasse...

PERIGOSAS ACHERON

— Estou de volta com tudo que pediu. — disse Don ao entrar no quarto. — Aqui estão as roupinhas, sapatinhos, produtos para banho, cremes, perfumes e...

— Onde está o bebê-conforto? — encarei-o.

— Na sala, ainda dentro da caixa.

— Pode desembulhar enquanto dou banho nela? — sorri, pegando-a gentilmente nos braços.

Don assentiu com a cabeça.

Eu já havia preparado a água morna, na temperatura ideal e segui para o banheiro. Garanti que não havia ventilação, assim Valentina não sentiria frio. A verdade é que ela nem acordou enquanto eu passava sabonete neutro infantil em seu corpinho. Em seguida, voltei para o quarto, enxuguei-a e coloquei uma fralda.

— O rosa ou o amarelo? — ergui os dois vestidos para Don, que estava escorado na porta do

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto.

— Os dois são lindos.

— Então vai ser o vestidinho rosa. —
decretei.

Assim que terminei de aprontá-la, sentei-me na cama e tornei a olhá-la. Havia um magnetismo naquele anjinho que roubava a minha atenção por completo.

— Observando-a bem... — Don sentou-se atrás de mim, pousando as mãos em minha cintura e o queixo em meu ombro. — Ela é realmente linda.

— Não é?! — sorri, colando minhas costas em seu peitoral e pousando as minhas mãos sobre as suas.

— Pode ser complicado. — Don murmurou, fazendo-me engolir em seco. Realmente, não seria nada fácil tê-la conosco.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei... — respondi baixinho, roçando suavemente o polegar no rostinho de Valentina. — Obrigada por estar comigo hoje, Don.

— Estarei com você sempre que me permitir. — ele sussurrou em minha orelha, fazendo meu coração bater forte.

Eu sei que sim, Donovan Davies.

Ignoramos o almoço e fomos para um hospital infantil, onde faríamos um *checkup* completo naquela princesa. Eram quase duas horas da tarde quando o médico nos chamou.

— Vamos. — levantei-me e Don me acompanhou, trazendo Valentina no bebê-conforto.

Assim que entramos, sentamo-nos para ouvir a avaliação do médico.

— Pelo que vi no resultado dos exames, a filha de vocês está saudável. — meu rosto corou levemente e quando mirei Don, havia um sorriso que cobria seu rosto por completo. — Contudo, a

enfermeira mencionou a ausência de documentos da criança. — o senhor ajeitou os olhos, mirando-nos.

— Essa criança não é nossa, ainda.

— Então a quem ela pertence? — ele afinou os olhos.

— Estávamos na nossa corrida matinal no Ibirapuera, quando a encontramos em uma cesta no meio do lago. — ele arregalou os olhos. — É chocante, eu sei, mas quando eu vi essa criaturinha, apaixonei-me por ela de imediato. Então, fomos para casa, dei banho nela e viemos para cá, mas daqui estamos seguindo para a delegacia... — abaixei a cabeça, respirando fundo.

— Que sorte essa criança teve. O mínimo que eu esperaria de um bebê encontrado em uma cesta dentro de um lago seria o começo de uma pneumonia.

— Sorte tivemos nós de encontrar esse anjinho. — esbocei um sorriso, mirando-a

completamente adormecida.

— Sendo assim, vou redigir uma nota de comparecimento ao hospital, confirmando sua versão, assim vocês não terão problemas, pois o ideal é dirigir-se imediatamente à delegacia.

— Obrigado, Doutor Prado. — Don agradeceu.

Deixamos o hospital com os exames e a nota de comparecimento assinada pelo médico. Seguimos rumo à delegacia, onde contamos todo o acontecido. De lá, fomos para o Conselho Tutelar, acompanhados por uma PFem — policial feminino.

— Estou com medo. — confessei entre sussurros para Don, segurando uma de suas mãos com força, enquanto mantinha a criança no outro braço.

— Estou com você. — ele sorriu para mim.

— Vamos? — Mara, a policial, apontou a entrada para nós.

Entramos. Fomos atendidos por uma assistente social que nos tratou de forma muito gentil e nos explicou todos os procedimentos agora. Valentina seria encaminhada para uma unidade governamental, onde aguardaria pais com prioridade na fila de adoção. Tê-la encontrado não me dava o direito de ser sua mãe.

— Sinto muito, senhora. — ela disse, mirando a mim e a Don. — É o que a lei determina.

Abaixei a cabeça, enquanto o mar de lágrimas escorria pelo meu rosto.

— Senhora Laura, pelo que sei, caso encontremos a mãe e ela nos dê a guarda, a criança poderá ficar conosco, certo? — Don dirigiu-se à assistente social e subitamente ergui o rosto, enxugando-o com ambas as mãos.

— A guarda é uma questão complicada, pois não garante total permanência. A mãe biológica poderia revogá-la a qualquer momento. Isso sem mencionar que algum parente próximo

poderia entrar na disputa pela criança e isso lhe daria prioridade, pois a Justiça tenta manter a criança nos laços familiares.

— Entendo, mas suponhamos que essa mãe não tenha parentes... — Don prosseguiu.

— O primeiro passo é encontrar a mãe, assim que o fizermos, vamos verificar suas condições e, constatado que não há possibilidade de ela ficar com a criança, o vulnerável irá para a adoção, onde há casais que estão na fila de espera e possuem prioridade. Como falei, o estado visa o bem-estar da criança e encontrá-la não dá prioridade na adoção.

Como determina a lei, Valentina ficou no conselho tutelar. Antes de irmos, despedi-me de Valentina, que estava adormecida e, mesmo entre lágrimas, lá no fundo eu sabia que não era um adeus.

No caminho de casa, fiquei em completo silêncio. Havia algo em mim que dizia que Valentina seria minha e que eu cuidaria dela. Não

sei explicar, era apenas instinto de mulher.

— Vou encontrar a mãe da criança e vamos resolver essa situação. — Don pousou uma das mãos sobre a minha. — Eu prometo.

Encarei-o com os olhos marejados e segurei sua mão com força, apenas assentindo com a cabeça.

Um pouco mais calma e esperançosa em casa, mirei Don no outro sofá. Ele parecia entretido com alguma coisa no *tablet*.

— Quando ela chorou e eu não consegui acalmá-la, você a tomou nos braços e em poucos segundos, Valentina adormeceu. — esbocei um pequeno sorriso.

— Acho que ela gostou de mim. — Don sorriu, colocando o *tablet* no sofá.

— Acho que sim.

— Está tarde e amanhã vamos começar

PERIGOSAS NACIONAIS

cedo para atender as clientes de hoje e as de amanhã. — assenti com a cabeça.

Subimos para o quarto. Don deixou-me na porta, beijou a minha testa e roçou o polegar no meu rosto.

— Descanse.

Segurei em suas mãos e o puxei para dentro. Don fechou a porta e seguiu comigo para a cama. Deitei de lado e ele aconchegou-se atrás de mim.

— Boa noite, Don.

— Boa noite, Janaína.

A cada dia, aquele homem inteiramente predatório ficava mais apagado na minha mente, dando lugar a outro repleto de sentimentos e qualidades. Era agradável tê-lo comigo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

POR DONOVAN DAVIES



Permaneci deitado na cama e mesmo adormecida, Janaína virou-se, acertando meu rosto em cheio com seus cabelos, antes de aconchegar-se em meu peito. Isso sem mencionar o meu braço que estava dormente, mas...

— São apenas detalhes que tornam importantes momentos como esses... — esbocei um sorriso, roçando o polegar no rosto dela.

Vê-la pular no lago pareceu-me uma loucura. Isso mudou quando percebi que ela não mediu esforços para salvar aquela criança, a pequena Valentina, como ela decidiu chamá-la.

Contive uma risada, sacudindo a cabeça e mirei-a outra vez. *Você não para mesmo de me surpreender, hein?* Isso só me faz ter certeza de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que não errei em abdicar muitas coisas para apenas estar ao seu lado.

O coração de uma mulher é um território desconhecido e, muitas vezes, perigoso para nós, homens. Contudo, isso só se aplica no caso de ter entrado sem convite, pois quando se é convidado, você se depara com um mundo maravilhoso.

Havia amor nas suas ações a respeito de Valentina. Não tenho dúvida de que você seria uma ótima mãe, Janaína, por isso, se é sua vontade ter aquela criança, vou usar tudo que está ao meu alcance para dá-la a você e, se for do seu desejo, darei meu sobrenome a ela.

No entanto, é necessário ter os pés no chão. Não é tão fácil adotar uma criança, ainda mais quando não estamos na fila de adoção. Devo ser cauteloso para não machucar a minha amada, mesmo que involuntariamente.

Com tanta coisa na cabeça, acabei madrugando no dia seguinte. Segui para a cozinha e preparei um café. Amélia ainda estava dormindo.

PERIGOSAS ACHERON

Quem não estaria às cinco horas da manhã?
Maurício, é claro.

Peguei o celular do bolso e disquei para ele.

— Está ocupado? — foi a primeira coisa que eu disse quando ele atendeu.

— Não. — respondeu com uma voz sonolenta.

— Imaginei que estivesse dormindo. — franzi a testa.

— A senhorita Paixão parece estar te fazendo bem.

— Oh, e como está. — rimos. — Tenho um trabalho urgente para você.

— Pois diga, senhor.

— Ontem, na minha caminhada matinal com Janaína, encontramos uma criança abandonada, com dois ou três meses de vida. O que

PERIGOSAS NACIONAIS

preciso é: descobrir quem a abandonou. Quero saber quem é essa pessoa o mais rápido possível. Verifiquem as câmeras do parque, das redondezas, de prédios e casas próximas. Alguma delas deve ter registrado algo. Com um rosto será mais fácil procurar.

— Encontraram uma criança? Puta merda!
— ele não escondeu o espanto. — E o que devo fazer quando encontrar essa pessoa?

— Comunique-me imediatamente. Essa é uma busca contra o tempo, entendeu?

— Entendido.

— Novidades a respeito daquele nosso assunto pendente? — lembrei-o do caso Victório.

— A reunião foi marcada para o fim do mês. Pelo que nossos investigadores concluíram, a nossa proposta é, até o momento, a melhor.

— Excelente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Algo mais, senhor?

— Ainda não, mas sinto que logo precisarei saber um pouco mais a respeito de um certo alguém... — afinei os olhos, lembrando-me de Esdras.

— Sendo assim, vou iniciar a busca pela pessoa que abandonou a criança no parque.

— Qualquer coisa entro em contato.

— Sim, senhor.

Desliguei o telefone.

O café estava no ponto. Nem muito amargo, muito menos doce. O tempo foi passando e logo Amélia surgiu na cozinha.

— O que faz acordado tão cedo, rapaz?

— Perdi o sono, Meme. — mirei-a andando de um lado a outro, começando a preparar o café da manhã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A mocinha hospedada está tirando seu sono? — espiou por cima do ombro e riu. — Faz tempo que não o vejo tão interessado em uma mulher.

— Faz muitos anos que não amo verdadeiramente uma mulher.

— Será que cuidarei dos seus filhos assim como cuidei de você? — ela virou-se com um largo sorriso amarelado e colocou as mãos na cintura, fechando a cara e apontando o indicador em minha direção. — Nem se atreva em pensar em contratar uma babá. Eu ainda sei trocar fraldas muito bem. — esbocei um sorriso de canto.

— Nesse caso, seria você a ter noites de sono perdidas e, dada a sua idade...

— Ora, rapazinho. — rosnou, sem me encarar. — Está me chamando de velha?

— Não, longe disso. Você é uma preciosidade do tempo. — rimos.

PERIGOSAS ACHERON

A minha mãe tinha ciúmes de Amélia, tanto que, quando atingi meus dezesseis anos, ela quase foi demitida, mas meu pai, para apaziguar o pé de guerra entre mamãe e eu, causado por *Meme*, nomeou-a governanta da mansão.

Nem parece que ligavam tanto assim, já que passam mais tempo no exterior do que no Brasil. Faz parte, não é? O filho cresceu e seus pais foram viver suas próprias vidas.

— Vou ver se ela acordou. — levantei-me.

Subi em passos apressados para o quarto e quando entrei, deparei-me com Janaína sentada na cama, segurando uma das roupinhas de Valentina, que eu provavelmente havia esquecido. Ela virou o rosto em minha direção, sorriu e respirou fundo.

— Está tudo bem? — sentei-me ao seu lado, erguendo seu queixo.

— Sim. — balançou a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer caminhar hoje? — ergui as sobrancelhas, analisando seu rosto com atenção.

— Quero evitar o parque por um tempo. — disse um pouco tristonha, fazendo-me engolir em seco e assentir com a cabeça.

— Precisa de ajuda no banho? — arqueei uma das sobrancelhas, mordendo os lábios.

— Não, seu pervertido. — esbarrou o ombro no meu e colocou-se de pé. — Nosso dia será longo. — revirou os olhos.

E, mirando-me com atenção, despiu-se em minha frente, ficando completamente nua. Seus olhos encontraram-se com os meus por longos segundos, até que ela entrou no banheiro.

— Adora me provocar... — falei alto o suficiente para que ela ouvisse.

— É excitante ver sua carinha de pidão.

— Quanta maldade. — caí de costas na

PERIGOSAS ACHERON

cama, mordendo os lábios e ao descer uma das mãos, apertei o pau por cima do *short*, tentando acalmá-lo.

Isso não se faz, Doutora Paixão...

Não deu muito certo na hora, mas depois de um banho frio e de um excelente café da manhã, seguimos para a empresa. Chegamos pouco antes das oito horas e as clientes do dia anterior começaram a ser atendidas.

A correria foi enorme, mas ao meio-dia, todas já tinham sido atendidas. Nada reconfortante, pois a clientela daquele dia começaria à uma hora da tarde.

— Não vai comer? — mirei a refeição intocada que tinha ido buscar em um restaurante próximo para Janaína.

— Estou sem fome.

— Sério? — coloquei as mãos na cintura e ela riu, sacudindo a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Toda vez que você faz isso...

— É, você começa a pensar que sou homossexual. — Janaína riu de novo, mordendo os lábios. — Só que ambos sabemos que isso não é verdade. — balancei a cabeça e a cerquei antes que me driblasse. — Não fuja do assunto. Vai comer ou terei de fazer aviãozinho?

— Não se atreva! — rosnou para mim, afinando os olhos.

— Está quente aqui, não está? — franzi a testa, jogando o blazer em cima do sofá e, em seguida, comecei a desabotoar a camisa.

— O que está fazendo? — Janaína fulminou-me com um olhar.

— O vapor da sua refeição está deixando o ambiente insuportável. Acho que preciso tirar as calças... — disse, terminando de desabotoar o último botão da camisa.

PERIGOSAS ACHERON

Janaína sacudiu a cabeça e respirou fundo.

— Está bem, eu vou comer. — disse meio desanimada, pegando sua refeição.

— O calor passou. — rimos ao mesmo tempo, enquanto eu começava a vestir a roupa.

— Eu já disse que você é muito, muito, muito, muito idiota? — encarou-me, começando a dar garfadas em sua refeição.

— Já. Isso me motiva a ser ainda mais, sabia? — contive um sorriso, mirando-a.

Depois do almoço, a correria recomeçou. Enquanto Janaína fazia jus ao nome Doutora Paixão na sala ao lado, eu cuidava dos demais assuntos envolvendo seu nome e a empresa.

Assim que sentei em minha mesa, comecei a repassar os convites para os mais diversos tipos de eventos, descartando alguns e confirmando presença em outros. E foi quando peguei aquele cartão em particular: “Mulheres Fortes”.

— Como eu pude me esquecer... —
murmurei.

Com toda a correria de ontem, acabei não a lembrando de que hoje à noite, às vinte e uma horas, estaríamos nesse evento, onde ela faria um breve discurso motivacional para mulheres que foram vítimas de violência doméstica.

— Sem desculpas, Don, afinal, você supre ou não todas as necessidades da sua futura esposa? — disse a mim mesmo, começando a preparar tudo para o evento daquela noite.

Eu sabia que ela estava chateada com a questão da Valentina, mas também tinha certeza de que surgiria naquele evento esbanjando poder e presença, como de costume; afinal, essa é a minha amada Doutora Paixão.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

POR JANAÍNA



— Ainda estou surpreso de você não ter se esquecido do evento. — Don comentou, mantendo os olhos em mim.

— Posso até faltar ao trabalho por razões maiores, mas ele não falta em mim. — sorri, abaixando a cabeça. — Como aquela pequenininha estará? Talvez possamos ir vê-la este fim de semana...

— Irei informar-me a respeito disso.

— Obrigada. — mirei a janela do carro em movimento e retomei o assunto inicial. — Farei o discurso de abertura do evento, depois ficaremos um tempo e retornamos para casa. — mexi os

PERIGOSAS ACHERON

ombros que estavam doloridos, assim como a minha nuca. — Estou exausta.

— Posso fazer uma massagem depois do evento. — Don sussurrou em minha orelha, beijando meu rosto rapidamente.

— Vou pensar a respeito disso.

— Com carinho, ok? — jogou-me uma piscadela.

Assim que o motorista estacionou na garagem da mansão, descemos para tomar um banho e trocar de roupa, depois seguimos rumo ao evento “Mulheres Fortes”. Apesar do local estar lotado, a nossa mesa estava reservada.

— Saímos com tanta pressa que não pude dizer. — encarei Don e ele sorriu, tomando uma das minhas mãos e beijando-a. Em seguida, ergueu o rosto, fixando os olhos em mim. — Adorei esse vestido. Você está radiante.

Senti minhas bochechas corarem levemente

PERIGOSAS NACIONAIS

e estufei o peito, cheia de mim.

— Obrigada. Você também não está nada mal. — pisquei para ele.

Aquele vestido preto de escamas havia sido uma boa escolha. Confesso ter me acostumado com o decote grande. Combinei-o com uma bota de cano curto e levei em um dos braços um casaco, caso precisasse.

Don mirava a anfitriã do evento começar o discurso, mas sempre me encarava, mexendo-se na cadeira.

— O que foi?

— Você.

— O que tem? — franzi a testa.

— Ainda pergunta? Atingiu em cheio os meus mais profundos fetiches vestindo-se como uma *dominatrix*. — mordeu os lábios e conteve uma risada, tornando a mirar a anfitriã.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é realmente um perverso. — balancei a cabeça. — E não estou parecida com uma *dominatrix*, não seja bobo.

— Esse vestido fez-me imaginá-la como uma.

— Não sei se daria certo... — aproximei meu rosto do dele. — Talvez eu pegue gosto pela coisa. — Don arqueou a sobrancelha e sacudiu a cabeça.

— Não me tente assim, Doutora Paixão, senão...

— Senão? — sorri, mirando-o.

— Convido para subir ao palco para o discurso de abertura deste evento muito especial a Doutora Paixão. — Miranda, a anfitriã, chamou-me e coloquei-me de pé, sendo ovacionada com uma salva de palmas.

— Sobe lá e arrasa, futura esposa. — ouvi

as palavras de Don atrás de mim, enquanto eu me apressava para o palco.

Coloquei-me ao lado de Miranda e ela me passou o microfone, sentando-se atrás de mim com algumas mulheres que discursariam logo depois, relatando experiências em relacionamentos abusivos e como conseguiram sair deles.

“Conforme o mundo evolui, nós, que fazemos parte da sociedade, estamos cada vez mais conscientes de que para se ter um mundo melhor, é preciso igualdade. E quando digo igualdade, estou falando do tratamento que nós, mulheres, recebemos, sendo sexualizadas até mesmo ao amamentar uma criança em público ou quando temos cargos iguais aos dos nossos colegas homens e recebemos um salário inferior. Isso também configura violência à mulher”.

Peguei o copo com água em cima do púlpito de acrílico e molhei a garganta, prosseguindo:

“Segundo uma recente pesquisa do IBGE, no geral, as mulheres chegam a ganhar até 70% a

menos que os homens, ocupando a mesma função. Não basta trabalhar fora, também trabalhamos em casa e, muitas vezes, cuidamos dos filhos e do marido após um cansativo dia de trabalho”.

Depois daquilo, entrei no mérito da violência doméstica, onde detalhei como se faz a denúncia na Delegacia da Mulher e também enfatizei que se alguém tem conhecimento de qualquer violência do tipo e não comunica à Justiça, é tão criminoso quanto quem a comete.

— Obrigada, Doutora Paixão, suas palavras foram belíssimas. — disse Miranda, ao meu lado.

— Eu quem agradeço por poder prestigiar um evento que busca cercear a violência secular que nos cerca desde os primórdios.

Miranda abraçou-me e trocamos três beijinhos. Em seguida, desci do palco retornando para a mesa, onde Don me aguardava.

— Sábias palavras.

— Acho que poderia ter sido melhor. —
ajeitei-me na cadeira, cruzando as pernas para
acompanhar a próxima a discursar.

— Importa-se de eu buscar outra bebida
para nós? — neguei com a cabeça. — Volto em
instantes.

Foi o prazo de Don deixar a mesa para uma
das garçonetes do evento se aproximar.

— Boa noite, Doutora Paixão.

— Boa noite. — respondi com um sorriso.

— Estão aguardando a senhora nos
bastidores para preparar um comunicado de última
hora. É por ali. — apontou discretamente com o
dedo, indicando-me a direção.

— Bom, não sei se vou poder ficar até o
final, mas em todo caso, irei. Obrigada pelo recado.
— a mocinha assentiu e retirou-se.

Passei os olhos pela multidão e nenhum
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sinal de Don. Como eu não ficaria para o final, seria melhor avisar o pessoal do evento de uma vez. Levantei-me e quando estava chegando ao local indicado, senti um braço me puxar pela multidão.

— Não seja apressado, Don. — disse aos risos.

Quando me dei conta, estávamos no local de entrada do evento. E não era o Don.

— O que você quer, Esdras? — rosnei, cruzando os braços.

— O que eu quero? — ele sorriu, enfiando as mãos nos bolsos. — Quero você, Janaína.

— Isso não vai rolar.

Preparei-me para voltar para dentro, quando Esdras avançou sobre mim e, puxando-me pela cintura, beijou-me. No começo foi bom, mas aos poucos aquelas memórias dolorosas surgiram em minha mente e eu me afastei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fique longe ou irei chamar a segurança.
— dei dois passos para trás, ainda ofegante.

— O que você sabe sobre esse tal de Donovan Davies?

— Não é da sua conta.

— Já investigou o passado dele? Você conhece a família dele? E aquele lance altíssimo que ele deu no evento beneficente? — Esdras aproximou-se e eu dei mais alguns passos para trás.

— Você não tem nada a ver com isso. —
contudo, a pergunta era: como ele sabia do lance?

— Eu tenho sim, pois ainda te amo e você sabe tudo sobre mim, mas e sobre ele? O que você sabe? Nunca se perguntou por qual motivo um cara rico estaria aos seus pés quando poderia ter qualquer mulher do mundo? — engoli em seco.

— Cale a boca!

— Ele só está te usando. — quando dei por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, já havia estapeado Esdras.

— Cale essa maldita, boca! — ralhei, sentindo meus olhos arderem.

— Afaste-se dela. — ouvi a voz de Don atrás de mim. Em seguida, ele se colocou entre nós. — Não vou pedir de novo.

— Você é um mentiroso, cara. Mais hora, menos hora, ela vai descobrir sobre o seu passado... E o que você vai fazer?

— Te matar. — arregalei os olhos, puxando Don pelo braço.

— Pare, por favor, pare. — senti ar faltar aos pulmões e entrei no meio dos dois, empurrando Esdras para trás. — Vá embora.

— Sem ganhar outro beijo seu? — ele mordeu os lábios. — Você nem reagiu, apenas se deixou levar.

Don abaixou a cabeça e ficou em silêncio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por alguns segundos, depois simplesmente explodiu, acertando um soco em cheio no rosto de Esdras.

— Saia da minha frente antes que eu perca o controle. — ralhou, apontando um dedo para Esdras que se levantava após rolar de graus abaixo.

Nunca o vi tão furioso daquele jeito. O seu rosto estava sombrio, os olhos pareciam duas esferas de fogo e eu conseguia ver os músculos do seu corpo se contraírem.

— Don... — abracei-o pelas costas, segurando-o. — Por favor, pare. — pedi choramingando.

— Ele não é quem você pensa, Janaína. — Esdras passou a mão pela boca, que estava escorrendo sangue e recuou, ainda nos encarando. — E quando você descobrir o que ele esconde, vai odiá-lo. — berrou, sumindo entre as pessoas que estavam do lado de fora olhando todo aquele *show*.

Como assim ele não é quem eu penso? E o

PERIGOSAS ACHERON

que ele esconde de mim que eu não posso saber?

— Pode me soltar, por favor, Janaína. —
havia uma dureza incomum na sua voz.

Soltei-o e me afastei. Quando ele se virou para mim, vi seus olhos marejados encontrarem os meus.

— Don, eu...

— Não diga nada. — ele abaixou a cabeça, esfregando uma das mãos no rosto. — Quando voltei com a bebida, vi você sair e uma garçonete me abordou dizendo que um homem chamado Esdras havia te chamado. Então eu vim atrás de você e... — ele soltou uma risada frustrada. — Vi quando se beijaram. — disse em profunda tristeza.

— Eu não o beijei. Ele me beijou.

— Você não reagiu. — Don franziu a testa e encarou-me novamente.

— Eu... — as palavras travaram em minha

garganta, enquanto um aperto esmagava meu coração.

Foi quando me dei conta de ele ter mencionado a garçonete. *Será a mesma que me deu o recado?*

— Quer ir embora? — ele deu-me as costas.

— Gostaria muito.

— Vou chamar o motorista. — respondeu em tom seco, fazendo-me respirar fundo.

— Don, — rodei-o e parei em sua frente, tentando dizer algo, mas: — eu...

— Preciso esfriar a cabeça. — ele murmurou, desviando os olhos dos meus.

Todos precisamos de algo. Inclusive eu, de respostas suas.

— O que Esdras quis dizer com “você não o conhece”? — busquei seu rosto, mas Don fugiu de

mim.

E, ignorando a minha pergunta, ele desceu os degraus apressado, em direção ao estacionamento.

Retornei para casa em meio a lágrimas. Eu não sabia dizer o que havia acontecido ali. O diabo saiu do inferno e veio me atormentar pessoalmente nesta noite?

Sei que Esdras não é flor que se cheire e acabou causando todo esse mal-estar e, em partes, também é minha culpa, mas eu realmente não conheço Don. E essa história de que ele esconde algo? O que ele esconde de tão grave que eu não posso saber? Como o meu ex-noivo sabia que eu estaria naquele evento?

— Não, não Janaína! — balancei a cabeça, tirando o vestido de qualquer jeito e jogando-o em cima de uma cadeira. — O fato de Don não ter contado algo não serve como justificativa para magoá-lo... — soquei a cama. — Pode ser que ele esteja esperando o momento certo...

Maldito Esdras!

Sentei-me na cama, sentindo as lágrimas rolarem ao lembrar-me daquele homem que eu detestei no primeiro instante e, aos poucos, mostrou-se companheiro como nenhum outro. Don nunca me fez chorar. Pelo contrário, ele sempre me protegeu e tentou resolver as minhas angústias.

— Por que o meu coração dói quando penso em perder você? — gritei, arrancando os lençóis da cama, antes de cair ajoelhada no chão, cobrindo o rosto para conter meu choro. — Não se atreva a me abandonar, Donovan Davies! — murmurei baixinho. — Eu nunca te perdoaria...

CAPÍTULO VINTE E CINCO

POR DONOVAN DAVIES



Por mais que eu quisesse estar com raiva de Janaína, por não ter mostrado resistência àquele beijo, eu não conseguia. O máximo que meu coração nutria naquele momento era tristeza.

Que homem gostaria de ver a sua amada nos braços de outro? Pior ainda, sem reagir?

Segui de cabeça baixa, em passos lentos pela calçada, com as mãos enfiadas no bolso. O tempo havia esfriado e o céu parecia um pouco nublado. Talvez ele tenha se ferido também.

Entrei no primeiro bar que vi, puxei uma cadeira e sentei-me em uma mesa ao canto. Era um bar simples, não muito cheio, mas os poucos que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estavam ali faziam barulho como se fossem cem.

— O que vai pedir? — um senhor barrigudo se aproximou.

— Uma garrafa de vinho. — abaixei a cabeça.

— Não temos vinho. — encarei-o rapidamente, pensando em outra bebida.

— Vodca.

— Trabalhamos apenas com cerveja e cachaça. — ergui as sobrancelhas e ele cruzou os braços, fechando a cara. — Se não for pedir, desocupe a mesa.

O que esperar de um barzinho de quinta categoria? Não há sequer uma bebida decente para afogar-se em qualquer coisa que me faça esquecer aquela situação por um mísero momento.

— E então? — ele insistiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cachaça.

Eu estava quase terminando a segunda garrafa, enquanto jogava sinuca com meus *novos amigos* do bar. Havia perdido algumas centenas de reais, pois eu era péssimo nisso.

— Estamos fechando. — o barrigudo deu um berro e quando mirei o relógio da parede, era quase uma hora da manhã.

— Não podemos ficar abertos um pouco mais? — acenei para que os caras seguissem e precipitei-me até o balcão, sentindo minha cabeça rodar.

— Não. E cá entre nós, — debruçou-se sobre o balcão. — Você já bebeu demais. Só vai perder dinheiro aqui.

— Dinheiro é o de menos. — acenei com uma das mãos.

— Quer que eu chame um táxi? Nessas horas, esse pedaço da cidade costuma ser perigoso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— demonstrou preocupação e discretamente acenou para os caras da mesa de sinuca. — E às vezes, o problema está tão perto que nem notamos.

— Perigosos? — soltei uma risada frustrada. — O único perigo aqui sou eu. Acredite em mim. — respirei fundo e passei as mãos pelos cabelos.

Segui a pé pela cidade. Apesar de não conseguir manter os passos em linha reta, percebi que os caras da sinuca me acompanhavam à distância.

— Saco! — urrei, parando. — Vocês querem mesmo problemas comigo? — girei o corpo e eles simplesmente sumiram.

Pisquei algumas vezes, franzindo a testa.
Onde estão os filhos da puta? Foda-se!

Caminhei sem direção. Eu estava perdido em mim mesmo. As horas naquele bar foram um alívio, pois durante aquele tempo, consegui pensar em outras coisas sem ser em Janaína e as respostas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu devia lhe dar.

Ao dobrar a esquina, um carro preto passou por mim e eu o ignorei, mas quando ouvi o pneu cantar, coloquei-me em alerta. Em questão de segundos, o veículo parou ao meu lado e as portas se abriram. Desceram três homens.

— Boa noite. — forcei meu melhor sorriso, apoiando-me na parede com uma das mãos.

— É ele? — um deles perguntou, mirando os outros. Então um quarto homem desceu.

Se não estivesse tão escuro, eu conseguiria ver seus rostos. Respirei fundo, preparando-me para a pancadaria. Não que eu fosse dar conta de quatro nesse estado, mas...

— Donovan? — por instantes, aquela voz soou-me familiar.

— Quem é esse? — gargalhei, sacudindo a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os passos soavam mais próximos e quando pisquei, vi um deles em minha frente. Preparei-me para golpeá-lo, mas parei quando o reconheci.

— Maurício. Que surpresa vê-lo nessa noite infeliz...

— O que está fazendo aqui? — ele encarou-me, com os olhos me repreendendo e dizendo “Você está péssimo!”. — Vamos, eu vou te deixar em casa.

— Não vou para casa. — neguei com a cabeça.

— Para o meu apartamento, então. — disse, passando meu braço por cima do seu ombro. — A festa parece ter sido boa.

— A festa foi uma completa desgraça. — resmunguei, acompanhando-o.

Melhorei um pouco depois de um bom banho e uma xícara de café amargo. Permanecemos em silêncio no sofá, um de frente ao outro.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer falar sobre?

— Não. — fui direto.

— Quanto tempo ficou sem beber?

— Estamos falando sobre? — ergui as sobrancelhas e ele riu.

— Somos amigos e crescemos juntos. Tem algo errado e eu só quero ajudar. — Maurício cruzou as pernas, mirando-me atentamente.

— Eu não sou um bom amigo. — fui sincero.

— Sei disso, mas ainda assim somos amigos. Não somos? — rimos.

Abaixei a cabeça e respirei fundo, unindo ambas as mãos antes de mirar o chão.

— O ex dela voltou. E hoje, quando saíamos da festa, a beijou e ela não o impediu... —

PERIGOSAS NACIONAIS

bufei, cerrando os dentes. — Se ela não tivesse me impedido, eu ia matá-lo ali mesmo.

— Que merda!

— Depois disso, o infeliz soltou uma porção de coisas sobre mim, dizendo que ela não me conhecia e que eu escondia segredos... — afinei os olhos.

— E como ele sabe disso? — ergui o rosto, encarando Maurício.

— É isso que você vai descobrir para mim.

— E depois?

— Não sei. Não estou conseguindo pensar direito. — mordi meu lábio inferior e desconversei. — Beber foi uma péssima ideia. — esfreguei o rosto, endireitando-me no sofá.

— Sem dúvida.

Fez-se um breve silêncio entre nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se eu contasse a ela o que já fiz, será que ela continuaria me vendo como sou hoje? — desviei o rosto de Maurício. Ainda que ele mentisse, eu veria a verdade em sua expressão.

— Qualquer homem no seu lugar teria feito o que você fez. — engoli em seco.

— Algumas pessoas não entenderiam e, talvez, Janaína seja uma dessas pessoas.

— A sua noiva foi estuprada por quatro homens até a morte... — Maurício se levantou, com o cenho fechado. — E você não acha justo tê-los matados?

— Eu fiz mais que isso... — balancei a cabeça. — O que fiz com eles foi... — franzi a testa — fez a morte soar como um alívio. — respirei fundo e ergui a cabeça. — E não me arrependo.

— Eu também não me arrependeria.

— O problema foi perseguir seus familiares.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não fosse por você... — respirei fundo. — Quando penso nisso, só consigo me ver como o cara mau, o vilão.

— Sem uma razão, não há por que matar. — ele ponderou e prosseguiu: — Mas se alguém machuca uma pessoa que você ama, eu diria que esse é um bom motivo.

— Há um monstro adormecido dentro de todos nós, sempre à espreita, esperando o momento oportuno para se revelar. — murmurei.

— Você só bebia naquela época. Mal sabia contar até dez. Seu luto durou quase dois anos antes dos seus pais te internarem, e você saiu de lá um novo homem. — Maurício sorriu, aproximou-se de mim e tocou meu ombro. — Esqueça o passado e foque no presente.

— Não tenho certeza se realmente sou um novo homem...

Pois... Quero matar Esdras e, ao mesmo tempo, não quero.

PERIGOSAS ACHERON

Aconcheguei-me no quarto de hóspedes e fui arrebatado pelo sono, lembrando-me de dias que há muito eu havia esquecido...

[...]

— Don? — ela virou-se mostrando-me uma revista com alguns vestidos de noiva.

O lindo sorriso no rosto, que me encantava. Os cabelos louros e anelados batendo nos ombros e um corpo repleto de curvas. Seus olhos eram negros e sua pele branca como uma folha de papel.

— Sim, meu amor. — abri um largo sorriso e mirei-a vir em minha direção e sentar-se em meu colo, passando um dos braços pelo meu pescoço e abrindo a revista para que eu visse as opções.

— O que acha deste?

— Acho que qualquer um deles vai ficar perfeito. — encarei-a e ela revirou os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não seja bobo. Precisamos escolher um.

— Hum... — fiz um bico, pensando por alguns instantes. — Gosto desse. — apontei com o dedo para uma peça que iria realçar as curvas dela.

— Vou levar sua opinião em consideração.
— riu, pousando uma das mãos em meu rosto, beijando-me em seguida.

— Senhorita Janaína, seus pais chegaram.
— Amélia deu o recado e assim que a encaramos, assentiu com a cabeça. — Eles estão aguardando na sala de estar.

— Estamos indo.

Saltei da cama quando o despertador tocou. Esfreguei o rosto e mirei o relógio. Seis horas da manhã. Ao sentar-me na beirada da cama, esbocei um pequeno sorriso.

O mesmo nome, mas tão diferentes. Cada qual encantadora à sua maneira...

PERIGOSAS ACHERON

[...]

— Está melhor? — Maurício mirou-me na mesa do café.

— Com uma ressaca do caralho, mas sóbrio. — dei de ombros e ele riu.

— Sobre a mãe da criança encontrada no parque, nós já temos um rosto. — tomei um gole do *cappuccino*. — Agora fica mais fácil localizá-la.

— Excelente. — *Janaina ficará radiante com essa notícia.*

Era estranho a forma como ela conseguia mexer comigo. Apesar de estar chateado, só de imaginá-la feliz, eu também me sentia feliz.

— Bom, preciso me apressar para o trabalho. Quer carona?

— Não, obrigado.

— Sinta-se em casa. — piscou para mim e

apressou-se para a porta.

Fiquei sozinho com meus pensamentos, analisando cuidadosamente se iria ou não trabalhar naquele dia.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

POR JANAÍNA



Estranho.

Essa é a palavra que cabe no espaço vazio da minha cama. Não que tenhamos nos envolvido ao ponto de ele dormir comigo todas as noites — mesmo tendo feito isso nos últimos dias. Não o ver em casa era como não o ter na minha cama, ao meu lado.

Aquela noite foi longa. Permaneci em vigília, à sua espera. Toda aquela situação do evento tinha uma explicação — e, também, o dedo de Esdras.

Pela manhã, aprontei-me para o trabalho e descí para a sala principal, com o vestido aberto nas costas. Era ele quem sempre subia o zíper...

— Deixe-me ajudar, senhorita. — respondi o sorriso de Amélia com outro sorriso. Ela colocou-se atrás de mim e fechou o vestido. — Prontinho.

— Obrigada.

— A senhorita fica muito bem com vestidos vermelhos. — analisou-me sem piscar e parou em minha frente, ajeitando algumas dobras. — É uma visão intimidadora para os homens e desafiadora para as outras mulheres.

— A senhora parece saber muito sobre vestidos. — uni ambas as mãos sobre o ventre.

— Há muitos anos trabalhei como costureira, apesar de querer ser uma estilista famosa. — disse com bom humor, arrancando-me um sorriso. — Só que as coisas não aconteceram como imaginei que seriam e quando me dei conta, eu estava prestando serviços de babá para um garotinho que me fez amar o meu trabalho.

— Ah, crianças são sempre radiantes.

— São sim. — assentiu com a cabeça. — Vê-las crescer e começar a vida é delicioso. O problema é quando se tornam adultos e começam a se destruir, então surge dentro de você uma incontornável sensação de intervir e mesmo fracassando, você segue tentando. — havia tristeza em sua voz. — Apesar das muitas quedas, ele se reergueu, mas não estava feliz, até encontrar uma nova razão para alegrar o próprio coração.

— Qual é o nome dele? — perguntei curiosa e ela simplesmente sorriu, assentindo com a cabeça.

— O motorista está à sua espera, senhorita Paixão. — Amélia assentiu com a cabeça e girou o corpo, apressando-se para a cozinha.

Cheguei na empresa com a história de Amélia na cabeça. Seja lá quem for esse garotinho que ela cuidou, não tenho dúvidas que o ama como se fosse seu.

Ao sair do elevador, apressei-me na esperança de ver Don em sua sala, esperando por

PERIGOSAS ACHERON

minha chegada, mas ele não estava lá. Passei os olhos por sua mesa e os papéis estavam como deixamos ontem.

— Bom dia, Doutora Paixão. — girei o corpo em direção à porta, deparando-me com um rapaz de cabelos curtos, olhos castanhos e bem vestido. — Sou Théo. — *o assistente do meu assistente.* — O senhor Davies disse que eu deveria auxiliá-la durante sua ausência. — engoli em seco.

— O senhor Davies informou por quanto tempo pretende permanecer alheio às suas funções? — Théo negou com a cabeça, visivelmente constrangido com a rispidez que usei no tom de VOZ.

— Imagino que saiba por onde começar, certo?

— Sim, senhorita.

Girei em cima dos saltos e segui para o meu consultório. Antes de entrar, avisei-o:

— Incomode-me apenas quando for necessário e não entre sem bater. O telefone está funcionando, então faça uso dele. — fechei a porta atrás de mim.

Os meus olhos estavam ardendo e o meu coração apertava-se dentro de um sentimento de perda. Era como se eu estivesse prevendo que não nos veríamos tão cedo.

Por mais que eu quisesse concentrar-me no trabalho, estava totalmente aérea aquela manhã. Desisti das obrigações por alguns instantes e resolvi ligar para Estela.

— Lembrou da sua amiga aqui? — ela disse com bom humor assim que atendeu. — Brincadeira. Imagino que as coisas devem estar muito agitadas.

— Realmente estão.

— O nosso Donovan Davies tem se saído muito bem. Os relatórios que ele nos enviou estão impecáveis. Eu diria até que é mais habilidoso do

que eu. — forcei uma risada para acompanhá-la, mesmo incomodada com o “nosso Donovan”.

— Sim, ele é muito competente.

— Ei, o que foi? — seu tom de voz soava piedoso. — Alguém parece não estar muito bem. Vamos lá, conte-me o que aconteceu.

Respirei fundo.

— Tantas coisas vem acontecendo que não sei por onde começar.

— Sinto que é o tipo de conversa que necessita acontecer pessoalmente.

Em outra ocasião, eu rejeitaria, pois sei de todas as ocupações que seu cargo exige, mas hoje não.

— Estou livre para jantar. — sugeri.

— O jato da empresa deve chegar em breve. Vou pedir ao piloto para mudar a rota. Encontramo-

nos onde?

— O local fica a seu critério. — respirei fundo, apoiando a nuca no sofá e mantendo as pernas cruzadas. — Obrigada, Estela.

— Não agradeça. Assim vou sentir que isso é uma obrigação, quando na verdade é nossa amizade falando mais alto.

Rimos.

— Até mais tarde então. Assim que chegar, eu envio uma mensagem dizendo o local.

— Certo.

Ao longo do dia, apeguei-me em alguns detalhes. Sempre que podia, Don arrumava um jeito de entrar em minha sala e era inteiramente atencioso e comunicativo, desprezando minhas ordens a respeito da distância mínima entre nós. Sem falar que havia todo um clímax no ar, mesmo no começo, quando eu o detestava.

Ele agia com atenção, preocupação e estava sempre a postos, parecendo adivinhar tudo que eu gostaria de fazer. Sem dúvida, Don tinha um objetivo e não era ser meu assistente. Isso sempre esteve claro, desde o começo.

— Senhorita Paixão. — Théo chamou-me depois de bater na porta.

— Entre.

— Como acabamos de atender a última cliente, vim perguntar se estou dispensado. — encarei-o rapidamente e voltei ao celular, lendo a mensagem de Estela que havia reservado um lugar no *Bonzor Restaurant*.

— Está sim. — ele assentiu com a cabeça e retirou-se.

Passei os olhos pela minha sala, lembrando-me de como ele fazia. “*O motorista está nos aguardando*”. Don não me deixava sozinha por um único instante e eu não me sentia sufocada, não com ele. Era confortável saber que ele estava

comigo. Forçando bem as memórias, desde que começou a trabalhar comigo, nunca voltei sozinha para casa.

Estranho e solitário.

Uma nova palavra havia se juntado a minha conclusão de mais cedo. Confesso, pensei em ligar para Don várias vezes, mas quando lembro-me da decepção em seus olhos ao comentar sobre o beijo de Esdras, sinto que é melhor esperar um pouco.

Deixei a empresa seguindo diretamente para o local combinado com Estela, que me aguardava na mesa.

— Boa noite. — ela colocou-se de pé e prontamente abraçou-me.

— Boa noite. — retribuí, dando-lhe um beijinho no rosto.

— Vamos lá, sente-se. — apontou com uma das mãos. Estela puxou uma cadeira, sentando-se ao meu lado e pegou em minhas mãos. — Conte-

me tudo.

Enchi os pulmões de ar e comecei do princípio, desde o primeiro dia em que nos conhecemos. A cada palavra, os seus olhos arregalavam-se em surpresa. Meio que soava inacreditável e eu entendia, pois para alguém que passou tanto tempo ao meu lado como ela, algo desse tipo seria considerado muito improvável.

— Estou perplexa por tantas razões que...
— riu, sacudindo a cabeça. — Quer dizer que Donovan Davies amoleceu seu coração?

— E agora desapareceu. — emendei.

— É compreensível que Don esteja magoado, mas não se esqueça, Jana, ele ainda precisa te explicar muita coisa.

— No devido tempo ele fará isso. Sei por experiência pessoal que algumas coisas necessitam de uma longa digestão para serem trazidas à tona outra vez. — Estela assentiu com a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda estou embasbacada com você ter se envolvido com alguém do seu círculo profissional. Não que isso seja ruim, é só que...

— Não é muito a minha cara. — ergui as sobancelhas, balançando a cabeça positivamente. — Eu sei. Acredito que tornar-me a Doutora Paixão me fez crescer como mulher.

— E eu fico imensamente feliz por isso. Você sempre foi segura e decidida em relação ao trabalho, mas quando se trata da vida pessoal...

— Um desastre. — gargalhamos.

O breve silêncio fez-me pensar nele outra vez. Sim, eu aprendi com ele a me soltar mais, a apreciar mais a beleza que há escondida em toda mulher e a sempre ouvir em qualquer momento do dia “A Poderosa Doutora Paixão”.

Um homem que estimula a vaidade de uma mulher dessa forma torna-se inesquecível.

— Talvez eu deva conversar com ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não. — imediatamente recusei a ideia.

— Prefere esperar, mesmo que demore?

— Também não, mas... — respirei fundo.
— Don sabe tudo sobre mim e eu sei tão pouco sobre ele. Acho que esse é o ponto do caminho onde devemos esperar por uma indicação de qual rumo tomar.

— Entendo. — subitamente mudou de assunto. — Estive fazendo um levantamento e, desde a sua estreia, você já ocupou dezesseis capas de revistas. Algumas falando da sua proeza em reatar casamentos perdidos e outras sobre o seu vestido.

Arregalei os olhos.

— O vermelho? — ergui as sobrancelhas.

— Exatamente. E pelo que andei pesquisando, o *modelito* que você usa deu um salto

PERIGOSAS NACIONAIS

de preço. O valor, antes acessível, agora é bem mais salgado. — não escondi meu espanto. — As pessoas gostam de se espelhar em pessoas públicas.

O assunto seguiu sobre o progresso da empresa e da nova investida de Miguel. A rede de Clínicas do Prazer estava investindo em uma linha própria de produtos eróticos e roupas femininas. E com o sucesso dessa primeira etapa, o próximo alvo seria o mercado de perfumaria e calçados.

Depois do jantar, despedimo-nos. Eu voltei para a mansão de Miguel e Estela pegou o voo para a sede, em Goiânia.

Outra vez, naquele casarão imenso sem ouvir aquela deliciosa voz ecoando em minha orelha, mesmo causando-me uma leve irritação às vezes, era aquele som que fazia-me sentir abraçada.

Onde você está Donovan Davies? Você prometeu sempre suprir todas as minhas necessidades, sejam quais fossem, então... Por que estou sozinha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de conhecê-lo, estar solitária me era confortável, mas agora é...

MORTAL.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E SETE

POR DONOVAN DAVIES



Peguei emprestado o melhor terno de Maurício. Por termos quase o mesmo porte físico, servia perfeitamente. No caminho do meu destino final, passei por uma floricultura e comprei o maior e mais bonito buquê de flores que encontrei.

O sol da manhã tocava meu rosto com carinho, quase acariciando-o. Eu realmente estava me sentindo bem em fazer isso. Ao descer do *Uber*, entrei no Cemitério da Consolação e segui para o túmulo dela.

A caminhada durou um certo tempo, mas assim que cheguei, esbocei um pequeno sorriso, depositando o buquê de flores em frente a sua foto. A última foto que tirei de Janaína. Ela estava sorridente, usando uma blusa que compramos em um *tour* pela América do Sul.

PERIGOSAS ACHERON

Sentei no chão e cruzei as pernas, tombando a cabeça para trás. O vento chacoalhava meus cabelos e sorte a minha estar embaixo da sombra de uma árvore; logo o sol ficaria verdadeiramente quente.

— Faz tempo desde que vim aqui pela última vez... — fechei os olhos, respirando fundo. — Na verdade, vim apenas uma vez...

Alguns diriam que eu estou louco em falar com alguém que já morreu. Não ligo. Antes de ser minha noiva, Janaína foi minha namorada e minha melhor amiga.

Uma história de amor que surgiu no colegial, quando ainda éramos jovens e insanos o suficiente para ir trocar beijos na sala de vídeo.

— Demorei para conformar-me com tudo o que aconteceu. Superar, isso não vai acontecer nunca. — senti meus olhos arderem. — Como alguém se atreve a arrancar as penas de um anjo? — sacudi a cabeça, cerrando os punhos. —

Comecei a beber e tornei-me um alcoólatra e se você estivesse viva, com certeza teria me dado uma surra. — gargalhei, sentindo a primeira lágrima escorrer por meu rosto.

Respirei fundo e abaixei a cabeça.

— Também fiz coisas ruins, das quais você não se orgulharia nada de mim, mas eu não me arrependo. — funguei, unindo os lábios.

Doía no fundo da alma. Eu sempre amaria Janaína como minha melhor amiga. Como mulher, outra tomou meu coração e sei que ela a aprovaria.

— Sabe... — passei o braço pelo rosto, enxugando as lágrimas. — Conheci uma pessoa. Ela é durona, engraçada e sensível. E vocês tem o mesmo nome. — mordi os lábios. — Sendo sincero, foi o que me chamou a atenção nela.

Endireitei-me, estufando o peito.

— Não que eu estivesse procurando outra pessoa como você, é só que... Naquele dia, quando

resolvi ingressar no desafio de ser escolhido como o próximo Doutor Prazer, eu não parava de imaginar qual seria sua reação. Provavelmente outra surra... — gargalhei. — E foi quando ouvi Miguel chamá-la.

Estalei os dedos e abaixei a cabeça.

— Você chamaria de complexo de Janaína por conta do nome. No fundo, talvez eu estivesse te buscando nela, mas imediatamente dei-me conta que vocês duas eram completamente diferentes, e ao mesmo tempo, apaixonantes.

Sim. As duas mulheres da minha vida tinham o mesmo nome, mas a semelhança resumia-se unicamente nisso.

— Abduquei a tudo para conhecê-la melhor. Primeiro o fiz à distância e, antes mesmo de me aproximar, descobri estar completamente apaixonado por aquela mulher. As coisas foram acontecendo e apesar das dificuldades de aproximação, começamos a nos envolver. E você sabe como sou, não é? — mordi os lábios, contendo

um sorriso. — Fiz mil e um planos na minha cabeça, pois como você sempre me intitulou, quando me apaixono sou Don, o Apaixonado.

Apesar de parecer loucura para alguns, para mim estava sendo libertador confessar-me daquele jeito, admirando aquela foto sobre a lápide. Sei que, onde quer que ela esteja, não pode me escutar, mas nem mesmo a morte pode impedir que sigamos amando aqueles que nos deixaram.

— Hoje eu vim aqui te falar sobre tudo isso, pois acho que é justo você ser a primeira a saber o quanto quero aquela mulher. Não estou te trocando, pois se ainda estivesse comigo, provavelmente já teríamos filhos. O que estou fazendo é o que tenho certeza que você gostaria de me ver fazer: seguir com a vida.

Enchi os pulmões de ar e coloquei-me de pé, enfiando ambas as mãos nos bolsos.

— Você sempre terá um lugar no meu coração, Janaína, por isso, peço que aprove esse recomeço. — abaixei a cabeça e permaneci em

silêncio.

O celular tocou, tirando-me das mais belas memórias que tive na vida. Assim que o peguei, atendi. *Maurício*.

— Dei uma passada rápida no apartamento para perguntar se queria almoçar, mas não te encontrei.

Que horas são?! Encarei o relógio de pulso. Quase meio-dia e meia.

— Estou dando uma volta.

— Tomando umas?

— Prometi a ela que não beberia mais. Apesar de ter dado uma fraquejada, estou confiante em vencer esse desafio. — Maurício riu.

— Tenho algumas novidades.

Dei uma última olhada na lápide da minha ex-noiva, esbocei um sorriso ao vê-la naquela foto

PERIGOSAS NACIONAIS

e segui em direção à saída, em passos lentos.

— Que seriam?

— Vou começar pelas boas notícias. — respirei fundo, impaciente. — Localizamos a mãe da criança abandonada. O nome dela é Guadalupe Moraes e está disposta a colaborar com você e Janaína. — senti meu coração palpitar.

— Excelente! — subitamente cessei o passo, colocando uma das mãos na cintura. — Não há notícia melhor para hoje.

— É...

— Que tom foi esse? — o sorriso no meu rosto se desfez e minha testa enrugou-se.

— Acertamos o contrato com a empresa de Victório.

— E o que mais? — eu o conhecia e sabia que ainda tinha mais coisa.

PERIGOSAS ACHERON

— Nossos homens avistaram Esdras deixar a sede da empresa de Victório. — cerrei os dentes e respirei fundo.

Os acontecimentos da noite do evento regressaram com força total à minha mente. Lembro-me de Janaína ter dito que uma das garçonetes a chamou e uma garçonete também se aproximou de mim, dizendo que ela estava à minha espera na saída do evento.

Afinei os olhos. *Estão armando para cima de nós.* Não tenho a menor dúvida.

— Quero a guarda especial fazendo a escolta de Janaína. — determinei e fui mais além. — Caso seja preciso, atirem para matar. — sequer pisquei, sentindo meu corpo inteiro arder de ódio.

Perdi alguém uma vez, mas eu nunca mais vou perder alguém que amo!

— Sim, senhor.

— E quanto a Esdras. — prossegui,

PERIGOSAS NACIONAIS

respirando fundo. — Convide-o para um passeio. Há muitas coisas que quero perguntar a ele pessoalmente.

— Nesse momento pode ser arriscado. Nós ainda não sabemos o nível de intimidade dele com Victório.

— Então vamos descobrir. — arqueei o lábio inferior.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E OITO

POR JANAÍNA



Havia uma angústia apoderando-se de mim. *Por que ele não liga? Não dá notícias?* Talvez tenha acontecido alguma coisa ou...

Sacudi a cabeça, tentando afastar da mente qualquer pensamento que pudesse me levar à loucura. Respirei fundo e sentei na cama, mirando o celular de forma tentadora.

Sei que eu deveria esperar...

Deixei toda sensatez de lado e peguei o telefone, discando para ele. Rodeando no quarto de um lado a outro, esperando que atendesse.

Engoli em seco quando caiu na caixa de mensagem. Respirei fundo e insisti, ligando novamente. Chamou uma vez, duas e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está no silencioso. — girei o corpo bruscamente, deparando-me com ele escorado no batente da porta, com os braços cruzados.

— Seu... — cerrei os punhos e precipitei-me em sua direção, pisando duro. — Idiota! — ralhei, socando seu peito várias vezes.

— Eu mereci isso? — Don abriu um sorriso tão belo que me desarmou. Abaixei a cabeça, desviando nossos olhares. — Se for o caso, não pare.

— Fiquei preocupada. — respirei fundo e ergui o rosto, encontrando seus olhos.

— Apenas preocupada? — Don endireitou-se, dando um passo em minha direção, aproximando nossos lábios.

— Don... — afastei-me lentamente para trás. — Ainda precisamos falar sobre o que aconteceu no evento.

PERIGOSAS ACHERON

— Agora? — disse começando a desabotoar a camisa e quando a tirou, fez questão de exhibir o abdômen repleto de gomos para mim. — Pensei em matarmos a saudade primeiro e depois brigamos novamente, para então, voltarmos à cama. — mordeu os lábios.

— Estou falando sério, seu imbecil. — revirei os olhos.

— Eu também. — avançou outra vez e puxou-me pela cintura, roçando a barba rala no meu pescoço.

— Sobre o Esdras, nós não temos...

— Vai estragar o momento. — ele sussurrou em minha orelha, afastou-se e colocou o indicador sobre meus lábios. — Um dia sem você parece uma eternidade...

Aquelas palavras fizeram meu coração bater mais forte e eu simplesmente rendi-me a ele. Caí na cama, com Don em cima de mim, chupando meus lábios vorazmente. Sua mão direita seguia em

minha cintura, enquanto a esquerda subia por minha coxa, erguendo meu vestido.

Empurrei-o, afastando nossos lábios, e terminei de subir o vestido, com ele me ajudando a arrancá-lo, antes de o jogarmos para o lado. Don retirou a camisa e avançou novamente, selando meus lábios consecutivas vezes em meio a sorrisos.

Subitamente girei por cima dele, sentando sobre seu abdômen, mordendo os lábios. Eu adorava a expressão de surpresa que ele exibia no rosto. Desci com a boca por seu pescoço, mordendo-o com força, enquanto acariciava o seu peitoral, antes de começar a beijá-lo de um lado a outro.

Don desceu as mãos até as calças, começando a desabotoá-las. O ajudei com o cinto e acabamos nos livrando da peça. O volume mostrava o quanto ele estava animado para aquilo. Esbocei um sorriso sacana e mudei de posição em cima dele; sentei em sua cara e inclinei o corpo, dando a primeira mordiscada em seu pau sobre o tecido, fazendo-o gemer.

Provoquei-o por longos minutos, só parando quando o senti puxar a minha calcinha para o lado, arrepiando-me por inteira ao estimular meu clitóris com a língua. Ofeguei, contendo um gemido e retirei sua rola da cueca, abocanhando apenas a glândula, que eu chupava lentamente, vendo suas pernas se contraírem.

O ritmo da sua boca em minha boceta tornava-se cada vez mais forte, deixando-me em fogo intenso. Logo eu me pegava deslizando os lábios por seu membro e, quando o soltava, descia até suas bolas, primeiro chupando uma, depois a outra, enquanto o punhetava vagarosamente.

Soltei um gemido alto quando seus dedos me invadiram, em movimentos rápidos. Mordi os lábios, parando o que estava fazendo para degustar aquela deliciosa e crescente sensação de prazer, que chegava a me extasiar.

Don sentou-se na cama, aconchegando-me, e segurando-me pelo quadril, trouxe-me até onde queria. Sentei gentilmente em seu membro, de

costas para ele, ainda de joelhos, com as mãos apoiadas sobre a cama.

Impulsionando os quadris para cima e para baixo, eu sentia seu pau entrar e sair da minha boceta, arrepiando-me quando Don mordiscava minhas costas ou roçava a barba em minha pele.

Contudo, não durou muito para que ele ajoelhasse atrás de mim, segurando-me pela cintura. Praticamente de quatro, eu sentia suas estocadas fortes dentro de mim, fazendo meus seios balançarem conforme meu corpo ia para frente e voltava.

— Isso... — mordi os lábios com força.

Uma de suas mãos subiu por minha nuca, agarrando meus cabelos e puxando-os para trás, com os movimentos ainda mais rápidos que antes.

O cheiro de sexo, o prazer correndo por minhas veias, aquele homem em cima de mim... Gemi outra vez, tendo meu primeiro orgasmo, que ele não deixou de notar, cumprimentando-me com

um tapinha na bunda, antes de deitar sobre mim e abraçar-se ao meu corpo, colocando-nos de ladinho.

Sem pressa, o senti erguer uma de minhas pernas, facilitando seus movimentos. Comecei a massagear meu clitóris com a ponta dos dedos, enquanto o sentia cada vez mais quente e ofegante, em meio aos sussurros sacanas que vez ou outra dizia em minha orelha, excitando-me ainda mais.

O quarto estava um calor infernal, talvez fosse a nossa temperatura corporal que chegava ao extremo. Seus beijos consolavam-me quando eu parecia sentir dor, mas quando os gemidos de prazer escapavam, ele entrava e saía impiedosamente de mim.

— Eu... Vou... Gozar... — ofeguei entre as palavras, virando a cabeça para trás e ao deparar-me com aquele sorriso, mordi os lábios.

— Vamos fazer isso juntos... — ele chupou meus lábios e o ritmo aumentou outra vez, com suas bolas ecoando enquanto batiam na minha

bunda.

O ápice do prazer chegou, num misto de saciedade e vontade de mais. Gozamos ao mesmo tempo, mas dessa vez, ele permaneceu pulsando dentro de mim por um longo tempo, antes de se recompor.

— Seu pervertido. — disse ainda cansada, deitando-me sobre seu peito e Don apenas sorriu.

Estávamos na cama, encarando um ao outro. Havia um sentimento envolvendo-nos de uma maneira que eu nunca havia me sentido e, se um dia senti, tinha sido há tanto tempo que já não me lembrava mais.

— Você é a mulher da minha vida. — Don roçou o polegar no meu rosto e o desceu, desenhando meus lábios. — Desculpe-me por tê-la ignorado completamente na saída do evento. Se eu tivesse te ouvido...

— Desculpas aceitas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho absoluta certeza que aquilo não foi culpa sua. — seus olhos afinaram, flamejando.
— Infelizmente, é o resquício de um problema que eu já deveria ter lidado e não o fiz.

— Do que está falando? — franzi a testa, encarando-o sem entender nada.

— Confia em mim? — neguei com a cabeça e ele riu, mordendo os lábios. — Diga que confia só dessa vez, por favor.

— Só dessa vez. — deslizei o indicador pelo seu peitoral, desenhando-o.

— Victório está usando Esdras para causar problemas entre nós. — sentei-me bruscamente na cama. — Tudo que aconteceu ali foi uma armação. A mesma garçonete que te deu o recado falou comigo. Foi tudo planejado.

— Por que Victório faria isso? — perguntei espantada.

— Você descobriu demais sobre ele. Se não

PERIGOSAS ACHERON

fosse quem é, talvez não estivéssemos tendo essa conversa. — um frio súbito subiu por minha espinha. Simplesmente fiquei muda, sem saber o que dizer.

Don fechou os olhos e respirou fundo.

— Lembra-se daquele dia que cheguei com o rosto machucado? — abriu os olhos, encarando-me. Confirmei com a cabeça. — Não foi uma porta.

— O que foi então? — senti minha voz tremular.

— Encontrei-me com o homem que te machucou e tivemos uma longa conversa sobre como tratar as mulheres com o devido respeito. — meu coração quase parou.

— Isso foi muito imprudente. — soquei seu peito, arrancando-lhe um gemido e, ao ver um resquício de tristeza em sua face, amenizei: — Também foi muito corajoso. — selei seus lábios.

— Eu tinha certeza que havia uma ligação

dele com Victório. Agora que juntei todas as peças, entendo que esse homem está tentando nos mandar um recado.

Engoli em seco.

— Ele não vai tolerar qualquer intromissão nos seus planos. E isso inclui nós dois, que sabemos bem o que ele quer fazer com aquelas duas mulheres, donas de uma verdadeira fortuna.
— Don estava certo.

Lembrei de Alexia, quase em desespero no meu consultório e depois, completamente feliz por estar grávida, com a promessa de que seria a única. Só de imaginar que não havia amor, apenas interesse, manipulação e um objetivo a qualquer custo, eu temia por elas.

— Quero que você saiba que irei te proteger, não importa a situação. — disse Don, fazendo-me segurar suas mãos.

Como era bom ouvi-lo dizer aquilo. Não havia palavras para descrever a sensação de senti-lo

PERIGOSAS NACIONAIS

junto a mim novamente.

Don prosseguiu:

— Sei bem que homens como Victório não param até eliminar seus alvos. Por isso... — forçou um sorriso, freando as palavras.

Arregalei os olhos, amedrontada. Quando que eu imaginaria me envolver em um assunto desses apenas atendendo mulheres como conselheira sexual e amorosa?

— Deveríamos denunciá-lo à polícia. — afirmei com convicção.

— Victório é um homem muito poderoso e isso não adiantaria de nada. Sendo franco, o deixaria em alerta... E um animal acuado é perigoso.

— E o que o senhor estrategista sugere? — esfreguei os dedos, um pouco nervosa com o rumo que a conversa estava tomando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sugiro que deixe as partes ruins nas minhas mãos. — abaixei a cabeça, franzindo a testa. Não era a primeira vez que eu tinha essa sensação. — Sabe, ainda há muitas coisas que preciso te contar, mas não tenho certeza se é a hora.

— Coisas ruins? — as palavras custaram sair.

— Muito ruins. Coisas que fiz no passado, mas de algumas eu não me arrependo em nenhum momento.

— Que tipo de... — parei e sacudi a cabeça. — No seu tempo. — ele assentiu com a cabeça e puxou-me pela nuca, beijando a minha testa.

Era muita coisa para digerir. Quando fui atacada, eu sabia quem era o mandante, ele havia sido bem claro. Contudo, imaginei que essa história terminaria ali, mas as coisas desenrolaram-se até chegar a esse ponto e eu não saber de nada.

Enquanto eu seguia com o trabalho, Don permanecia vigilante, cuidando de mim...

PERIGOSAS ACHERON

Empurrei Don contra a cama e aconcheguei-me novamente em cima dele, pousando o rosto em seu peitoral. Seus dedos afagavam meus cabelos de forma gostosa.

— Gosto de estar com você. — confessei.
— Sinto-me segura, amada, desejada.

— Muito segura, amada e desejada. —
soquei-o outra vez. — Au!

— Convencido! — respirei fundo. —
Queria ouvir boas notícias. — murmurei.

— Deixei para o final. — fechei os olhos,
ouvindo com atenção. — Encontramos a mãe de
Valentina.

— O quê? — quase saltei da cama.

— E também consegui autorização para
visitarmos a pequena. — sentei-me na cama de uma
vez, com os olhos arregalados. — Até quando estou
bravo com você, estou agindo para fazer um sorriso

brotar em seu rosto.

Esbocei um sorriso e pulei em cima dele, arrancando-lhe outro gemido. Por fim, abracei-o pelo pescoço.

— Obrigada.

É bom ter você de volta, Don.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

POR DONOVAN DAVIES



Admirá-la dormir feito um anjo se tornou um passatempo. Janaína aparentava ser tão frágil e dependente, contudo, a verdade era completamente diferente.

Por ter acordado bem cedo, desci para fazer o café da manhã e servi-la na cama. Ao entrar na cozinha, deparei-me com Amélia, que me encarou rapidamente, terminando de fazer as torradas.

— Bom dia, meu filho.

— Bom dia.

— A senhorita Janaína já acordou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda não. — puxei uma cadeira e sentei-me, apoiando os braços na mesa.

— Vejo felicidade nos seus olhos quando diz qualquer coisa relacionada a ela. — Amélia colocou a tigela com torradas na mesa e uma garrafa de café. — Você a ama.

Respondi com um sorriso.

— Ela é uma boa menina.

— É sim.

— Os seus pais ligaram ontem. — terminei de me servir de café. Amélia sentou-se em minha frente e também se serviu. — Eles comentaram que você não entra em contato faz um tempo.

— De fato.

— E que por isso estão vindo para cá. — ergui as sobrancelhas, pousando lentamente a xícara em cima da mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eles vêm? — repeti com descrédito e Amélia assentiu com a cabeça.

— Chegam neste fim de semana.

Respirei fundo e cruzei os braços, mantendo-os apoiados sobre a mesa. Eu havia entendido a razão de Amélia ter me contado sobre a chegada deles.

— Pela cara que fez, ainda não contou a ela. — confirmei com a cabeça. Amélia levantou-se dando um longo suspiro. — Não deixe que pequenas coisas atrapalhem vocês dois. Isso é papel dos grandes segredos.

Permaneci em silêncio, enquanto Amélia preparava uma bandeja com o café da manhã de Janaína. Assim que me entregou, subi para o quarto.

Ela estava certa. As pequenas coisas são apenas detalhes, mas que podem se tornar grandes buracos na confiança em uma relação.

PERIGOSAS ACHERON

Quase chegando no quarto, o meu celular tocou. Retirei-o do bolso do calção. *Maurício*.

— Pronto.

— Bom dia, senhor Davies.

— Excelente dia.

— Hum... Fico feliz pelas coisas terem se ajeitado. — arqueei uma sobrancelha.

— O que te leva a acreditar nisso?

— O fato de não ouvir um “excelente dia” há muito tempo. — rimos. — Bom, estou ligando para informar que o encontro com a mãe da criança está marcado para a segunda-feira e que já a levei no juizado, onde ela apresentou-se como mãe da criança.

Isso é bom, mas também é ruim. Quando a assistente verificar sua situação, não tenho dúvida de que a classificará como incapaz. Preciso resolver isso com urgência.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela não pediu nada em troca?

— Não. Apenas perguntou se eu poderia lhe pagar o café da manhã. — engoli em seco.

— Qual a situação dessa senhora?

— Eu diria que a pior de todas. — pisquei algumas vezes.

— Vou pensar em uma solução para isso.

— Estamos falando de uma viciada e sabe como as coisas acontecem. Assim que ela perceber que vocês têm poder aquisitivo, muitas concessões serão pedidas e...

— Já entendi. — interrompi-o.

— Só estou tentando dizer que vocês devem pensar muito a respeito dessa criança. Entendo todo o desejo de Janaína em tê-la. A questão que não sai da minha cabeça é se você também quer o mesmo ou apenas espera fazer Janaína feliz com isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Uma criança é sempre bem-vinda.

— Não discordo. Contudo, lembre-se de todos os pormenores que envolvem isso. A guarda não é definitiva e com a mãe da pequena nesse estado... — suspirei, começando a ficar impaciente.
— Certo, certo. Não vou interferir nos seus assuntos.

— Obrigado.

— Não esqueça que vamos dar um passeio com Esdras hoje. Assim que ele *aceitar* o convite, te informo. Tenha um bom dia, senhor Davies.

— Você também.

Guardei o celular no bolso e entrei no quarto. Coloquei a bandeja em cima do criado e sentei-me na cama. Apesar da agenda estar vazia pela manhã, Janaína havia me pedido para acordá-la bem cedo.

Suavemente comecei a roçar o polegar em

PERIGOSAS NACIONAIS

seu rosto e, aos poucos, seus olhos se entreabriram. Assim que me viu, sorriu.

— Bom dia.

— Bom dia. — gemeu.

— Que horas são?

— Não faço ideia. — rimos.

Puxei a bandeja para a cama.

— Temos leite com achocolatado e leite com café, além de torradas, ovos mexidos com bacon e algumas frutas.

Janaína sentou-se na cama, espreguiçando-se e eu peguei uma torrada, dando-lhe na boca. Em seguida, ela optou pelo leite com achocolatado.

Após o café, seguimos para um banho rápido, onde roubei-lhe alguns beijos e depois nos aprontamos para seguir ao Centro Social, onde a pequena Valentina estava.

PERIGOSAS ACHERON

— Don, acha que estão cuidando bem dela?
— perguntou preocupada, penteando os cabelos sem tirar os olhos de mim.

— Tenho certeza disso. — Janaína balançou a cabeça e voltou-se ao espelho.

Parar para pensar naquela criança fez-me refletir por alguns instantes. Eu realmente queria ser pai naquele momento? Por outro lado, não lembro de Janaína ter me dito que esperava isso de mim. Eu apenas sabia que ela queria Valentina como sua filha, independente do que eu pensava.

Esbocei um pequeno sorriso, admirando-a terminar de se arrumar e concluí: uma mulher para todos governar, sem preocupar-se com o que dirão.

— Vamos? — colocou a escova em cima da penteadeira, passando a mão pelo vestido bege, que batia na altura das coxas.

— Primeiro vamos conversar. — bati a mão na cama, chamando-a.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sobre? — veio até mim, colocando as mãos na cintura, completamente armada. Sinalizei com a cabeça para a cama e ela se sentou.

— Te devo desculpas.

— Pelo quê? — ela parecia não entender.

— Quando você foi atacada, procurei a melhor forma de te proteger e o único lugar seguro que me veio à mente foi este casarão, que na verdade não pertence a Miguel. — Janaína ergueu as sobrancelhas. — É um dos meus imóveis. — ela preparou-se para abrir a boca, mas não dei-lhe tempo. — Sabemos bem que, naqueles dias, se soubesse que era a minha casa, você não viria.

Janaína respirou fundo, assentindo com a cabeça.

— Por isso, me desculpe por mentir. — toquei sua mão com a minha e ela virou o rosto para o lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Confesso que tenho medo do que posso descobrir a seu respeito, Don. — engoli em seco.

— E eu de imaginar perdê-la para sempre. — abaixei a cabeça. — Se me lembro bem, essa foi a única mentira que te contei.

Por instantes, ela pareceu longe de mim, pensando calmamente sobre a minha confissão.

— É só não fazer nenhuma merda, seu idiota! — Janaína rosnou, colocando-se de pé. — E não pense que eu esqueci. Ainda me deve muitas respostas.

Imaginei que o assunto fosse alongar-se naquele momento, mas eu estava enganado. Era nítida a ansiedade para ver a pequena Valentina. Sorte a minha.

— Podemos jantar hoje e falar um pouco disso, que tal? — ela encarou-me surpresa e esboçou um pequeno sorriso. — Vou entender como um “sim”.

PERIGOSAS ACHERON

Não nos demoramos e partimos em direção ao centro social onde a pequena Valentina estava sob os cuidados do governo, até que fosse decidido o seu destino.

Estávamos entrando quando Janaína segurou a minha mão com força. Voltei-me a ela, sem deixar de notar a tensão em seu rosto.

— Estou nervosa. — murmurou.

— Tudo vai ficar bem. — rocei o polegar em sua mão e a conduzi.

Identificamo-nos e após a confirmação de autorização cedida pela juíza do caso, fomos autorizados a entrar. Havia crianças de todas as idades circulando pela sala de recreação, sob os olhares atentos das cuidadoras.

— A senhora deve ser a Janaína. — uma moça aproximou-se e, em seguida, voltou-se a mim. — E o senhor o esposo, Donovan. Eu sou Meire, uma das responsáveis por esse centro assistencial infantil. É um prazer recebê-los aqui.

Janaína encarou-me completamente corada, mas não desmentiu a moça.

— O prazer é nosso. — respondi.

Meire nos levou até o berçário, onde Valentina estava. Os olhos de Janaína brilharam e Meire a deixou pegá-la. Era fofo vê-la ninar a pequena adormecida.

Passamos quase toda a manhã assim. Janaína fez questão de dar mamadeira, trocar a fralda e passava o tempo todo conversando com a pequena, quase como se estivessem conseguindo se comunicar. E talvez pudessem e eu não fosse capaz de entender.

— Don, quer pegá-la um pouquinho?

— Claro.

Assim que a tomei nos braços, aqueles pequenos olhinhos miraram-me, seguidos por um sorriso, enquanto as mãozinhas pareciam procurar

algo em mim.

— Por que você gosta deste bobalhão? —
Janaína brincou com ela, arrancando-me um
sorriso. — Conte para mim o que você viu nele,
hein?

— Com certeza sentiu que está protegida
comigo.

Janaína tombou a cabeça para o lado, riu e
mordeu os lábios.

— Com certeza.

Dada a hora de irmos embora, despedimo-
nos de Valentina. Janaína seguiu para o carro com
os olhos marejados e não disse nada durante o
caminho. Pousei uma das mãos sobre a sua,
apertando-a.

— O que foi?

— Nada. É só que... — balançou a cabeça.
— Uma ideia maluca que passou pela minha

cabeça.

— Ainda está incomodada com os casais da lista de adoção? — Janaína assentiu com a cabeça.

— A minha mãe sempre disse que a folha de uma árvore só cai com a permissão de Deus. — rocei o polegar em sua mão outra vez. — Deixemos que a Sua vontade seja feita. A nossa parte estamos fazendo.

O dia foi corrido, mas a cada vez que eu entrava em seu consultório, via um pouco de tristeza em seu rosto e algo dentro de mim agitava-se, pois eu queria que Janaína estivesse sempre feliz e faria o impossível para isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA

POR JANAÍNA



Valentina não saía dos meus pensamentos, e quando não era aquele anjinho, vinha Don com todo o mistério que o rodeava. Confesso que quase o soquei quando ele me contou a verdade sobre a mansão, no entanto, realmente tive que concordar com a sua justificativa.

Naqueles dias, eu ainda não o conhecia — apesar de não o conhecer totalmente, ainda — e jamais aceitaria estar em sua residência. A sua razão também me comoveu e eu ainda não havia entendido o que ele vira em mim, ao ponto de fazer tudo o que fez e o que vem fazendo.

Quer dizer, eu sou apenas uma entre muitas mulheres que um homem como ele teria facilmente.

Ao fim da última consulta daquele dia, Don
PERIGOSAS ACHERON

entrou no escritório e anunciou:

— O motorista está a nossa espera. — como é bom ouvir isso.

— Já terminei tudo por aqui. — peguei a bolsa de mão e levantei-me.

— Quer passar em casa?

— Não. — sacudi a cabeça, parando em sua frente. — Você já deve estar acostumado a me ver acordar descabelada.

Don sorriu, ergueu meu queixo e selou meus lábios.

— Acho que estou.

Fiquei encantada com o local escolhido. *Restaurante Hannover*. Eu já ouvira falar dele e as recomendações eram excelentes.

Don reservou uma mesa afastada, onde pudéssemos ter todo o conforto e a privacidade de

PERIGOSAS NACIONAIS

um verdadeiro encontro. Analisando bem, era o nosso primeiro de comum acordo.

— Pensei em pedir velas ao invés de luz. Testamos e ficou bem escuro. — ele comentou, lançando o primeiro elogio. — E eu realmente não gostaria de perder nenhuma das suas expressões esta noite.

Sorri, abaixando a cabeça e mordendo os lábios.

— Eu te chamei aqui hoje para te fazer entender de uma vez por todas que eu te amo, Doutora Paixão. — encarou-me e puxou a minha mão, colocando-a sobre a sua. — Desde o primeiro instante em que a vi, chamou minha atenção. E quanto mais eu sabia a seu respeito, mais interessado ficava.

E ele precisava dizer? Essa certeza se confirmou dia após dia ao seu lado, Donovan Davies. Todas as suas ações deixam claro que você me ama e eu seria uma boba se dissesse o contrário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por isso... — prosseguiu, respirando fundo. — Preciso começar a abrir a minha vida para você, pois o meu coração eu já te dei.

— Se continuar falando assim eu vou borrar a maquiagem... — murmurei, sentindo meus olhos arderem.

— Com ou sem maquiagem você é linda, mesmo que borrada. — rimos.

— Eu sou Donovan Davies, CEO da Security Company Davies. — arregalei os olhos, surpresa com aquilo.

Imediatamente juntei tudo na cabeça. Isso explicava o lance altíssimo dado no evento, a mansão e também o sobrenome — que apesar de ser incomum, eu nunca o ligaria à empresa. Don era um dos jovens bilionários do país. Não que isso me importasse, pois nunca questioneei sua condição financeira, afinal, sou uma mulher bem-sucedida. Ainda longe dos bilhões de reais, mas que não dependeria de homem nenhum para bancar seus próprios luxos.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso foi uma surpresa. — comentei com sinceridade. — E por qual razão não está no comando da sua empresa?

— Muitas, sendo você uma delas. — assentiu com a cabeça. — Por conta de alguns acontecimentos, afastei-me do comando e resolvi tentar algo diferente. Foi quando vi o anúncio para o próximo Doutor Prazer. — sorri e ele retribuiu o sorriso. — Eu não imaginava que fosse encontrar o amor propondo-me a atender mulheres de todo o país, de todas as formas, — ele sacudiu a cabeça — mas estava lá. Você estava lá.

— Uma coisa que eu sempre quis saber, — ergui os ombros. — O que roubou sua atenção a ponto de me tornar atrativa?

— O nome. — surpreendi-me com aquilo.

— Sério? — Don confirmou com um aceno e pareceu um pouco triste.

— Houve uma época em que fui muito

feliz. Eu estava noivo e ela era perfeita. — engoli em seco ao sentir a dor em suas palavras. — Iríamos nos casar em alguns meses e... — seus olhos estavam marejados. — O nome dela era Janaína, como o seu.

Ele não precisou terminar a frase para que eu entendesse que a sua amada havia ido para um lugar melhor.

— Sinto muito por isso, Don. — apertei sua mão com força, tomando sua dor como minha.

— Apesar dessa semelhança, não demorei para descobrir que vocês eram completamente diferentes e que eu havia me encantado por você. Então não pense que eu estava procurando uma substituta. — ele sacudiu a cabeça algumas vezes.

— Não estou pensando. — e realmente não estava. Eu sentia a verdade vir junto de suas palavras.

— O fato dessa perda, e como tudo aconteceu, acabou me levando por caminhos

PERIGOSAS NACIONAIS

errados, onde fiz coisas ruins. E foi quando encontrei um escape na bebida. Não foi fácil, mas depois de um tempo eu acabei me conformando, sem estar conformado.

Sei bem como é isso, e como sei. Lembrei-me do que havia passado com Esdras. Abandonada no altar, sem ter uma única explicação.

— Por isso... — Don agora segurava minhas mãos com as suas. — Vi que eu poderia sim ser feliz, com você. Era como se alguma coisa dissesse no meu íntimo: é ela.

— Mesmo sem nunca termos conversado?

— Mesmo assim. — ele riu.

— Você é louco. — sacudi a cabeça, sorrindo.

— Acho que sou mesmo. E a cada instante que passo ao seu lado, fico ainda mais louco por você. — aquilo soou tão gentil e fofo que foi inevitável não suspirar.

PERIGOSAS ACHERON

— A sua companhia me agrada como nenhuma outra jamais o fez. — entrei no clímax. — Ter você ao meu lado é inexplicável. Eu me sinto segura com você, apesar de também te achar o homem mais idiota do mundo. — rimos. — Eu realmente quero você comigo.

— Ei... — ele levou o corpo para trás. — Quem deve fazer o pedido sou eu! — arqueou uma das sobrancelhas.

— E o que está esperando, Donovan Davies? — senti meu coração se acelerar, enquanto eu me enchia de expectativas.

— Janaína, quer casar comigo? — pisquei algumas vezes, atordoada com aquilo.

Juro que na minha cabeça viria um pedido de namoro, não de casamento.

— Não. — ele arregalou os olhos. — Quer dizer, sim. Quer dizer, sim e não. — sorri ainda confusa e respirei fundo. — Vamos por etapas. O

PERIGOSAS NACIONAIS

que vem antes do casamento?

— Mulher, quer me enfartar? — Don mordeu os lábios levando uma das mãos ao peito. — Por instantes pensei que fosse ser hospitalizado com o “não”.

— Depende da causa do enfarte. — mordeu a boca e ele logo entendeu, passando a língua pelos lábios.

— O que vem antes do casamento é o noivado.

— Antes do noivado. — ergui as sobrancelhas.

— O namoro.

— Aceito. — rimos.

Don levantou-se e parou em minha frente. Depois de alguns segundos mirando-me, ajoelhou-se e retirou uma caixinha do bolso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, você não está fazendo isso... —
gemi, sentindo meus olhos marejarem. — Seu
idiota! — ralhei.

— O idiota mais apaixonado do mundo
inteiro. — ele abriu a caixinha, exibindo uma
aliança de compromisso. — Janaína, quer namorar
comigo?

— É claro que sim, seu idiota arrogante! —
respondi com a voz embargada, tentando conter o
choro.

Don gentilmente colocou a aliança em meu
dedo e eu peguei a outra, fazendo o mesmo.

— Eu disse que você seria a minha futura
esposa. — uniu os lábios e beijou minha mão.

— Tantas vezes que eu não conseguiria me
esquecer.

Ele finalmente se levantou e eu o
acompanhei. Ao sentir suas mãos pousarem em
minha cintura, enquanto nossos rostos se

PERIGOSAS ACHERON

aproximavam, ele encostou nossas testas, todo sorridente.

— Eu te amo, senhorita Paixão.

— Eu sei. — aproximei nossos lábios, beijando-o de forma ardente.

No fundo, eu sabia que a resposta certa seria “eu também te amo”. Todavia, ainda havia algo dentro de mim que me impedia de dizer aquilo, mesmo sendo completamente verdade.

Seria o medo de uma nova decepção, como a que aconteceu no passado? Ou apenas esse receio de descobrir o que ele tanto adia em me dizer?

Sinceramente, ainda não sei. Tenho apenas a certeza de que o “eu te amo” para Don virá no tempo certo.

Depois do jantar, dançamos algumas músicas que cabiam perfeitamente no clima daquela noite. Eram românticas e lentas, enquanto eu sentia seu corpo grande abraçado ao meu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando tudo der certo com a adoção de Valentina... — hesitei, receando a resposta.

— Diga.

— Ela vai precisar de um pai. — falei baixinho.

— Quer que eu seja o pai dela?

— Quero que seja o pai dos meus filhos. Nossos filhos.

— Talvez eu deva tomar umas aulas de como ser um bom pai. — disse em tom brincalhão.

— É, talvez. — respondi no mesmo tom.

Ao fim do jantar, retornamos para casa. Aquela noite dormi com seus braços envoltos por minha cintura, enquanto ouvia as mais belas juras de amor que um homem poderia dizer a uma mulher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu havia me dado outra chance de ser feliz e, apesar de confiar completamente em Don, eu temia que algo pudesse dar errado...

PERIGOSAS ACHERON

INTERLÚDIO QUATRO

POR VICTÓRIO



As coisas estavam indo bem. O que planejamos para o evento aconteceu exatamente como esperado. Primeiro atacamos o emocional e enchemos os alvos de dúvida, depois partimos para o corpo a corpo.

Matraca entrou na minha sala. Dei mais um gole na vodca e mirei-o com atenção.

— Encontrou Esdras?

— Silenciado como ordenou.

— E quanto aos homens do senhor Davies?

— Apenas um sobrevivente. — torci a boca e respirei fundo. — Vou dar um jeito nele também.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A essa altura eles já tomaram conhecimento de tudo. — levei o dedo em riste aos lábios. — Quantos homens fazem a segurança da senhorita Paixão?

— Em média oito, mas dependendo de onde está, o número pode ser o dobro, talvez o triplo. A residência e a empresa são locais em que não conseguiríamos agir de forma discreta. — afinei os olhos. — O ideal seria interceptá-la em trânsito.

— Vamos mudar o foco. — Matraca assentiu com a cabeça. — Quantos homens acompanham o senhor Davies?

— Nenhum. — esbocei um sorriso de canto. — Contudo, acho que devemos esperar. O senhor Davies trabalhou muito para colocar sua empresa de segurança como nossa prestadora de serviços. Imagino eu que ele não tenha feito isso à toa.

— Atacar ou esperar o ataque? — inclinei a cabeça para trás, fechando os olhos e analisando as possibilidades.

PERIGOSAS ACHERON

— O que o senhor decidir será feito.

— Por hora, vamos esperar. Se ele for agir, não irá demorar. Deixe nossos homens de prontidão no andar da presidência e alguns dele, para não desconfiarem.

— Algo mais, senhor?

— Sim. Envie outro recado para a senhorita Paixão. — dei outro gole na bebida. — E sobre aquele assunto envolvendo a senhora minha esposa?

— Fizemos o acordo com a legista. Ela vai mudar o laudo da morte. — assenti com a cabeça. — Por não ser uma mulher da mídia, os jornais devem fazer menções bem discretas a respeito da sua morte.

— Excelente.

As coisas estavam correndo como esperado. Agora, com a morte da minha esposa devido a uma *intoxicação alimentar*, Alexia é a única herdeira da

PERIGOSAS NACIONAIS

Global Engenharia Massafera e sendo pai do seu filho, não terei problemas em seguir com o meu plano.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E UM

POR DONOVAN DAVIES



Janaína estava radiante aquela manhã. E apesar de vê-las todos os dias usando o mesmo *modelito* vermelho, era como se fosse a primeira vez.

Unimo-nos à mesa para o café da manhã. Meus olhos pousaram no jornal e o peguei para ler. Não havia nada de especial, exceto...

— Aline Massafera, uma das herdeiras da Global Engenharia Massafera faleceu na noite de ontem devido a complicações de uma intoxicação alimentar que durava quase duas semanas. — Janaína parou de comer para ouvir a leitura da manchete do jornal da manhã.

— Será que... — quando pensou em sugerir algo, simplesmente hesitou. — Talvez ela

PERIGOSAS ACHERON

realmente tenha tido um problema alimentar. —
findou Janaína.

— Talvez. — concordei, evitando dizer o
que, na minha opinião, realmente tinha acontecido.

Depois de alguns segundos de tensão e
silêncio, ignoramos a notícia.

— Que horas são? — ela perguntou, sem
terminar de tomar o café.

— São... — enfiei a mão no bolso para
pegar o celular, não o encontrando. Franzi a testa.
— Onde deixei o meu telefone? — ela deu de
ombros.

— Talvez tenha deixado no quarto.

— Acho que sim.

— Já que vai subir, faça a gentileza de
pegar a minha bolsa. — assenti com a cabeça.

Procurei em todos os lugares e não o
PERIGOSAS ACHERON

encontrei. Acabei me lembrando que o havia deixado carregando no escritório ontem à noite.

— Esqueci na clínica. — disse a ela, entregando-lhe a bolsa. — O relógio da sala está marcando oito e meia.

— Hora de irmos. — ergueu-se e selou meus lábios.

Quando entramos no escritório, constatei que realmente havia deixado o celular ali. Ao pegá-lo, deparei-me com vinte ligações perdidas de Maurício. A luz de alerta ligou imediatamente.

— Quer um *cappuccino*? — parei na entrada da sala da Doutora Paixão.

— Acabamos de tomar café.

— Deu vontade. — forcei um sorriso, enfiei as mãos nos bolsos, sentindo meu telefone vibrar. — Posso trazer um para você? — insisti.

— Obrigada, mas estou cheia.

— Tudo bem. Volto em alguns minutos, ok?

Quando deixei sua sala, fechei a porta e dirigi-me ao corredor, ligando para Maurício.

— Dê-me boas notícias. — respirei fundo, esperando qualquer merda que fosse. Por qual outra razão ele teria me ligado tantas vezes? Se fosse a respeito de Aline, a notícia já estava no jornal.

— Fomos atacados. — engoli em seco, levando uma das mãos à testa. — Perdemos cinco homens e Esdras está morto.

— Merda! — rosnei. — Você foi ferido? — amenizei o tom de voz.

— Por sorte a maior parte das balas pegou no colete, mas uma acertou meu braço esquerdo. Saí do hospital tem alguns minutos.

— Aonde você está? — comecei a rodear de um lado a outro, nervoso com o insucesso

PERIGOSAS NACIONAIS

daquela operação e preocupado com sua segurança.

— Indo para casa.

— Vá para a empresa e só saia de lá escoltado.

— Don, isso não é necessário...

— Isso é uma ordem, Maurício. — interrompi-o, cerrando os punhos. — Aquele filho da puta não vai parar até não sobrar ninguém. Você leu o jornal impresso da manhã de hoje?

— Farei isso. — disse a contragosto. — E não, não tive tempo de ler.

— Aline Massafera supostamente morreu vítima de uma intoxicação alimentar. — comentei com ele.

— Sabemos que isso é bem improvável. Pode até ter sido, mas dada as circunstâncias e os interesses de Victório, dos quais já estamos a par...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Exatamente! — cerrei os dentes.

O fato é que estávamos em alerta total e lamentar pelos mortos não nos ajudaria em nada. E ele sabia disso melhor que eu.

— O que não sai da minha cabeça é como ele sabia que iríamos agir? — prossegui.

— Imagino que em uma guerra entre CEO vs Bilionário, todas as armas estão em jogo, afinal, dinheiro não é um problema. — Maurício ponderou em tom de brincadeira.

— Como você consegue fazer piada em uma situação dessas? — sacudi a cabeça.

— Perco a vida, mas não a graça. E depois de quase morrer, acho que preciso rir um pouco. — mal terminou de falar para soltar um gemido. — Você não faz ideia de como um tiro de raspão dói.

— Espero nunca experimentar essa dor. — soltei um longo suspiro, frustrado com o rumo que as coisas tomaram.

PERIGOSAS ACHERON

— Um pouco antes de você me atender, eu estava em outra ligação. O encarregado da segurança na Global Engenharia Massafera, informou-me que mudaram o posicionamento dos seguranças. Apenas quatro estão no andar da presidência.

Permaneci em silêncio por alguns segundos, tomando a mais óbvia conclusão.

— Ele descobriu nossas intenções. — murmurei. — Eu não esperava menos de um criminoso desse naipe.

— Precisamos nos reagrupar. — sugeriu Maurício.

Pense, Donovan. Pense!

— Providencie um veículo blindado. O quero na porta da clínica antes das seis horas sem falta. — determinei. — Victório não virá até nós, não agora. Além da questão do “luto”, ele também deve estar sendo cauteloso por conta do ataque de

PERIGOSAS NACIONAIS

ontem aos nossos homens. No entanto, não tenho dúvida de que o maldito está preparando algo... — emudeci com o grito agudo que inundou o corredor. Janaína.

Corri em direção à minha sala, atravessando-a rapidamente, até deparar-me com Janaína aos prantos, caída no chão.

— O que foi? — tomei-a nos braços. — O que foi? — perguntei aflito.

Senti seus braços apertarem-me pelo pescoço, em meio a um choro sentido que parecia não cessar nunca. Quando me sentei com ela no sofá, já haviam dez homens da segurança de prontidão na porta.

— Senhor?

— Esperem do lado de fora. — assentiram com a cabeça.

— Janaína, o que foi? Conte-me, por favor. — insisti em meio a sussurros.

PERIGOSAS ACHERON

— E-E-Eu estava conferindo os e-mails, quando... — sua voz embargou e o choro regressou.

— Vou dar uma olhada. — levantei-me, sentindo-a segurar em meu braço com força. — Eu estou aqui, nesta sala.

— Ele não vai parar. Ele nunca vai parar até matar todos nós. — a voz chorosa partia meu coração e também enchia-me de ódio.

— Sim, ele vai parar. — *ainda que eu tenha de matá-lo*. Abri meu melhor sorriso. — Confie em mim. Eu prometi suprir todas as suas necessidades, sejam quais forem, não foi? — ela assentiu com a cabeça.

Ao rodear a mesa do computador, parei na frente da tela, deparando-me com a imagem de uma mulher humilde, que aparentava ser uma moradora de rua, morta com um tiro na cabeça.

A legenda logo abaixo dizia: “Os seus sonhos vou colher um a um. Valentina está além

das suas possibilidades e, em breve, muito mais também vai estar”.

Pisquei algumas vezes, perplexo com a sequência de acontecimentos que se iniciaram noite passada. O ataque aos nossos homens, a morte da esposa, a morte da mãe de Valentina.

Eu vou te destruir, Victório Carlos Casímiro. Soquei a mesa com força.

É óbvio que ele se sinta ameaçado por Janaína. A Doutora Paixão, que constantemente está na página dos jornais, seja por suas soluções para salvar casamentos ou dar-lhes fins polêmicos, que sempre ocupam as primeiras páginas.

— É guerra que você quer? Terá. — murmurei, ofegando de raiva.

Enviei o e-mail para Maurício, antes de apagar da caixa de entrada de Janaína e desligar o computador. Quem sabe aquela imagem viesse a ser útil no futuro. Segui até a minha amada, sentando-me ao seu lado no sofá, abraçando-a

contra o meu corpo.

— Estou preocupada com os meus pais. — confessou baixinho, sem parar de soluçar. — Estou preocupada com Valentina.

— Seus pais estão sob segurança oculta de alto nível. Não há com o que se preocupar. — respirei fundo. — Vou garantir que Valentina receba a proteção necessária.

Depois de um tempo, Janaína recompôs-se. Peguei um copo com água e lhe dei, recebendo-o de volta completamente vazio.

— O que eu fiz de errado para esse homem? Não consigo entender. — murmurou, encarando-me à espera de uma resposta.

— Você despertou algo que ele até então não conhecia.

— O quê? — fungou, esperando por respostas.

— Medo.

— Eu só estava fazendo o meu trabalho. Depois que tudo aconteceu, desisti de procurar a esposa dele para mostrar-lhe a verdade. Eu não queria mais problemas...

— Sou testemunha disso.

— Don? — encarei-a, sentindo sua mão tocar meu rosto. — O que será de nós?

— Vamos ficar bem. — beijei sua testa.

Quanto a Victório... Que Deus tenha piedade dele, pois eu não terei.

Depois de uma longa conversa, decidimos que seria melhor Janaína tirar o dia de folga. Ela estava dormindo quando Maurício chegou à mansão, acompanhado de um rapaz de cabelos curtos e olhos amendoados.

— Prazer, eu sou “K”. — prontamente ele me estendeu a mão. Cumprimentei-o, dando uma

rápida olhada em Maurício.

— “K” é o nome que ele usa. — Maurício explicou.

— Então é você o *hacker*. — ergui as sobrancelhas. — Fez o que pedi?

— Sim. — o garoto respondeu seguindo até a mesa de centro, abriu a maleta, revelando um *notebook*, que não parecia ser pouca coisa.

— E o que descobriu?

— Vocês foram grampeados por todos os meios possíveis: câmeras, telefones, celulares e qualquer outro aparato tecnológico. — torci a boca. — O seu “amigo” parecia bastante interessado em coletar informações.

— Como os nossos homens não notaram isso? — encarei Maurício que simplesmente deu de ombros.

— Não notariam. Eu conheço a marca desse

PERIGOSAS NACIONAIS

usuário da *web* e ele é conhecido por não deixar rastros.

— Um superprofissional?

— Super sou eu. — “K” esnobou o concorrente. — De todo modo, esses grampos estão em “on” há bastante tempo. Isso quer dizer que...

— Sabem tudo o que planejamos, conversamos e etc.

— Sabiam até algumas horas atrás. — sorriu, digitando alguma coisa em meio a uma sequência imensa de números e letras. — Todos foram removidos e garanti uma proteção que, mesmo se rompida, me dará tempo de erguer outra, tornando-se um ciclo vicioso.

Aquilo me soou perfeitamente seguro.

— Gostei do garoto. — disse a Maurício que esboçou um pequeno sorriso. — Você tem trabalho fixo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prefiro trabalhar sozinho. — deu de ombros, colando as costas no sofá e cruzando as pernas.

— Podemos fechar um salário de seis dígitos, já que o nosso antigo chefe de inteligência acabou de ser demitido.

— Vou analisar sua proposta com atenção, senhor Davies. — fechou o *notebook* e a mala. — Em breve darei uma resposta. — levantou-se, seguindo em direção à saída.

— O que acha dele? — mirei Maurício, antes de mirar o rapaz sumir pela porta principal.

— É um prodígio. Seria de grande utilidade na empresa, não tenho dúvida disso.

— Nem eu.

Sendo assim, o furo de informação foi nosso e não de alguém em particular. Fomos invadidos e tivemos dados roubados e nem nos demos conta disso.

PERIGOSAS ACHERON

— Como está Janaína?

— Ainda abalada com o assassinato da mãe de Valentina, sem mencionar a morte suspeita de Aline Massafera mencionada no jornal. — suspirei, recostando a cabeça no sofá.

Maurício levantou-se e deixou um gemido baixo escapar. Parou em minha frente e encarou-me fixamente nos olhos.

— Precisamos agir antes dele.

— Marque uma reunião para nós dois. Um lugar público, onde possamos contar com apoio.

— Tem certeza disso? — ele perguntou com receio.

— Absoluta!

Maurício andou de um lado a outro, até que voltou-se novamente a mim.

— Seus pais estão retornando para o Brasil.

— É mais um motivo para resolver isso antes que cheguem. — levantei-me, ajeitando minha gravata. — Obtive muito progresso tentando ser um novo homem, mas diante de um grande obstáculo como esse, serei o próprio diabo na Terra.

— Vou preparar tudo.

— Tem mais uma coisa. — chamei-o quando ele estava prestes a atravessar a porta principal. Ao voltar-se a mim, determinei: — Faça uma denúncia anônima que garanta que aquela criança permaneça segura. Informe que a mãe foi assassinada e associe isso ao tráfico ou a qualquer coisa que garanta a proteção do Estado. Não podemos nos envolver diretamente.

— Também cuidarei disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

POR JANAÍNA



Ainda que uma montanha desmorone, sei que Don fará o impossível para me tirar da rota de colisão. O problema é: quem irá protegê-lo? Agora está mais claro que nunca o quão perigoso Victório pode ser.

Puxei os lençóis da cama entre meus dedos, sentindo meus olhos arderem. Eu não sou a caça, sou a caçadora. Tornar-me a Doutora Paixão deu-me munição de sobra para agir em situações assim.

Sentei-me na cama e respirei fundo.

Don disse que despertei medo em Victório. É hora de dar razão a esse medo. Sentei-me na beirada da cama, analisando o que estava ao meu

alcance.

— Imaginei que estaria dormindo. — Don entrou no quarto, sentou-se ao meu lado na cama e me abraçou, beijando meu rosto. — Está melhor?

— Ainda inconformada. — respondi baixinho. — Só de pensar que Valentina nunca irá conhecer a mãe biológica, sinto meu estômago dobrando-se em quadradinhos.

— Ele vai pagar por isso.

— Espero que pague.

— O jantar está pronto. — roçou o polegar em meu rosto e eu o encarei no fundo dos olhos. — O que foi?

— Preciso ver os meus pais. Sei que está tudo bem, é só que... Eu preciso.

— Vou providenciar para que o jato da empresa esteja pronto às oito horas. — Don sorriu e segurou minhas mãos sobre as suas.

— Você é um bom homem, Don.

— Eu sei. — reafirmou, esboçando aquele sorriso cheio de si, que na maioria das vezes me deixava pulsando de raiva, mas não hoje.

— Um bom homem e também o mais idiota do mundo inteiro. — rimos.

— Quer que eu vá com você? — sacudi a cabeça.

— Não. Vou aproveitar a visita para conversar com o meu pai. Há coisas que temos que esclarecer um ao outro.

— Uma conversa de pai e filha. — Don uniu os lábios. — Não seja dura demais com ele.

— Prometo tentar, mas ele é muito cabeçaduro. — suspirei, ciente de que não seria fácil.

— Amoleça os miolos dele. — arqueei uma sobrancelha e Don explicou-se: — No bom sentido,

claro.

Tomei um banho rápido e desci para acompanhá-lo no jantar. Em seguida, partimos para o aeroporto, onde ele não parava de assinalar como os seguranças deveriam agir.

— Entendeu como quero o procedimento, Marco? — o responsável pelo grupo assentiu com a cabeça.

— Sim, senhor. Assim que chegarmos, iremos nos unir à equipe de segurança oculta. Mandarei informações para a base constantemente.

— Deixe os rapazes em paz, Don. — aproximei-me dele, ajeitando seu terno. — Vamos ir e voltar sem nenhum problema.

— Posso esperá-la para o almoço amanhã?

— Deve. — segurei-o pelo colarinho e o beijei, afastando-me rapidamente. — Agora preciso ir. — girei o corpo, começando a subir pelos degraus do jato.

— Meu amor, — espiei-o por cima dos ombros. — qualquer coisa é só ligar o *bat-sinal* que visto meu traje. — revirei os olhos, contendo uma risada.

— Entendido, *homem-morcego*.

Demoramos cerca de uma hora e quarenta e cinco minutos para chegar ao aeroporto de Itumbiara. Entramos no carro e seguimos para o destino final.

Eles terão uma grande surpresa. Com a correria do dia a dia, já tinha um bom tempo que não nos encontrávamos.

Um dos rapazes desceu e tocou a campainha. Não demorou muito para que mamãe enfiasse a cara para fora do portão. Ela parecia um pouco amedrontada com o estranho, mas sua expressão logo mudou quando ele me anunciou:

— A senhorita Paixão está no carro.

Abri a porta do veículo e desci. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, fui abraçada por ela com força.

— Que saudade de você, filhinha. — afastou-se, passou os olhos em mim e, — Como está linda! — abraçou-me novamente.

— Eu também estava morrendo de saudade, mamãe. — grudei em seu pescoço, como se não fosse soltar mais.

— Dado a hora, seria prudente entrarmos, senhorita Paixão. — disse Marco. Respondi com um aceno de cabeça.

Mamãe olhou-os de soslaio, segurou em minha mão e perguntou entre sussurros:

— Quem são esses homens?

— São da equipe de segurança.

— Ah, bom. Confesso que, quando vi o grandalhão no portão, achei que fosse um

sequestro. — comentou, soltando um suspiro aliviado.

Os rapazes nos acompanharam para dentro de casa, mas montaram guarda na área da frente. Mamãe e eu entramos, seguindo em direção à sala.

— Onde está... — emudeci ao ver meu pai de pé na sala, mirando-me atentamente. — Papai. — abri um largo sorriso ao vê-lo e prontamente parti em sua direção, abraçando-o. — Que saudade do senhor.

— Agora ela lembrou que tem família. — disse todo resmungão.

— E quando foi que eu me esqueci? — afastei-me, levando ambas as mãos à cintura.

— Tem meses que você não nos visita. — sentou-se no sofá, cruzou as pernas e adotou aquela postura ranzinza.

— João Honório, não aja como uma mula! — mamãe o repreendeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O trabalho tem me consumido. Peço desculpas por não estar dando a devida atenção que merecem. — respirei fundo, abaixando a cabeça.

— Primeiro, nos diga como as coisas estão.
— mamãe sentou-se ao lado de papai, segurando em sua mão.

— Estão boas. — menti. A última coisa que eu queria era preocupá-los, então foquei apenas no produtivo. — O trabalho é diferente. Atendo mulheres todos os dias, com os mais diferentes tipos de problema, sejam elas solteiras ou casadas. Às vezes temos algumas complicações, mas nada que Don não possa resolver.

— Tem uma foto dele aí? — mamãe perguntou recheada de curiosidade, não conseguindo esconder a animação.

— Quem diabos se chama “Don”? — papai rosnou.

— Donovan Davies, o meu secretário.

PERIGOSAS ACHERON

— E esse homem está sendo respeitoso com você, minha filha? — ele afinou os olhos.

— Está sim. Ele é um perfeito cavalheiro.

Peguei o celular na bolsa e rapidamente abri a galeria de fotos, mostrando algumas de Don para ambos.

— Que *homão*.

— Comporte-se, mulher. Eu ainda não morri. — papai rosnou, outra vez.

— Olhar não mata, meu velho.

Segurei o riso. Aqueles dois continuam iguaizinhos ao que me lembro.

— Sobre o Don... — respirei fundo, pensando em como contar sobre nós. — Nós nos identificamos bastante e começamos a sair. — mamãe abriu um sorriso de ponta a ponta. Papai não escondeu o espanto nos olhos esbugalhados. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Estamos namorando.

— Que ótimo, filhinha! — mamãe saltou do sofá, abraçando-me.

Contudo, papai permaneceu em silêncio, com o rosto na direção oposta à nossa.

— O que acha, papai?

— Eu preciso achar alguma coisa? Você nunca me ouve. — havia um mágoa explícita em seu tom de voz.

— Isso não é verdade. O senhor sabe como prezo a sua opinião.

— Como posso opinar se o meliante não está presente aqui, pedindo autorização para namorar a minha única filha? — rosnou, cruzando os braços.

As antigas tradições. Papai sempre foi apegado a elas e gostava de segui-las à risca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele queria vir comigo, mas não permiti. A empresa não pode ficar sem direção. — justifiquei e o notando ainda emburrado, parti para um outro assunto. — E eu também queria conversar com o senhor a respeito da nossa relação de filha e pai.

— Vou fazer um café. — mamãe respirou fundo e levantou-se. — E, você, ouça a sua filha, velho resmungão! — ralhou.

Papai fez uma careta, mas não disse nada. Mamãe nos deixou a sós, enchi os pulmões de ar e comecei:

— Sei que o senhor ainda se culpa pelo que aconteceu com meu noivado e que esperava me arrumar outro casamento, para que eu não ficasse mal falada. — na cabeça dele isso era algo muito importante. — Só que, às vezes, precisamos tomar nossas próprias decisões e seguir nossos caminhos.

— Sem abandonar a família. — ele pontuou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A família não está em um lugar fixo, papai. O coração é o único lugar onde se guarda as pessoas que amamos.

— Quase saí no porrete com o Jeremias da mercearia da esquina. Ele saiu dizendo para todos que a minha filha tinha se tornando uma...

— Jeremias fala de todas as moças da cidade por que a filha tem as pernas mais abertas que o Rio Paraíba. — papai conteve uma risada. — É inveja, pois a sua filha se tornou alguém capaz de mudar a vida de mulheres que foram agredidas, que tem baixa estima e problemas em seus casamentos. Esse é o meu trabalho, dia após dia; estou ali para ajudar pessoas, não só nesse quesito, mas ajudo.

— E quanto ao batalhão de homens que há na empresa? A senhora sua mãe comentou comigo.

— São funcionários que... — procurei uma palavra amena para que ele entendesse, sem entender de fato. — trabalham diretamente com as clientes. É mais fácil agradar ao público-alvo usando esse perfil de homem, que usa pouca roupa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Papai torceu a boca.

— Tenho visto você com frequência nos noticiários. — ele abaixou a cabeça. — E apesar de sempre estar envolvida em fins matrimoniais polêmicos ou sendo mencionada como a mulher do ano, eu me preocupo com você.

— Eu sei disso, papai. — aproximei-me lentamente dele, parando em sua frente. — A sua princesa continua aqui, esperando o momento certo para ser levada ao altar novamente.

Papai estufou o peito e mirou-me com os olhos marejados.

— E se esse fulano chamado Don fugir, eu irei capá-lo. — contive uma risada.

— Esse eu tenho certeza que não irá fugir.

Papai abaixou a cabeça outra vez e quando a ergueu, colocou-se de pé, encarando-me nos olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe por tentar guiar sua vida. Eu só estava tentando fazer o meu melhor como pai. — puxou-me para um abraço. — Sempre vai doer no meu coração o que aquele maldito fez com você.

— É hora de esquecer isso. Você sempre foi um excelente pai e sei que também será um excelente avô. — papai afastou-se repentinamente com os olhos arregalados.

— Não me diga que... — sua pálpebra esquerda chegou a tremular.

— Não, papai. Estou falando do futuro. — ele soltou a respiração, balançando a cabeça.

Mamãe retornou com uma forma de bolo e café, colocando-os em cima da mesinha de madeira que ficava na sala.

— Vou levar para os rapazes lá fora.

— Rapazes?!

PERIGOSAS ACHERON

— Seguranças, mamãe. Seguranças! Desse jeito a senhora vai matar o senhor Honório do coração. — eu e ela rimos.

— Engraçadinhas. — papai rosnou e encarou-me outra vez. — Por que ter seguranças?

— Pessoas públicas tem seguranças.

— Meu velho, você tem uma filha famosa e ainda pergunta a razão de ela ter seguranças? — Mamãe partiu novamente em direção à cozinha, balançando a cabeça.

— Velha bruxa! — ele murmurou, levando-nos às gargalhadas.

— Adoro vê-los tão entrosados assim. — tomei as mãos de papai e confessei-me: — Estamos bem?

— E quando não estivemos? — encarou-me nos olhos, estufando o peito. — Ainda que discordando das suas escolhas, eu partiria para São Paulo no primeiro instante se soubesse que a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

filha corre algum perigo.

— Eu sei, papai. Eu sei... — forcei um sorriso e abracei-o, outra vez. — Eu te amo, meu velho ranzinza.

— Ora, onde está o respeito? — resmungou, dando espaço para um pequeno sorriso surgir em seus lábios.

Depois do lanche da noite, seguimos na sala conversando. Contei muitos casos do trabalho aos meus pais, que pareciam não se chocar tanto, depois que relatei os primeiros.

Fomos dormir por volta das duas horas da manhã e, por mim, madrugaríamos. Eu precisava ter a certeza de que eles estavam seguros e bem, não só com eles mesmos, mas também comigo. Os seguranças por sua vez, acostumados com plantões noturnos, seguiram de guarda.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

POR DONOVAN DAVIES



Depois que Maurício confirmou que Victório aceitou se encontrar comigo em um local público, passei a noite em claro, analisando todas as possibilidades negativas daquele encontro. Era óbvio que não sairia nada de bom, mas com Janaína longe do conflito, seria a melhor oportunidade.

Ele ordenou que minha futura esposa fosse surrada; não contente, trouxe seu ex-noivo para tentar criar um obstáculo entre nós, provavelmente para me tirar do caminho e as coisas serem mais fáceis para ele. Por fim, matou a mãe da criança que pretendíamos adotar, assim, zerando nossas chances de tê-la como filha.

Como posso pensar em ser um novo homem

quando quero matar esse verme?

Acontece que, quando penso nela, começo a me sentir sujo. Sinto meu coração apertar-se como se fosse o pior homem do mundo por tramar tirar uma vida, quando ela abomina isso.

Ainda não contei a Janaína que já matei e sei que o momento de soltar essa confissão está chegando. Com tanta coisa acontecendo, não posso pensar muito em sua reação. O foco é a sua proteção, custe o que custar.

E se for preciso ter que matar de novo, matarei.

• • •

— Acha que vai funcionar? — foi a primeira coisa que Maurício perguntou quando paramos o veículo na porta do restaurante, onde combinamos um *café da manhã* com Victório.

— Provavelmente não. — sorri, abrindo a porta do carro, sentindo-o segurar meu braço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como não, caralho?! Você não disse que estava certo do que faria? — esbravejou, quase me sacudindo.

— E estou.

— Don...

— Quantos homens a postos temos no perímetro? — ergui as sobrancelhas.

— Cinquenta homens altamente armados. Desde o topo dos prédios, até civis disfarçados. — esboçou um sorriso convencido.

— Provavelmente ele também tem.

— “K” está monitorando as redes de comunicações e ainda não nos informou nada. — assenti com a cabeça.

— Seja positivo. — toquei seu ombro e desci do veículo. — Agora assuma sua posição. — ajeitei meu terno e segui para dentro do

PERIGOSAS ACHERON

estabelecimento.

O *maître* conduziu-me à mesa assim que informei meu nome e, para a minha surpresa, ele estava à minha espera. Victório. Olhos claros, cabelos lisos penteados para o lado, rosto fino e um corpo normal. De fato, tratava-se de um homem belo. O perfil típico de golpistas como ele.

Puxei a cadeira e sentei-me em sua frente. Ele, por sua vez, dobrou o jornal que estava lendo e voltou-se a mim com atenção.

— Donovan Davies, CEO da empresa Security Company Davies e protetor da senhorita Paixão. — disse sem esboçar nenhuma expressão e enfiou dois dedos no bolso do terno, retirando um cigarro eletrônico.

— É um desprazer reunir-me com você hoje. — cruzei as pernas, pousando uma das mãos sobre a mesa e a outra segurando o pé direito, que não parava de balançar. Eu queria saltar em cima dele e enforcá-lo até seus olhos saltarem do seu crânio.

Quanto mais eu o encarava, mais imagens de Janaína chorando vinham a minha mente. Cada lágrima que escorria era um batimento, acelerando-se mais e mais.

— Reuniões de negócios são feitas para isso: solucionar problemas e diferenças.

— Um problema criado por você.

— Na verdade pela minha cunhada. — justificou.

— Ela levou o caso até nós, mas você originou o problema. — fez uma rápida pausa e o corrigi: — Cunhada que traía a própria irmã e está grávida de você.

— Aline? Que Deus a tenha. — sorriu e ergueu uma das mãos. Assim que o garçom se aproximou, pediu: — Um champanhe. Vamos brindar ao nascimento do meu filho primogênito.

O maldito sequer fez questão de esconder

PERIGOSAS ACHERON

que não sentia nada pela morte da esposa.

— Se continuar com rodeios, vou enfiar a champanhe no seu rabo e você vai servir as mesas plantando bananeira com a boca aberta. — rosnei, batendo os punhos na mesa.

O garçom nos encarou sem reação.

— Cancele. Como pode notar, o meu convidado não está muito interessado. — o garçom assentiu, retirando-se.

Respirei fundo e endireitei-me. Eu não podia perder o controle ou perderia essa aposta, uma jogada muito alta que colocaria todo nosso futuro em risco.

— Senhor Davies, vamos direto ao ponto. Por que solicitou esta reunião?

— O que você quer para deixá-la em paz?

Victório finalmente deu a primeira e longa tragada no cigarro, inspirou e assoprou em minha

direção, afrontando-me.

— Vocês não podem dar o que eu quero.

— Por que está perseguindo-a?

— Ora, não é óbvio? Eu acompanho os jornais, as revistas. — abriu as mãos no ar, dizendo com entonação: — “Doutora Paixão soluciona mais uma crise de casamento dos famosos”. “Doutora Paixão desmascara bilionário infiel”. “Doutora Paixão, a salvação das mulheres”. — e respirando fundo, prosseguiu: — Não é que eu não goste dela. Na verdade, nada tenho contra, mas...

— Um singelo boato do que ela sabe nos ouvidos errados e as ações da empresa da sua cunhada, Global Engenharia Massafera, onde você ocupa o cargo de CEO vão despencar e você provavelmente vai encarar uma grandíssima investigação.

— Você é um homem esperto, senhor Davies. — trouxe o cigarro outra vez e afinou os olhos. — Infelizmente, para vocês, quando resolvo

me livrar de alguém, não há volta.

Senti meu sangue ferver. Aquilo já havia me dado nos nervos. Todo esse papo furado...

— Infelizmente. — coloquei-me de pé, apoiando ambas as mãos na mesa, tentando controlar minha respiração. — Eu sinto um imenso prazer em matar homens como você.

— Você não seria tão burro...

Quando dei por mim, eu já o havia silenciado com o primeiro soco. Depois de rolarmos no chão, soquei-o tantas vezes que perdi as contas e o maldito não reagia. Não sei quanto tempo aquilo durou, mas rapidamente fui contido pela segurança do local.

— Senhor Davies, — Victório esboçou um largo sorriso, tentando estancar, com um pano, o sangue que escorria da boca e de outros cortes no rosto. — Eu sei reconhecer um adversário à altura e é por isso que usar a cabeça ao invés das emoções é importante.

A raiva não passou, mas a ficha caiu subitamente. Outra armadilha.

— Este homem tentou me matar! — Victório berrou, apontando o dedo em minha direção. — Tirem-no de perto de mim.

Filho da puta!

Tudo ficou claro. Agora ele iria abrir um boletim de ocorrência contra mim e depois, entrar com um processo, assumindo o papel de vítima, e qualquer eventual ação que arrisque sua vida será creditada a mim.

— Maldito! — rosnei.

— O senhor precisa esperar. — o gerente tentou me parar, mas passei por ele.

— Mandarei alguém vir quitar os débitos. — ignorei-o, deixando o restaurante.

Assim que saí, Maurício surgiu na porta do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

veículo que me aguardava. Precipitei-me em sua direção, mas acabei sendo interceptado por uma senhora que vestia roupas sujas e pedia esmola.

— Uma ajuda, por favor...

— Outra hora. — ignorei-a completamente, deixando-a para trás.

— Don, atrás de você. — Maurício sacou a arma e quando virei-me para trás, vi os olhos daquela mulher fixos nos meus, sentindo algo penetrar meu abdômen.

Caí no chão, sentindo algo quente encharcar as minhas roupas. Ao mirar minhas mãos, vi sangue. A visão começava a embaçar e o mundo girava ao redor da minha cabeça.

— Don? Don? — Maurício ajoelhou-se, colocando a minha cabeça em seu colo. — Olhos abertos, amigão. — disse, dando tapinhas no meu rosto. — Mantenha os malditos olhos abertos, porra!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava zozzo e não conseguia reagir direito aos meus sentidos. Era estranho, pois sempre imaginei que levar uma facada causasse uma dor insuportável, mas não sinto nada. *Será que estou morrendo?*

Não! Não posso morrer hoje. Eu ainda tenho planos de me casar com ela...

— Encontrem essa velha e tragam-na para mim viva. — ouvi a voz de Maurício e vários passos, como se estivesse acontecendo um corre-corre por todos os lados. — Agora não é hora de chorar, amigão. Vamos, abra os olhos. Abra os olhos, Don.

— Ligamos para a ambulância, senhor Maurício. — reconheci a voz que deu o recado, mas o nome dele fugiu-me da mente. Sinto que estou começando a apagar...

— Don, você está me ouvindo? Don? — havia desespero em sua voz.

Tudo ficou escuro.

PERIGOSAS ACHERON

Acordei na mansão. As cores estavam estranhas, em preto e branco. Quando a vi, meu coração acelerou-se e um arrepio subiu por meu corpo. Janaína, minha ex-noiva.

Diferente do cenário sem vida, eu a enxergava perfeitamente. Ela continuava a mesma: os cabelos louros e anelados batendo nos ombros, o mesmo tom de pele e os olhos negros, nos quais eu me perdi tantas vezes. Como isso é possível...

— Você realmente a ama, não é? — sentou-se ao meu lado na cama e puxou-me pela nuca, deitando meu rosto em seu peito.

— Sim, a amo com todas as forças.

— Eu sei, Don. — sua doce voz parecia aquecer-me por inteiro, pois o quarto estava gelado como o Ártico.

— Onde estou?

— Boa pergunta. — encarei-a e Janaína

PERIGOSAS NACIONAIS

estava passando os olhos pelo quarto. — Acho que estamos na parte mais profunda do seu coração. Onde o Don que tem medo de falhar outra vez ao proteger alguém que ama se esconde.

— Eu não tenho... — Janaína pousou o indicador em meus lábios.

— Todos temos medos, mas é preciso encará-los, Donovan Davies.

— Não posso perder alguém que amo outra vez. — senti meus olhos arderem, enquanto eu sacudia a cabeça, negando-me a sentir aquela dor novamente.

— O destino gosta de caprichos e tudo que estava ao seu alcance, você fez. Agora é a vez de ela te proteger, Don.

— Ela é frágil. Ela...

— Ela é a Poderosa Paixão. — Janaína riu. — Gosto quando a chama assim. Diz muito sobre o que ela está se tornando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espera... — afinei os olhos, afastando-me dela. — Você é alguma manifestação demoníaca? Espírita?

— Não, Don. — Janaína tombou a cabeça para o lado e sorriu. — Sou a voz adormecida dentro do seu coração.

— C-Como isso é possível?

— Às vezes, só quando estamos cara a cara com o fim, entendemos o propósito de Deus em nossas vidas.

— Eu sou um caso perdido.

— Ela é sua salvação. Por ela até parou de beber e pensa constantemente em ser um novo homem.

— Também pensei em matar.

— O cair é do homem e o levantar é de Deus.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que está me dizendo isso? — franzi a testa, sem entender.

— É hora de deixá-la andar com as próprias pernas, Don, pois quando uma mulher ama um homem, nem mesmo a morte é capaz de separá-los. — sorriu e segurou meu rosto com ambas as mãos, dando-me um beijo molhado na testa. — Vocês foram destinados um ao outro, pois dela vem o remédio para todas as suas feridas.

Repentinamente tudo que havia diante dos meus olhos foi perdendo forma e, quando dei-me conta, senti meus olhos pesarem mais uma vez.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

POR JANAÍNA



Finalmente consegui abrir o coração para o meu pai, fazendo-o entender que nada do que havia acontecido tinha sido sua culpa e que sua preocupação sufocante em ter uma filha falada era pura bobagem.

Agora que eu havia visto com meus próprios olhos que eles estavam em perfeita segurança, senti-me um pouco mais aliviada. Ainda que em alerta, pois aquele senhor chamado Victório não iria desistir facilmente.

O que será que Don está fazendo? Estou ansiosa para contar-lhe tudo, principalmente a parte em que digo aos meus mais que estamos namorando.

Dei um longo suspiro, mirando a janela do jato, notando que já havíamos entrado no espaço urbano de São Paulo.

— Vamos pousar em instantes, Senhorita Paixão. — Marco passou ao meu lado, indo em direção à cabine do piloto.

Chegamos.

Quando a porta do jato se abriu, havia uma fileira com tantos seguranças que não consegui contar. Encarei Marco que estava ao meu lado, esperando uma resposta.

— A senhorita Estela está vindo. — um frio tenebroso cortou meu coração. Era como se eu imaginasse algo ruim, a ponto dos meus olhos marejarem.

Afinei os olhos em direção à área de desembarque e havia uma multidão contra as paredes de vidro. Sem mencionar a mídia em peso. Três carros pretos pararam próximo ao jato e Estela

desceu de um deles, cercada por mais homens.

O que está acontecendo?

Respirei fundo e desci as escadas, indo em sua direção, completamente alheia e assustada com aquilo. Será que aconteceu algo com Miguel?

— Janaína. — Estela forçou um sorriso, abraçando-me com força.

— Pode me explicar o que significa isso?
— indiquei a imprensa do outro lado com a cabeça.

— Aqui não é o lugar. Vamos, entre no carro.

— Por que sinto que algo ruim aconteceu?
— disse com voz de choro, sentindo-a segurar minha mão, desviando o rosto do meu.

— Diga-me de uma vez. — insisti, entrando no carro, com ela sentando-se ao meu lado.

— Nesse momento Don está sendo operado

PERIGOSAS NACIONAIS

no Hospital Sírio Libanês. — perdi o fôlego, apoiando um das mãos contra o banco do motorista, enquanto piscava algumas vezes, sentindo meu rosto começar a se molhar.

— Como isso aconteceu? — depois de alguns segundos em silêncio, ainda em choque, finalmente consegui abrir a boca.

— Ainda não sabemos. Um homem chamado Maurício foi que entrou em contato com Miguel.

Maurício? Esse é o homem de confiança de Don.

— Para onde estamos indo? — encarei-a.

— Rumo à Clínica.

— Quero ir para o hospital.

— Precisamos ir para a Clínica...

Eu só conseguia imaginar coisas ruins ao

PERIGOSAS ACHERON

ponto de quase explodir...

— Pare esse carro agora! — berrei e, no susto, o motorista freou bruscamente, causando uma sequência de buzinas em plena Avenida Rubem Berta.

Desci do carro, sentindo minha cabeça girar, enquanto sentia meu peito ser esmagado lentamente, imaginando o pior.

*Don, você prometeu que tudo ficaria bem...
Você pediu para que eu confiasse e agora...*

— Senhorita Paixão? — a voz de Estela ecoava atrás de mim, mas eu estava inerte a tudo. — Cerquem a área e não deixem os jornalistas se aproximarem.

O meu corpo tremia por inteiro e a qualquer momento, eu sentia que minhas pernas fossem desabar. Subitamente alguém me abraçou e quando meus olhos se encontraram com os seus, no primeiro momento, foi como se eu visse Don sorrir, mas quando pisquei, vi Estela.

— Acalme-se, acalme-se. — disse, olhando-me nos olhos. — Vamos resolver tudo isso. Ele vai ficar bem, entendeu? Ele vai ficar bem.

A minha visão escureceu-se e apaguei.

Vi-me no restaurante, encontrando Don pela primeira vez. Nós dois estávamos sentados à mesa e ele sempre com aquele sorriso no rosto. Quanto tentei tocá-lo, sua imagem sumiu, dando lugar ao elevador, quando ele me cercou pela primeira vez.

O meu coração batia com força. Naquele momento que passava diante dos meus olhos, eu ainda não sabia como ele se tornaria importante para mim e...

A imagem dele arrombando a porta do quarto, para salvar-me daquele crápula que só não me bateu mais por não ter conseguido. Don tomava-me nos braços e seguia para o banheiro, sem nenhuma outra intenção além de me ver

segura, deu-me banho e cuidou de mim.

Eu vou enlouquecer...

E vieram mais lembranças. Depois de anos sem pisar em uma boate, lá estávamos nós no estacionamento, conversando antes de entrar.

“Sem bebida, ok?”.

“Entendido, Doutora Paixão”.

Acordei atordoada, vendo algumas silhuetas em minha frente e, quando meus olhos normalizaram, eu estava encarando a TV, atenta ao plantão de notícias.

“Donovan Davies, herdeiro da maior empresa de segurança do país, a Security Company Davies, segue hospitalizado em estado grave. A cirurgia já dura três horas”.

— Desligue. — uma voz masculina ordenou. Assim que a procurei, deparei-me com Miguel. — Você finalmente acordou, minha querida. — sentou-se ao meu lado no sofá.

A aflição parecia maior depois de ouvir o noticiário. Afastei-me de Miguel e coloquei-me de pé, só não caindo por ele ter me segurado nos braços.

— Estou melhorando. — gesticulei com uma das mãos, sentindo meus olhos queimarem como brasas.

— O melhor que podemos fazer é esperar aqui, Janaína. — Miguel mirou-me nos olhos, afastando-se lentamente.

— Eu decido o que é melhor ou deixa de ser. — respirei fundo e passei as mãos pela minha saia. — Agora... — respirei fundo. — Contem-me o que aconteceu.

— O senhor e a senhora Davies acabaram de chegar ao aeroporto. — disse Maurício ao entrar na sala e assim que me viu, abaixou a cabeça.

Engoli em seco, respirei fundo e passei as mãos pelo rosto, enxugando-o.

— Alguém me diga alguma coisa! — gritei, furiosa com aquele silêncio.

Maurício deu um passo à frente e encarou os demais ali reunidos, Miguel, Estela e Amélia, que mantinha os lábios unidos e os olhos molhados, exibindo uma tristeza tremenda.

— Don pensou que seria uma boa oportunidade para resolver as coisas com Victório, mas acabou fugindo ao planejado e, na saída do local combinado, uma mulher disfarçada de mendiga o esfaqueou. — pisquei algumas vezes, sentindo meu coração bater lentamente, como se fosse sua última batida. — Ele ainda está em cirurgia.

É minha culpa. Ele fez isso por mim e, se algo de ruim acontecer, eu serei a culpada.

— Sei o que está pensando, senhorita Paixão. — Maurício prosseguiu. — Ele faria a mesma coisa pelas pessoas que ama, pois esse é o Don que conhecemos.

— Quero saber mais a respeito dessa história com esse senhor chamado Victório. — Miguel voltou-se a Maurício.

— Vou buscar um chá de camomila. — Amélia disse com a voz chorosa, apressando-se para a cozinha.

— Covarde. — sacudi a cabeça, cerrando os punhos, sentindo ódio de Victório como nunca havia sentido por alguém.

— Victório é muito esperto. Ele planejou tudo cuidadosamente e, ainda conseguiu sair do restaurante com um mandado de proteção contra Don. — respirou fundo, explicando como aquilo sucedeu-se.

— Devia ter me dito isso desde o começo, Janaína. — Miguel respirou fundo, esfregando o rosto.

— E envolver a sua família também? — encarei-o e ele ficou em silêncio. — O melhor que

PERIGOSAS NACIONAIS

você pode fazer para nos ajudar, me ajudar, é voltar para casa. Muitas pessoas estão nisso por minha causa.

— Você também é minha família. — disse Miguel em tom brando. — Não fui eu quem pessoalmente foi falar com seus pais sobre o trabalho e garantir não a deixar se meter em problemas?

— Devo concordar com a senhorita Paixão, Miguel. Victório já matou duas pessoas e suspeitamos de uma terceira. — encarei Maurício subitamente. Quem era a outra? — Esdras, a mãe da criança que Janaína encontrou e até o momento, especula-se sobre sua esposa.

Arregalei os olhos, abaixando a cabeça. Por mais que Esdras tenha me ferido e tentado sabotar o que há entre mim e Don, ele não merecia isso. Ele tem uma filha...

Sentei-me no sofá, sentindo meus olhos marejarem outra vez. *Quando é que isso vai ter fim?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Don não te contou sobre Esdras? —
Maurício perguntou e eu simplesmente neguei com a cabeça.

— Estamos falando de um psicopata. Não vejo outro nome para um monstro desses. E vocês querem que eu não me meta? — Miguel disparou, furioso.

Coloquei-me de pé. Amélia voltou com o chá e, educadamente, ofereceu-me a xícara:

— Sirva os dois. Eles estão precisando mais que eu. — marchei rumo à entrada principal.

— Aonde você está indo? — Estela, que se mantinha atenta e em silêncio, veio atrás de mim.

— Para o hospital.

— Vou com você. — afirmou prontamente.

— Também vamos. — Maurício e Miguel aproximaram-se e eu os encarei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Vocês dois vão descobrir aonde aquele homem miserável está e vão enviar sua localização para a polícia. — apontei o dedo na direção de ambos, que arregalaram os olhos. — É isso que vão fazer. — voltei minha atenção a Estela. — E a senhorita reunirá a imprensa.

— Qual o sentido disso? — Maurício franziu a testa, mas Miguel encarou-me mudo por instantes, antes de esboçar um pequeno sorriso.

— Apenas confie, meu rapaz. Eu já vi esses olhos antes. — sacudiu a cabeça, abaixando-a e ao erguê-la novamente. — A Poderosa Doutora Paixão vai começar a agir do seu modo.

— Vamos, Estela. — apressei-me em direção a um dos carros que estava na garagem. O motorista de prontidão assentiu com a cabeça e ligou o veículo. — Para o Hospital Sírio Libanês.

— O que você vai fazer? — Estela entrou no carro aflita e fechou a porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Don, você cuidou de mim tantas vezes que não posso enumerar, mas sou eu quem precisa dar um fim a esse tormento.

— O que eu deveria ter feito desde que isso tudo começou. — afinei os olhos, voltando ao motorista. — Depressa!

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

POR JANAÍNA



Quando o veículo parou na porta do hospital, fomos cercados pela mídia. Estela encarou-me e segurou a minha mão.

— Vou fazer o anúncio. — assenti com a cabeça.

Estela desceu do carro toda imponente. Dois seguranças colocaram-se ao seu lado, enquanto eu a observava dar instruções. Havia um pouco de mim nela. A dedicação, a audácia e a coragem para encarar qualquer situação.

A porta do lado direito do passageiro abriu-se e duas fileiras de seguranças abriram caminho pela multidão até a entrada do hospital.

— Senhorita Paixão. — Marco aproximou-se e assentiu com a cabeça. Assim que desci, o ouvi ordenar: — Todos de prontidão.

O meu coração batia sem parar só de imaginar como havia sido a cirurgia de Don. Abaixei a cabeça e hesitei por alguns instantes, antes de erguer o rosto rumo ao céu, sentindo os primeiros pingos de chuva acertarem minha face.

— Senhorita? — Marco chamou-me, abrindo um guarda-chuva para me cobrir.

— Vamos. — engoli em seco.

Precipitei-me rumo à entrada; enquanto parte da mídia tinha a atenção roubada por Estela, outra parte tentava romper a barreira feita pelos seguranças.

— Fechem as portas. — determinou Marco, voltando-se a seis dos homens que nos acompanhavam, apontando cada um deles com os dedos. — Acompanhem-na. Os outros vão aguardar

a senhorita Estela aqui comigo.

— Sim, senhor. — responderam em coro.

Antes que eu pudesse dirigir-me à recepção em meio aos incontáveis olhares curiosos, Maurício surgiu do nada.

— Você devia estar com Miguel. — disse em tom de repreensão. — E como chegou antes de nós?

— Vim de moto. Além do mais, serei mais útil aqui. — respirei fundo e ele prosseguiu. — Samuel e Carmem Davies, os pais do Don, estão na sala de espera.

Engoli em seco, sentindo um frio na barriga.

— Alguém sabe dizer como ele está? — encarei Maurício rapidamente, acompanhando-o sem saber o caminho.

— Ainda não recebemos notícias. — depois de um longo silêncio, murmurou, fazendo-me arfar.

Por alguma razão eu sabia que era mentira. — Chegamos. — apontou com uma das mãos para uma porta de vidro fumê espelhado.

— Não vai entrar? — encarei-o rapidamente.

— Outra hora. — respondeu, voltando-se aos homens que nos acompanhavam. — Vamos aguardar aqui.

Respirei fundo e esfreguei meus dedos, percebendo o quanto minhas mãos estavam geladas. Confesso já ter imaginado esse momento e não era assim que eu me via conhecendo os pais dele.

Finalmente, empurrei a porta e entrei.

Havia um senhor de cabelos grisalhos de costas para a porta, furioso, ao telefone. Ele não parava de falar um instante sequer. Suponho que ele e Don tenham a mesma altura. Ao girar a cabeça para o lado, deparei-me com uma senhora de cabelos louros, com as mãos no rosto, em

profundo silêncio, parecendo perdida em pensamentos.

Fiquei sem reação.

— Resolva isso, custe o que custar. — disse o pai de Don, antes de virar-se dando de cara comigo.

Assim que me viu, mirou-me atentamente, como se estivesse fazendo uma análise minuciosa. Apesar disso, não deixei de notar que seus olhos estavam marejados e furiosos.

— Posso ajudá-la? — ele dirigiu-se a mim.

— Janaína? — girei a cabeça para o lado, encarando aqueles olhos de um azul vivo, atados a um rosto completamente corado e molhado.

— Sim, sou eu.

Subitamente ela se levantou e partiu em minha direção. Acabei sendo surpreendida com um abraço aconchegante.

— Você é linda. — afastou-se, segurando-me pelos ombros. — Só Deus sabe como tenho pedido para mandar alguém que coloque miolos na cabeça do meu filho. — fungou, lacrimejando.

— Obrigada. — respondi sem jeito. — Como ele está?

— O médico ainda não nos deu notícias, mas a situação é grave. — uniu os lábios, indo de encontro ao marido, abraçando-o também. — Eu temo tanto pela vida do meu filho. — confessou, erguendo a cabeça e passando as mãos pelos cabelos, começando a andar de um lado a outro.

— Então você é a Doutora Paixão? — senti um peso sobre mim com o olhar daquele homem. Engoli em seco e assenti com a cabeça. — E foi a senhorita que meteu meu filho nessa confusão toda?

— Samuel! — a esposa o repreendeu.

— Preciso falar com Maurício. — ele

rosnou, passando por mim antes de deixar a sala.

— Não leve em conta o que ele disse. Sam está uma pilha de nervos. — a senhora Davies pegou em minhas mãos, enquanto eu sentia lágrimas marcarem meu rosto, diante da inegável culpa. — Venha, querida. — sorriu, conduzindo-me até um dos sofás, onde nos sentamos.

— Eu sinto muito por tudo isso. — uni os lábios, balançando a cabeça, enquanto usava uma das mãos para enxugar as lágrimas que não paravam de cair. — Se eu soubesse que ele faria isso, não teria ido visitar meus pais.

— E se alguma coisa acontecesse a você, ele enlouqueceria. — ela sorriu, acariciando as minhas mãos.

Senti um pouco de alívio no tom ameno de suas palavras.

— Eu queria que nada disso estivesse acontecendo. — murmurei, abaixando a cabeça. De repente, a senti pousar as mãos em minha nuca,

colando meu rosto em seu peito. — Eu amo o seu filho. E o que mais tenho medo é de perdê-lo.

— O Senhor está no comando, minha querida. Ele está no comando... — sussurrou com a voz embargada.

Depois de um tempo assim, nos recompomos, ficando em completo silêncio, que só se quebrou quando o médico entrou na sala, fazendo-nos ficar de pé.

— Dê-me boas notícias, eu imploro. — Dona Carmem aproximou-se, com as mãos unidas em prece.

— A cirurgia correu bem, mas... — o alívio inicial tornou-se pânico. — Ele acabou de ser conduzido para a sala de reanimação.

Senti meu corpo ser engolido por um buraco tão fundo que não consegui reagir, apenas ouvindo os gritos em desespero da mãe de Don.

Saí daquele transe quando Samuel irrompeu

pela porta, tomando a mulher nos braços. Vi o médico dar algumas instruções, deixando a sala. Lancei-me atrás dele, segurando-o pelo jaleco.

— Deixe-me vê-lo. — implorei.

— Senhorita...

— Por favor. — ofeguei entre as palavras.
— Eu preciso vê-lo. — encarei-o diretamente nos olhos, que pareceu entender que eu não desistiria, respondendo-me com um aceno positivo.

Eu estava ao ponto de ter um ataque cardíaco, do tanto que o meu coração batia, temendo encontrá-lo...

Fui deixada pelo médico do lado de fora da sala de reanimação, onde havia uma parede de vidro e eu podia acompanhar tudo.

Eu o proíbo de morrer, Donovan Davies!
Gritei em pensamento.

Uma mulher aproximou-se até ficar ao meu

PERIGOSAS NACIONAIS

lado, encarando Don pela vitrine. Havia dor em seu rosto e a água que escorria da sua face não negava isso.

— Trocaria de lugar com ele? — perguntou, sem encarar-me.

— Sem pensar duas vezes. — ofeguei entre as palavras.

Ela voltou-se a mim e sorriu.

— Acalme o seu coração, Janaína, pois hoje é um dia de comemoração. — pousou a mão em minha barriga e sorriu, sumindo diante dos meus olhos.

Pisquei algumas vezes, não entendendo nada. E quando encarei a vitrine novamente, lá estava ela junto da equipe médica, mas eles pareciam não vê-la...

Primeiro ela acariciou o rosto de Don, para depois se inclinar e beijar a sua testa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desperte. Desperte, Don. Ela está te esperando... — apesar de estarmos separadas pela parede de vidro, a ouvi como se estivesse ao meu lado.

Depois daquelas palavras, a mulher simplesmente desapareceu diante dos meus olhos. Os médicos ainda insistiam em reanimá-lo e por mais que fosse pequena, a esperança existia dentro de mim.

— Volte para mim, Don. — sussurrei, tornando a render-me ao choro, colocando minhas mãos no vidro, pois tocá-lo naquele momento não me era possível. — Volte para mim... — gritei com todas as forças, ouvindo minha voz ecoar pelo corredor.

As minhas pernas tremularam e cederam. Caí no chão com a cabeça encostada na parede, como a pior das perdedoras.

A porta abriu-se e quando ergui os olhos, vi duas enfermeiras. Elas me ajudaram a ficar em pé e me conduziram para outra sala.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou te dar um calmante. — murmurou, aplicando-me uma injeção na veia.

— Eu não preciso disso. Ele é o meu remédio. — os meus olhos queimaram, com a visão começando a se escurecer. — Por favor, me diga o que aconteceu lá dentro...

Apaguei.

Entreabri os olhos, cobrindo o rosto com uma das mãos devido à claridade. Girei a cabeça ao meu redor e subitamente lembrei-me de onde estava.

— Ela está acordando. — ouvi uma voz feminina que não reconheci de imediato. — Janaína? — era Estela.

Pisquei algumas vezes, ainda tonta. Quando tentei me sentar, ela me segurou.

— Acalme-se. — sua voz soou aconchegante. — Don foi levado para a UTI. Eles

conseguiram reanimá-lo.

Chorei de alegria, a ponto de soluçar como uma criança que precisava do colo da mãe. Levei ambas as mãos ao rosto e expurguei todo aquele sentimento ruim que havia preenchido o meu coração quando imaginei que fosse perder o homem da minha vida.

Quando meu estado emocional e físico normalizou, sentei-me na cama. Estela ofereceu-me um café forte e eu prontamente aceitei, tomando-o de uma vez para despertar minha racionalidade.

— Qual é o estado dele?

— O pior passou. — respondeu, pegando o copo descartável da minha mão.

Respirei fundo, começando um exercício mental de autocontrole. Inspira, expira, repetindo-o várias vezes, até concluir que era suficiente.

— Quando posso vê-lo?

— Nesse momento os pais de Don estão na UTI. Creio que assim que eles saírem.

Estela me ajudou a equilibrar-me sobre os saltos e partimos rumo à visita. Assim que os pais dele saíram, evitei encará-los. Uma das enfermeiras aproximou-se e sorriu educadamente.

— Senhorita Janaína?

— Eu mesma.

— Acompanhe-me. — assenti com a cabeça e a segui.

Fiz como ela ordenou e paramos em um cômodo, onde vesti uma espécie de roupão. Quando entramos na UTI, atentei-me aos rostos em cada uma das camas, até que o vi.

Um arrepio subiu pelo meu corpo. O peito dele estava todo roxo. O olhar não passou despercebido pela enfermeira.

— É por conta do desfibrilador, mas no

decorrer dos dias irá sumir. — tocou meu ombro e sorriu outra vez. — Vou deixá-la a sós com ele.

Vê-lo daquela forma, tão vulnerável, coberto apenas com um lençol e completamente desacordado fazia o meu coração se apertar. Sentei-me na beirada da cama e entrelacei nossas mãos com cuidado.

— O homem mais idiota e apaixonado do mundo. — disse com a voz embargada. — Quer me matar do coração? — levei a outra mão ao seu rosto pálido, acariciando-o. — Eu pensei que fosse perder você sem ao menos dizer o quanto te amo. — funguei. — Você precisa ser forte, meu Don. Como vamos nos casar desse jeito? — sorri em meio às lágrimas que não cessavam. — E os nossos filhos que virão? — aproximei meu rosto do dele e selei seus lábios sem cor. — Não deixe a sua futura esposa esperando!

Desci da cama e coloquei-me de pé assim que a enfermeira parou ao meu lado, batendo os dedos no pulso, indicando que havia dado o tempo. Passei a mão pela minha saia e respirei fundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe comigo, pois aprendi várias coisas com você ao longo desse tempo juntos. — esbocei um pequeno sorriso. — Preciso ir agora, mas vou voltar, tudo bem? E não esqueça: *eu te amo, Donovan Davies.*

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

POR JANAÍNA



— Para que horas a coletiva está marcada?
— perguntei sem encará-la.

Eu estava fervilhando de ódio, inteiramente decidida do que faria naquela noite.

— Vinte e uma horas, na frente da Clínica.

— Vamos.

Por você, Don.

Nada mais importa.

Ainda que isso custe a minha carreira, vou garantir que você seja destruído, Victório Carlos Casímiro!

Passei na mansão para me aprontar como se fosse para a guerra. Vesti o *modelito* vermelho dos dias de trabalho, calcei saltos altos e passei o mais forte batom da mesma cor do vestido que tinha. Os meus cabelos haviam sido escovados a poucos dias, por isso apenas os penteei para o lado.

Ao passarmos em uma rua paralela à Clínica, decidimos entrar pelos fundos, pois a entrada do prédio havia sido tomada pela imprensa.

No escritório, sentei-me em meu trono, segurei em seus braços e fechei os olhos respirando fundo. *Pense cuidadosamente em como usar cada palavra.*

Repeti aquilo mentalmente, diante daquela multidão que me encarava em frente ao púlpito, em completo silêncio. Olhei de soslaio para Estela, que assentiu com a cabeça.

— Primeiramente, boa noite. — respirei fundo e ergui o queixo, mirando-os atentamente. — Quero agradecer o carinho da mídia para conosco nesses últimos meses. E em retribuição, acho justo

que vocês sejam os primeiros a tomarem conhecimento dos mais recentes acontecimentos.

Fiz uma pausa, pegando o copo com água e tomando um gole, colocando-o no lugar.

— Nunca imaginei que fosse tornar-me a Doutora Paixão. E quando isso aconteceu, confesso que senti medo do que viria pela frente. — passei os olhos pela multidão, que captava minhas palavras por *flashes* e câmeras. — Contudo, esse medo se tornou força, dia após dia, ouvindo as experiências dos mais variados tipos de mulheres. Cada caso um caso. Uma questão mais complicada que a outra e foi quando eu me dei conta que quanto mais eu ouvia aquelas mulheres que vinham até mim, mais forte eu me tornava, por elas e por mim mesma.

Uma salva de palmas ecoou. Enchi os pulmões e finalmente parti para o início do problema.

— Um tempo atrás, uma mulher de alto poder aquisitivo procurou-me para contar sobre

PERIGOSAS ACHERON

seus problemas, esperando conselhos meus. E quando iniciei o procedimento padrão para entender o que se passava, deparei-me com um furacão. Com o seu retorno agendado, resolvi ir direto ao ponto e explicar a situação delicada na qual ela estava envolvida, mas fui surpreendida com um “estou grávida dele”. — sacudi a cabeça, erguendo as sobrancelhas. — Depois dessa confissão, ela apenas decidiu que seguiria com sua vida como estava, independente do que viesse a acontecer. E pela mesma razão, optou por não saber o que descobrimos sobre o pai do seu filho.

Uni os lábios, abaixando a cabeça por alguns instantes, erguendo-a novamente.

— Eis onde tudo começou: o amante dessa senhora possui grande poder aquisitivo e, ao descobrir que tínhamos informações delicadas, enviou-me um recado. — peguei alguns documentos que estavam no púlpito e mostrei aos presentes. — Quando vocês chegaram aqui, em suas cadeiras haviam cópias lacradas. Por favor, deslacrem. — acompanhei-os com os olhos, aguardando todos antes de retomar. — Esse é o

laudo médico de quando fui espancada no hotel em que estava hospedada. Esse foi o “recado” que esse senhor me enviou. Junto do laudo emitido pelo hospital, também há o boletim de ocorrência, além de um DVD com as gravações das câmeras daquele dia, que mostram toda a movimentação no local por conta desse incidente.

Os meus olhos ardiam, mas eu não daria o gosto de ninguém me ver chorar outra vez!

— Não fosse Don, meu secretário, — esbocei um pequeno sorriso ao lembrar-me dele. — Sabe-se lá o que teria acontecido comigo.

A perplexidade havia tomado o ambiente, em meio a cochichos. Os jornalistas pareciam mais antenados que nunca, esperando por um nome.

— Imaginei que o silêncio compraria o fim de tudo isso, mas eu estava enganada. As coisas pioraram e ontem, *Donovan Davies*, meu secretário, foi atacado a mando desse homem. — engoli em seco. — Neste momento, vocês estão se perguntando: quem é ele? Por que alguém chegaria

a esse ponto? — sacudi a cabeça. — Eu também me pergunto como ele ordenou a morte de duas pessoas, apenas para tentar me intimidar.

Alguns jornalistas explodiram em expectativas e se levantaram, começando a enxurrada de perguntas. Estela rapidamente interveio com a equipe de segurança, acalmando-os.

Depois de alguns breves minutos, com a situação normalizada, retomei meu discurso.

— Quero deixar claro que, quando atendemos nossas clientes, assinamos um contrato de sigilo, que protege ambas as partes, sendo quebrado apenas em casos que ameacem a vida. Por isso, que fique explícito, esse é um caso de exceção. — respirei fundo e parti para o ponto que queria chegar. — O que eu descobri é que o tal homem mantém um relacionamento com sua cunhada, que foi quem me procurou, tendo como objetivo se apoderar da fortuna dela e da esposa, que morreu dias atrás por conta de uma suposta intoxicação alimentar. Esse homem é um

verdadeiro mau-caráter treinado, que não hesitará passar por cima de quem quer que seja para conquistar seu objetivo. — senti um frio na barriga, mas não hesitei. — O seu nome é Victório Carlos Casímiro, atual CEO da Global Engenharia Massafera.

Iniciou-se um reboião entre os jornalistas, que se contiveram quando ergui uma das mãos.

— A mulher é vista como frágil e dependente, mas eu quero que vocês saibam, eu quero que *you* saiba, Victório, que eu não sou esse tipo de mulher. — endireitei minha postura, mantendo-me totalmente reta, e ergui o queixo outra vez. — Se for preciso iniciar a maior batalha judicial que esse país já viu para te ver apodrecer na prisão pelos seus crimes, eu o farei. — os meus olhos lacrimejaram. — E é bom que os seus advogados sejam melhores que os meus, pois estamos em guerra!

E com aquelas palavras finais, deixei o púlpito, sentindo minhas pernas tremerem, enquanto meu estômago se dobrava tantas vezes

que eu não conseguia contar. Foi preciso que a equipe de segurança reserva fosse acionada para conter os jornalistas que insistiam em tentar ultrapassar a corrente humana que me cercava.

— O caso agora será encaminhado às autoridades competentes. O que vocês precisavam saber, já foi dito. — ouvi a voz de Estela no microfone.

Entrei na Clínica e apoiei uma das mãos em uma das colunas, respirando fundo.

— *O Senhor tem me acompanhado durante toda a minha vida, então peço humildemente que não me abandone diante do que virá...* — murmurei.

Estela acompanhou-me em completo silêncio até a minha sala. O seu telefone não parava de tocar. Eu estava inerte àquilo. A minha mente estava com ele, no hospital, torcendo para que saísse do grau de risco o mais rápido possível.

O meu celular pessoal tocou. *Miguel.*

PERIGOSAS NACIONAIS

Prontamente o atendi esperando ouvir a maior bronca da minha vida.

— Estou demitida? — perguntei sem ânimo.

— Como você está? — senti meus olhos arderem e sacudi a cabeça.

— Não sei.

— Respeito a sua decisão de não me querer envolvido nisso, mas eu acabei de ver o plantão de notícias na TV. — engoli em seco e respirei fundo. — O meu telefone não para de tocar.

— Estamos sendo processados?

— Provavelmente seremos. — rimos juntos.

— Creio que o melhor seja eu me afastar do comando dessa unidade e...

— Por quê? Você é a vítima, não o algoz. — ele rapidamente me interrompeu. — Da minha

PERIGOSAS ACHERON

parte não haverá afastamento, mas essa é uma decisão sua.

Assenti em silêncio.

— Eu imaginava que você fosse buscar por justiça, por isso, quando deixei a mansão de Donovan, formei uma equipe de advogados que serão implacáveis no tribunal. — Miguel respirou fundo, ficando em silêncio por segundos. — No fundo eu me sinto culpado, afinal, tudo isso foi ideia minha.

— Você não pode se culpar por todos os homens que não prestam, Miguel. — apaziguei seu desconforto e prossegui: — Por hora, vou determinar um receso de uma semana, para acompanhar de perto a evolução dessa declaração e suas consequências.

— Saiba que você tem nosso apoio e muitos outros surgirão para fazer com que sua voz seja ouvida.

— É o que espero.

— Liandra quer falar com você. — disse Miguel. Subitamente, a ouvi: — Eu sinto muito por tudo que aconteceu. Miguel não me disse nada antes por não querer me preocupar. — ofegou, deixando o nervosismo nítido em suas palavras. — Conte conosco para o que virá.

— Obrigada.

— E os seus pais?

— Estou torcendo para que eles não tenham assistido o jornal. — endireitei-me no sofá, sentindo meu coração se apequenar no meu peito. — Eles vão ficar arrasados por eu não ter lhes contado antes.

— Ligue para eles. Agora.

— Farei isso.

— Estamos com você, Janaína.

— Eu sei. Mais uma vez, obrigada.

Assim que Liandra desligou o telefone, busquei na agenda o número da minha mãe, que eu sequer me lembrava de cor desde que fora mudado. Quando me preparei para discar, o celular descarregou.

Joguei o celular para o lado e escorreguei no sofá, esfregando as têmporas. A minha cabeça estava abarrotada e eu não queria ser interrogada outra vez, não aquela noite.

Estela aproximou-se com uma das mãos sobre o telefone e antes que dissesse algo, fui mais rápida.

— Eu preciso descansar. Estou exausta. — disse a ela, quase em tom de súplica.

Sem questionar, Estela assentiu com a cabeça e afastou-se novamente, voltando ao telefone.

O quanto vai demorar para você estar comigo novamente? Passei os olhos pela minha

sala, imaginando-o entrar para me perguntar se eu queria alguma coisa. Se esse fosse o caso, eu apenas responderia:

Sim, há algo que quero muito, Senhor Davies.

Você.

INTERLÚDIO CINCO

POR VICTÓRIO



Os meus olhos estavam vidrados na televisão, atentos a cada uma das palavras daquela mulherzinha. Quando a ouvi mencionar meu nome, respirei fundo, apertando o copo de uísque com tamanha força que ele quebrou em minha mão.

— A sua mão, senhor...

— Matraca. — arqueei uma das sobancelhas. — Qual é o estado do senhor Davies?

— Segundo nossos homens, ainda é crítico.

— Donovan Davies deve estar sob vigilância pesada. Com isso... — peguei alguns guardanapos que estavam sobre a mesa, passando-os em minha mão repleta de sangue. — Resta a senhorita Paixão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que devo fazer?

— Que também deve estar sob escolta pesada, correto? — sequer o encarei.

— Correto, senhor.

— Matá-la a essa altura seria óbvio demais. Analisando por outro lado, tão óbvio que seria fácil refutar uma acusação desse nível. — assenti com a cabeça, analisando as possibilidades de como proceder diante daquele imenso problema.

Estiquei um dos braços, pegando o telefone e liguei para a minha secretária, Arlete.

— S-Senhor?

— Convoque uma reunião emergencial com o conselho da empresa.

— Qual é a pauta do assunto?

— Viu o plantão de notícias?

PERIGOSAS ACHERON

— S-Sim.

— Agora você sabe a pauta. Também acione a equipe de advogados, para estudarmos os meios para a nossa defesa.

— Sim, senhor. Algo mais?

— Por hora, não. — desliguei o telefone e voltei meus olhos a Matraca, que encarava-me pacientemente, esperando minhas ordens.

— O que devo fazer, senhor?

— Vamos aguardar ao menos até sabermos o que o adversário tem contra nós. — determinei.

A porta do meu escritório foi arrombada bruscamente. Era Alexia, exibindo uma cara de poucos amigos.

— Deixe-nos a sós. — voltou-se a Matraca, que mirou-me rapidamente e assentiu com a cabeça, retirando-se. Seus olhos de imediato

PERIGOSAS NACIONAIS

pousaram na minha mão cortada. — O que foi isso?

— Quebrei um copo. O corte foi superficial.

— Acabei de ver o plantão de notícias. — murmurou, levando ambas as mãos à cintura. — Pode me explicar?

— É exatamente como ela falou. — evitei rodeios. — Eu quero suas cabeças. Eles sabem demais e, na nossa situação, não podemos arriscar.

— Nada disso deveria estar acontecendo... — respirou fundo, levando uma das mãos aos cabelos, começando a chorar. — Vamos ser presos e...

— Se você fosse menos burra, não teria acontecido. Lembre-se de que foi você quem procurou a senhorita Paixão. — ela parou, pousando os olhos em mim. — Não faça essa cara, é a verdade.

— Eu estava confusa. — fungou, dando de ombros. — E não me venha com moralismo agora.

PERIGOSAS ACHERON

Quantas vezes eu o lembrei da morte da minha irmã? Acha que não me arrependo? — deu dois passos à frente, encarando-me com os olhos marejados.

— Fizemos isso pelo nosso filho. — levantei-me e a puxei para um abraço, afagando seus cabelos. — Lembre-se de que ela poderia nos destruir.

— Mas... — sua voz falhou, chorosa.

— Vê seu estado? — afastei-me, roçando o polegar em seu rosto. — Por isso não gosto de preocupá-la com as minhas ações. — esbocei um sorriso. — Prometo que eles serão os últimos. — havia apreensão e medo nos olhos dela. — Precisamos fazer isso ou seremos destruídos. Pense no nosso filho.

Alexia assentiu com a cabeça e eu a abracei novamente.

Se você não fosse a mãe do meu herdeiro, seu destino não seria diferente, mas, apesar de ser

PERIGOSAS NACIONAIS

o pior dos homens, eu jamais privaria meu filho do calor maternal.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E SETE

POR JANAÍNA



Chegamos à mansão por volta da meia-noite. Tentamos sair antes, mas demorou um pouco para que os jornalistas se dispersassem.

Assim que Estela e eu atravessamos a sala, deparei-me com o senhor Samuel Davies vindo do outro cômodo com uma taça de bebida na mão.

Encaramo-nos por alguns segundos.

— Eu gostaria de me desculpar sobre o ocorrido no hospital. — disse, sem tirar os olhos dos meus. — Em momentos assim, buscamos culpados, mas você não é um deles.

— Desculpas aceitas. — assenti com a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça. — Onde está a senhora Carmem?

— Subiu para descansar um pouco. Provavelmente, amanhã vai passar o dia inteiro no hospital. — suspirou, desviando os olhos dos meus. — Ainda temos muito pela frente.

— Don vai ficar bem. Ele é forte. Ademais, ele me fez uma promessa e sei que irá cumpri-la. — esbocei um largo sorriso ao lembrar-me do seu rosto.

— A senhorita é diferente do que imaginei. Estávamos em casa quando vimos o plantão de notícias e confesso que ficamos surpresos. — balançou a cabeça. — Não pelos fatos, mas pela sua coragem.

Senti uma pontinha de orgulho e estufei o peito.

— Descobri-me de muitas formas ao lado do seu filho.

— Ele tem o dom de mostrar às pessoas o

que elas têm de melhor a oferecer. — finalmente Samuel sorriu. Amélia surgiu na sala e ele rapidamente a interceptou. — Prepare um quarto para a convidada da senhorita Janaína.

— Sim, senhor.

— Bom, como o sono me fugiu, vou seguir pensando na vida. Boa noite, senhoritas. — assentiu com a cabeça e deu meia-volta, sumindo pelos cômodos.

Estela e eu subimos em silêncio para o meu quarto. Só quando entramos, ela finalmente abriu a boca.

— Amanhã vou me reunir com os advogados para nos prepararmos. Como a sua agenda está livre pelos próximos dias, deseja que eu faça alguma anotação específica?

— Amanhã cedo devo ir à Assistência Social. — sentei-me na cama, sentindo meu coração aquecer-se ao lembrar-me de Valentina. — E de lá, irei para o hospital, onde devo passar o

PERIGOSAS NACIONAIS

resto do dia. — levei uma das mãos à cabeça, lembrando-me de algo muito importante. — E claro, ligar para os meus pais.

— Ótimo. Assim vou saber onde você está. — disse Estela, sentando-se ao meu lado na cama, pegando uma das minhas mãos. — Tudo vai se ajeitar.

Encarei-a rapidamente e a abracei, sentindo meus olhos arderem.

— É o que mais desejo.

Era inevitável não pensar na possibilidade de a qualquer momento, receber outro “recado” de Victório.

Depois de um breve momento afetuoso, Estela colocou-se de pé e seguiu em direção à porta, parando na entrada.

— Preocupe-se apenas com isso. Eu cuidarei de tudo. — assenti com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Acordei bem cedo na manhã seguinte. Tomei uma ducha rápida e vesti-me para seguir com a minha agenda. Assim que entrei no corredor, ouvi vozes familiares, no que parecia ser um papo bem descontraído. Desci as escadas e quando apontei em direção à sala de visitas, fui interceptada por Estela.

— Bom dia. — ela sorriu.

— Bom dia. Quem está aí?

— Os seus pais. — arregalei os olhos. — A sua mãe ligou aos prantos para Miguel e ele mandou o jato da empresa buscá-los. — engoli em seco e Estela prosseguiu. — É mais prudente conversar com eles pessoalmente.

Apenas assenti com a cabeça.

Assim que apontei na entrada da sala, o clima mudou. O senhor Samuel e a senhora Carmem passaram por mim, assentindo com a cabeça e meus pais fitaram-me atentamente. Estela puxou as portas, unindo-as em uma, e fechando-a.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só há uma coisa que queremos saber. —
mamãe se aproximou, enquanto meu pai me encarava, sem dizer nada. Respirei fundo e fixei meus olhos nela. — Você está bem?

Uni os lábios e sacudi a cabeça negativamente. Subitamente fui abraçada por ambos. Depois daquele primeiro momento, expliquei a razão de não ter lhes dito nada. E era a mais pura verdade: eu não queria preocupá-los ou colocá-los em risco. Respeitosamente, não insistiram em detalhes.

— Desculpem. — foi o que consegui dizer com a voz embargada.

Passada a emoção do nosso encontro, tomamos o café da manhã juntos. Apesar de muita insistência, consegui convencê-los a não me acompanhar. Seria mais seguro ficar na mansão.

Estela interceptou-me na garagem, onde o motorista me aguardava.

PERIGOSAS ACHERON

— Achei que já estava na Clínica.

— Não sem antes garantir que você sairia com alguém de confiança lhe acompanhando. — ela sorriu.

Uma moto — Harley-Davidson CVO — parou na garagem. Instintivamente dei dois passos para trás, mas assim que o condutor retirou o capacete, sorri. *Maurício*.

— Estou um pouco atrasado, senhorita Estela. Desculpe-me por isso.

— Sem problemas. — Estela tocou meu ombro e o afagou. — Agora sim, está liberada.

— Então vamos logo!

Durante o percurso, Maurício inteirou-me das novidades.

— Don apresentou uma grande melhora. — disse sorridente. — O médico afirmou que ele pode acordar em breve. — o meu coração disparou de

alegria. — Porém, ainda vai demorar alguns dias para que deixe a UTI.

— Graças a Deus! — murmurei.

Ao chegarmos na Assistência Social, descemos. Era inevitável, a imprensa continuava nos seguindo e a escolta garantia nossa segurança e passagem sem tumulto.

Identifiquei-me na recepção e fui liberada, juntamente com Maurício. Contudo, fui avisada de antemão que os prováveis adotantes de Valentina estavam conhecendo-a.

— Quer mesmo entrar? — Maurício encarou-me. — Sei o quanto você queria essa criança.

— Quero ver como eles são. — disse sem jeito, sentindo meu peito se apertar.

Naquele instante, a minha cabeça enchia-se de pergunta a respeito dos futuros pais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao entrar na sala, deparei-me com o casal. Havia um brilho inconfundível de alegria em seus olhos. A moça, de cabelos curtos e loiros, segurava Valentina com carinho, dando-lhe mamadeira, enquanto o esposo, tão belo quanto ela, admirava aquilo nitidamente encantado.

— Não quer se aproximar? — Maurício sussurrou e eu neguei com a cabeça, analisando-os de longe, para achar algum defeito.

Era errado, eu sei. A verdade é que eu havia me apegado a ela de uma forma que eu me via como a única capaz de dar-lhe o necessário.

— Senhorita Paixão. — Meire, uma das assistentes sociais, abriu um largo sorriso quando me viu. O olhar dos pais voltou-se imediatamente para mim. — Que prazer tê-la aqui. Venha, — chamou-me com uma das mãos. — Deixe-me apresentar o senhor e a senhora Steven.

Sorri sem mostrar os dentes e, ainda acanhada, aproximei-me deles.

PERIGOSAS ACHERON

— Esta é a senhorita Paixão, aquela que passa no comercial da TV. Não sei se sabem, mas é graças a ela que esse pequeno anjo chegou às nossas mãos. — fez um beicinho, mirando Valentina.

— Não sabíamos disso. — disse o homem, olhando para a esposa. — Estávamos viajando, quando a assistente entrou em contato conosco. Chegamos ao Brasil faz dois dias. — explicou, estendendo-me a mão. — Você é uma heroína. Sem você, o sonho de sermos pais não seria realizado tão cedo.

Ergui os ombros meio sem jeito.

— Quer pegá-la? — a senhora Steven notou meus olhos famintos e ofereceu-me a pequena.

— Sim, por favor. — prontamente a peguei, ninando-a nos braços.

Os meus olhos arderam de emoção. Ela continuava linda e eu sentia que seus olhinhos pareciam me reconhecer. Enquanto eu matava a

saudade, ouvia a assistente contar a história de Valentina aos seus futuros adotantes.

— Como meu esposo disse, a senhorita Paixão é realmente uma heroína. — a senhora Steven comentou. Assim que voltei meus olhos a ela, vi um largo sorriso em seu rosto.

— Eu jamais me recusaria a qualquer empreitada que fosse para salvar uma criança. Não é mesmo, Valentina? — fiz uma voz fofa no final.

— Valentina? — a senhora Steven perguntou surpresa.

— Desculpe. — sacudi a cabeça, entregando-lhe a pequena nos braços. — Eu imaginei que conseguiria adotá-la, mas...

— O que acha de Valentina, Eliab? — ela mirou-me, sorriu e voltou-se ao esposo.

— Acho que é a mais bela forma de agradecimento que podemos dar à senhorita Paixão.

— ele assentiu.

Rendi-me às lágrimas. Eu não tinha palavras para responder àquilo. Simplesmente abracei-os, desejando do fundo do meu coração que fossem felizes.

— Obrigada. — disse, fungando.

— Não. Somos nós que agradecemos. — a senhora Steve sorriu e voltou-se para a pequena. — E nunca a deixaremos esquecer que foi a sua salvadora que lhe deu o nome, Valentina.

Após aquilo, sentei-me com eles e conversei um pouco. *Eliab e Joene Steven*. Tratava-se de um casal com uma excelente condição financeira e que aparentavam estarem prontos para dar todo o amor que a nossa pequena precisava.

Depois de muita conversa, despedi-me deles e segui com Maurício para o hospital.

— Estou feliz por ela, mesmo não sendo eu a ser sua mãe. — comentei com Maurício.

— Eu vi isso nos seus olhos. — ele respondeu e brincou: — E não se preocupe, tenho certeza que Don vai me providenciar muitos sobrinhos. — rimos.

No hospital, as coisas seguiram sem novidades. Don estava adormecido e, apesar da melhora, ainda lutava pela vida. O senhor Samuel e Maurício sempre saíam para um lugar reservado quando queriam conversar, deixando-me dona Carmem como companhia.

— Ele fala cinco idiomas diferentes. — disse com orgulho, passando mais uma página do álbum de fotos.

— Que gracinha essa foto. — mostrei com o dedo uma imagem onde ele estava de sunguinha, sorridente e sem um dos dentinhos de baixo.

— Estávamos em Londres nessa época. Ele havia cismado em ter um sapo de estimação. — riu, com os olhos marejados. — Quando vi o bichinho, quase desmaiei. — gargalhamos em coro.

O dia seguiu tão longo que parecia não ter fim. Amanhã era um novo dia e, talvez, ele acordasse, não é?

CAPÍTULO TRINTA E OITO

POR JANAÍNA



Dois dias depois...

Os pais de Don conseguiram transferi-lo para uma UTI particular dentro do próprio hospital — graças à melhora em seu diagnóstico. Dois enfermeiros iriam se revezar para acompanhá-lo em tempo integral.

— Esqueci de comentar. — disse a senhora Davies, fazendo-me desviar os olhos da comédia romântica que estava lendo, “*O Divórcio, de Bárbara P. Nunes*”. — Samuel disse que procurou o senhor Miguel e Estela, para atuarem juntos com o tribunal.

— Estela comentou comigo hoje cedo. —

abri um pequeno sorriso. — Estou otimista quanto à Justiça.

— Há muito mais coisa em jogo. — ela uniu os lábios, apreensiva. — Aquele homem é o coração de um formigueiro.

— Então seremos o tamanduá que destrói a colônia.

— A Poderosa Doutora Paixão. — suspirou, mostrando-me o jornal. — É assim que a mídia está chamando você agora. E veja só: — apontou com o dedo para uma matéria em particular, quando abriu o jornal. — A senadora Raiska Libelon, representante da Comissão dos Direitos das Mulheres, que atuou assiduamente na aprovação da lei Maria da Penha, declarou seu apoio às investigações e afirmou que as mulheres no Senado estão acompanhando o desenrolar do caso com extrema atenção.

— Sabe de uma coisa, dona Carmem? — aproximei meu rosto do dela.

— O quê?

— Não dominamos o mundo por que não queremos. — disparei com bom humor, arrancando-lhe uma gargalhada que também me levou aos risos.

— Concordo piamente.

O papo bem-humorado foi interrompido por Estela, que ao entrar, assentiu com a cabeça educadamente. Atentei-me ao seu rosto, para tentar decifrar se trazia-me boas ou más notícias, mas não consegui.

— Vim informá-las de que o juiz acatou o processo e marcou a data da primeira audiência. — endireitamo-nos no sofá.

— Para quando? — eu ansiava por uma resposta e sequer escondia isso.

— Segunda-feira. — arregalei os olhos, espantada. — É um caso que tomou grande proporção. O seu discurso está sendo veiculado até

mesmo na imprensa estrangeira e, neste momento, movimentos que lutam pelos direitos das mulheres uniram-se para fazer uma passeata na Avenida Paulista. Segundo a reportagem, algo em torno de 50 mil simpatizantes.

— Uau! — ofeguei, piscando algumas vezes.

— As palavras são o discurso que motiva a busca pela liberdade e igualdade. — dona Carmem comentou, unindo ambas as mãos.

— Quais são as acusações que conseguimos imputar a Victório?

— Violência psicológica, lesão corporal atuando na figura de mandante, perseguição e ameaças constantes que colocaram sua vida e a daqueles próximos a você em risco. É também suspeito nos assassinatos de Esdras Sampaio e da senhora Guadalupe Moraes, cujas fotos foram enviadas para o seu e-mail. Apesar de não termos nada para associá-lo ao assassinato de Esdras, essa questão da foto da Guadalupe, mãe da criança

Valentina, pode nos ajudar a incriminá-lo.

— E a tentativa de assassinato contra Don?
— levantei-me, irritada.

— As investigações ainda estão sendo feitas. Até o momento, o juiz ainda não acatou nosso pedido por não ter encontrado vínculo com a mulher que esfaqueou Don e Victório. E também, pelo fato de Don tê-lo agredido minutos antes, pedindo uma medida protetiva contra ele e abrindo um processo por agressão e ameaça contra a vida...
— suspirou fundo e prosseguiu: — No entanto, fatos novos surgiram a nosso favor. Na noite de ontem, o delegado responsável pelo caso recebeu um e-mail de alguém que se identifica como “K” com vários dados financeiros da empresa GLOBAL ENGENHARIA MASSAFERA, comandada por Victório. Com isso, ele também está encarando uma investigação empresarial, além de ter sido ligado como principal suspeito da morte da esposa, Alexia Massafra, cujo laudo foi contestado esta manhã.

— Excelente. — afinei os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele também cometeu crimes financeiros? Minha nossa! — a senhora Davies comentou, abismada. — Se isso for comprovado, o governo vai partir a empresa dele ao meio.

— Empresa da cunhada dele. — fez questão de enfatizar. — Uma pobre mulher que está cegamente apaixonada.

— Só Deus sabe tudo o que esse homem cometeu. — Estela sacudiu a cabeça. — Além da medida protetiva a você, o juiz também determinou que Victório entregasse o passaporte.

— Como se um bilionário precisasse de passaporte para fugir do país. — rosnei.

— Ele está sob vigilância. — Estela amenizou meu comentário.

Dona Carmem subitamente pegou o controle, aumentando o volume da TV, que roubou nossa atenção.

PERIGOSAS ACHERON

“Aqui quem fala é Josicleide Kandersbrut. Neste momento estou na sede da empresa *Global Engenharia Massafera*, onde acabamos de ser informados que, após uma reunião emergencial do conselho da empresa, Victório Carlos Casímiro, em acordo com os demais acionistas, retirou-se da presidência até que todas as investigações que envolvem não só seu nome, mas também o da companhia nos anos de sua gestão, sejam concluídas”.

O seu mundo está caindo, Victório. E quando cair, o país inteiro será testemunha da sua punição.

• • •

Aproveitei que a senhora Davies havia retornado à mansão para descansar um pouco e tirei um tempo para nós.

— Como você está? — encarei Don, adormecido, deslizando suavemente o indicador pelo seu peito, onde as marcas do desfibrilador já tinham amenizado. — A batalha judicial começou e

confesso que estou confiante na Justiça. O caso tomou uma proporção muito grande...

Emudeci ao parar os olhos em sua mão, notando-o sem a aliança de compromisso. Desci da cama e abri a gaveta, onde o enfermeiro nos disse que estavam seus pertences. Depois de uma breve procura, a encontrei dentro da carteira. Ao voltar-me a Don, segurei sua mão e sorri.

— Você não me pediu em namoro, me pediu em casamento. — os meus olhos arderam e eu respirei fundo. — Então... — coloquei a aliança em seu dedo, unindo os lábios. — Quero que saiba que eu aceito.

As lágrimas desciam como bolas de neve. Como era doloroso vê-lo assim, totalmente incapacitado. Deslizei a mão por seu rosto, acariciando-o.

Abaixei a cabeça, desviando nossos rostos, parando para analisar como seria dali em diante, quando toda essa bagunça terminasse. Subitamente fui surpreendida por uma voz rouca, que me fez

voltar a ele.

O meu coração palpitou com força quando seus olhos se mexeram, fazendo menção de abrir. Prendi a respiração e esperei por longos minutos, mas nada aconteceu.

Sacudi a cabeça, imaginando o óbvio: era fruto da minha mente. Soltei o ar dos pulmões e segui em direção à porta para buscar um café. Quando coloquei a mão na maçaneta, paralisei por completo.

— Ei...

Girei em cima dos saltos e nossos olhos se encontraram. Senti minha respiração acelerar-se, sendo tomada por uma imensa vontade de chorar.

— Pretendia fugir depois de aceitar meu pedido de casamento? — disse entre gemidos, em tom baixo.

— Não. — sorri, precipitando-me em sua direção. — Eu nunca vou fugir de você, Donovan

PERIGOSAS NACIONAIS

Davies. — abracei-o, arrancando-lhe outro gemido. — Desculpa, desculpa... — afastei-me rapidamente para não machucá-lo.

— Como você está? — Don mirou-me atentamente. Sua voz ainda estava fraca.

— Eu quem deveria perguntar isso. — ele sorriu e eu retribuí.

— Como vê... — gemeu, tentando-se endireitar na cama, mas o impedi. — Completamente enfaixado, como uma múmia. — respirou fundo e disparou: — Ao menos sabem reconhecer a nobreza de um Faraó.

Sacudi a cabeça, contendo o riso.

— Por que a minha amada está chorando? — franziu a testa.

— Eu pensei que fosse te perder. — sussurrei, tentando conter o rastro de água que descia por meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não hoje.

— Definitivamente não.

— E esse é o momento em que você beija a sua *donzela*? — Don brincou, soltando outro gemido. — Sabe que eu me levantaria se pudesse...

— Eu sei, *donzela*. — sorri, inclinando o corpo até tocar nossos lábios.

Que saudade de sentir seus lábios nos meus, da sua voz, do seu sorriso e até mesmo dos seus gemidos, ainda que de dor, pois aquilo me fazia ter certeza de que eu não estava sonhando acordada. Era real. Ele estava ali, acordado, diante de mim.

O enfermeiro mal entrou no quarto e, ao deparar-se com Don acordado, rapidamente retirou-se, dizendo que iria chamar o médico. Nesse meio tempo, fui cercada por suas dúvidas.

“Estou dormindo há quanto tempo?”.

“Aquele filho da puta tentou algo contra você?”.

PERIGOSAS ACHERON

“Os meus pais estão aqui?!”.
— Não se preocupe, eu estou tomando
conta de tudo. — entrelacei nossas mãos.

— Mas...

— Agora é a sua vez de confiar em mim. —
interrompi-o entre sussurros, selando seus lábios
outra vez.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

POR JANAÍNA



Até o momento Don estava restrito a tomar apenas água, deixando-o aborrecido e ainda mais faminto, ao ponto de tentar me convencer a alimentá-lo.

— Por favor... — insistiu, segurando a minha mão, fazendo aquela carinha de menino pidão. — Eu aceito salgadinhos, daqueles de saquinhos. Todo hospital tem essas máquinas.

— O médico deve passar aqui em breve e liberar uma dieta nova. — expliquei, fazendo-o revirar os olhos.

— Um docinho então. — sorriu, todo empolgado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou seu docinho. — contive uma risada diante da fome que se mostrava cada vez mais nítida em seus olhos.

— Bem que eu gostaria, mas nesse estado, você me quebra. Apesar de que... — mordeu os lábios. — Morrer fodendo não é uma má ideia.

— Seu grandíssimo idiota! — rosnei.

— O mais idiota do mundo todo, lembra? — sacudi a cabeça.

A porta do quarto se abriu e o médico entrou, acompanhado do enfermeiro. Doutor Pantheon, um senhor idoso, muito elogiado por todos que o conheciam, disseram-nos que era um dos melhores.

Rapidamente desci da cama, colocando-me ao lado de Don.

— Boa tarde.

PERIGOSAS ACHERON

— Boa tarde. — respondemos em coro.

— Meu rapaz, eu achei que você fosse partir desta para outra. — brincou e puxou o lençol de Don, exibindo o enorme curativo em seu abdômen. — Ataques assim costumam ser fatais, mas a maioria, quando chega a tempo, é resolvida. Contudo, no seu caso, não foi uma faca de cozinha, era uma faca serrilhada, própria para caça.

Engoli em seco.

— E a pessoa deu-se ao trabalho de cravá-la de cima para baixo, causando uma hemorragia interna. Foi muita sorte ter acertado apenas o estômago, pois passou pertíssimo de outros órgãos. — apontou cada parte que mencionava e respirou fundo. — O seu santo é forte.

— A minha santa realmente é. — Don respondeu, sorrindo para mim e voltou-se ao médico. — Quando vou poder comer?

— Apenas líquidos pelos próximos dias. Ao menos até serem feitos novos exames para conferir

como está sendo seu processo de cicatrização.

— Não brinca! — Don arregalou os olhos.

— Quer sair do hospital? — o médico o encarou. — Um mulherão desses te esperando e você preocupado com o que vai comer? — riu, fazendo-me corar.

Don cruzou os braços, emburrando feito um garoto que não tem seus desejos atendidos.

— Por gentileza, quando o senhor e a senhora Davies chegarem, peça para que me procurem. — Doutor Pantheon voltou-se a mim. Assenti com a cabeça e o médico mirou Don novamente. — Siga a dieta e logo você vai estar correndo.

— Obrigada, Doutor.

Foi o prazo do médico deixar o quarto para a moça que entregava a refeição dos pacientes entrar. Don endireitou-se entre gemidos na cama, puxei a mesinha com rodas e o mirei atentamente.

Assim que ele descobriu o prato de comida, torceu a boca. Contive uma risada, abaixando a cabeça por um instante e encarando-o novamente.

— Sopa. — ele disse sem muito ânimo. — Um mês de sopa? — balançou a cabeça, dando a primeira colherada e fazendo uma careta. Engoliu e prosseguiu: — Sem um único resquício de tempero. — bufou.

— Ah, tenho certeza que não está tão ruim assim. — sentei-me na cama, tomei a colher sua mão e colhi um pouco de sopa. — Vamos, abra a boca. Você vai comer tudo.

— Deveria soar fofo ou ser uma tortura? — ele riu.

— Vamos trabalhar com a primeira opção. — gargalhei, dando-lhe a primeira colherada.

— Continua com sabor ruim. — reclamou.

Homens, por mais que sejam fortes, quando

PERIGOSAS ACHERON

estão com a saúde debilitada tornam-se verdadeiras crianças. E devo confessar, eu estava gostando de ver esse lado do Don. Ninguém é forte o tempo todo, e também quero conhecer suas fraquezas, suas manias, seus medos.

Depois do seu *fabuloso* jantar, comecei a inteirá-lo de tudo que havia acontecido, detalhando a narrativa dos dias em que ele ficou completamente adormecido. Ele me acompanhava com curiosidade, totalmente atento a cada ponto que eu mencionava, sempre fazendo perguntas.

— No que está pensando? — encarei-o, notando certa apreensão em seu rosto.

— Peço que ouça tudo com atenção. — ao notar a seriedade em sua voz, assenti com a cabeça. Don mirou o teto fixamente. — Eu estava noivo de Janaína e nessa época, a empresa havia feito um contrato militar, para operações especiais. Fornecíamos homens e equipamentos e fui convidado a participar de algumas dessas operações, onde encontramos um dos grandes chefões do tráfico da fronteira. — sacudiu a cabeça,

PERIGOSAS NACIONAIS

com os olhos lacrimejando. — Pouco a pouco os homens da nossa equipe desertaram e sobramos apenas eu, Maurício e Marco. Contudo, eu fui escolhido como alvo. Só que não era fácil chegarem até mim, então foram atrás de Janaína. Ela foi estuprada até a morte. — senti meu coração se apertar, com as lágrimas descendo pelo meu rosto, igualmente às que desciam pelo dele. — Eu enlouqueci, pois sabia que a Justiça nunca os encontraria, então os cacei e matei cada um daqueles homens da pior forma que pode existir. — deu de ombros, virando o rosto para o lado.

Aquilo me pegou de surpresa. Senti faltar o fôlego, mas permaneci em silêncio, pois não sabia o que dizer.

— A culpa foi minha. Eu não consegui proteger a pessoa que mais amava. Depois procurei por seus familiares, com a mesma intenção, mas Maurício me impediu, e estava certo, eles não tinham culpa. — Don suspirou, passando as mãos pelo rosto. — Há um monstro dentro de todos nós. E... — encarou-me fixamente nos olhos. — O que eu mais quero fazer quando sair daqui é dar fim a

PERIGOSAS ACHERON

Victório.

Pisquei algumas vezes, sentindo minha cabeça rodar. Don não é um criminoso, ele não é um homem mau ou sem caráter. Não justifica o que ele fez, mas eu entendo sua dor, sua loucura.

— Vai me abandonar? — fungou, abaixando a cabeça. — Eu não queria que você soubesse, pois temia por sua reação...

Segurei seu rosto com ambas as mãos, encarando-o nos olhos. Por longos segundos me vi em suas pupilas.

— Esse não é o Don que conheci. Aquele homem do passado morreu. Você agora é um novo homem, é o *meu* Donovan Davies. — ele assentiu com a cabeça e eu o abracei. — E, por favor, não diga que quer matar alguém outra vez. — pedi em tom choroso.

— Prometo tentar. — senti seus braços em volta da minha cintura, enquanto ele rendia-se ao choro.

— Vamos ficar bem.

Por mais que eu vasculhasse em minha mente algo que ligasse Don ao que ele havia me dito, eu não encontrava. Era simplesmente inacreditável. O meu Don era carinhoso, amoroso e extremamente protetor, mas o seu maior medo era perder, outra vez, alguém que amava.

Permaneci com ele e seguiria assim até o fim das nossas vidas, pois o meu coração havia sido roubado. Eu jamais conseguiria ver aquele homem diferente do que eu conheci.

Finalmente, os pais dele chegaram, fazendo festa. Desci da cama, dando espaço aos pais, que não escondiam a emoção de ver o filho de olhos abertos e falando.

Depois de presenciar várias broncas, concluí que quando se é filho único, você pode ter cinquenta anos, mas ainda assim sempre será o pequeno filho, que merece ter a orelha puxada.

— Mamãe, pare com isso. A minha namorada vai pensar que ainda uso fraldas. — Don resmungou, enquanto a senhora Davies penteava seu cabelo com um largo sorriso no rosto.

— A sua namorada é um amor. — ela disse lançando-me um largo sorriso, arrancando-nos risos.

Depois da descontração inicial, eles explicaram a razão da ausência.

— Desculpem a demora. — disse o senhor Davies. — Estávamos acompanhando o interrogatório da mulher que esfaqueou Don. Kamille Cabral. — havia certa animação em sua voz. — Apesar de ela não ter dito muito, está disposta a colaborar, desde que haja proteção.

— Isso é ótimo. — comentei.

— O interrogatório da cunhada dele, acho que o nome é Alexia, está marcado para às oito horas da noite de hoje. — uma luz acendeu em minha cabeça ao ouvir aquilo. — Segundo

ouvimos, Victório irá acompanhá-la e, obviamente, não irá entrar na sala com ela.

— O cerco está se fechando. — disse a senhora Davies. — É questão de tempo para que ele seja responsabilizado por todos os crimes que cometeu.

Don mirou-me atentamente, parecendo analisar a minha expressão.

— Nem pensar. — ele resmungou.

— Eu não disse nada.

Seus pais nos encaravam completamente alheios à conversa.

— Não. Não e não! — Don insistiu, fazendo menção de se levantar da cama, mas sua mãe o impediu. — Mesmo que eu tenha que me levantar desta cama, você não vai.

— Comporte-se, Don! — dona Carmem o repreendeu, voltando-se a mim. — Aonde ele não

quer que a senhorita vá?

— Ao interrogatório. — engoli em seco, com todos encarando-me.

— Acha que isso pode nos ajudar, Janaína?
— perguntou a senhora Davies.

— Toda tentativa é válida. Eu só gostaria de falar a sós com Alexia por alguns instantes. — expliquei minha estratégia.

— É sério que vocês estão cogitando isso?
— Don ralhou, soltando um gemido baixo em seguida.

— Não faça esforço. — sua mãe o repreendeu novamente.

— Temos uma chance de incriminar esse homem, meu filho. — Samuel Davies tocou no ombro de Don e abriu um largo sorriso. — E ela não irá sozinha. Se ele tentar qualquer coisa...

— Podem me deixar a sós com essa

teimosa? — Don respirou fundo e insistiu. — Por favor.

— Vamos. — Samuel Davies tocou o ombro da esposa, que o acompanhou para fora do quarto.

Cruzei os braços, aproximando-me de Don, que havia desviado o rosto da minha direção.

— Janaína, por favor, me escute...

— Não. — pisei duro e toquei seu queixo, trazendo seu rosto ao meu. — Escute você, Donovan Davies. Qual a parte de confiar em mim não ficou clara?

— Eu confio, é que...

— Quê? — ergui as sobrancelhas.

— Eu estou impossibilitado nesta cama. E se acontecer algo? Como vou poder fazer alguma coisa? E-E-Eu não posso te perder. — os seus olhos marejaram e eu sorri, abraçando-o com força.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai. — afastei-me, selando seus lábios. — Agora preciso ir, pois quero chegar antes do interrogatório.

— Tudo bem. — assenti com a cabeça, precipitando-me em direção à porta, mas acabei parando com sua pergunta: — Sabe atirar? — voltei-me a ele, franzindo a testa.

— Eu tive uma ideia boba. — Don balançou a cabeça quando eu franzi a testa. — Eu te amo, Poderosa Paixão.

— Eu também te amo, Donovan Davies.

• • •

Tentamos passar despercebidos ao chegarmos no MPF — Ministério Público Federal —, mas não deu muito certo. Apesar de termos mudado o veículo, de algum modo fomos reconhecidos. Jornalistas e seus *poderes* misteriosos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou aprontar a segurança. — disse Maurício, descendo do carro, dando ordens aos seus homens.

— Não há com o que se preocupar. — disse o senhor Davies, abrindo a porta do carro. — Mesmo porque seu pai também está aqui.

— Papai? — não escondi minha surpresa.

— Como pai, eu não poderia omitir essa informação dele, então o comuniquei. Ele provavelmente está acompanhado da senhorita Estela. — disse, estendendo-me uma das mãos.

— Entendo. — peguei sua mão e saí do carro.

Enquanto os homens que faziam nossa escolta barravam a imprensa, apressamo-nos em entrar no edifício. Depois da identificação, segui para a sala de espera, enquanto o senhor Davies sumiu, apenas afirmando ir falar com um “contato” que providenciaria o meu encontro com Alexia.

PERIGOSAS ACHERON

— Filha! — papai entrou apressado na sala de espera acompanhado por Estela. — Vim o mais rápido que pude.

— Obrigada, papai. O senhor deveria ter ficado em casa com mamãe. Ela deve estar preocupada.

— Sua mãe está bem. — minimizou com uma das mãos. — E tenho assuntos pendentes aqui. — arqueei uma das sobrancelhas.

Coloquei-me de pé e comecei a rodeá-lo, mirando-o com total atenção.

— O que foi?

— O que é esse volume no seu terno? — parei em sua frente, cruzando os braços.

— Uma Bíblia.

— Deixe-me ver. — estendi uma das mãos.

— Você nunca foi religiosa. — girou o

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo para o lado, tentando esconder o que quer que fosse que estava no seu terno.

— Papai... — afinei os olhos. — Não conheço nenhuma Bíblia desse tamanho.

— É um facão. — ele confessou, fazendo-me arregalar os olhos. Estela me encarou desconcertada. — Só trouxe por precaução.

— Entregue-me agora, papai.

— Não!

— Se não entregar, mando os seguranças tomarem do senhor. Quer ir preso, é isso? Estamos dentro do Ministério Público e o senhor me entra aqui com um facão? — dei-lhe um sermão.

Eu entendia suas razões, mas não optaríamos pela violência. No que dependesse de mim, tudo seria resolvido na Justiça.

Papai balançou a cabeça algumas vezes e diante da minha imutável decisão, entregou.

PERIGOSAS ACHERON

Rapidamente dei-o para Estela, que nos acompanhava em total silêncio. Papai sentou-se emburrado no sofá.

— Obrigada. — lancei-lhe um sorriso, sentando-me ao seu lado, antes de abraçá-lo pelo pescoço. — Amo você, meu paizão.

— Eu também. — disse entristecido. — Eu só queria dar uns sopapos nele. Eu não ia fazer nada sério. Talvez ferir gravemente, mas matar não, nunca. Eu sou um homem cristão. — assentiu com a cabeça, levando-me aos risos.

Só o senhor mesmo para me fazer gargalhar em uma situação dessas.

CAPÍTULO QUARENTA

POR JANAÍNA



O senhor Davies voltou acompanhado por Estela, que parou em minha frente e deu um longo suspiro.

— Um dos rapazes guardou o facão.

— Que facão? — Samuel nos encarou sem entender nada. E eu apenas sorri sem graça. — Que seja. A senhora Alexia está em uma sala reservada. Vamos?

Estela permaneceu como companhia para o meu pai, que queria ir junto, mas o convencemos de que seria melhor ficar ali. Pegamos um elevador e paramos no terceiro andar. Assim que dobramos o corredor, pude vê-lo ao longe e parei. Era o mesmo rosto que surgia no plantão de notícias.

— Está tudo bem? — o senhor Davies perguntou, sem tirar os olhos de Victório.

— Sim. — enchi os pulmões de ar.

Assim que nos aproximamos da porta, Victório e um homem que o acompanhava levantaram-se.

— É um prazer conhecê-la, Senhorita Paixão. Contudo, devo informá-la que meus advogados já acionaram o juiz do caso. Esta conversa é completamente ilegal.

— Quando eles trouxerem a determinação do juiz será ilegal. Até lá, não. — Samuel Davies prontamente o respondeu.

— Aliás, como está Don? Fiquei sabendo que ele sofreu um pequeno acidente. — sorriu, o que fez a respiração do senhor Davies acelerar-se a tal ponto que eu conseguia ouvir.

— Ele acordou e logo virá ao tribunal. — finalmente o respondi, preparando-me para acertá-

lo em cheio. — E a sua empresa? Vi no jornal da manhã que as ações caíram quase setenta por cento. — retribuí o mesmo sorriso cínico que ele havia me dado quando perguntou sobre Don.

O nosso breve encontro foi interrompido por uma delegada de meia-idade e cabelos cacheados que se aproximou e abriu a porta, convidando-nos a entrar. Assim que fechou a porta, explicou.

— Ela não sabe sobre sua visita, mas de algum modo, o senhor lá fora sim. — respirou fundo. — Você tem, no máximo, quinze minutos.

— Obrigada.

— Vamos aguardá-la aqui.

Era uma sala grande, onde havia uma outra sala, cuja parede de vidro permitia ver quem estava lá dentro. Enquanto seguia para a porta, pude ver Alexia, completamente apreensiva, estalando os dedos e mantendo os braços sobre a mesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Finalmente entrei e assim que ela me viu, seus olhos saltaram e ela colocou-se de pé.

— O que está fazendo aqui?

— Vim apenas conversar. — puxei uma das cadeiras e sentei-me de frente a ela.

— Disseram que um dos investigadores viria falar comigo, não você.

— Sim, ele virá. Contudo, a conversa agora é entre nós duas. — Alexia engoliu em seco, olhou para os lados algumas vezes e, por fim, sentou-se.

Apesar de ter passado apenas alguns meses, a barriga não muito grande já indicava seu estado de gravidez.

— O que quer?

— Te salvar.

— Eu não preciso de salvação...

PERIGOSAS ACHERON

— Sua irmã foi assassinada. — interrompida, vendo seus olhos preencherem-se com medo. — Quem garante que você também não será?

— A minha irmã morreu por conta de uma intoxicação alimentar. E a senhorita está insinuando o quê?

— O laudo da morte dela está sendo contestado. O novo legista dará o resultado esta noite. — afinei os olhos e pousei os braços sobre a mesa, unindo ambas as mãos. — Vamos voltar ao começo. Quando você veio até mim e contou-me tudo aquilo e eu tentei te ajudar, você se recusou, pois me disse estar grávida.

Alexia permaneceu em silêncio.

— Agora vamos nos ajudar. — prossegui.

— Está sugerindo que eu entregue o meu marido?

— Casaram-se quando? — mantive o tom de voz baixo. Alexia virou o rosto para o lado,
PERIGOSAS ACHERON

deixando claro que isso não havia acontecido. — A maior parte dos seus amigos poderosos fugiu e apenas quem deve a vocês mantém-se ao seu lado, prontos para fugir na primeira oportunidade. É assim que as coisas funcionam... — endireitei-me na cadeira e cruzei as pernas. — Então, peço que pense no seu filho e em você. Victório não é um bom homem e você sabe disso tanto quanto eu. Ele é capaz de tudo para chegar aos seus objetivos, inclusive, matar quem quer que seja.

— Continuo sem entender onde a senhorita quer chegar.

— Ele te disse que a mulher que tentou matar Don foi presa? — Alexia negou com a cabeça. — Imaginei que você não soubesse, — respirei fundo, fazendo uma pausa. — mas precisa contar o que sabe.

— Ao custo da minha família? Da minha felicidade? Do meu filho crescer sem o pai? — Alexia saiu da defensiva.

— A custo da sua liberdade. — debrucei-

me sobre a mesa e encarando-a nos olhos, sussurrei. — O que você me contou na consulta é suficiente para colocá-la como suspeita da morte da sua irmã. Só que isso só será validado em depoimento no julgamento, independente da declaração pública que dei. — sentei-me novamente e respirei fundo, retomando o fôlego. — Essa mulher que foi presa está prestes a assinar um acordo para dizer o que sabe e com isso, o seu cunhado será apontado como mandante de mais um crime.

Vi os olhos de Alexia encherem-se de lágrimas, enquanto ela aflagava os cabelos quase tendo um ataque. Permaneci inerte a ela, não que eu não sentisse a sua dor, mas era necessário, para não sair do rumo que eu havia decidido tomar naquela conversa.

— As suas opções são salvar a si e ao seu filho ou afundar com Victório. Por isso, eu imploro que você conte a verdade aos investigadores. — ofeguei entre as palavras, sentindo meus olhos arderem. — Se colaborar com eles, você será isenta de qualquer crime e poderá retomar a sua vida, a

sua família...

— Victório faz parte da minha família...

— Ele não te ama! — interrompi-a, erguendo o tom de voz. — Ele nunca te amou, Alexia. Quem ama não faz o que Victório já fez. Um homem que tem uma esposa linda em casa e que a traía com a irmã, apenas pelo interesse de roubar sua empresa! Um homem que vive indo a bordéis, quando você o espera todas as noites. Um homem que mata pessoas por ganância... — subitamente pousei minha mão sobre a sua. — Que amor é esse? Responda-me! Que amor é esse?

A porta fora bruscamente aberta. Alexia recolheu sua mão e dois homens entraram, acompanhados da delegada.

— Acabou o tempo. — ela disse.

Coloquei-me de pé e respirei fundo, lançando um último olhar a Alexia.

— Pense no que eu disse.

Deixei a sala de interrogatório e agradei a delegada. Assim que o senhor Davies e eu saímos em direção ao corredor, fomos interceptados por Victório.

— A senhorita já tentou isso antes. — ele sorriu, com ambas as mãos nos bolsos.

— Antes eu via uma mulher apaixonada, mas hoje eu vi uma mulher com medo. — ergui o queixo e trocamos olhares odiosos. — Agora, dê-me licença.

— Como quiser, senhorita Paixão. — colocou-se para o lado, dando-nos passagem.

O senhor Davies apontou com uma das mãos e eu fui na frente, com ele vindo logo atrás, até que se colocou ao meu lado novamente. Ele não estava andando, mas sim marchando. Eu conseguia sentir a força com que ele pisava no chão.

Assim que entramos no elevador, ele deu um longo suspiro e fechou os olhos.

— Nunca em toda a minha vida pedi tanta calma a Deus como nesses últimos momentos. — disse, cerrando os dentes.

— Agora é esperar que eu tenha conseguido tocar algo dentro de Alexia. Por mais que doa, a verdade é sempre a melhor opção. — comentei, mais para mim do que para ele.

• • •

Mais tarde no hospital...

Falamos sobre tudo, menos sobre o que eu havia conversado com Alexia. Acho que todos, assim como eu, preferiam não nutrir muitas expectativas a respeito daquela tentativa.

— Durante a sua ausência, estive pensando sobre o casamento. — Dona Carmem comentou, entregando-me uma revista com vestidos de noiva. — Já pensou em qual irá usar?

— As coisas mudaram tão rápido que não

PERIGOSAS ACHERON

tivemos tempo. — forcei um sorriso.

— Acho bom ir olhando. Nesse tempo em que vocês se ausentaram, ele não parava de falar nisso. — ela sorriu, dando um longo suspiro. — Acho que por estar nervoso, Don quis puxar um assunto que o alegrasse, ao invés de ficar imaginando coisas.

— Ele dormiu faz tempo? — voltei meus olhos a Don.

— Não muito.

Maurício bateu na porta e entrou, fazendo uma careta ao notar que Don estava dormindo. Parado na entrada, nos chamou com uma das mãos e prontamente o acompanhamos para o corredor.

— Tenho ótimas notícias.

— Fale! — a senhora Davies e eu dissemos em coro.

— Pelo visto a nossa Poderosa Doutora

PERIGOSAS NACIONAIS

obteve progresso. — meu coração começou a bater com força. — Alexia Massafra depôs contra o cunhado e amante, Victório. Com isso, ela está sob a custódia do governo, que irá garantir sua segurança até o encerramento do caso.

— Sempre acreditamos em você. — Dona Carmem deu-me um forte abraço.

— E não é só isso. Assim que ficou sabendo do depoimento de Alexia, a mulher que tentou matar Don, Kamille Cabral, fechou um acordo com o Ministério Público e, nesse novo interrogatório, depôs contra Victório. Ela tem todos os comprovantes de pagamento e, também, uma ligação gravada.

— Isso é ótimo. — Dona Carmem soltou um longo suspiro aliviado.

Senti meus olhos queimarem, sem parar de piscar. A ficha ainda não havia caído: eu consegui? O depoimento dela contra o marido teria uma importância vital no caso.

PERIGOSAS ACHERON

— Por fim, o mais importante e que merece uma comemoração: a prisão de Victório foi decretada há alguns instantes! Vi pela televisão que fica na recepção do hospital.

É o fim, Victório!

CAPÍTULO QUARENTA E UM

POR JANAÍNA



Uma semana depois...

Havíamos acabado de chegar em casa. O médico deu alta a Don e devido a sua rápida melhora, passou uma nova dieta, onde começaríamos a incluir alguns alimentos sólidos, até normalizar sua alimentação.

Fomos recebidos por dona Carmem e meus pais. Depois de uma troca de abraços, seguimos para a sala de estar.

— Ele é ainda mais bonito que nas fotos. —
mamãe comentou comigo, toda sorridente.

— Eu quem fiz. — disparou Carmem,
PERIGOSAS ACHERON

levando-nos aos risos.

Exceto papai. Ele estava em silêncio, mirando Don atentamente. Havia certa curiosidade em seus olhos, em meio à nítida análise que fazia.

— Quais são suas intenções com a minha filha, senhor Donovan Davies? — papai finalmente abriu a boca.

Don respirou fundo e levantou-se, sem muita dificuldade. Ele lançou-me um sorriso e aproximou-se do meu pai, que também se colocou de pé.

— Senhor Honório, eu quero me casar com a sua filha. A minha intenção é dar a ela uma família e todo meu amor, se assim o senhor e a sua esposa concordarem.

O meu coração palpitou com força ao sentir a doçura e sinceridade daquelas palavras.

Papai olhou-me rapidamente, inteiramente sério e começou a rodear Don, como um militar faz

PERIGOSAS NACIONAIS

no campo ao intimidar os recrutas.

— Pois muito bem, senhor Davies. Eu aprovo, e mesmo que não aprovasse, a minha filha é dona de si para tomar qualquer decisão, mas... — parou na frente de Don. — Saiba o senhor que, se abandoná-la no altar, eu compro outro facão só para me entender com a sua pessoa.

Contive uma gargalhada, lembrando-me que confiscamos e não devolvemos o facão de papai. Don assentiu com a cabeça e estendeu-lhe a mão.

— Os meus pais criaram um homem, senhor Honório, por isso, que fique claro: eu não volto atrás com a minha palavra. Se alguém corre o risco de ser abandonado no altar, sou eu. — papai prontamente apertou a mão dele.

Rimos em coro.

No entanto, o riso cessou quando dona Carmem aumentou o volume da televisão. Ela possuía essa mania sinistra de fazer isso do nada. Voltamo-nos todos ao telejornal do meio-dia.

PERIGOSAS ACHERON

“Boa tarde, aqui é Josicleide Kandersbrut. Voltamos com o caso de Victório Carlos Casímiro, cujo acusado segue foragido. O tribunal emitiu neste momento a sentença do fugitivo: Victório foi condenado pelo assassinato da cunhada e de outras três pessoas: Ramón Montenegro, Esdras Sampaio e Guadalupe Moraes. O depoimento da cunhada foi essencial para a conclusão desse caso”. Respirou fundo e sorriu. “E agora vamos falar da mulher que balançou todo o país com um discurso que nos fez sentir sua força diante de qualquer empreitada. A *Poderosa Doutora Paixão* também venceu Victório nos tribunais. Na noite de ontem, foi expedida sua sentença: culpado de todos os crimes pelo qual foi acusado. Após uma longa investigação sobre crimes financeiros, o MPF formalizou a denúncia contra Victório, ex-CEO da empresa *Global Engenharia Massafera*”.

Assim que a matéria acabou, a televisão foi desligada. Permanecemos alguns segundos em silêncio. Sabíamos que, apesar da condenação, ele ainda estava foragido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A justiça tarda, mas não falha. — Dona Carmem ergueu o tom de voz, estufando o peito. — Não vai demorar para que esse homem seja preso.

— Que Deus te ouça. — mamãe suspirou, abraçando-me.

Don permaneceu em silêncio, assim como papai. Ambos pareciam compartilhar os mesmos pensamentos, alheios a mim.

• • •

Depois do jantar, seguimos para a cama.

— Segunda-feira retomamos as atividades na Clínica. — comentei baixinho, roçando o indicador pelo seu peitoral. — Tudo bem?

— Não vou conseguir dormir tranquilamente enquanto aquele maldito não for preso. — Don respirou fundo.

— É apenas questão de tempo, meu amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— pousei o indicador sobre seus lábios e beijei seu rosto.

Don parou completamente por instantes, tornando a exhibir aquela expressão pensativa, de quem parecia tramar algo e, quando pensei em questionar o que era, ele mirou-me, fazendo-me perder naquelas ideias.

— Sabe o que já passou do tempo? — Don ergueu-se na cama, mordendo os lábios.

— Nem pensar. Seus ferimentos internos ainda estão cicatrizando. — sacudi a cabeça.

Don rapidamente subiu em cima de mim, sentando sobre a minha barriga, e com suas mãos segurando meus pulsos contra a cabeceira da cama.

— O médico disse que não posso fazer movimentos bruscos, mas não mencionou nada sobre você fazê-los. — riu, avançando sobre o meu pescoço, onde desferia mordidinhas que me faziam arrepiar.

PERIGOSAS ACHERON

— Se... — sorri, me contorcendo. — O ferimento não tivesse... — soltei um gemido baixo. — tão embaixo, poderíamos tentar.

— Podemos tentar do mesmo jeito. — ele insistiu, mordiscando meu queixo e mirando-me com aqueles olhos pidões.

— De jeito nenhum. — soltei meus pulsos de suas mãos e ergui-me, selando seus lábios. — Se seus pontos internos abrirem, vai demorar mais. — agarrei-o pelo pescoço e o puxei para cima de mim.

— Malditos pontos! — resmungou, afundando o rosto em meu sutiã.

Tiramos a manhã de sábado para escolhermos o vestido de noiva. Depois de tudo que passamos, tomei consciência de que não devemos deixar para depois o que podemos fazer agora. Se eu deixasse-me levar por Don, casaríamos hoje mesmo, mas marcamos para daqui um mês.

— O que acha deste? — permaneci parada em frente ao espelho, girando o corpo de um lado a

outro, admirando a minha cintura.

— De todos, foi o que mais gostei. —
arqueei uma sobancelha. — Confesso que foi pelo
decote. — a atendente que me acompanhava corou
e eu revirei os olhos.

— Não se incomoda dos outros espiarem
meu decote? — esbocei um sorriso de canto,
tornando a mirar o vestido.

— E há orgulho maior para um homem do
que ter sua mulher cobiçada por todos, consciente
de que ela é apenas sua? — encarei-o rapidamente,
sentindo meu rosto arder.

— Que bom que ele não é inseguro. — a
atendente sussurrou em minha orelha, terminando
de ajustar o vestido em mim.

— Em contrapartida, tem um ego colossal.
— respondi, embarcando no riso com ela.

— Consigo ouvi-las, mocinhas. — Don
rosnou.

Dei de ombros e analisei-o outra vez: era um longo vestido branco. Da cintura para cima um branco em rendas e da cintura para baixo um branco em seda. As alças eram proporcionais, destacando o decote, mas o charme se dava pelas mangas, ora em rendas, ora em seda quase transparentes.

— Agora, vem a coroa de flores. — disse a moça, colocando-a sobre minha cabeça.

— E agora, o que acha? — girei o corpo em direção a Don que piscou algumas vezes.

— Acho que podemos casar uma vez por ano. — sorriu e precipitando-se em minha direção, estendeu a mão, curvando a cabeça. — Poderosa Paixão, estou aqui para sanar todas as suas necessidades, sejam quais forem.

Obviamente, convidei como meus padrinhos, Miguel e Liandra. Don optou por Maurício e Estela. Segundo ele, havia um certo clima nascendo entre ambos, o que eu certamente

aprovava. Em comum escolha, decidimos que Maic levaria as alianças do casamento.

— E quanto ao seu terno? — disse, terminando de tirar o vestido que havia escolhido.

— Será uma surpresa. — afinei os olhos. — Nem tente! Já disse que será surpresa.

— Eu sou a favor da vida, mas se pensar por um mísero segundo em fugir de mim, Donovan Davies, juro que viro pró-armamentista. — levei ambas as mãos à cintura, fazendo-o gargalhar.

— Começo a repensar a ideia de ensiná-la a atirar. — afinei os olhos, abrindo a boca e parti em sua direção, armada com uma almofada que peguei no caminho. — Eu estou brincando! — Don disse aos risos, defendendo-se dos meus golpes.

— É bom mesmo estar... — minha voz falhou quando ele ergueu-se, tomando-me pela minha cintura e roçando os lábios nos meus, deixando nossos olhos alinhados. — Eu já disse que você é um grandíssimo idiota?

— Tantas vezes que eu não conseguirei esquecer. — usou um tom *sexy* que me fez arrepiar, chupando meus lábios superiores e depois os inferiores.

Só nos afastamos quando a atendente tossiu.

— Eu até te daria um beijinho no rosto por ajudar minha futura esposa a escolher o vestido, mas como vê, ela cogita ser pró-armamentista e isso não seria bom para você, senhorita. — disparou Don, enfiando as mãos nos bolsos e seguindo rumo a outra sala da loja, onde ficavam as peças expostas. — Vou pagar o vestido.

A atendente e eu nos encaramos, ambas coradas.

— Achei que a coisa do ego fosse brincadeira. — senti minha bochecha tremular. — Contudo, devo confessar, a senhorita tem ao seu lado um homem de parar a cidade. — aquela pontinha de ciúme surgiu em mim, fazendo-me engolir em seco. — Todavia, ele tem a mulher mais

desejada do país consigo. — deu de ombros e suspirou fundo, prosseguindo em tom amargo. — O meu marido que o diga.

Permaneci no mesmo lugar, tentando entender o que estava querendo dizer com “o meu marido que o diga”. Sacudi a cabeça e apressei-me em acompanhá-la, pois o dia seria longo.

Por sorte, mamãe e dona Carmem se ofereceram para organizar a festa juntas e, diga-se de passagem, estavam dando-se muito bem. O senhor Samuel Davies resolveu mostrar a papai o mundo dos negócios e ambos saíram cedo, voltando apenas à tarde. Pelo visto, o meu velho havia se interessado pelos investimentos da Bolsa. Só espero que ele o faça com moderação, mas é algo que ainda irei sentar e conversar com ele.

Deixamos a loja acompanhados por um pequeno grupo de segurança. A imprensa seguia atrás de nós querendo saber sobre os preparativos do casamento desde que o anunciamos.

Don subitamente parou, mirando a placa de

entrada de uma loja. Assim que o acompanhei, decretei de imediato:

— Definitivamente não!

— Só vamos olhar uns brinquedinhos. — disse em tom sacana.

— Não vamos olhar nada! — bati o pé.

Ele jamais me convenceria a entrar em uma loja de *Sex shop* com tantos jornalistas nos cercando. Isso estava fora de cogitação.

— Tudo bem. — deu de ombros e apressou-se em minha frente.

— É isso aí. Quem manda nessa relação sou eu e... — minha voz falhou quando ele virou-se bruscamente e pegou-me no colo, entrando na loja.

— Filho da... — contive as palavras, dando tapinhas em seu peitoral.

— Cuidado para não abrir meus pontos. —

PERIGOSAS NACIONAIS

colocou-me no chão, arqueando uma das sobancelhas.

— Seus pontos estão no abdômen. E se eu fosse abrir algo, seria a sua cabeça! — rosnei.

— Prendam esta delinquente! — Don disparou, passando uma algema em meu pulso e outra no seu. Antes que eu respondesse, ele engrossou a voz: — Está presa. Irei castigá-la pessoalmente.

— O que está fazendo, seu louco? — contive uma risada, esbarrando meu braço no seu.

— Preparando a nossa lua de mel. — sussurrou em minha orelha, fazendo-me arrepiar por inteira, ao ponto do meu rosto queimar.

— Idiota! — cruzei os braços, pensando em outra coisa. — Como vamos sair daqui?

— Ora, como entramos. É claro que só depois das compras. — pegou em minha mão e puxou-me para dentro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Moça, dê-me a chave destas algemas. —
gritei para a atendente, enquanto o acompanhava,
sentindo meu coração disparar em pura adrenalina.

— Não dê! — Don ergueu o tom de voz aos
risos. — Na verdade, acho que vou precisar de mais
um par...

— Não se atreva! — cerrei os dentes,
socando seu braço e arrancando-lhe um gemido.

— Ela quer me morder, moça. —
gargalhou.

— Pare com isso! — repreendi-o em meio a
risadas. — Vão pensar que eu sou uma
ninfomaníaca.

— E não é? — Don parou, roçando a língua
pelos lábios, em frente a ala dos vibradores. —
Olha onde você nos trouxe.

— Mentiroso! — rimos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E puxando-me pela cintura, envolvemo-nos em um beijo lento e calmo. Eu sentia-me como se fôssemos um só ser, compartilhando do mesmo sentimento em corpos diferentes.

Como dois adolescentes no colegial, entendíamos-nos de forma singular. Agora entendo quando dizem que o amor infantiliza as pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

INTERLÚDIO SEIS

POR VICTÓRIO



Eu realmente a subestimei, Senhorita Paixão. Dei outro gole no uísque, mirando o mar pela janela da sala. Erro que não irei cometer outra vez...

A minha Alexia não era grande coisa e no fim me traiu. Até entendo essa reação e se não fosse pelo meu sangue que há em seu ventre... No entanto, você é uma mulher, Senhorita Paixão, que não requer clemência e, mesmo concordando com os jornais sobre a sua beleza, a quero morta. Só que isso pretendo deixar para um futuro próximo.

Neste momento, preciso sair do país a qualquer custo. Um homem como eu não nasceu para passar anos da vida preso por conta de uma bisbilhoteira que tomou para si o título da justiça: “Poderosa Doutora Paixão”.

PERIGOSAS ACHERON

— O avião está pronto, senhor. — Matraca surgiu na entrada da sala.

Eis o único homem fiel a mim. Esse casarão pertence a um amigo deputado, para quem venho lavando dinheiro nos últimos anos. Digamos que é um favor sendo cobrado. E veio a calhar em ótima ocasião, afinal, quem ousaria invadir uma de suas residências a minha procura?

Os meus recursos no país foram bloqueados, os que sobraram, pois, a maioria, minha cunhada recuperou, exceto as quantias que desviei para pequenos países sul-americanos durante a minha estadia como CEO da Global Engenharia Massafera.

É sempre bom trabalhar com todas as possibilidades, inclusive, saber a hora de retirar-se de campo para voltar quando a poeira baixar.

Dei um último gole no uísque e levantei-me. Matraca seguiu na frente e eu logo atrás dele. Pegamos o carro e fomos para a pista de pouso.

Deixaríamos o país em um jato alugado, no nome que consegui com alguns contatos da Colômbia.

Era preciso recomeçar do zero, com uma nova identidade. Por essa razão, assim que pousássemos, seguiríamos para um cirurgião plástico. Eu precisava de um novo rosto para ressurgir outra vez e vingar-me daquela *mulherzinha...*

Embarcamos no jato particular. Em poucos minutos havíamos decolado. Pedi ao meu contato que mandasse homens da sua confiança, pois eu não queria ser incomodado por nenhum imprevisto.

— Sabe que rio é esse, Matraca? — mirei a grande floresta pela janela.

— Amazonas?

— Exatamente. É bem provável que estejamos perto da fronteira com a Colômbia. — assenti com a cabeça.

— É um belo... — a voz de Matraca falhou

PERIGOSAS NACIONAIS

e quando o encarei, havia uma bala em sua testa. Subitamente voltei-me na direção da cabine do comandante. — Quem é você?

— Maurício, ao seu dispor. — esboçou um sorriso e aproximou-se, apontando a arma contra mim. *Era um dos homens de Donovan Davies.* — Esse jato poderia seguir voando por mais um tempo no piloto automático, já que o piloto teve o mesmo destino do seu capanga.

— Nós dois vamos morrer. — esbocei um sorriso de canto.

— Ah, não. — negou com a cabeça. — Eu tenho paraquedas. — virou-se um pouco de lado, mostrando-me.

Sutilmente tentei pegar a arma que carregava no coldre da canela. *Outro disparo.* O maldito havia acertado a minha mão. Contive os gemidos de dor, cerrando os dentes.

— O que quer? Eu posso te dar dinheiro. Eu tenho muito...

PERIGOSAS ACHERON

— Você tentou matar o único irmão que eu tive na minha vida inteira. — vi ódio nos seus olhos. — A única coisa que me deixaria satisfeito é a sua morte. — sorriu, *disparando mais duas vezes*, acertando meus joelhos.

Grunhi de dor, contorcendo-me na poltrona. Tentei por alguns instantes tirar o cinto, mas com a minha mão naquele estado, era impossível.

Maurício abriu a porta de emergência, fazendo-nos enfrentar uma pequena turbulência. Então, mostrou-me um contador.

— Em trinta segundos a bomba que deixei na cabine do comandante vai explodir. — posicionou-se na porta de emergência e voltou-se a mim uma última vez. — Samuel Davies manda lembranças e mais, disse que quando chegar ao inferno, o matará novamente, dessa vez, com suas próprias mãos. — jogou-me uma piscadela e pulou.

— Filho da puta! — rugi em meio à dor, sentindo meus olhos lacrimejarem.

Entretanto, nenhuma dor se comparava ao som que eu ouvia. TIC-TAC. TIC-TAC. Cada segundo fazia eu me desesperar como nunca havia acontecido em minha vida. Era inútil continuar tentando me soltar, então tentei pegar a arma, para me garantir uma morte rápida. Sem sucesso, rendi-me às últimas palavras:

— Espero que você nunca seja feliz, MALDITA DOUTORA PAIXÃO! — urrei em fúria.

De repente, um clarão seguido por um estrondo ensurdecedor.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

POR DONOVAN DAVIES



Aquele era o dia mais feliz de toda a minha vida. Depois de longos meses, eu havia conseguido chegar ao meu objetivo final e finalmente me casaria com a mulher que, quando bati os olhos, imediatamente soube que seria minha futura esposa.

Passamos por tantas coisas e, em alguns momentos, imaginei que fosse te perder. Senti medo, ódio e quis matar por sua causa, mas, por você, prometi que não beberia mais e que tentaria não desejar a morte de nenhuma outra criatura, por mais desprezível que fosse.

— Estamos quase terminando. — uma das maquiadoras disse, terminando de passar algo no

PERIGOSAS ACHERON

meu rosto, enquanto a moça que mexia nos meus cabelos murmurou: — Aqui está finalizado.

— Quero ver a cara do seu pai quando o ver vestido assim. — mamãe conteve uma risada, sacudindo a cabeça.

As moças finalizaram a maquiagem, o cabelo e alguns detalhes na minha peça para o casamento e retiraram-se.

— Conhecendo-o como conheço, ele assentirá em silêncio e irá desconversar.

E falando no meu velho, mal fechei a boca para que ele entrasse no quarto. Seus olhos pararam em mim, enquanto ele piscava algumas vezes, desacreditado. Ele fez menção de abrir a boca e encarou minha mãe, que apenas deu de ombros.

— Bom... — levou um dos punhos em frente a boca e tossiu, desconfortável. — Há algo que eu gostaria de falar com você, meu filho. — e voltando-se a mamãe, emendou: — A sós.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou de saída. — mamãe levantou-se erguendo as mãos; parou em frente a papai, segurou-o pelo terno e selou seus lábios, deixando o quarto.

— Ora, ora, não serei o único a estar em lua de mel hoje. — brinquei, fazendo-o arquear uma sobrancelha.

O senhor Samuel Davies pigarreou e respirou fundo.

— O assunto é sério. — estava evidente na sua expressão. Deixei a brincadeira de lado e o mirei com atenção.

— Do que se trata?

— Victório. — engoli em seco, sentindo meus nervos estremecerem.

— Se aquele *câncer terminal* tentar estragar o meu casamento, juro que...

— Está morto. — minhas palavras foram

PERIGOSAS ACHERON

interrompidas pela declaração de meu pai. Não escondi a minha surpresa.

— Quando? Como?

— Desde que chegamos, venho me empenhando em seguir os passos daquele homem e, quando sua prisão foi decretada, já cogitávamos uma fuga. — assentiu com a cabeça, retirando um charuto do bolso e acendendo-o. — Fiquei curioso com a denúncia anônima de alguém chamado “K”, que levou a *Global Engenharia Massafera* a ser investigada pelo Ministério Público Federal. Quando questionei Maurício, ele me informou sobre essa pessoa. Então, o contratei para localizar Victório e armamos uma emboscada.

Eu estava vidrado em sua confissão.

— Em resumo, ordenei que explodissem o jato com ele dentro.

— O senhor está me dizendo que aquele acidente aéreo próximo à fronteira que foi noticiado na TV ontem... — franzi a testa, ainda

embasbacado com tudo que acabara de ouvir.

— Exatamente.

— E quando encontrarem o corpo? Assim que o identificarem, seremos os primeiros suspeitos. — sacudi a cabeça, começando a andar de um lado a outro. — Quando Janaína ficar sabendo, ela vai pensar que...

— Ela não vai ficar sabendo. — meu pai interrompeu-me outra vez. — Ninguém vai saber quem morreu naquele avião, pelo simples fato de que não há corpos a serem encontrados.

Meu pai tragou o charuto e soprou a fumaça para cima.

— Ninguém mexe com a minha família e sai impune. — assentiu com a cabeça e aproximou-se de mim, encarando-me nos olhos. — Por mais que eu seja um grosseirão, arrogante e como alguns dizem, sem coração, saiba que você me fez sentir vivo. — ele sorriu, tocando meu ombro com uma das mãos. — Sua mãe e eu estávamos em crise,

prestes a nos separarmos, por conta dos meios que usei para fazer a empresa crescer. Ela não concordava, nunca concordou. Só que quando você nasceu, descobri que o dinheiro não é o mais importante na vida de um homem. A família é! — ele abaixou a cabeça e sorriu. — Antes mesmo de você nascer eu te amei e jamais me perdoaria se não punisse alguém que lhe fez mal, mesmo tendo feito a promessa a sua mãe, no dia do seu nascimento, de nunca mais matar alguém. Esse foi o acordo que me permitiu escolher seu nome, Donovan Davies.

Abaixei a cabeça e sorri. Em seguida a sacudi e sem cerimônias, puxei-o para um abraço, deixando-o desconcertado.

— Eu amo você, pai. E não há sombra de dúvida, realmente sou seu filho. — apertei-o com força contra meu corpo.

— Por alguns momentos pensei que não fosse. — ele riu, com os olhos marejados. — Agora solte-me, pois o noivo deve ser o primeiro a chegar na porta da igreja.

POR JANAÍNA

O meu coração batia acelerado como nunca. Eu estava prestes a subir ao altar. Enquanto seis moças se dividiam entre arrumar meus cabelos, ajeitar o vestido e fazer a maquiagem, mamãe já estava pronta.

— Vamos nos atrasar. — resmunguei apreensiva.

— É natural que a noiva chegue atrasada. — ela apaziguou a situação.

— Certo. — respirei fundo e assenti com a cabeça, tentando pensar em coisas positivas.

Apesar de todo o escândalo envolvendo a rede de Clínicas do Prazer no caso Victório, o efeito foi contrário ao que imaginava. Eu tinha absoluta certeza de que isso afetaria a nossa imagem de forma negativa, contudo, sucedeu-se que agora temos recebido ainda mais pedidos de

consultas.

O único ponto que não agradou foi saber que Don futuramente não irá trabalhar ao meu lado, pois seu pai insiste que ele assuma a presidência da empresa da sua família.

— Está pensando em trabalho? —
subitamente encarei mamãe. — Conheço essa
carinha. — respondi com um largo sorriso.

— Preciso pensar em qualquer coisa que
não me deixe ainda mais ansiosa. — esfreguei as
mãos, sentindo-as geladas.

— Nos futuros filhos. Diga-me, quantos
netos irá me dar? — havia um imenso sorriso
repleto de expectativa preenchendo seu rosto.

— Isso me lembra Valentina. — abaixei a
cabeça, esboçando um pequeno sorriso.

Depois que trocamos contato, a senhora
Steven mandava-me fotos dela constantemente e eu
acabei convidando-os para o casamento.

— Ela está linda. — mamãe comentou, pois já havia visto as fotos; eu mesma lhe mostrei. — Quando será o batizado dela na igreja?

— Semana que vem. — enchi os pulmões de ar, repleta de orgulho. — Don e eu seremos seus padrinhos. — eu já havia dito isso tantas vezes, que mamãe qualquer hora ficaria irritada, mas era tão gostoso repetir!

Quando tudo ficou pronto e deparei-me com o relógio, meu coração quase parou. Uma hora e meia de atraso!

— E se ele estiver pensando que não vou? — senti meus olhos arderem.

— Não seja boba, menina!

Estela entrou na sala fazendo seu anúncio:

— Já aprontei a equipe de segurança para que possamos deixar o salão sem esbarrarmos com a mídia. Sairemos pelos fundos. — e quando parou

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos em mim, abriu a boca, corando. — Uau!

— Não me venha com “uau”. — aproximei-me dela, segurando em suas mãos. — Olha que vestido lilás lindo. — voltei-me a minha mãe que prontamente concordou. — Maurício vai ficar enlouquecido.

— Acho que todos os homens daquela igreja hoje vão estar enlouquecidos! — piscou para mim e endireitou-se. — Vamos, Doutora Paixão? — assenti com a cabeça.

Na porta da igreja, fui tomada pelo meu pai, que havia se rendido às lágrimas, em meio a um forte abraço. Ao afastar-se, segurou em meus ombros, mirando-me nos olhos.

— Você sempre será a minha princesa.

— Não me faça chorar. — respondi com a voz embargada, balançando uma das mãos em frente aos olhos, para tentar secar as lágrimas que ameaçavam cair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O som da sinfonia nupcial começou a tocar e papai colocou-se ao meu lado. Os convidados e padrinhos já estavam lá dentro nos aguardando. Paramos em frente a porta fechada e eu respirei fundo, como se fosse meu último fôlego de ar.

Assim que a porta se abriu, a sinfonia parou, dando margem a outra melodia no piano. Da porta da igreja o vi, usando um terno vermelho, com alguns detalhes pretos, a gravata do mesmo tom e uma camisa branca por baixo. Esbocei um sorriso, tentando conter minha emoção, pois o coração estava a mil.

O silêncio foi quebrado ao som de sua voz, que ecoava suave, pouco a pouco normalizando meus batimentos.

*I look and stare so deep in your eyes
I touch on you more and more every time
When you leave I'm begging you not to go
Call your name two, three times in a row
Such a funny thing for me to try to explain
How I'm feeling and my pride is the one to blame
Yeah, I still don't understand
Just how your love could do what no one else can*

PERIGOSAS ACHERON

Crazy in Love — Beyoncé

Conforme a música tocava e Don cantava, seguimos em direção ao altar e quando aproximamo-nos do púlpito, a melodia cessou. O padre encarou Don, que veio até mim, ainda segurando o microfone.

— O seu amor está me deixando louco. — sorriu, estendendo-me uma das mãos.

Vê-lo em minha frente, daquele jeito, era como estar diante do homem mais perfeito para mim. Eu não conseguia apontar defeitos, pois, ainda que existissem, aquele sorriso sincero sempre cravado em seu rosto me enfeitiçava.

— Comprei outro. — papai bradou, erguendo um novo facão. — Para o caso de o noivo tentar fugir. — os convidados gargalharam.

— Antes de vê-lo tão bem armado, até cogitei a possibilidade. — outra gargalhada em coro. — Só que eu pretendia levar a noiva comigo. — Don mordeu os lábios.

Todos alinharam-se em seus lugares e eu coloquei-me lado a lado do homem que havia escolhido para passar o resto dos meus dias, sejam quantos fossem.

— Por que nunca cantou para mim antes?
— murmurei baixinho.

— Eu sempre tive em mente fazer isso no dia de hoje. — Don mirou-me rapidamente e voltou-se ao padre. Apertei sua mão com mais força ainda.

O padre começou seu discurso, falando sobre os valores da família e os deveres do casamento. Em seguida, foi determinada a entrada das alianças. Voltamo-nos todos para a entrada para mirar Maic, que as trazia sobre uma almofada.

Ele usava um terninho branco, com uma flor no bolso, todo sorridente e um pouco corado enquanto caminhava em nossa direção, até que parou em nossa frente e o padre retomou o discurso:

— Agora teremos a palavra dos noivos e a troca de alianças. Primeiro você, Donovan Davies.

Don engoliu em seco, respirou fundo e pegou uma das alianças, segurando-a sem tirar os olhos de mim.

— Vermelho de Paixão. Foi por acaso que conheci essa mulher que hoje está em minha frente e também, de imediato descobri-me apaixonado por ela. Eu não consigo explicar, mas eu sabia que ela seria minha futura esposa. — os convidados riram. — Ao seu lado aprendi tantas coisas, inclusive que a verdadeira força de um homem vem do amor, pois quando se ama, nos prontificamos a tudo para proteger aqueles que nos cercam. — disse, com seus olhos começando a encher-se de água. — E ainda que eu me veja intimidado diante dessa grande mulher, também chamada de Poderosa Doutora Paixão, me esforçarei ao máximo para fazer dos próximos dias, até os últimos, os melhores de sua vida. — mordeu os lábios, colocando a aliança no meu dedo. — Enfim, minha esposa.

Naquele momento, a minha maquiagem já estava toda borrada, pois as lágrimas não paravam de descer. Peguei a aliança e a segurei, ainda tremendo e, ao notar, Don gentilmente colocou sua mão sobre a minha.

— Se querem mesmo saber, eu o detestei no primeiro instante em que trocamos palavras. — os convidados gargalharam, outra vez. — Eu realmente não esperava encontrar um homem maravilhoso em você e confesso que isso me assustou, ao ponto de eu querê-lo por diversas vezes longe de mim, mas só a ideia de o ver distante, me fazia recuar em qualquer decisão.

— Quase demitido quatro vezes! — Don ergueu um dos braços vitoriosamente, fazendo os convidados darem mais risadas.

— Pouco a pouco fui descobrindo quem era Donovan Davies e quanto mais eu sabia mais me apaixonava. Nas maiores dificuldades que enfrentei até hoje, ele estava ao meu lado, me amparando e protegendo, não importando qual fosse o problema.

E dessa relação o amor firmou-se entre nós de forma irrevogável. — meus lábios tremularam e eu engoli em seco. — E é com muito amor e alegria que digo: enfim, meu esposo. — disse, colocando a aliança em seu dedo.

Don subitamente puxou-me pela cintura, envolvendo-me em um beijo intenso. Passei os braços pelo seu pescoço, deixando-me ser conduzida por ele para onde quer que fossemos, desde que ao seu lado.

— Ele é rápido, vocês viram? — o padre brincou. — Não me deu tempo de dizer que podia beijar a noiva, agora esposa.

Uma salva de palmas irrompeu-se da plateia e demo-nos conta de que não estávamos sós. Sentindo meu rosto arder, afastei-me dele e mirei todos os convidados. Os meus amigos, meus pais, sogros e padrinhos estavam ali. E, também, a pequena Valentina com seus pais, na primeira fileira de bancos. E não podemos deixar de mencionar Amélia, que eu descobri ter sido a babá de Don.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Antes de seguirmos para a festa, quero fazer um comunicado. — Don ergueu o tom de voz e fez-se silêncio. — Como sabem, por essa mulher abdiquei ao cargo de ser o primeiro substituto do Doutor Prazer, mas essa noite... — ele riu, levando todos consigo. — Essa noite eu serei o doutor e a minha esposa a paciente. — disse em tom brincalhão.

— Seu idiota! — rosnei.

— O mais idiota do mundo inteiro. — Don segurou em minha cintura, beijando meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

POR JANAÍNA



Toronto — Mansão dos Davies...

— Don? — chamei-o, ainda curiosa com o que ele havia dito. “Faremos uso dos brinquedos que compramos”.

Seus passos ecoavam pelo quarto e não demorou para que ele se colocasse ao lado do divã, onde eu estava deitada apenas de lingerie. Ofeguei quando o vi seminu, usando uma cueca boxer preta, uma máscara que cobria apenas os olhos e braceletes do mesmo tom, com detalhes prateados, segurando um pequeno chicote.

— É verdade, esse é o meu nome, mas... — ele passou a língua pelos lábios, avançando sobre mim lentamente, roçando nossas bocas, antes de se afastar, naquela provocação. — Aqui eu sou Don, o Doutor Prazer, seu e de mais ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

— É? — usei um tom *sexy*, provocando-o.

Don pegou o pequeno chicote, roçando-o em minha coxa, em direção ao meu queixo, erguendo-o ainda mais.

— É a sua primeira consulta comigo, senhora? — contive uma risada, mordendo os lábios. — A nossa primeira sessão será um pouco diferente e como não faço nada que minhas clientes não autorizem, necessito do seu aval.

— E o que eu preciso autorizar, Doutor Prazer?

— Ser tocada.

— Onde?

— Onde eu quiser. — sacudi a cabeça, roçando a língua nos lábios, antes de mirá-lo atentamente.

— Não sei... — sentou-se ao meu lado,

mirando-me com aqueles olhos devassos, antes de descer o chicote para o meio das minhas pernas, roçando-o sobre a minha calcinha. — Quem sabe? — ergueu as sobrancelhas.

Assenti com a cabeça e Don se levantou, foi até o outro lado do quarto e voltou com algemas, prendendo meus pulsos ao topo do divã.

— Você é uma garota má. E o que garotas más, merecem? — franzi a testa, dando a entender que não fazia ideia. — Tortura! — Don esboçou um sorriso devasso. — Irei torturá-la até ouvir seus lábios clamarem por mim.

Don retirou um vibrador da cintura e com um mísero puxão, rasgou a parte de baixo da minha lingerie, afastando as minhas pernas com as mãos. Assim que ele ligou o aparelho, pousou sua ponta em meu clitóris, esfregando-o sem parar, fazendo eu me contorcer de imediato no divã.

Eu via excitação nos seus olhos, o que me fazia desejá-lo ainda mais do que de costume. O brinquedinho deslizou por meus lábios vaginais,

roçando próximo ao meu cuzinho e subiu novamente, entrando em meu centro feminino.

— Ah... — tentei conter um gemido em vão, arrancando um sorriso de Don.

Ele despiu-se e sentou-se um pouco acima do meu abdômen, sem colocar peso. Senti seu pau entre meus seios, que logo ele uniu, começando a fazer movimentos de vai e vem. Vez ou outra eu sentia sua glândula acertar meus lábios, enquanto seus olhos seguiam pousados em meu rosto.

De repente, ele se ergueu, apoiando-se com os joelhos no divã, deixando seu membro apontado em minha direção, roçando-o em minha boca. Com a ponta da língua, comecei a provocá-lo, ora rodeando a glândula, ora esfregando-a na fendinha.

Quando Don finalmente avançou, abri a boca, agasalhando seu pênis entre meus lábios e, movimentando a cabeça para frente e para trás, o chubei com gula. Eu adorava o seu sabor, o seu cheiro másculo e depois de longos minutos, soltei sua rola, vendo um fio de saliva ligá-la aos meus

lábios.

Eu conseguia ver a tensão em seus músculos; ele queria algo mais intenso. Ele queria me foder e eu queria ser fodida por Don, o meu Doutor Prazer particular.

Ao descer do divã, Don retirou o vibrador que estava dentro de mim, ainda me causando arrepios de tesão e o levou até a boca, lambendo-o.

— Acho melhor ir na fonte do líquido. — piscou para mim e ajeitou-se entre as minhas pernas, segurando-me pela cintura.

Contorci-me outra vez ao sentir seus lábios brincarem com a minha boceta, beliscando-a, chupando-a e mordiscando-a tantas vezes que eu não conseguia contar. Primeiro ele me encarou, depois levou o braço para uma das cômodas próximas, pegando uma bolinha e antes que eu pudesse perguntar algo, o senti colocá-la dentro de mim.

— É apenas um item extra. — sorriu,
PERIGOSAS ACHERON

subindo em cima de mim, apoiando as mãos em volta da minha cabeça, sem tirar os olhos de mim.

O senti esfregar seu membro rígido em meu clitóris, descendo-o e subindo, até que me penetrou, fazendo-me morder os lábios. O seu pau era bem mais grosso que o vibrador. Os movimentos começaram lentos e gostosos, apesar de eu sentir aquela bolinha dentro de mim ainda, até que ele forçou um pouco, causando um “clock”.

Don sorriu e abriu meu sutiã no fecho da frente, libertando meus seios. Sem parar os movimentos, ele chupava cada um deles sem pressa e, conforme a fricção dentro de mim aumentava, ficava cada vez mais quente, proporcionando um ardor delicioso, a ponto de me fazer ofegar e gemer mais que o normal.

— Está gostando? — perguntou, segurando meu queixo.

Apenas sorri, passando minhas pernas por sua cintura. Don envolveu-me em um beijo intenso, sem parar de mexer-se dentro de mim. Depois de

PERIGOSAS NACIONAIS

um tempo eu consegui entender que dentro daquela bolinha havia um líquido retardante. Tanto eu quanto ele estávamos para explodir de prazer, mas parecia que ainda não tínhamos chegado ao ápice.

— Mais rápido! — ofeguei encarando-o, tão suado quanto eu.

Eu chegava a dar pulinhos no divã conforme Don avançava sobre mim, mexendo os quadris para frente e para trás sem parar. Em uma explosão de excitação, gemi alto, gozando. Don mordeu os lábios e não parou, seguindo por mais alguns segundos, antes de me contemplar com seus gemidos, enquanto os jatos quentes, em maior volume que antes, inundavam-me.

Ainda ofegantes, encaramo-nos e ele deitou-se sobre mim, surpreendendo-me com aquela afirmação:

— Estamos em lua de mel, então acho que é sensato fazer mais umas quatro vezes. — soquei seu peito, rindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Depois de um bom banho.

— Nada disso, menina má. — ele ergueu-se, deixando o rosto em minha direção. — A sessão ainda não chegou ao final. — mordeu os lábios, aproximando-se apenas para lambar meu rosto, arrancando-me uma risada.

— Ah, é? — morde os lábios.

— É...

Acho que até aquele dia nunca tínhamos trepado tanto. O primeiro dia da nossa lua de mel contou com seis atos e, finalmente, ele cansou. Permaneci deitada ao seu lado e ao descer os olhos por seu abdômen, mirei a cicatriz do atentado, fazendo-me instintivamente pousar a mão sobre ela, acariciando-o. O que o fez mirar-me com um pequeno sorriso.

Acordei na manhã seguinte enjoada e fui à farmácia. Eu sabia bem quais eram os sintomas e o que aquilo poderia indicar. Comprei um teste e voltei para casa às pressas. Depois de alguns

PERIGOSAS NACIONAIS

minutos no banheiro, recusei-me a ver o resultado. Peguei o teste e, sem olhá-lo, guardei na caixinha. Voltei para o quarto e sentei-me em uma poltrona de frente a cama, esperando Don acordar.

Não demorou para que ele abrisse os olhos e disparasse um “bom dia” ainda sonolento.

— Bom dia. — respirei fundo, tentando conter minha ansiedade. — Comprei um teste de gravidez.

Don pulou da cama e ainda meio atrapalhado, veio até mim, com os olhos arregalados, cheios de expectativas.

— Ainda não olhei o resultado. — soltei um gemido baixo, com receio de não ser o que esperávamos. E entreguei-lhe a caixinha.

— Ok, vamos lá. — ele ajoelhou-se em minha frente, mordeu os lábios e retirou o teste da caixinha. Após encará-lo por alguns segundos, ergueu o rosto, mirando-me, sem esboçar nenhuma expressão.

PERIGOSAS ACHERON

— E então? — prendi a respiração.

— Eu vou ser pai. — Don deu um urro ensurdecedor, avançando sobre mim com tamanha felicidade que a poltrona caiu para trás, levando-nos ao chão aos risos. — Vamos ser pais. — gritou uma, duas, três vezes.

O meu coração apertou-se e em seguida explodiu de felicidade. Abracei-o pelo pescoço, enquanto ele parecia não se conter de alegria, ao ponto de levantar-se e pegar-me no colo, enquanto pulava feito um menino.

E foi quando surgiu na minha mente aquele dia na sala de reanimação, onde aquela enfermeira misteriosa surgiu. Suas palavras ecoaram em minha mente de forma tão real, que era como se ela estivesse presente no quarto.

“Acalme o seu coração, Janaína, pois hoje é um dia de comemoração. — pousou a mão em minha barriga e sorriu, sumindo diante dos meus olhos”.

• • •

São Paulo, Mansão dos Davies.

Três anos depois...

Aos sábados, eu acordava um pouco mais tarde, pois havia estendido o meu horário de trabalho às sextas-feiras para dar conta da demanda dos clientes. Por determinação de Don, as babás não trabalhavam aos fins de semana, pois esses eram os nossos dias em família.

Quando mirei o relógio em cima da cômoda, dei-me conta de que já era dez horas da manhã. Tomei uma ducha rápida, vesti-me e descí para a sala, procurando por eles.

— Don? — chamei-o.

— Estamos aqui. — ouvi sua voz vir da direção da sala de estar.

Assim que parei na entrada do cômodo,
PERIGOSAS ACHERON

arregalei os olhos com o que estava diante de mim. Louise sorriu e veio saltitando em minha direção.

Louise tinha os olhos e a boca de Don. O nariz era meu, sem dúvida. Os cabelos anelados batiam pouco abaixo dos ombros. Era o meu pequeno anjo.

— O papai ficou bonito, não é? — tombou a cabecinha para o lado.

— Eu ajudei, madrinha. — Valentina veio às pressas, colocando-se ao lado de Louise, ambas soltando risadinhas sapecas.

Valentina estava enorme. Os cabelos cacheados e aqueles mesmos olhinhos encantadores desde que a vi pela primeira vez. Ela é um pouco mais alta que Louise.

— É, o papai está lindo. — contive uma risada, mirando-o.

Don estava com os cabelos amarrados em uma maria-chiquinha, o rosto colorido de

PERIGOSAS ACHERON

maquiagem e um batom vermelho não só na boca, mas ao redor dela toda.

Ainda sentado no chão, ele deu de ombros e limitou-se a dizer:

— Eis os caprichos das nossas meninas. — gargalhou, levantando-se e, vindo em minha direção, puxou-me pela cintura, antes de selar meus lábios. — Se não providenciarmos um menino logo, daqui uns dias estarei usando saias.

As meninas gargalharam, saindo em disparada pela casa. Acompanhamo-las com os olhos, vendo Amélia surgir na perseguição de ambas. Voltei-me a Don, passando os braços por seu pescoço e mordisquei seus lábios, puxando-os contra os meus.

— Podemos tentar, depois que você limpar o rosto, — esbocei um sorriso de lado, usando um tom sensual. — senhor meu marido.

— Estou indo fazer isso agora, senhora minha esposa. — disse Don, selando meus lábios

PERIGOSAS NACIONAIS

consecutivas vezes, antes de seguir rumo às escadas.

Passei os olhos ao meu redor e dei um longo suspiro, cruzando os braços. Deus tem um propósito na vida de todos nós, mas é necessário paciência para chegar ao objetivo final.

~ F I M ~

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

DR. PRAZER



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Dois nomes,
um único homem.

Doutor Prazer é o mais conhecido consultor amoroso do país. As suas consultas quentes trazem clientes de todo o Brasil. Por trás desse

PERIGOSAS ACHERON

homem existe Miguel, um pai solteiro, viúvo e que receia se aproximar do filho de sete anos, Maic, por temer ser julgado como culpado pela tragédia que mudou a vida de ambos.

Liandra é uma professora do fundamental que veio do interior em busca de oportunidades na capital. O garotinho triste, de olhos azuis, a conquistou de imediato, despertando seu instinto maternal. Ela sente como se o pequeno fosse seu e, como uma leoa protege sua cria, ela protegerá Maic, inclusive do próprio pai.

Nessa história o cupido não tem asas. Na verdade, ele tem quase sete anos, medo do escuro e um sonho: ter alguém para chamar de mamãe!

Adquiria

aqui:

<https://amzn.to/2xXQxAY>

SOBRE O AUTOR



RODOLPHO SOUSA TOLEDO, mais conhecido como Tom Adamz. O autor atingiu a marca de dois milhões de leituras — com todas as suas obras somadas —, na plataforma de autopublicação *Wattpad*.

Tom escreve desde os doze anos de idade, tendo escrito mais de cem livros, contos e crônicas até os dias de hoje. Atualmente mora em Goiânia - Goiás com seus pais.

Livros na Amazon:

<https://www.amazon.com.br/tomadamz>

Página do Facebook:

<https://www.facebook.com/tomadamzautor>

PERIGOSAS NACIONAIS

(Curta e participe dos sorteios).

Grupo do Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/tommya>

PERIGOSAS ACHERON